



Bom Dia, Sr. Mandela

A secretária pessoal do líder humanitário
em um relato emocionante

Zelda la Grange



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Sumário

Capa

Sumário

Folha de Rosto

Página de Créditos

Nota da Autora

Prólogo: Zeldina

PRIMEIRA PARTE

1 Infância

2 Mudança

SEGUNDA PARTE

3 Conhecendo o Sr. Mandela

[4 Trabalhando para um presidente](#)

[5 Viajando com um presidente](#)

[6 Correndo para acompanhar](#)

[TERCEIRA PARTE](#)

[7 Viagem e conflito](#)

[8 Trabalhando com líderes mundiais](#)

[9 Férias e amigos](#)

[10 A maior ação da minha vida para angariar fundos](#)

[QUARTA PARTE](#)

[11 Permanecendo até o fim](#)

[12 Dizendo adeus](#)

[13 Tot weersiens, Khulu!](#)

[Agradecimentos](#)

[Crédito das imagens](#)

[Fontes dos textos](#)

[Fotos](#)

[Notas](#)

Bom Dia, Sr. Mandela

Zelda la Grange

Tradução:
Felipe Lindoso



Título original: *Good morning, Mr. Mandela*

© 2014 Zelda la Grange (Pty) Ltd.

© 2015 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja este eletrônico, mecânico de fotocópia, sem permissão por escrito da Editora.

Versão digital — 2015

Produção editorial:

Equipe Novo Conceito

Foto da capa: cortesia da Fundação Nelson Mandela e de Alet van Huyssten

Foto da autora (4ª capa): © Nick Boulton | revista *Destiny*

Design da capa: © Antonio Agnelo Colaço

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

La Grange, Zelda

Bom dia, Sr. Mandela / Zelda la Grange ; tradução Felipe José Lindoso. -- 1. ed.

--

Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2015.

Título original: *Good morning, Mr. Mandela*.

ISBN 978-85-8163-670-2

1. Ativistas pelos direitos humanos - África do Sul - Biografia 2. Conduta de vida
3. Mandela, Nelson, 1918-2013 4. Movimentos antiapartheid - África do Sul I. Título.

14-07869 | CDD-920.93234

Índices para catálogo sistemático:

1. África do Sul : Ativistas pelos direitos humanos : Biografia 920.93234



Parte da renda deste livro será doada para a Fundação Abrinq – Save the Children, que promove a defesa dos direitos e o exercício da cidadania de crianças e adolescentes.

Saiba mais: www.fundabrinq.org.br



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885
Parque Industrial Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Nota da Autora

Em junho de 2013, Dali Tambo, filho de Oliver Tambo, um dos líderes do [CNA](#), entrevistou o Presidente Robert Mugabe, do Zimbábue. Mugabe disse: "Nelson Mandela é santificado demais. Foi bom demais com os brancos à custa dos negros em seu próprio país". Alguns concordaram, outros protestaram. Até certo ponto acredito que ele tenha levantado uma questão. Suas atitudes podiam ser percebidas dessa maneira. Ainda assim, em uma conversa com Richard Stengel, citada em *Conversations with myself*, o próprio Madiba havia dito, muito tempo antes: "As pessoas sentirão que vejo demais o bem nas pessoas. Então, é uma crítica que tenho de suportar e com a qual tento me ajustar, pois, seja isso verdade ou não, é algo que penso ser proveitoso. É uma coisa boa de assumir, agir com base no fato de que... os outros são homens de integridade e honra... porque você tende a atrair integridade e honra, se é dessa maneira que olha para aqueles com quem trabalha".

De algum modo me senti responsável por essa percepção de que ele era bom demais com os brancos, na entrevista de Mugabe. De fato ele foi muito bom comigo, mas quero acreditar que ele sentia orgulho por haver modificado esta minha vida insignificante. Ele frequentemente dizia que, se mudasse para melhor a percepção de uma pessoa, teria cumprido seu dever. E ele não apenas mudou a minha vida, mas a de milhões de outros... Fez muito mais do que se pode esperar de um único ser humano e talvez por isso, no final das contas, mereça ser saudado como santo.

Em outra conversa com Richard Stengel, Madiba disse: "Seu dever é trabalhar com seres humanos como seres humanos, não porque

pense que sejam anjos. Assim, quando você compreende que tal homem tem essa virtude e também tem fraquezas, você trabalha com isso e tenta ajudar a pessoa a superar essas fraquezas. Não quero ficar assustado pelo fato de uma pessoa haver cometido certos erros e ter fragilidades humanas. Não posso permitir a mim mesmo ser influenciado por isso. E é essa a razão pela qual as pessoas me criticam”.

Tento não pensar em “por que eu?” para compreender a razão de Nelson Mandela ter me escolhido. Mas, se isso acontece, penso nessas citações. Nos dezenove anos que passamos juntos, ele soube de minhas fraquezas, e investiu também em minhas forças, para fazer de mim a pessoa que sou hoje.

Eu o servi por quase vinte anos e fui sua secretária particular até ele nos deixar, no dia 5 de dezembro de 2013. Em 2009, decidi começar a escrever este livro como um tributo a ele. Queria principalmente registrar minhas experiências na esperança de que outros fossem mudados e influenciados por minha história. Portanto, meu livro é um tributo a Khulu, como eu o chamava.

Esta não é a sua história. É a minha história, e estou feliz com ela. Mas o leitor pode ficar desapontado se espera que eu lave muita roupa suja em público. Eu não desrespeitaria a confiança que Nelson Mandela depositou em mim. Essa é a maior honraria que ele poderia ter me oferecido — confiar em mim —, e eu pretendo prezar isso pelo resto da minha vida. O que decidi contar, e o que decidi omitir, no que lhe diz respeito, é baseado nessa confiança. Este não é, portanto, um livro para contar tudo.

Também não é um livro de grandes visões políticas ou uma dissecação temática de sua vida. É uma história simples de minhas experiências com ele. Uma das lições mais importantes que aprendi com esse grande homem no decorrer dos anos, reafirmada a mim, mais tarde por sua esposa, Graça Machel, é que você tem de prestar contas a uma pessoa apenas, que é você mesmo. Você tem de ir

para a cama todas as noites com seus próprios pensamentos e sua consciência, e, depois de escrever este livro, eu precisava sentir o conforto da consciência limpa. Preciso fazer que ele fique orgulhoso porque, apesar de parecer que nossas vidas foram eclipsadas por negatividade e turbulências nos últimos dois anos, existe uma bela história a ser contada, e preciso admitir que sou parte dessa história e que é meu dever contá-la. E, sobretudo, preciso ter certeza, do fundo do coração, de que, se ele lesse este livro, ficaria feliz pelo que eu conto e concordaria com os detalhes. Por ter passado dezesseis dos últimos dezenove anos com ele, dia após dia, sei o que o deixaria confortável ver em domínio público e o que não o deixaria, e é isso o que compete a mim proteger.

O livro, portanto, é uma coleção de casos, às vezes à minha própria custa, sobre uma estrada bem conhecida. Sem arrependimentos, e apenas com lições a ser aprendidas. Sou uma bilionária emocional, e, se mais nada extraordinário acontecer no resto de minha vida, ainda estarei contente com essas lembranças até o dia da minha morte. Tive uma vida rica. A maioria das pessoas jamais experimentará o que testemunhei, portanto minha história é de transformações, de lentas metamorfoses mentais e do sistema de crenças onde me encontro hoje. O leitor é quem tem de decidir se há algo com o qual ele ou ela poderá se identificar, ou se há lições com as quais poderá aprender com minha história. Não sou eu quem decidirá isso.

Também seria incorreto assumir que eu era a única, ou alguém especial, em torno de Madiba. Desempenhei um papel particular em sua vida, na maior parte em sua vida pública. Mas há muitas outras pessoas, equipes domésticas, equipes dos escritórios, pessoal médico e de segurança, que desempenharam papéis igualmente importantes, e das quais ele era totalmente dependente. Algumas delas são incluídas em minha história, mas eu simplesmente não poderia pagar o tributo devido a cada um e a todos eles.

Tentei tratar tudo e todos da melhor maneira possível e dar o melhor de mim mesma. Espero contribuir, dessa maneira modesta, para o legado de Nelson Mandela, compartilhando os privilégios e experiências que tive com qualquer um que esteja aberto a recebê-los. Se eu mudar uma vida por haver tocado outra pessoa com minha história, terei cumprido meu dever.

Permaneço grata e em dívida para sempre...

Prólogo: Zeldina

Era o começo dos anos 2000. Eu estava perto dos trinta anos. Estava parada na porta do nosso escritório em Joanesburgo, como de costume, esperando a chegada de Nelson Mandela para recebê-lo, escoltá-lo até seu escritório e lhe informar os acontecimentos do dia. Sempre que seu carro aparecia na esquina, meu rosto se iluminava, não importava quanta pressão estivesse sofrendo. O sorriso que pintava meu rosto era carregado de amor e admiração, tal como se tem quando se veem seus queridíssimos avós. Seu carro parou e os guarda-costas surgiram. Nós nos cumprimentamos e trocamos algumas palavras antes de eles abrirem a porta do carro fortemente blindado para que Madiba descesse. Madiba é o nome clânico de Nelson Mandela na África do Sul. É também o termo pelo qual as pessoas carinhosamente se referem a ele. Alguns também o chamam de *Tata*, que quer dizer "pai", mas a maioria se refere e se dirige a ele como Madiba. Eu o chamava de Khulu, uma versão abreviada de *Tata um'khulu*, que quer dizer "avô".

Quando ele desceu do carro, nossos olhares se encontraram. Exclamei: "Bom dia, Khulu". Ele me chamava de Zeldina. Sua bengala lhe foi entregue para ajudá-lo a sair do carro. A bengala, feita de marfim, fora um presente de seu bom amigo Douw Steyn. Ele não se importava muito com bens materiais, mas essa bengala era uma das poucas coisas que ele valorizava e protegia com a própria vida.

"Bom dia, Zeldina", disse ele enquanto emergia do carro. Seu rosto se acendeu com o sorriso habitual, apesar de eu detectar alguma reserva. Quando os guarda-costas o deixaram equilibrado, o

entregaram para mim. Ele se apoiou na bengala e segurou meu braço com a mão esquerda.

“Como está nesta manhã, Khulu?”, perguntei.

“Estou bem, Zeldina”, ele respondeu, mas sem continuar como habitualmente fazia, perguntando pelo meu bem-estar. Era outro sinal de que alguma coisa o incomodava. Enquanto caminhávamos para o escritório, pensei em lhe dar algum tempo para se apurar antes de começar a descarregar sobre ele as informações do dia. Uma vez fechada a porta, ele se abriu: “Sabe, Zeldina, tive um sonho a noite passada”.

Respondi com um “sim?”.

“Sonhei que você havia me deixado, que você havia desertado...”, disse.

Fiquei estupefata. Eu? Zeldina la Grange? Abandonar Nelson Mandela? Como ele poderia pensar que eu faria uma coisa dessas? Na época eu já trabalhava com ele por quase dez anos. O que poderia tê-lo feito sentir que eu poderia abandoná-lo? Ao contrário, por causa da minha infância, eu é que temia ser abandonada. Precisava deixar sua mente tranquila. Coloquei minha mão esquerda sobre sua mão esquerda e disse: “Khulu, eu jamais faria uma coisa dessas. Por favor, nunca mais pense nisso. Posso lhe assegurar que jamais o abandonarei”. E acrescentei, em tom mais leve: “De qualquer modo, acho que você vai me abandonar ou me mandar embora antes que eu possa abandoná-lo”.

Ele me olhou, riu meio desajeitado, levantou as sobrancelhas e depois respondeu: “Eu jamais faria isso”.

Assim era o calor do nosso relacionamento. Precisávamos da afirmação um do outro. Cuidávamos um do outro. Eu havia aprendido a amar esse homem que em outra época fora inimigo do meu povo. Aos nossos olhos, ele lembrava o medo. Tendo crescido

na África do Sul do apartheid como africâneres brancos, havíamos passado nossas vidas oprimindo esse povo representado por Nelson Mandela. Ele era a voz dos oprimidos e da luta pela libertação. Menos de quinze anos depois que ele saiu da prisão, lá estava eu tentando explicar e defender minha dedicação ao homem a quem desprezáramos no passado.

O apartheid foi um sistema introduzido pelo governo branco da África do Sul nos anos 1940. Defendia a supremacia branca e a opressão dos negros e era um conjunto de leis rígidas que promovia a separação e a segregação entre brancos e negros no País. As leis do apartheid eram aplicadas nas igrejas e nas escolas, nas praias e nos restaurantes, e em qualquer área onde a minoria branca pudesse se sentir intimidada pela presença de negros.

No entanto, caminhei ao lado de Nelson Mandela pela maior parte de minha vida profissional adulta — um apoiando o outro. Eu era uma jovem africâner cujos pontos de vista e mentalidade foram transformados pelo maior estadista de nossa época. Para mim, no entanto, ele era mais que minha consciência moral. Aprendi a me importar com ele, porque ele se importava comigo. Ele moldou e modificou meu pensamento porque o fato de ele empregar uma jovem branca que falava africâner como sua secretária particular não era apenas algo sem precedentes; era também algo impensável.

PRIMEIRA PARTE

"Se não for bom, deixe morrer."

1970-1994

1 *Infância*

No dia 29 de outubro de 1970, em Boksburgo, a oeste de Joanesburgo, África do Sul, eu nasci e não fui deixada para morrer, mas para valer a pena, como a maioria dos bebês que são trazidos para este mundo.

No mesmo dia, Nelson Mandela iniciava seu nono ano na prisão. Preso desde 1962, e depois condenado por traição, no Julgamento de Rivonia, em 1964, ele foi sentenciado à prisão perpétua. Ele e outros prisioneiros políticos foram encarcerados em Robben, uma ilha desolada na costa da Cidade do Cabo, por oposição ao apartheid.

Na época meu pai trabalhava em uma construtora e minha mãe era professora. Eram muito pobres. Meu único irmão, Anton, tinha três anos quando nasci. Como nossos pais eram brancos, nascemos com privilégios legais. Eram assim as coisas na África do Sul em 1970. Ainda que as famílias de meus pais compartilhassem o mesmo destino nos feriados de dezembro, meus pais só se conheceram em Boksburgo quando minha mãe estudava para se tornar professora e meu pai trabalhava no serviço postal.

A família de meu avô descendia dos huguenotes franceses que fugiram do sul da França, durante os anos 1680, para escapar da perseguição aos protestantes feita pelas autoridades católicas. Os La Grange eram originários de uma pequena cidade chamada Cabrières, na região de Avignon, um lugar que descobri e visitei duas vezes, décadas depois do meu nascimento, enquanto trabalhava para Nelson Mandela.

Meu pai tinha um irmão. Seus pais viviam em Mossel Bay, uma cidade costeira na pitoresca Garden Route, na Província do Cabo. A irmã de minha avó foi a primeira farmacêutica formada na África do Sul, e até os dias de hoje a família Scholtz administra uma conhecida farmácia na cidade de Willowmore, no Cabo Ocidental. Ela era, portanto, uma mulher impressionante e admirada em razão dessa conquista inédita.

Eu também gostava muito do pai de meu pai. O nome dele era Anthony Michael, mas nós o chamávamos de "Oupa Mike" (vovô Mike). Ele costumava nos visitar algumas vezes ao ano, e nessas ocasiões passava algumas semanas conosco. Fumava cachimbo, e o cheiro do fumo nos incomodava. Ele sempre se sentava na mesma cadeira e constantemente esfregava a mão no braço desta. O descanso era de madeira velha e rachada, e o tabaco que ele usava para encher o cachimbo sempre incrustava nos braços. Quando meu avô deixava nossa casa, os braços da cadeira estavam enegrecidos, o que provocava em minha mãe uma grande ira, mas ninguém jamais disse a ele que não podia fumar em nossa casa.

Minha mãe era a mais velha dos três irmãos da família Strydom. A única família famosa com esse sobrenome foi a de J. G. Strijdom (às vezes também soletrado como Strydom), o sexto primeiro-ministro da África do Sul, que ocupou o posto entre 1954 e 1958. Foi sucedido pelo "Pai do Apartheid", H. F. Verwoerd. Quando eu era criança e ouvi falar sobre um Strijdom ser primeiro-ministro, fiquei convencida de que de alguma maneira éramos parentes, embora não houvesse nenhuma ligação real.

O pai de minha mãe morreu em um acidente de motocicleta quando ela tinha apenas doze anos. Muitas vezes lhe perguntei se ela se lembrava da noite em que receberam a notícia da morte de seu pai. Ela geralmente evitava falar sobre o assunto, mas disse que se lembrava de ter acordado com alguém batendo na porta da frente da casa deles e de depois escutar minha avó chorar histericamente.

Minha avó teve poucas opções para educar seus filhos. Com um emprego burocrático na South African Railways, para ela era financeiramente impossível criar sozinha três crianças pequenas.

Ela decidiu então mandar minha mãe, que era a mais velha, para um orfanato na Cidade do Cabo, o que explica o fato de minha mãe detestar a cidade até hoje. Para ela, cheira a abandono.

Minha mãe só via seus irmãos e minha avó uma vez por ano, nos feriados de dezembro. As famílias La Grange e Strydom acampavam na mesma área perto de Mossel Bay, chamada de Hartenbos, durante os feriados de dezembro, mas jamais souberam da existência uma da outra.

As lembranças de infância de minha mãe são limitadas ao sofrimento, abandono, tristeza. O mundo sofria as consequências da Segunda Guerra Mundial, vagarosamente se recuperava da recessão econômica, e minha mãe, mesmo como uma criança africâner nos anos 1940 na África do Sul, sentia as consequências disso através da pobreza. Eu a admiro muito por não guardar rancor de minha avó, fossem quais fossem as circunstâncias.

Vovó Tilly, a mãe de minha mãe, era parte de nossa vida cotidiana, mesmo tendo abandonado minha mãe quando criança. Vivia perto de nós e eu sempre a visitava quando voltava da escola primária, já que ela, convenientemente, morava a meio caminho entre nossa casa e a escola. Antes de se mudar para perto de nós, vovó Tilly vivia em frente aos Union Buildings. Localizados em uma colina nas alturas da cidade de Pretória, a capital administrativa da África do Sul, os Union Buildings foram construídos por Herbert Baker e eram a sede do governo do apartheid. Imponentes, monumentais e belos, para minha família era como viver em frente à Casa Branca.

Aos domingos, os La Grange e os Strydom, a família de meu tio, visitavam o apartamento de minha avó para almoçar e depois saíam

para passear nos imaculados gramados dos Union Buildings. Os Union Buildings representavam a autoridade máxima, e nós subíamos os degraus com grande respeito. Meus primos, meu irmão e eu brincávamos ali, rolávamos pelo gramado que descia, ríamos o tempo todo. Éramos crianças felizes, crescendo na África do Sul do apartheid.

Éramos uma típica família branca privilegiada, que se beneficiava do apartheid por meio da boa educação, do acesso aos serviços básicos e de um senso de direito à terra e seus recursos. O apartheid era a solução política do nosso regime para obrigar à segregação e à separação das raças, classes e culturas.

Instituído pelos líderes africanos no final dos anos 1950, o então primeiro-ministro, Hendrik Verwoerd, o chamava de "política". "Nossa política é a da boa vizinhança", subentendendo-se que os africanos cuidavam de todos os grupos raciais da África do Sul. Entretanto, na realidade o apartheid era uma maneira de assegurar que os africanos se beneficiassem da economia, das oportunidades e da riqueza dos recursos naturais do País, à custa dos outros.

Por volta da metade dos anos 1970, o governo do apartheid havia criado um Estado racista baseado nas decisões tomadas nos Union Buildings. As pessoas brancas e as negras eram separadas; não era permitido se casar, ser amigos, fazer sexo ou viver nas mesmas cidades. Eram as normas da chamada "Lei de Áreas de Grupo" na África do Sul, uma tentativa de impedir que as pessoas se movimentassem livremente e levassem suas vidas dentro dos mesmos limites. Os negros não podiam andar nos mesmos ônibus nem nadar no mesmo mar que os brancos. Devido à política do apartheid, a África do Sul foi suspensa das atividades das Nações Unidas em 1974, e uma resolução aprovada em 1977 impôs um embargo obrigatório de armas contra nós. No entanto, os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a França se opuseram à expulsão da África do Sul das Nações Unidas, a despeito de várias resoluções que exigiam essa medida.

Mesmo com meu país se tornando um pária internacional, nós continuávamos brincando e rindo na sede do governo. Isso porque meu povo era protegido. Protegido de homens como Nelson Mandela. Eram pessoas como ele — negras e determinadas a derrubar o governo, desafiando a superioridade branca — que nós temíamos.

Nenhum de meus pais era político ou trabalhava para o governo. Mas nós apoiávamos o regime. Éramos, suponho, racistas. Nós sintetizávamos a típica família africâner de classe média na época: cidadãos cumpridores da lei, apoiando tudo o que a igreja e o governo ditassem. Nosso respeito pela autoridade e os laços com a Igreja Reformada Holandesa se sobrepunham ao senso comum. Como qualquer outra família de africâneres, assistíamos aos serviços dominicais sem falhar e participávamos de todas as atividades relacionadas para exibir nossa cidadania-modelo.

Dessa maneira, o apartheid estava em nossa casa. Vivíamos pela segregação. Tudo era aceitável e inquestionável, não apenas porque o governo do Partido Nacionalista, que estava no poder, ditava isso, mas também porque nossa igreja endossava tudo.

Negros eram todos os que não eram brancos. Pessoas de cor e indianos também eram negros aos nossos olhos. “Pessoas de cor”, agora, eram designadas como “morenas”, originárias de diferentes grupos, tais como os africâneres, mas alguns de seus antepassados tinham pele Qash ^[1]. Eram, portanto, considerados “negros” na África do Sul.

O africâner branco tinha uma genealogia misturada que incluía sangue holandês, francês, alemão e britânico. Apesar de ser impensável na época, na história moderna e dos estudos emergiu que quase todos os africâneres brancos tinham um DNA que podia ser rastreado até ancestrais negros e morenos na África do Sul — fato que nem todos os africâneres brancos aceitam.

Na época do apartheid você nem pensava nas coisas, simplesmente agia. Eu sabia que todos os negros eram obrigados a portar um livro de passe e tinham de mostrá-lo à polícia, que, aleatoriamente, os parava. Eu não sabia que eles só podiam entrar nas áreas permitidas por seus passes, e se não tivessem o passe para uma área específica seriam presos por transgressão à lei do passe e jogados na prisão, antes de serem deportados para sua própria área. Se você tivesse um passe para Joanesburgo, não podia entrar em Pretória — duas cidades com apenas cinquenta quilômetros uma da outra. Era o modo de o governo controlar os movimentos das pessoas negras.

Segundo nossa igreja, estávamos certos. Fazíamos a coisa “certa”. E, sim, era direito, como na direção da direita. O mais extremo conservadorismo.

Como a maioria das famílias brancas, tínhamos uma empregada doméstica negra morando conosco. O nome dela era Jogabeth. Quando me lembro daqueles dias, não posso evitar perceber que a maioria das crianças brancas da minha idade foi criada por pessoas negras. Elas não eram apenas trabalhadoras domésticas, eram também mães substitutas. Quando eu era criança, Jogabeth era parte de nossa família até certo ponto, dentro de certos limites: os limites do apartheid. Ela ficava em um quarto nos fundos. Tinha um banheiro, mas sem chuveiro. Usava copo e talheres separados; não era permitido que usasse os “nossos”. Não me lembro de nossos pais jamais lhe terem dito que ela não tinha permissão para usar qualquer coisa que fosse nossa, mas ela sabia e nós sabíamos. Era tácito. No entanto, Jogabeth era minha tábua de salvação.

Tocar em uma pessoa negra era tabu. Além do fato de as pessoas brancas se considerarem superiores às negras, fomos criados na crença de que elas não eram tão limpas quanto nós, aparentemente cheiravam diferente e a textura de seus cabelos era diferente da dos nossos. Ninguém sonhava tocar o cabelo ou o rosto de um negro.

Era simplesmente impensável. No entanto, Jogabeth me carregava nas costas quando eu era bebê. Apesar de eu jamais haver tocado em seus cabelos, suas mãos, seus braços e seu peito me confortavam sempre que eu precisava. Como ela havia nos criado, para nós, crianças, a nossos olhos, ela não era tão negra quanto os outros negros. Não representava nenhuma ameaça para nós e nos servia, portanto ela era mais aceitável para nós que outras pessoas negras.

Lembro-me de uma ocasião em que fui maltratada pelo meu irmão e Jogabeth teve de me confortar depois que perdi a batalha. Ela era meu porto seguro, e eu sabia que, enquanto estivesse sob seus cuidados, estava protegida da violência do meu irmão. Nessas ocasiões eu achava conforto em seus braços, perto de seu peito.

Quando eu tinha doze anos e meu pai era empregado nas South African Breweries, batalhando para abrir seu caminho até se tornar gerente de logística, as manifestações políticas contra o apartheid pela primeira vez tiveram um papel em minha vida. O escritório central da SAB se localizava no Poyntons Building, na Church Street, em Pretória. No dia 20 de maio de 1983, uma sexta-feira, meu pai viajaria para a Cidade do Cabo para cuidar de negócios. Pouco antes das quatro da tarde, a explosão de uma bomba sacudiu o coração de toda a cidade de Pretória. O caso saiu imediatamente no noticiário, informando que o carro-bomba explodiu bem em frente ao Poyntons Building.

Ao ouvir a notícia, minha mãe ligou para o escritório de papai, mas ninguém atendeu. Ela ligou para o aeroporto para verificar se ele estava no voo, por volta das seis da tarde, mas as autoridades aeroportuárias recusavam-se a dar informações sobre passageiros, como sempre fazem. Não conseguíamos encontrar ninguém que pudesse confirmar se meu pai ainda estava no edifício no momento da explosão, se já havia deixado o edifício a salvo antes do evento, ou sobre a possibilidade de ele ter saído ou dirigido para fora da garagem no momento da explosão. Ele frequentemente tinha

almoços de negócios em restaurantes nas áreas próximas ao escritório, e nós tememos o pior. Apenas por volta das nove da noite, quando chegou ao hotel na Cidade do Cabo, ele ligou para nos informar de que estava seguro. Foram as cinco horas mais longas de minha vida. Ficamos aliviadas por ele estar ileso. Não perguntei a razão de a resistência ao apartheid ser tão forte, ou assumir formas tão violentas. A violência só serviu para reforçar minha crença no apartheid, na diferença inerente entre brancos e negros.

O Umkhonto we Sizwe (MK), a ala militar do oposicionista Congresso Nacional Africano, assumiu a responsabilidade pela bomba, por força da qual 19 pessoas foram mortas — 8 negras e 11 brancas — e mais de 217 ficaram feridas. A bomba da Church Street explodiu no horário de pico. Os dois homens envolvidos no planejamento e execução da ação também morreram, pois o artefato foi detonado acidentalmente e antes da hora prevista.

Significando “Lança da Nação”, o Umkhonto we Sizwe foi estabelecido em 1961, depois que Nelson Mandela e outros membros fundadores do MK decidiram que a violência na África do Sul se tornava a única maneira de responder à violência do governo do apartheid. Já que o governo apelava para meios violentos para lutar contra o CNA e manter o povo negro oprimido sob as leis do apartheid, o MK foi a resposta do CNA contra tal violência. No discurso de Nelson Mandela durante a argumentação final do Julgamento de Rivonia em 1964, quando foi acusado de atos de terrorismo e depois do qual ele e outros foram sentenciados à prisão perpétua, ele declarou sobre o MK: “Seria irrealista e equivocado que os líderes africanos continuassem pregando a paz e a não violência no momento em que o governo enfrentava nossas demandas pacíficas com a força”.

Tendo ido à Etiópia e ao Marrocos em 1962 para receber treinamento militar e assegurar apoio para o MK, o Sr. Mandela estava preparado para apelar para a violência. No entanto, não

tenho certeza se ele sabia, enquanto estava preso, o que os quadros do CNA faziam lá fora, e se os prisioneiros eram consultados sobre tais atos de violência. Em 1983, o presidente do CNA era Oliver Tambo. Nelson Mandela já tinha sessenta e cinco anos no seu vigésimo ano de prisão, e a comunicação com os prisioneiros era difícil. Mais tarde lhe perguntei se tinha conhecimento da bomba na Church Street, e ele respondeu que foi informado depois do incidente.

O CNA sabia que teria de forçar a mão contra o regime racista. Para fazer isso, teria de recorrer à violência. O governo não estava disposto a abolir o apartheid ou melhorar as condições de vida das pessoas negras, e preferia lutar contra a força negra com violência. E a resposta do CNA foi a violência. O alvo eram instalações estratégicas, cruciais para o Estado. O Poyntons Building era estratégico porque o Quartel-General da Força Aérea Sul-Africana estava localizado no mesmo edifício.

Eu era, de modo geral, alheia ao que acontecia no País, à pobreza dos negros e à violência, mas sabia que vivíamos em casulos e lutávamos uns contra os outros em uma batalha amarga porque não éramos capazes de coexistir. Havia uma pressão sobre nós, instintiva, diante do modo como vivíamos. Quando um negro se aproximava, você dava a volta e seguia pelo outro lado. Não havia conversas, e nós os temíamos. Não eram nossos amigos. Eu era bem feliz com a minha vida tal como era, e desde bem pequena sabia que trancávamos portas e janelas por medo de que as pessoas negras nos atacassem durante a noite. Jamais passou pela minha mente que podíamos ser machucados também por brancos. Eram sempre as pessoas "negras". Eu não perguntava por que elas poderiam nos atacar, ou quem eram, ou como era a vida delas. Só sabia que eram perigosas.

Aos domingos nós rezávamos solenemente na igreja pelos homens que defendiam nossas fronteiras. Era a coisa certa a ser feita, porque todo mundo fazia isso. Bem, todos os outros brancos da

minha comunidade. Eu não sabia o que era uma fronteira, mas sabia que lutavam contra os negros. Meu conhecimento se limitava aos brancos protegendo a fronteira da infiltração de mais pessoas negras. É estranho que ninguém fizesse a pergunta: quais pessoas negras? Protegíamos nossas fronteiras da infiltração de mais pessoas negras, ou as protegíamos de outras forças militares da região que se infiltravam na África do Sul para apoiar o CNA? Simplesmente nos diziam: estamos lutando contra negros comunistas. Eu cresci acreditando que todos os negros eram comunistas ateus. No entanto, aos domingos, pessoas negras se reuniam em pequenos grupos em áreas abertas, promovendo serviços religiosos. Eu ignorava aquilo, e não consigo me lembrar se a contradição dentro da qual eu era criada alguma vez havia me incomodado. Quando se é criança é fácil acreditar que o ambiente é seguro. Talvez se eu tivesse sido oprimida, se não tivesse acesso a uma escola decente, uma casa adequada, eletricidade e água, pudesse ter feito perguntas diferentes, e meu cérebro teria se desenvolvido e se tornado mais inquisitivo sobre a injustiça quando eu era mais jovem. Seja como for, isso não aconteceu.

Hoje compreendo também que a comunidade onde se é criado escolhe viver de um modo particular. As pessoas ao seu redor, os adultos, decidem o que é socialmente aceitável e o que não é. Você vive essa vida sem compreender que há vida mais além: problemas, política, eventos mundiais e tendências que influenciam seu mundo. Quando se vive confortavelmente, não se faz perguntas, e não havia razão pela qual eu questionasse o que acontecia além das paredes da nossa casa. Ninguém nasce racista. Você se torna racista pela influência ao seu redor. E por volta dos treze anos de idade eu me tornei racista. Por esse cálculo, eu jamais poderia ter sido a mais duradoura das assessoras de Nelson Mandela. Mas foi o que aconteceu.

2 *Mudança*

Talvez alguma coisa em minha infância tenha me servido para ser compatível com Nelson Mandela.

Enquanto eu crescia, minha mãe tinha surtos graves de depressão, e nessas ocasiões ela chorava durante dias ou ficava na cama, deprimida. Nunca fomos negligenciados, mas eu de fato me lembro de sua tristeza. Sentíamos-nos impotentes para fazer alguma coisa, sem compreender o que era.

Até hoje minha mãe é uma das pessoas mais decentes, mansas e elegantes que eu conheço. Ela jamais praguejou nem se utilizou de linguagem chula em minha presença. Nunca falou de maneira degradante para ou sobre alguém, nem mesmo sobre pessoas que lhe provocavam raiva ou algum dano. Ela era muito calma e reservava para si mesma suas emoções extremadas. Tampouco me lembro de vê-la demasiado alegre ou excitada em relação a algo; ela é, por natureza, moderada. O tempo que ela passou no orfanato enquanto crescia obviamente a ensinou a esconder suas emoções. Isso a modificou. Mais tarde na vida, reconheci esse meio de encobrir meu próprio eu em meus anos com Nelson Mandela. Ele também teve de suprimir suas emoções para sobreviver na prisão.

Meu pai muitas vezes ficava frustrado com a depressão de minha mãe. Eles terminavam discutindo por isso, e brigando pelo fato de minha mãe ser tão passiva. Meu pai é uma pessoa de reuniões sociais. Quanto mais gente, melhor. Minha mãe, por sua vez, preza ter o próprio espaço e não socializar demais. Eu herdei essa tendência antissocial de minha mãe. Nenhum de nós percebia o quanto ela estava enferma.

Em uma sexta-feira à tarde, depois de brincar na casa de uma amiga, voltei para casa e a encontrei vazia. Quando abri a porta da cozinha, escutei o carro de mamãe na garagem. Não abri a porta da garagem; simplesmente entrei em casa e fiquei por lá. Depois de um tempo, ouvi o carro ainda na garagem, ocioso, mas não a ouvi abrindo a porta para sair. Decidi ir ver o que estava acontecendo. Quando abri a porta entre a casa e a garagem, lembro vividamente de minha mãe descansando a cabeça contra a janela do carro, que estava parado; ela parecia adormecida. Apressei-me até a porta do veículo e tentei abri-la. Estava trancada. Eu então reparei em uma mangueira na janela e a segui até o exaustor do carro. Só então a realidade me pegou. Ela estava tentando se suicidar. Gritei e chorei ao mesmo tempo e tentei abrir a porta à força.

Eu tinha doze anos de idade e pouca força para provocar algum impacto. Bati contra a janela, mas ela não reagiu e eu não consigo me lembrar do restante dos acontecimentos. Sei que chamei minha avó e ela chegou rapidamente, porque morava logo na esquina. Não sei como minha mãe foi do carro para a sua cama, não sei a que horas Anton, meu irmão, chegou em casa, nem quando o médico veio, nem a melhor amiga de minha mãe. Não me recordo de quem chamou meu pai, que estava outra vez viajando a trabalho. Não me recordo de onde ele estava e não me recordo de como conseguiram se comunicar com ele — os celulares ainda não tinham sido inventados na época. Lembro-me de que aquele foi o último dia em que senti algum cheiro na minha vida. E esse cheiro era de gás. Os médicos dizem que minha capacidade de sentir cheiros se bloqueou com o choque, uma reação psicossomática ao trauma.

Minha mãe foi internada em uma clínica para pessoas com depressão, e se estabilizou. O que me restou foi a constante pergunta: por que ela havia decidido me deixar, justamente como havia sido deixada por sua mãe? Eu não era boa o suficiente? Ela não me amava o bastante para viver? Foram as eternas brigas entre mim e meu irmão que a levaram a fazer isso? Jamais fiquei com

raiva de minha mãe, talvez apenas um pouco triste, mas me senti abandonada.

Esses acontecimentos da garagem tomada por gás em 1982 foram determinantes em meus relacionamentos futuros. Fico constantemente aterrorizada com a possibilidade de ser abandonada. De ser deixada sozinha. Então tento em demasia contrabalançar. Sacrifico a mim mesma para agradar as pessoas, na esperança e na tentativa de evitar uma situação na qual eu me veja abandonada. E com o medo do abandono vem a necessidade constante de afirmação. Não é a receita ideal para relacionamentos românticos, mas é ideal quando você dedica sua vida a seu trabalho e ao mais icônico estadista do mundo. Em uma estranha coincidência, Nelson Mandela precisava de pessoas que se devotassem a ele. Para ajudá-lo. Precisava de quem estivesse sempre lá. Disponível para apoiá-lo, alguém em quem ele pudesse confiar. Logo nós nos complementamos um ao outro de maneira codependente. Minha necessidade de agradar combinou com sua necessidade de lealdade absoluta.

Mas isso ainda estava por vir. Em 1988, completei dezoito anos e terminei a escola. Os noticiários estavam dominados por relatos de matanças de policiais ou de “quadros”, como os combatentes pela liberação eram chamados. Não se passava um mês sem que alguma bomba explodisse em algum lugar no País. Tornou-se uma ocorrência tão comum que as pessoas já nem prestavam atenção aos números. Havia morte por toda parte. A África do Sul estava no limiar de uma guerra civil. A violência rompia cada vez com maior frequência, e, para os africanos brancos de classe média, talvez entrar em guerra contra os negros parecesse a única solução.

Para mim, no entanto, a vida continuava como antes. Meu pai tinha me perguntado: “O que você quer estudar?”. Eu não tinha ideia, mas, já que estava sempre engajada em atividades culturais na escola, optei por estudar teatro. Ele me deu um definitivo “não” e disse que, a menos que eu fosse Sandra Prinsloo — uma das atrizes

sul-africanas mais admiradas —, não teria chance de fazer sucesso nas artes da representação. Ser atriz era o sonho da minha vida. Desde a infância eu fingia ser uma secretária sempre que acompanhava meu pai a seu escritório nos fins de semana. Ele me convenceu, como a maioria dos pais africâneres teria feito na época, a optar por uma carreira na qual a segurança no emprego era prioritária em relação a seguir sua paixão, e eu decidi me inscrever para obter, em três anos, um diploma nacional de secretária executiva na Technikon (agora Tshwane University of Technology), em Pretória.

Em setembro de 1989, quase um ano depois do meu décimo oitavo aniversário — a idade em que os cidadãos sul-africanos tornam-se eleitores legítimos —, houve uma eleição-geral. Ela excluía pessoas negras. Nenhuma pessoa de cor, indiana ou negra poderia votar sob as leis do apartheid. Na última eleição baseada na raça da África do Sul, o Partido Nacional perdeu terreno e só conseguiu garantir 48 por cento dos votos. O Partido Nacional governara desde 1948. Sua política era baseada no apartheid, na segregação e na promoção do africâner. As pessoas que o apoiavam eram conhecidas como Nats. Sendo uma austera conservadora, até mais conservadora que os Nats, votei no Partido Conservador em 1989.

Os Nats começavam a falar sobre reforma: permitir que os negros votassem, botar um fim na Lei de Áreas de Grupo e na discriminação baseada na cor da pele. O Partido Conservador se opunha a qualquer mudança nas leis do apartheid, e naquele ano se tornou a oposição oficial, garantindo 31 por cento dos votos dos brancos. Embora a população total na época estivesse estimada em cerca de 30 milhões (não há números oficiais disponíveis, porque as pessoas negras não eram contadas como cidadãs), apenas cerca de 3,1 milhões de votantes (todos brancos) estavam registrados, dos quais pouco mais de um milhão votou para a política de reforma do Partido Nacional.

Despercebido por todos, Nelson Mandela tivera sua primeira reunião com o então Presidente P. W. Botha em 4 de julho de 1989. Botha era conhecido por se opor aos governos de maioria negra, no entanto sua vontade de se encontrar com Mandela deu o tom das concessões a serem feitas. Àquela altura, Nelson Mandela completava seu vigésimo sexto ano na prisão. Ele se tornara a figura-chave dos oprimidos na África do Sul, ainda que um número muito reduzido de pessoas realmente o conhecesse além dos quadros políticos. O símbolo da liberdade para as massas na África do Sul, embora suas fotos conhecidas fossem de antes dos anos 1960 ou desenhos de como as pessoas imaginavam que ele estivesse naquele momento. Não era permitido a ninguém o acesso à prisão para tirar alguma foto do Nelson Mandela que envelhecia.

P. W. Botha abruptamente renunciou à presidência em agosto de 1989, um mês antes das eleições, depois que soube que o ministro da Educação, F. W. de Klerk, não o havia consultado depois de uma reunião com o Presidente Kenneth Kaunda, da Zâmbia. Botha sentiu-se desprestigiado e renunciou; De Klerk foi nomeado presidente provisório para o mês que antecedia as eleições.

Naquela época, Nelson Mandela havia sido levado para a prisão Victor Verster no Paarl, perto da Cidade do Cabo. Ele se encontrava regularmente com o Presidente De Klerk, e este anunciou a libertação dos primeiros prisioneiros políticos, que havia muito estavam encarcerados, pouco menos de um mês depois de se tornar presidente. Isso representou um marco na história da África do Sul: a mudança tornou-se inevitável. Eu nada sabia sobre os prisioneiros que estavam libertados e mal me lembro de ter prestado atenção às notícias. Esses prisioneiros incluíam Walter Sisulu, Andrew Mlangeni, Raymond Mhlaba e Ahmed Kathrada, entre outros, alguns dos colegas e amigos mais próximos de Mandela. Quem poderia imaginar que mais tarde eu viria a adorar alguns deles?

Em 2 de fevereiro de 1990, o Presidente De Klerk anunciou a liberdade incondicional de Nelson Mandela, que ficara preso por

vinte e sete anos. No norte de Pretória, onde minha família morava, fevereiro é um dos meses mais quentes do verão. Eu nadava em nossa piscina quando meu pai veio para o lado de fora, e o fato de alguém me observar distraiu minha atenção. Percebi que ele tinha alguma coisa na cabeça. "Sim, papai...?", eu disse. Ele apenas me olhou e, depois de alguns momentos de silêncio, respondeu: "Agora estamos com problemas. O terrorista foi solto". Minha resposta foi: "Quem é esse?", e ele respondeu: "Nelson Mandela". Eu não tinha ideia de quem ele era ou o que isso significava para nós. Podia sentir que ele estava preocupado, mas continuei nadando e o deixei meditando sobre o que havia falado.

Apenas muito mais tarde, depois que comecei a trabalhar na presidência, que o Sr. Mandela me contou que De Klerk o visitou alguns dias antes do anúncio de sua soltura. Sem cerimônias, ele disse ao Mandela que este estava livre para sair. O Sr. Mandela disse que não poderia sair imediatamente e que precisava garantir ao seu povo um tempo para se preparar para sua libertação. Ele pediu alguns dias extras para que o pessoal do lado de fora se preparasse. Se alguém me dissesse "você está livre para sair" depois de vinte e sete anos, eu ignoraria qualquer cortesia e sairia correndo, no entanto o Sr. Mandela quis ficar para dar a seu povo um tempo para se preparar. Muitas vezes lhe perguntei se ele não temeu que o governo mudasse sua decisão naqueles dias extras. Ele me olhava, surpreso pelo fato de eu desconfiar das pessoas daquela maneira, ria e então dizia "não".

Naturalmente, apenas muito mais tarde pude compreender o que de fato acontecia na África do Sul naquele momento. Mal sabia eu que Nelson Mandela já estava com setenta e um anos de idade quando foi solto. Mal sabia eu que ele havia perdido sua mãe e seu filho durante o encarceramento e que não lhe permitiram comparecer ao funeral dos dois. O fato de que ele era um ser humano, uma pessoa com emoções, não passava por minha cabeça. Tudo o que eu sabia era que estávamos com problemas, porque meu pai tinha dito isso.

Em 1992, o governo nacionalista branco convocou um referendo para decidir sobre o futuro do apartheid. Mas, claro, somente os brancos podiam votar no referendo. O sistema do apartheid que havia sido implementado em 1948 definhava. À população branca foi solicitado que se expressasse em relação às reformas políticas começadas pelo Presidente De Klerk. Pouquíssimas pessoas compartilhavam a ideia de que as reformas iriam mais longe do que elas antecipavam, mas ficara claro que o apartheid estava perdendo o pouco apoio remanescente na comunidade internacional.

Um total de 2,8 milhões de brancos votou no referendo: 1,9 milhão eram a favor da reforma e de uma eleição na qual os sul-africanos não brancos pudessem votar; 875.000 de meus compatriotas votaram contra a extinção do apartheid. Eu também votei "não". E estava orgulhosa disso. Essa era minha contribuição, pensei, para assegurar que o País continuasse governável. Sempre houve esse medo por parte dos africâneres brancos: que, se o país fosse governado por negros, se tornaria ingovernável, e que eles jogariam os brancos no oceano, vingando-se do que os brancos haviam negado a eles durante séculos.

De fato, tudo isso terminou em 1990, quando o Sr. Mandela foi solto. Era o final do apartheid e o começo de um país em que o lema "um homem, um voto" seria aplicado, independentemente da cor da pele. Mas tudo isso apenas passou pela minha cabeça enquanto eu desfrutava da vida de estudante — as festas e os estudos até tarde para os trabalhos que ficavam atrasados como resultado das festas. Eu não tinha qualquer envolvimento, nem ao menos pensava em política ou no caminho para onde a África do Sul se dirigia, mesmo sabendo que o apartheid havia terminado e que as pessoas negras eram livres para ir aonde quisessem. Em reuniões sociais, às vezes comentávamos brevemente o que se desdobrava na África do Sul, mas nunca com informações detalhadas e sempre jogando com o medo de africâner branco de cada um de nós; de fato, "nós estávamos com problemas". Essa era a totalidade de meu

entendimento da situação política, e eu não estava muito preocupada.

Eu me recordo ir de carro até a fazenda de meu tio em Ellisras, no norte, para a Páscoa em abril de 1993, quando ouvimos no rádio que o líder do Partido Comunista e chefe do braço militar do CNA, o carismático Chris Hani, fora assassinado. Para os brancos da África do Sul, os comunistas eram uma ameaça real para nossa segurança, defesa e futuro financeiro. De alguma maneira, Nelson Mandela também era considerado um comunista. Afinal, a África do Sul, ou nosso mundo branco, era dominada pela religião e pelo que a igreja ditava, portanto era impensável que o Partido Comunista alguma vez ocupasse um espaço legítimo no País. Éramos um Estado capitalista no qual os brancos eram os proprietários e controlavam todos os recursos.

Quando, mais tarde, perguntei a meus pais sobre Chris Hani, eles me disseram que tinha sido um grande erro tê-lo matado, porque, embora Hani fosse um comunista, certamente era melhor para as pessoas brancas do que o suposto terrorista Mandela. Fiquei confusa com a declaração, porque para mim qualquer coisa comunista representava uma grave ameaça, e, embora Nelson Mandela não tivesse sido oficialmente qualificado como membro do Partido Comunista, certamente Chris Hani era mais perigoso, sendo o líder daquele partido. De acordo com meus pais, Chris Hani demonstrara alguma tolerância em relação às pessoas brancas, provavelmente porque não havia sido preso na ilha Robben, como Nelson Mandela, e eles obviamente supunham que Hani não carregava o ódio que o Sr. Mandela supostamente carregava.

Mal sabíamos, ou não nos importávamos, que o Sr. Mandela não tinha rancor. Secretamente, ele havia conversado sobre as negociações com o governo desde a prisão, determinado a conseguir uma transição pacífica. Como disse Ahmed Kathrada, um dos amigos mais próximos de Madiba e seu companheiro na prisão, "O perdão é

uma escolha". É inerente a todos nós sempre esperar pelo pior, e esperávamos que Nelson Mandela fizesse jus a nossas expectativas.

Foi durante esse tempo fascinante e perigoso que eu me apaixonei e fiquei noiva. Minhas aspirações se limitavam a me casar e ter filhos, como desejava a maioria das mulheres africanas de minha idade. Eu tinha apenas vinte e dois anos, mas isso não importava. Eu havia me formado e começado meu primeiro emprego no Departamento de Orçamento do Estado, como secretária, em 1992. Alguns meses na repartição me fizeram ficar entediada, então eu pedi uma posição mais desafiadora. Fui transferida para a divisão de recursos humanos dentro do mesmo departamento, como funcionária administrativa, trabalhando no centro de Pretória.

O apartheid havia terminado, mas a vida continuava sem mudanças. Não sentíamos o fim do apartheid em nosso cotidiano. Ainda "vivíamos" apartados, embora as mudanças políticas tivessem começado a aparecer antes das eleições de 1994. A violência e a agitação continuavam nas comunidades mais longínquas, e éramos continuamente confrontados com fotos de pessoas mortas nas áreas rurais. A violência já não era apenas de negros contra brancos, mas agora também se devia às tensões entre o CNA e o Partido da Liberdade Inkatha. O PLI era o maior rival do CNA na época.

Então o meu noivado terminou. Fiquei arrasada e perdida. O que em geral eu faço quando os relacionamentos acabam é me jogar no trabalho, completa e totalmente. É a minha maneira de lidar com a dor.

Em 10 de maio de 1994, o primeiro presidente negro democraticamente eleito na África do Sul tomou posse. Eu tinha vinte e três anos de idade e dedicava todo o tempo extra para construir minha carreira na área de recursos humanos do Departamento de Orçamento do Estado. Embora o dia da posse fosse feriado público, fui trabalhar para ter mais horas extras. Havia pouco tráfego, e as pessoas evitavam as ruas por medo de que

irrompesse alguma violência depois da posse do governo do CNA, que era visto como inimigo por todas as pessoas brancas, mesmo por aqueles brancos que haviam votado a favor da reforma e pelo fim do apartheid. Um governo do CNA significava que a maioria de nossas lideranças seria de pessoas negras, e isso ameaçava seriamente a supremacia branca. Era tempo de revanche, e pensávamos que os negros descontariam em nós, os brancos, os séculos de opressão. Veículos militares eram visíveis em todos os lugares nos subúrbios, e carros de polícia estavam prontos para agir se convocados. Mas isso não afetava minha vida, e eu me senti segura no conforto de meu escritório durante a posse. Enquanto a polícia, ainda do regime anterior, estivesse visível nas ruas, com certeza estávamos seguros. Eu me recordo de ter dirigido de volta para casa vendo pessoas negras sorrindo nas ruas, parecendo felizes, confraternizando e dançando. Meus pensamentos eram simples: sim, vocês agora podem fazer o que quiserem, mas, por favor, não nos matem esta noite por sermos brancos.

Antes das eleições, algumas pessoas brancas juntaram comida enlatada e não perecível por medo da guerra civil, violência e anarquia. Esperávamos que as pessoas negras que controlavam o País nos destituíssem dos serviços básicos, que atacassem as lojas e criassem um caos absoluto, sabotando a água e a energia dos bairros brancos. As pessoas estocavam e juntavam garrafas de água, velas, comida enlatada e tudo o que pudesse durar e ser necessário em caso de emergência. Esperávamos vingança.

Mas naquela noite nada aconteceu, e todos nós acordamos na manhã seguinte, voltamos para o trabalho e para nossas vidas normais, intocados pelos eventos do dia anterior e por quem quer que estivesse governando o País. A vida continuava de maneira estranhamente igual. Ainda tínhamos nossas casas, ainda estávamos vivos e a água ainda corria pelas torneiras. Nada havia que indicasse que logo os próprios fundamentos de minha vida, minha ignorância, minhas crenças, meus valores estavam prestes a ser sacudidos e testados. Mal sabia eu que emergiria do paranoico casulo branco de

medo e de negação e que o homem que me conduziria para fora daquilo — gentilmente segurando minha mão — seria Nelson Mandela.

SEGUNDA PARTE

O começo de uma nova aurora

1994-1999

3 Conhecendo o Sr. Mandela

Logo depois das eleições, em 1994, o recém-chegado governo precisava recrutar novas pessoas. Meu departamento recebeu a tarefa de ajudar no enorme projeto de fazer o governo, agora ex-apartheid, mais "representativo". Em outras palavras, tínhamos de contratar mais pessoas negras. Era o começo da transformação. A África do Sul deveria ter um governo para todos. Deveria representar todo o seu povo.

Milhares e milhares de pessoas se candidataram. Levamos semanas para elaborar uma lista para os postos anunciados. Estava claro que havia uma grande carência de profissionais habilitados, mas na verdade o povo da África do Sul estava desesperado para trabalhar. Muitas inscrições não puderam ser processadas devido ao analfabetismo, porque, fora negada aos candidatos uma educação decente durante o apartheid. Trabalhei muito para processar essas inscrições. Não havia incentivo para isso, mas é de minha natureza, tendo recebido uma tarefa, tentar realizá-la no menor prazo possível. Sou daqueles que gostam de se ver livres de seus compromissos e eu sempre trabalho sem necessidade em um ritmo que não é exigido. Eu procurava um novo trabalho, queria um recomeço, para me distrair depois do rompimento de meu noivado, e enquanto isso foquei toda a minha atenção no trabalho com as inscrições.

Então um colega me falou que um emprego como datilógrafa estava sendo anunciado no departamento administrativo, ligado ao recém-estabelecido gabinete do presidente. O cargo significaria ter como base seis meses do ano em Pretória e seis meses na Cidade do Cabo. Sempre que o Parlamento, cuja sede fica na Cidade do Cabo, estivesse em sessão, os políticos, suas famílias e as equipes

de apoio moravam e trabalhavam ali. Sempre que estivesse em recesso, os políticos, suas famílias e as equipes se mudavam de volta para Pretória, a capital administrativa. Era algo que eu sempre sonhara fazer, e o fato de o emprego estar em uma categoria abaixo da ocupada por mim naquele momento não importava. Também achei atraente o fato de a posição se reportar a um ministério sem pasta; certamente alguém sem pasta não teria muito trabalho, portanto não seria muito difícil trabalhar com ele. Mais tarde, evidentemente, aprendi que “sem pasta” significava apenas que o ministro poderia ser encarregado de questões *ad hoc*, ou seja, não tinha uma pasta ou agenda fixa à qual atender.

Logo comecei a conversar dentro do meu próprio departamento para informar a meus superiores que me candidataria ao emprego, desde que pudesse ser transferida com a mesma escala de salário se tivesse sucesso. Eles concordaram.

A entrevista foi nos Union Buildings. Não só eu já não mais rolava por aquele gramado como agora um negro era o homem mais poderoso da África do Sul. E ele se certificava de que pessoas como eu, brancos africanos conservadores, fossem incluídas em seu novo governo. A recepção foi amigável, e eu reparei que ainda havia uma quantidade de rostos brancos por lá, apesar de o novo governo do CNA estar no poder.

Durante a entrevista, uma senhora negra entrou. Era alegre e vistosa. Usando um traje colorido de cetim, aquela era uma figura que eu não estava acostumada a ver — uma mulher negra vestida daquela forma e claramente usando algo muito mais caro do que a roupa mais cara de minha mãe. Fomos bruscamente interrompidos por ela, que exclamou para meus entrevistadores: “Preciso de uma datilógrafa. Não importa que ela seja negra ou branca; preciso dela imediatamente”. Sorri e pensei: eu sou essa pessoa. Eu não tinha ideia de qual era a sua posição. Ela trocou algumas palavras com meus dois entrevistadores e então saiu. Eles me telefonaram algumas horas depois para perguntar se eu estaria interessada em

um cargo de datilógrafa no próprio gabinete do presidente. Explicaram que isso envolveria trabalhar em seu gabinete pessoal. Eu tinha apenas a Cidade do Cabo na cabeça, e, como eles me asseguraram que o emprego seria nos mesmos termos dos anunciados, respondi que estava interessada.

Eles me revelaram que a senhora que havia interrompido a entrevista era a secretária particular do presidente. Compreendi que iria trabalhar para ela, Mary Mxadana, que me pareceu bastante agradável. Enquanto ainda trabalhava no Departamento de Orçamento do Estado, eu havia recebido a tarefa de treinar dois funcionários negros iniciantes que haviam se ligado ao departamento depois que começou o processo de transformação. Eles eram simpáticos, e eu me dava bem com eles. Lenta, mas naturalmente, eu já começava a ver os negros de maneira um pouco diferente. Já não tinha medo de todos eles. Começava a conversar com eles em linguagem normal, sem pensar que só poderiam entender africâner ou inglês primário. Mary era gentil e me fez sentir à vontade, mesmo eu tendo muitas dúvidas.

Compreendi que trabalharia em um escritório que ficava perto do centro político das crenças às quais eu ainda me opunha, mas pensei que era só um emprego e que eu não teria muito a ver com a política real. Eu estava disposta a me comprometer, e àquela altura brincava com a ideia de que realmente gostava do presidente do Partido da Liberdade Inkatha, Mangosuthu Buthelezi, a oposição ao CNA. Eu gostava dele, de vê-lo na TV durante a campanha da eleição, e pensava que, já que tinha mudado minha opinião sobre ele, Nelson Mandela tampouco poderia ser tão ruim. Eu desejava tentar, mas era muito realista quanto ao fato de que, se não gostasse de trabalhar ali, nada me impediria de sair.

Não me lembro de ter sentido nada a não ser alívio quando fui chamada e me ofereceram o posto. Duas semanas depois da entrevista, assumi o cargo de datilógrafa ministerial sênior no gabinete do presidente.

Em 12 de outubro de 1994, entrei nos Union Buildings pela primeira vez como funcionária do gabinete pessoal do Presidente Mandela. Eu havia visto fotos dele, mas nada sabia sobre sua pessoa além do fato de que havia passado um longo tempo na prisão na ilha Robben e que minha família o considerava um terrorista. Eu não esperava ter qualquer interação com ele ou mesmo vê-lo.

Cheguei no horário e fui recebida por outra colega, que me conduziu através de várias portas de vidro e de seguranças para chegar até o que era conhecido como suíte do presidente, uma área constituída de algumas salas ao longo de um corredor. Ela me mostrou uma escrivaninha e um computador no que parecia ser um escritório conjunto; a outra escrivaninha era a dela. Aquela era a administradora responsável pela mesa telefônica do gabinete particular do presidente, e também ajudava em outras tarefas *ad hoc*.

A mulher me explicou que o gabinete pessoal do presidente contava apenas com Mary, ela e Elize Wessels. Elize vinha do governo de De Klerk e antes trabalhara para a antiga primeira-dama, Marike de Klerk.

Senti que havia uma atmosfera tensa entre a “velha” equipe, branca, e a “nova”, negra, e que as pessoas ainda marcavam território e reivindicavam posições no novo governo. Estava claro que a “velha” guarda estava lá para lentamente facilitar a chegada da nova liderança ao poder, orientando e ensinando, quer desejasse ou não.

Foi apenas muito mais tarde que Mary chegou ao escritório. Tinha uma presença que poderia ser sentida mesmo antes de ser vista. Emanava autoridade e usava roupas coloridas, o que enriquecia sua personalidade vibrante. Ela entrou no escritório como um vendaval e me abraçou, dando-me as boas-vindas. Era extremamente amigável e me fez sentir à vontade. Nunca tendo trabalhado para uma pessoa

negra antes, eu relutava em abandonar minhas defesas. Havia uma confiança superficial entre os negros e os brancos. Nós ainda não sabíamos o que esperar um do outro. Eu estava preparada para trabalhar para ela, mas manteria minhas crenças políticas, pensando que minha situação prática e financeira me forçara a estar naquele gabinete.

Não é necessariamente um traço de todos os africanos, mas, falando de modo geral, temos respeito pelas pessoas de autoridade ou mais velhas, quer concordemos com suas políticas ou não, e sempre somos corteses com elas. Se seus princípios não lhe permitem respeitar uma pessoa, você simplesmente a ignora. Eu descobri que respeitava Mary. Ela me contou sobre a luta de libertação. Comecei a ficar intrigada com a história de meu próprio país. Parecia que eu havia vivido em outro planeta; eu desconhecia completamente o que ela me contava. Talvez tenha sido precisamente minha inocência e ignorância que a fizeram se sentir à vontade comigo. Ela era muito afetuosa, e nós compartilhávamos uma paixão pela música. Mary me falou do seu coral e trouxe um CD para que eu pudesse ouvi-lo. Seu marido era o regente, e ela, um dos membros fundadores. Eles cantavam como anjos.

Nas duas semanas seguintes, fui orientada quanto às operações em torno do presidente. Ele não estava em nenhum lugar onde pudesse ser visto ou ouvido, então comecei a supor que possivelmente eu o veria "algum dia" a distância, mas conheci muitas pessoas, desde Parks Mankahlana, que disseram falar em nome do presidente, a Tony Trew, que disseram ajudá-lo a escrever todos os seus discursos, ao chefe de seu gabinete, chamado de diretor-geral da Presidência, Professor Jakes Gerwel. Levei algum tempo para aprender a gravar os nomes e quem fazia o quê.

A tarefa principal era datilografar para Mary e atualizar regularmente a agenda do presidente. Logo ela me ensinou a distribuir a agenda para a segurança e me pediu para enviá-la simultaneamente para ambos os comandantes, brancos e negros, da

equipe de segurança. O Serviço de Polícia da África do Sul passava por um processo de transformação, como todos os departamentos do governo, e amalgamava a antiga ala militar do CNA, Umkhonto we Sizwe, e a Apla do Congresso Pan-Africano (PAC), outro dos antigos partidos da luta pela libertação, junto com a antiga força policial, dominada pelos brancos. Nem tudo fazia sentido imediatamente, e eu tinha de enviar o mesmo fax duas vezes para o mesmo número, mas dirigido a pessoas diferentes. Era claramente uma fusão cosmética na força policial, e os dois lados operavam de maneira bem independente, ainda procurando estabelecer a confiança. Mas eu sou uma pessoa que obedece. Se instruções são dadas, eu as sigo ao pé da letra. Fazia tudo sem questionar ou discutir sua praticidade.

Quando eu tinha cerca de duas semanas no novo cargo, fui informado de que o presidente iria ao gabinete pela primeira vez. Àquela altura, Mary havia me contado um pouco sobre ele, observando que era gentil, mas disciplinado. Os africanos crescem com um sentido de respeito por qualquer autoridade, e antes mesmo de conhecê-lo eu o respeitava, simplesmente porque ele era o presidente do país. Ele nada havia feito publicamente para provar o contrário, portanto eu não tinha razão para desrespeitá-lo.

Desde minha chegada, na manhã daquele dia, pude sentir uma tensão pouco usual dentro do prédio e, ao mesmo tempo, um tipo de excitação. A guarda de nosso gabinete privado estava alerta e usando uniformes bem passados, e logo um grupo de homens usando ternos pretos chegou, apresentando-se como a equipe avançada da segurança do presidente. Era a hora de ele chegar, e eu fechei a porta de minha sala para não atrapalhar nada que pudesse estar acontecendo nos corredores. Pelos passos e ruídos, percebi que o presidente havia chegado. Ele passou pelo corredor em frente ao meu gabinete, indo em direção ao seu. Convidados chegaram para vê-lo e sem demora foram levados para seu gabinete. Todos foram pontuais, tudo fluiu com precisão militar. Fiquei sentada em meu lugar, esperando instruções. Eu havia reparado que os

seguranças estavam todos armados, por isso fiquei tensa e evitei fazer movimentos bruscos que pudessem ser mal interpretados. Era meu primeiro encontro próximo com pessoas armadas, e isso me deixou nervosa.

Algumas horas mais tarde, Mary me pediu para datilografar alguma coisa e levar o documento a seu escritório assim que estivesse pronto. Foi o que fiz. Eu olhava para o pedaço de papel na minha frente quando por pouco não esbarrei no Presidente Nelson Mandela, que saía do escritório de Mary para o corredor, cercado de guarda-costas. Ele estendeu a mão para apertar a minha; eu estava confusa e sem saber ao certo se era apropriado cumprimentá-lo. Eu disse: "Bom dia, Sr. Mandela". Realmente eu não sabia o que fazer naquele momento, exceto chorar. O que fiz. Era muito para mim. Eu soluzei. Ele, então, falou comigo, mas eu não entendi, completamente em choque. Eu tive de falar: "Perdão, Sr. Presidente", para que ele repetisse o que havia acabado de me dizer, e, depois de juntar meus pensamentos ou tripas — não tenho certeza do quê —, compreendi que ele havia se dirigido a mim em africâner. Meu idioma.

Ele era visivelmente mais velho e parecia simpático. Olhei para as rugas em seu rosto e para seu sorriso caloroso e sincero. Ele me falou com uma voz atenciosa e de maneira gentil; perguntou meu nome. Eu estava pronta para retirar minha mão depois de apertar a dele, mas ele a segurou. Pude sentir a textura de sua mão na minha e comecei a transpirar. Eu não tinha certeza se deveria segurar a mão daquele homem negro. Eu queria que ele a soltasse, mas ele não a soltava. Ele me perguntou de onde eu vinha e onde eu trabalhava. Eu não tinha certeza se devia responder em africâner ou em inglês, e não me lembro de qual idioma eu escolhi, mas conversamos em uma mescla de ambos. Fui completamente tomada pela emoção e não conseguia continuar. Então tive um sentimento de remorso que tomou conta de mim. Eu me senti culpada por essa pessoa tão gentil, com olhos bondosos e generosidade de espírito, falar comigo em minha própria língua depois que o "meu povo" o

havia jogado na prisão por tantos anos. Instantaneamente me arrependi de ter votado “não” no referendo. Como corrigir tanto preconceito em cinco minutos? Subitamente, eu quis pedir desculpas. Eu nunca havia pensado em como seria passar vinte e sete anos de prisão, mas sabia que eu nem mesmo tinha vinte e sete anos de idade. Tinha apenas vinte e três, perto de completar vinte e quatro, e não podia compreender uma vida inteira na prisão.

O Sr. Mandela percebeu que eu estava incapacitada de continuar nossa conversa e ainda continuou segurando minha mão ao colocar sua mão esquerda em meu ombro e dar tapinhas enquanto dizia: “Tudo bem, acalme-se. Eu acho que você está reagindo de maneira exagerada”. Primeiro, eu não estava acostumada a alguém ser tão direto comigo e me dizer que eu estava reagindo de maneira exagerada; segundo, fiquei embaraçada por ouvir um presidente me dizer isso. Eu me acalmei e ele obviamente estava com pressa, portanto nos separamos. Suas últimas palavras foram: “Estou feliz por conhecer você e espero vê-la outra vez”. Ao nos separarmos, pensei: Ah, certo. Como eu poderia ser importante para um presidente? Afinal, foi o meu povo que lhe causou tanto sofrimento.

Fiquei em choque o dia todo e fui para casa, onde contei a meus pais que havia conhecido o presidente naquele dia, e que ele parecia ser um homem muito bom. Ele falou comigo em africâner. Meus pais não fizeram nenhuma pergunta e continuaram a fazer o que estavam fazendo, indiferentes ao que eu havia dito. Provavelmente acostumados a me ver exagerando um pouco, tive a impressão de que eles pensaram que eu estivesse mentindo. Fui dormir intrigada com o encontro, sem saber quais eram meus pensamentos ou sentimentos sobre o cavalheiro que minha família e comunidade consideravam ser um terrorista.

No dia seguinte, perguntei a Mary como o presidente podia ser tão fluente em africâner. Ela explicou que ele havia aprendido a língua na prisão e fez isso com a intenção de se comunicar com seus carcereiros. Só mais tarde entendi que ele obviamente havia

também encantado os líderes do apartheid com seu africâner sempre que os encontrava durante as negociações. É interessante quando os acontecimentos superam o que nós esperamos. A última coisa que um africâner esperaria de Nelson Mandela era que ele se dirigisse a ele em africâner. Tudo se tornou claro quando muito mais tarde o Sr. Mandela me contou que: "Quando você fala com um homem, você fala com sua cabeça, mas, quando você fala com ele em sua língua, você fala a seu coração". E foi exatamente isso o que ele fez. Eu entendi que, ao aprender a língua dos carcereiros, ele poderia quase seduzi-los. O africâner, sendo a língua do opressor, era uma língua odiada na época, sinônimo do regime do apartheid. Mais tarde também aprendi que o africâner foi imposto como o idioma principal para a educação negra em 1974. Isso resultou no Levante de Soweto, em 1976, do qual cerca de 20 mil estudantes negros participaram. Embora os números oficiais estimem 176 mortes, é amplamente entendido que mais de 700 estudantes morreram durante o protesto. As pessoas negras não eram contadas na África do Sul naquele tempo, portanto os números oficiais e as estimativas nunca eram correlacionados, já que não existia registro oficial.

Nas semanas que se seguiram, vi o presidente a distância em algumas ocasiões, quando ele entrava ou saía do gabinete. Eu me concentrava na minha datilografia e em ajudar Mary, e nunca me preocupei em estar por perto ou ser vista quando ele estava presente. Em vez disso, fiquei amiga de seus guarda-costas, negros e brancos. Alguns deles eram muito atenciosos comigo e curiosos sobre o meio de onde eu vinha. Nunca tive certeza se eles me testavam, fazendo perguntas por puro interesse, ou se era parte do trabalho deles para detectar uma eventual ameaça que eu pudesse significar para o presidente.

Toda vez que o presidente passava em frente à minha sala, eu me assegurava de que a porta estivesse fechada para evitar outra interação emocionante com ele. Literalmente, eu me escondia quando ouvia sua aproximação, e só via suas costas depois que ele

passava pela frente de minha sala. No entanto, eu ficava feliz com sua presença no gabinete, pois isso trazia um pouco de animação e rendia visitas interessantes. Eu ficava mais curiosa sobre ele do que sobre os visitantes. Quase nunca os via, aliás, apesar de saber que alguns deles tinham nomes que eu reconhecia da mídia ou revistas.

Eu me lembro da recém-coroadada miss África do Sul, Basetsana Makgalemele, realizando uma visita. Antes que ela chegasse, pratiquei a pronúncia de seu sobrenome e consegui dar um jeito de vê-la. Ela se encontrou com o presidente e, depois do encontro, nós fomos chamados por Mary para conhecê-la.

Mary, anunciou, uma tarde, que o presidente desejava ver todas as pessoas de sua equipe em um almoço, a ser realizado em sua residência oficial no dia seguinte. Logo depois de sua posse, ele renomeou a casa presidencial como Mahlamba Ndlopfu, que significa “começo de uma nova aurora”. Achei apropriado. Eu estava nervosa e, definitivamente, não estava pronta para almoçar com um presidente. Não tinha ideia de qual talher usar primeiro, então uma de minhas colegas me disse para observá-la e seguir seu exemplo, o que me fez ficar à vontade. Perguntei a minha mãe, na noite anterior, o que fazer em relação à seleção de talheres. Ela pegou o livro de Emsie Schoeman — uma senhora sul-africana que era considerada uma autoridade no assunto — e eu tive um curso intensivo de etiqueta à mesa.

Chegando a Mahlamba Ndlopfu, fomos escoltados até uma sala. O presidente ainda estava em uma reunião quando nossa chegada foi anunciada. Ele terminou a reunião e nos encontrou na sala. Cumprimentou a cada um de nós, apertando nossas mãos, e, de maneira relaxada, conversando com todos, depois nos conduziu até a sala de jantar. Eu consegui me controlar e não chorei. Foi gentil de sua parte convidar sua equipe para almoçar, e, olhando para meus colegas, passou por minha cabeça que sete de nós naquele momento representávamos todas as raças da África do Sul: Mary Mxadana, sua secretária particular, era negra; Morris Chabalala, um

dos assistentes das secretárias particulares, também era negro; Elize Wessels, a outra assistente, branca; Alan Pillay, o gerente administrativo, indiano; Lenois Coetzee, a recepcionista, branca; Olga Tsoko, a outra recepcionista, negra; e eu, a mais jovem ocupando o cargo mais modesto, branca.

Logo depois de sua posse, me contaram que ele chamou toda a equipe da antiga presidência, pessoas que tinham servido o regime anterior, para uma reunião, apaziguando seu receio de demissão. Ele pediu que todos ficassem e ajudassem a construir o novo governo de unidade nacional, mas lhes deu a opção de sair, se desejassem. Os funcionários apreciaram muitíssimo essa aproximação. O gabinete do presidente agora era uma mistura de pessoas negras e brancas, representando a "nação arco-íris" a que ele com frequência se referia nos discursos.

Percebi, também, que, em Tuynhuys, o gabinete do presidente na Cidade do Cabo, situado próximo ao Parlamento, os quadros dos antigos presidentes e primeiros-ministros continuavam pendurados nas paredes. Novamente achei estranho ele não apagar o passado, mesmo sabendo que essas pessoas tinham encabeçado a opressão de seu povo e o haviam mandado para a prisão. Mas eu soube que o Presidente Mandela insistia que os quadros não fossem retirados. Eles eram parte da história da África do Sul, não importa quão desagradáveis fossem as lembranças.

Para o almoço daquele dia, foi preparada uma mesa redonda, e eu rapidamente escolhi uma cadeira longe da dele para evitar qualquer conversa pouco confortável ou perguntas difíceis. Além disso, eu não queria tomar a cadeira de alguém que desejasse se sentar perto dele. À uma da tarde, um dos empregados entrou na sala com um pequeno rádio FM parecendo uma pequena caixa-preta. Parecia uma antiguidade, algo que já não era usado havia tempos. Era a hora do noticiário. O rádio foi ligado e colocado no parapeito da janela. Enquanto as notícias eram anunciadas, todos nós nos entreolhamos, desconfortáveis. O presidente ouviu, concentrado, claramente

levando a sério o que era dito. Eu me recordo vagamente de uma menção à África do Sul como força guardiã da paz na África; do *Achille Lauro* afundando na costa da Somália; Cindy Crawford e Richard Gere anunciando a separação. Eu tentava me concentrar nas notícias, mas meus pensamentos giravam em torno do presidente, o que ele sentia e pensava no momento e, mais importante, como se sentia em relação aos três africanos brancos a sua mesa de almoço.

Logo após o noticiário, o almoço foi servido. Ao contrário do que eu esperava, foi tudo muito simples. Uma entrada, o prato principal, sobremesa e café. A comida era caseira, sem extravagâncias; sabíamos exatamente o que estávamos comendo. O presidente tomou uma taça de vinho, e, embora tivesse nos oferecido vinho também, eu preferi água. Durante o almoço, ele começou a nos contar algumas histórias sobre seus anos na prisão e eu tive de pressionar as unhas na palma da mão para não chorar outra vez. Quando a sobremesa foi servida, não consegui me controlar, e meus olhos se encheram de lágrimas. Eu sentia *tanto* por ele. Ele nos contou sobre sua preciosa horta de tomates na prisão. Também explicou que eles trabalhavam na pedreira de calcário, e que o reflexo da pedra branca danificou seus olhos. Com sua habilidade excepcional de contador de histórias, o Sr. Mandela transportou nossa imaginação para a Alcatraz da África do Sul e para sua cela na prisão da ilha Robben. Tentei compreender como seria viver estação após estação em uma cela, o chão de cimento frio, compartilhar o banheiro com outros companheiros, sem nunca ter privacidade, comer refeições sem gosto por vinte e sete anos, sempre nos mesmos horários. Ainda era demais para eu compreender. O que me espantou foi que, enquanto contava essas histórias, ele não parecia triste. Para mim soava como tragédia, no entanto sua narrativa parecia colorida, em oposição a minha sombria imaginação.

O almoço terminou e, de volta ao escritório, comentamos nossa experiência e eu me senti livre para expressar minha compaixão. Porém, claramente, o presidente não queria compaixão. Ele

considerava a sua experiência como parte de sua história, e ela não determinaria o resto de sua vida. Logo ouvi uma frase que expressava isso muito bem: “Na vida, não é importante o que acontece com você, mas como você enfrenta o que acontece com você”.

Li mais tarde que ele havia escrito que era mais fácil mudar os outros do que mudar a si mesmo, e até hoje fico assombrada com sua capacidade de perdoar e de reconciliar, tentando imaginar o quanto alguém tem de trabalhar consigo mesmo para mudar seu pensamento e suas crenças: tomar a decisão de perdoar, como Ahmed Kathrada me falou. Mas, como Madiba dizia, ao decidir perdoar você não apenas liberta o oprimido como liberta o opressor.

Mais tarde naquele mesmo ano, o sul-africano e progressista Johan Heyns foi assassinado, e o presidente convocou todos os generais responsáveis pelas forças de segurança da África do Sul para uma reunião em seu escritório. Heyns era um dos antigos líderes da Igreja Reformada Holandesa na África do Sul. A igreja foi proeminente durante a era do apartheid, justificando-o pela religião, e Heyns era um dos poucos líderes africanos que criticavam o apartheid em uma época em que não estava na moda fazer isso. Agora se suspeitava de que uma terceira força estivesse em jogo, tentando desestabilizar o País e criar tensão entre negros e brancos, em um momento em que a África do Sul ainda era vulnerável. Como alguém que tinha andado pelo caminho de Damasco e estava ansioso para trabalhar com o novo governo, acreditava-se que Heyns tivesse sido assassinado por extremistas brancos africanos, o mesmo tipo de conservador que eu já havia apoiado. Os africanos conservadores não aceitavam bem esses gestos de reforma. Lentamente, eu havia começado a repensar minhas crenças, e, embora ainda estivesse um pouco confusa, eu tinha amolecido e pelo menos percebia que resistir às mudanças não era lógico nem justificável.

Quando os generais passaram pelo meu gabinete em direção à sala do presidente, não pude evitar sentir orgulho quando os vi passar com seus uniformes. Nós, africâneres, somos um povo orgulhoso, especialmente em relação a nossos generais e às pessoas que ocupam posições de alta patente — o respeito é inerente, mas também confiamos neles incondicionalmente e sem preconceito. Senti orgulho da presença dos generais, ainda que houvesse tensão no gabinete.

O presidente também chamou o General Constand Viljoen, que era o líder da ala direita do partido chamado Frente da Liberdade, de oposição ao Sr. Mandela em questões que iam do compartilhamento de poderes à reforma agrária. Eu estava orgulhosa por conhecer o General Viljoen, que era um puro *boer*, em todo o sentido da palavra (*boer* é “fazendeiro” em africâner). Ele também ficou feliz por encontrar, no gabinete do presidente, uma moça que parecia verdadeira africâner. Imaginei que ele se sentiria confortável vendo alguém com a mesma cultura e bagagem naquele ambiente. O presidente não quis falar com ele em sua sala, provavelmente por temer dispositivos de escuta, e o recebeu em um sofá na entrada do banheiro das mulheres em nosso escritório, em frente à minha porta. Quando eles se sentaram, o Sr. Mandela me chamou. Fui apresentada ao General Viljoen em africâner, e vi o presidente sorrir cordialmente ao contar a ele que eu era uma verdadeira africâner.

O que Mandela queria dizer quando falou que eu era uma “verdadeira africâner” ou uma *boere-meisie* (garota de fazenda)? Era porque eu falava africâner? Teria ele percebido que eu vinha de uma família conservadora? Ou eu simplesmente parecia uma africâner? Só mais tarde pensei que talvez a minha aparência contribuísse para o estereótipo, algo em relação a que eu era muito sensível na época. Os africâneres em geral têm uma estrutura óssea maior. A maioria deles, sem excluir minha família, adora os prazeres da mesa, especialmente se houver pão e carne. Será que Nelson Mandela pensava que eu representava a típica garota de fazenda africâner?

Voltei para casa naquela noite e contei a meus pais, orgulhosa, que eu havia conhecido o General Viljoen. Eu ainda não me interessava por política, e só sabia que ele tinha comparecido para discutir a morte de Johan Heyns. Meus pais ficaram visivelmente impressionados com isso, pois o General Viljoen, na época, era visto como representante dos africanos conservadores. Mais tarde, um relatório de inteligência sobre a morte de Heyns passou por minha mesa, mas não tive interesse em lê-lo — e me arrependeria disso anos depois.

Com o passar do tempo, comecei a me sentir em casa em meu novo ambiente de trabalho, informando Mary sobre a segurança, orientando a força aérea sobre os movimentos do presidente, trabalhando com sua equipe no CNA. Às segundas-feiras, ele passava o dia todo na Shell House, como era conhecido o gabinete da direção do CNA em Joanesburgo (mais tarde a sede se transferiu para Luthuli House, cujo nome homenageia o presidente-fundador do CNA, Albert Luthuli). Não nos era permitido alterar a agenda das segundas; em cinco anos, a menos que estivesse em viagem ao exterior, o Sr. Mandela não passava nenhuma segunda-feira sem ir à sede do CNA. Nunca soubemos o que ele fazia ali ou com quem interagia, pois seu trabalho no partido político era independente de seus deveres oficiais como presidente. Mas ele era parte integrante do CNA, e nunca se divorciaria do partido que formou sua vida e toda a sua carreira política. Na execução de suas tarefas diárias à frente da Nação, ele honrava as políticas e a estrutura do CNA.

Então, um dia, recebi um telefonema de Mary, avisando que o presidente queria que eu fosse até sua casa particular, em Houghton, Joanesburgo, para ajudá-lo com o africano. Ele estava com dificuldade para enxergar, depois de uma cirurgia em um dos olhos, e fomos informados de que ficaria em casa por alguns dias.

Ao chegar a sua casa, encontrei alguns veículos de segurança parados do lado de fora. O presidente estava sentado em uma cadeira confortável do lado de fora, no jardim, debaixo de uma

árvore. Estava usando óculos de sol, com os pés descansando em um apoio. Obviamente, os óculos protegiam seus olhos convalescentes. Apertamos as mãos e nos cumprimentamos cordialmente. Ele pediu que eu me sentasse perto dele e me passou o jornal *Beeld* (o diário africâner em nossa região). Então me instruiu para começar a ler para ele. Tomada pelo pânico, acho que pensei por um momento que não sabia mais ler.

Eu me esforcei até que ele me interrompeu e me pediu para relaxar. Havia humor em sua voz, e ele me disse para começar do alto e ler em um ritmo mais lento. Foi mais fácil. Eu então cheguei ao sobrenome Mamoepa na notícia. Ronnie Mamoepa era o porta-voz do CNA na época. Lendo o sobrenome, eu o pronunciei exatamente como se escreve. O presidente me interrompeu. Corrigiu minha pronúncia para Mamo-epa. Eu agradei e continuei lendo. Chegando à outra menção do sobrenome de Ronnie, tentei passar por ele o mais rápido possível, mas o presidente me interrompeu outra vez e pacientemente me corrigiu, pedindo-me para repetir depois dele. Na terceira vez, compreendi que eu tinha de prestar atenção, pois ele não ficaria satisfeito com uma tentativa, então, quando passei pelo nome pela quarta vez, ele me parabenizou pela boa pronúncia. Senti como se tivesse ganhado uma medalha de ouro nas Olimpíadas, e quase fiquei embaraçada pelo estardalhaço que ele fez. Relaxei um pouco, mas ainda estava tensa. Passei a ler muito rápido, e várias vezes ele me disse para ir mais devagar. Foi tensão pura. Ele então me pediu para explicar um termo que não entendeu e eu li a frase outra vez, explicando o contexto. Depois de ler outras notícias, fui dispensada para voltar a Pretória. Lembro-me de ter transpirado como um maratonista, e fiquei feliz por voltar para casa e me recuperar de mais um choque de interação.

Voltamos ao trabalho normal, e quando o presidente retornou ao gabinete, dias depois, foi mais fácil olhar para ele. Eu não tinha nenhum assunto a tratar com ele diretamente, mas às vezes ia até o corredor para vê-lo passar pela minha sala. Eu já não me escondia mais, nem me intimidava, e aceitei o fato de que, se ele quisesse se

livrar de mim por ser uma africâner branca, eu lidaria com o problema quando acontecesse. De momento, pelo menos não parecia que eu seria vítima desse tipo de ação, e, embora ainda um pouco cética quanto a seus sentimentos em relação aos brancos, eu me reconfortava com o fato de que ele apenas se mostrara cordial até aquele momento.

Eu tentava compreender o mundo político ao meu redor. Não era fácil, então, literalmente, tive de fazer um curso intensivo sobre a história sul-africana. Um dos guarda-costas se ofereceu para me levar em um tour, juntamente com meus dois melhores amigos, Pieter Moolman e Andries Ellis, pelo Soweto. O Soweto, em tempos passados, fora um distrito negro nos arredores de Joanesburgo. Estávamos nervosos e com medo, mas também curiosos para ver como era.

O guarda-costas nos levou à primeira casa do Presidente Mandela, na Vilakazi Street, e nos mostrou a residência do Arcebispo Tutu, na mesma rua. Ele nos levou também ao museu Hector Pieterse e contou a história da insurreição dos estudantes em 1976. Hector era uma criança de treze anos, mas participara do levante, no qual milhares de estudantes marcharam contra a obrigatoriedade do africâner como a língua oficial do ensino das pessoas negras. A marcha pretendia ser pacífica, mas se tornou violenta quando a polícia chegou e atirou nos estudantes para dispersar a multidão. Hector foi atingido, e a imagem marcante de outro estudante que o carregava, fugindo da cena enquanto Hector morria em seus braços, chocou o mundo. Hector se tornou um herói.

O oficial que nos levou no passeio nos mostrou alguns lugares que foram usados como esconderijo, no Soweto, pelo CNA e sua ala militar quando operavam clandestinamente. Ficamos entusiasmados por aprender, mas, ao mesmo tempo, nervosos por estarmos lá. As pessoas brancas não entravam facilmente no Soweto na época, mas eu estava à vontade, pois nosso guia estava armado e sabia que teria problemas se alguma coisa nos acontecesse enquanto

estivéssemos aos cuidados do guarda-costas do presidente. Nosso carro circulou por algum tempo, e descobrimos que o Soweto não era o distrito de moradias ilegais que havíamos imaginado. As pessoas estavam construindo casas adequadas, algumas delas muito confortáveis, e visivelmente não havia nada a temer. Mais tarde eu soube que o homem que nos levou no passeio estava intimamente ligado à Inteligência Nacional, e depois disso fiquei pensando que talvez ele tivesse aproveitado a oportunidade para saber mais de nossas vidas e avaliar nosso potencial de ameaça.

No final de 1994, o presidente entrou em férias e viajou para a Arábia Saudita. Eu não conseguia imaginar por que alguém desejaria ir para a Arábia Saudita de férias. Fiquei sabendo que o Sr. Mandela visitou um hospital enquanto esteve lá, encontrando-se com alguns enfermeiros sul-africanos, e que ele tinha amigos ali, mas eu ainda não conseguia compreender como alguém podia passar as férias em um deserto como a Arábia Saudita.

No dia em que o presidente retornou, Mary me pediu para acompanhá-la ao aeroporto para recepcioná-lo. Fiquei muito animada e agarrei a oportunidade. Àquela altura, minha atitude em relação a ele já havia mudado. Suas interações comigo eram sempre agradáveis, e ele era muito amistoso e afetuoso quando falava comigo. Portanto, eu ansiava por qualquer oportunidade de vê-lo. Mary me disse para levar minha agenda de telefones, para o caso de ele desejar telefonar do aeroporto, o que efetivamente aconteceu. Eu me habituara a anotar qualquer número de que Mary ou o presidente pudessem precisar. Ela não havia pedido para fazê-lo, mas eu supunha que, para ser eficiente, eu precisava ter sempre informações à mão. Assim, comecei a reunir os números importantes.

Chegando ao aeroporto, o Sr. Mandela pareceu feliz por me ver e disse que havia pensado em mim. Outra vez, eu disse a mim mesma: Ah, claro! Com certeza um presidente tinha mais coisas importantes para pensar do que na datilógrafa de seu gabinete. Mais

tarde, entendi que provavelmente ele já havia começado a trabalhar em sua estratégia de me usar como um exemplo perfeito da inclusão dos africanos em seu gabinete, avaliando como as minorias reagiriam com essa atitude dele. No entanto, isso não passou por minha cabeça naquele momento, e, embora eu me sentisse lisonjeada pelo que ele disse, realmente não acreditei.

Uma multidão de repórteres esperava a chegada do Presidente Mandela na base da força aérea Waterkloof. Pouco depois que ele me cumprimentou, alguém tirou uma foto dele e Mary caminhando juntos em direção à área de desembarque VIP. A foto apareceu no jornal *Sunday Times* no dia seguinte, e meu pai telefonou para o jornal pedindo uma cópia da foto. Para minha surpresa, eles também haviam tirado uma foto enquanto eu cumprimentava o presidente. Quando a recebi, ela passou a ser meu bem mais precioso e àquela altura eu percebia certo orgulho em meu pai, apesar do fato de ele não ter conhecido o Presidente Mandela — ele apenas criara uma opinião baseada nas histórias que eu contava em casa sobre nossas poucas interações. Nelson Mandela estava mudando a visão de mundo dos sul-africanos, um por um. Incluindo meu pai.

4 Trabalhando para um presidente

Às vezes recebíamos as mais estranhas ligações e solicitações no gabinete do presidente. Em certa ocasião, um homem ligou dizendo que o seu papagaio sabia imitar o presidente. Ele perguntou se podia levar a ave até o gabinete para que o Sr. Mandela o ouvisse. Eu fui a sortuda que atendeu a ligação e obviamente respondi: "Não, senhor, acho que não pode". Um dia recebi um africâner que disse ao telefone: "Bom dia, senhora, por favor me informe quantos litros". Respondi: "Como?". Ele repetiu: "Quantos litros, preciso saber quantos litros, por favor". Respondi: "Senhor, acredito que seja um engano; não tenho a menor ideia sobre o que está falando". Ele explicou então que tinha uma fazenda leiteira e estava ligando para o número errado: queria saber quantos litros de leite nossa fazenda produzia por dia. Respondi: "Senhor, eu não saberia dizer quantos seriam".

Collen Chauke era um assassino em série sul-africano. Fugindo da polícia, ele telefonou para nossa central e queria falar com o presidente, e apenas com ele, para se entregar. Ele queria que o Sr. Mandela o ajudasse, provavelmente porque temia receber um tiro quando se entregasse. Naquele dia, quem operava a central era Olga, que agiu rapidamente para alertar a polícia por outra linha. Chauke foi preso algumas horas depois, e não chegou a falar com o presidente. Lidávamos com assuntos sérios, mas tínhamos de manter a sanidade por conta das coisas ridículas que aconteciam por ali.

As coisas aconteciam em um ritmo incrivelmente rápido, especialmente quando o presidente estava por perto. Na presença dele tudo era calmo, mas nos bastidores tudo acontecia e se organizava com rapidez. Tínhamos pouco tempo para algo que não

fosse trabalho. De alguma maneira, Elize, baseada na Cidade do Cabo, conseguia lidar com tudo isso melhor do que nós. Sua rotina era muito mais tranquila, mas em Pretória corríamos contra o tempo para cumprir as tarefas diárias. Como já mencionei, Elize trabalhara com a ex-primeira-dama, Marike de Klerk, e fazia parte da equipe do antigo regime. O restante de nós realmente não tinha muitos conhecimentos sobre a rotina de um presidente, então muita coisa era feita na base da tentativa e erro.

A Presidência estava envolvida na implementação da Constituição provisória e em estabelecer estruturas que aprimorassem o funcionamento da Constituição então em vigor, que havia sido promulgada em 1996. O próprio presidente estava concentrado na conciliação e em curar feridas tanto das pessoas brancas quanto das negras, que resultaram do apartheid.

Além de datilografar a agenda do presidente e distribuí-la para a segurança, suas residências, força aérea e outras repartições, Mary me pedia para cuidar de outras coisas mais prosaicas. De vez em quando ela solicitava que eu levasse chá para ele ou seus convidados, ou até mesmo que eu levasse o carro dela para abastecer ou buscasse sua roupa na lavanderia. Eu não me importava. Eu deixava documentos na casa do presidente em Pretória, recebia visitantes e aprendia a lidar com todo tipo de questões que chegavam à equipe pessoal. Começamos a operar de modo mais estruturado quando o trabalho foi dividido entre as três secretárias particulares, e Alan e eu tínhamos de lidar mais com assuntos administrativos. Apesar de operarmos dentro da estrutura maior do Departamento do Gabinete Presidencial, a equipe pessoal lidava mais com os assuntos particulares e as audiências e movimentações diárias do Sr. Mandela, assim como pedidos dirigidos diretamente a ele ou que exigissem sua atenção pessoal, enquanto o Departamento lidava com política, o gabinete e assuntos políticos.

Agora conhecia um pouco melhor o Professor Jakes Gerwel, chefe de gabinete do presidente. O Professor Gerwel — ou “Prof.,” como o

chamávamos — era um acadêmico, ativista antiapartheid desde muito jovem, um mulato originário do Cabo Oriental. Foi selecionado pela Universidade do Cabo Ocidental para ser chefe de gabinete presidencial e secretário de gabinete presidencial no primeiro governo democraticamente eleito. Foi meu primeiro contato com um intelectual de verdade e, quando fui apresentada a ele, fiquei um pouco surpresa pelo fato de um mulato ter tantas qualificações acadêmicas. A maioria de seus títulos foi obtida *cum laude*, todos eles em literatura e linguagem. Em minha visão ignorante, apenas pessoas brancas poderiam estudar tanto. Fui informada de todas as suas qualificações antes de conhecê-lo. Ele era muito simpático e evidentemente respeitava as pessoas sem preconceitos — eu esperava ser desdenhada por alguém com tantas qualificações. Mesmo que não parecesse correto, me informaram que ele também era africâner. Mais uma vez meus preconceitos tornaram difícil acreditar que alguém que não fosse branco pudesse ser africâner. O sorriso do Prof. e seus cabelos eram sua marca registrada. Seus cabelos eram desordenados, em estilo afro. Ele me lembrava Albert Einstein. Sempre que o Sr. Mandela estava no gabinete, o Prof. Gerwel passava pelas nossas salas a caminho de vê-lo e se detinha para perguntar como estávamos. O presidente dependia muito de seus conselhos sobre todos os detalhes de sua gestão. O relacionamento entre eles era estreito, e o presidente admirava muito a abordagem calma e calculada do Prof., não apenas nos assuntos de importância nacional, mas também nas questões particulares.

Era fevereiro de 1995, e todos nos preparávamos para mudar para a Cidade do Cabo para a primeira sessão do ano do Parlamento.

Todos os parlamentares viviam na Cidade do Cabo em um residencial especialmente construído para eles, chamado Acacia Park. De acordo com o posto e os anos de mandato, cada um era alojado em um apartamento ou em uma pequena casa, dependendo também do tamanho da família. Para nós, moças solteiras, os

apartamentos eram de solteiro, com uma pequena cozinha e um banheiro. Eu adorava a independência, e logo fiz amizade com algumas de minhas colegas. Maretha Slabbert era uma delas. Na época ela trabalhava na Secretaria de Gabinete da Presidência. Dezesete anos depois, Maretha e eu ainda trabalhávamos juntas. Sem dúvida, foi a pessoa que mais me apoiou até hoje, tanto profissional como pessoalmente.

Quando chegava julho, o Parlamento entrava em recesso e todos nós fazíamos as malas e voltávamos para ficar em Pretória o resto do ano. Não era algo pelo que ansiássemos, e eu desejava não precisar voltar para algo que me privasse de minha independência, como viver na casa de meus pais e ter de dar satisfações a eles. No entanto, eu ficava ansiosa para rever meus amigos e compartilhar minhas experiências com eles, e também, é claro, por certos confortos domésticos, como ter a roupa lavada e passada automaticamente no dia a dia, e não precisar me preocupar com essas coisas. Muitas vezes, em festas, meus amigos me provocavam, dizendo que agora eu trabalhava “para o inimigo”. Eu levava na brincadeira, mas, à medida que ficava mais velha e mais madura, finalmente comecei a debater história e política mais seriamente. Eu me sentia mais informada e capaz de conversar de modo inteligente sobre algo de que eu passava lentamente a conhecer melhor. Esses debates frequentemente terminavam em discussões acaloradas, porque minha perspectiva sobre os acontecimentos na África do Sul mudava lentamente conforme eu interagia com o presidente e aprendia com meus colegas.

Mary também passava mais tempo comigo e me contava sobre a vida particular do presidente, seu casamento fracassado com Winnie Madikizela e as filhas deles, Zindzi e Zenani. Tirando os eventos oficiais, quando o presidente necessitava de companhia e pedia a Zindzi ou Zenani que fossem com ele, eu raramente as via, e, observando sua agenda, sabia que o Sr. Mandela não tinha muito tempo para a vida particular. Também me contaram que ele tinha

dois filhos do primeiro casamento, mas nunca os vimos nem falamos com eles.

Eu percebia, no entanto, que, sempre que o presidente recebia africanos, ele me chamava para entregar documentos ou pedia que eu servisse chá em sua sala. Eu não me importava, já que era mais uma oportunidade de vê-lo. Ele derrubava minhas defesas dia a dia, quebrando meus preconceitos e as camadas de apartheid que haviam crescido sobre mim, do mesmo modo como cinzelava o calcário enquanto esteve preso na ilha Robben. Ele perguntava, realmente interessado, como eu estava, sobre meus pais, sobre meu bem-estar. Toda vez que me via, perguntava algo diferente. Qualquer pessoa que se interessa por nós se torna automaticamente simpática, não importa que ideias preconcebidas você tenha sobre ela. Como a atenção era sincera, eu a apreciava. Jamais havia imaginado que eu seria importante a ponto de o presidente perguntar sobre meu bem-estar.

Em uma dessas ocasiões, um documentário estava sendo filmado sobre a vida cotidiana do Sr. Mandela. Naquele dia, fui instruída a servir chá em sua sala durante uma reunião na qual Jay Naidoo, ministro sem pasta da Presidência, estava presente, o homem para quem eu teria trabalhado se o destino não houvesse levado Mary para minha entrevista. Eu não estava preparada nem me sentia vestida adequadamente para servir chá na sala do Sr. Mandela naquele dia. No entanto, servi o chá e o presidente me apresentou em africâner ao Ministro Naidoo. O ministro sorriu de maneira não convincente. Achei difícil ter certeza se todos os antigos ativistas antiapartheid haviam se unido à decisão do Sr. Mandela de perdoar.

Quando o documentário foi exibido, alguns amigos de meus pais cortaram relações com eles porque eu servira chá para um negro. A comunidade de africanos não estava se adaptando bem às mudanças na África do Sul. Sua interação e o relacionamento com as pessoas negras continuavam no mesmo nível da época do apartheid — relação entre senhor e servo. A vida continuava sem

mudanças para a maioria dos brancos, na mesma bolha de conforto materialista de antes, e nem todos os brancos esforçavam-se, de fato, para transformar o País em uma sociedade sem preconceito. Lamentavelmente, muitos continuam até hoje dentro dessa bolha.

Meus pais se viram em uma situação constrangedora. Eles não tinham nenhuma razão para suspeitar que eu não estivesse feliz com meu trabalho. Sabiam que eu trabalhava duro, mas gostava do que fazia; porém, estava claro que a comunidade não apoiaria minha diligência. (Anos mais tarde as mesmas pessoas vinham me pedir livros autografados pelo já aposentado Presidente Mandela, e eu tive o maior prazer em arranjar isso. Se a visão deles havia mudado em relação ao presidente, eu não sei.)

Naquele outono, recebi um telefonema de Rochelle, a sobrinha do presidente que cuidava dele em sua casa de Joanesburgo. Ela me disse que eu deveria acompanhá-lo a um evento do United World Colleges, no Carlton Hotel, naquela noite. Depois que o presidente se separou de Winnie Madikizela Mandela, em 1992, sua primeira residência permanente foi em um subúrbio chamado Houghton, e Rochelle mudou-se para junto dele, organizando a casa e os empregados, mas também lhe proporcionando assistência pessoal. Quando recebi a ligação, eu estava em Pretória, e entrei em pânico. Perguntei à minha mãe o que vestir, e escolhemos uma saia preta simples e um casaco. Eu deveria estar na casa do presidente à hora marcada, e Rochelle disse que ele desejava que eu fosse de carro com ele. Isso me fez ficar ainda mais nervosa. O que se esperava que eu dissesse ou fizesse no carro ao lado de um presidente? Ninguém prepara você para esse tipo de coisas.

Cheguei a sua casa e perguntei a Rochelle o que se esperava de mim. Ela disse que eu simplesmente deveria ir e que, quando chegasse a hora de ele falar, eu deveria colocar o discurso a sua frente, assim como seus óculos de leitura, checar se havia água para ele tomar, e a segurança cuidaria do restante. Fiquei ansiosa quando Rochelle me disse que o presidente havia telefonado a Mary para

falar da minha presença. Isso me deixou um pouco desconfortável, já que não foi ela quem me instruíra. E isso foi tudo que Rochelle me informou.

O presidente me cumprimentou amistosamente, convidando-me para entrar no carro. A segurança abriu a porta blindada e eu mal podia me mexer. Eu não queria invadir o espaço do presidente, de modo que me mantive no canto do carro, o mais perto possível da porta. Tensa. A caminho do Hotel Carlton, no centro de Joanesburgo, o Sr. Mandela disse que eu seria apresentada à Rainha Noor, esposa do Rei da Jordânia. Perguntei como eu deveria me dirigir a ela, e ele explicou, sorrindo: "Não... Veja, você a chama de Vossa Majestade". O Presidente sempre começava suas frases com um "não", fosse a resposta sim ou não, geralmente seguido de "veja só". Eu prestava tanta atenção nele que não podia deixar de notar isso. Ele tinha um modo respeitoso de se dirigir às pessoas, não importava quem fosse; sua escolha de palavras transmitia esse respeito. Começar cada frase com um "não" não carregava nenhuma conotação negativa. Era simplesmente um hábito e uma maneira gentil de começar qualquer frase.

Quando chegamos ao evento, as pessoas rapidamente começaram a se aglomerar ao redor do presidente, e a segurança teve dificuldade para mantê-las a distância e ao mesmo tempo permitir que ele caminhasse até a porta. Foi recebido à porta pela rainha da Jordânia. O presidente me apresentou, dizendo: "Majestade, esta é minha secretária, Zelda la Grange": a) eu não era sua secretária, e b) eu realmente não achava que ela se importasse. Mas, para minha surpresa, ela se interessou por mim e perguntou há quanto tempo eu trabalhava para o presidente. Minha resposta: quase um ano. O fato de eu realmente não ter uma longa história com ele não a desencorajou a se interessar por mim. Era uma das mulheres mais bonitas que eu conheci, e tinha a estatura de uma rainha. Ela se movimentava com graça, e eu precisava me beliscar para não ficar encarando. Eu havia conhecido uma rainha!

Eu nem imaginava a grande surpresa que me esperava lá dentro. A segurança nos levou até a mesa principal. Eu jamais havia visto tamanha multidão, e tentava ficar o mais perto possível do presidente, da melhor maneira possível. Eu estava atordoada enquanto as pessoas nos empurravam, impedindo que nos movimentássemos livremente. Todos queriam tocar no Sr. Mandela ou vê-lo de perto. Logo que ele e a rainha se posicionaram atrás de suas cadeiras no salão, as pessoas se acalmaram e se prepararam para tomar seus lugares. Eu me virei e perguntei ao segurança: "Para onde eu vou?". Esperava que ele me guiasse. Então me mostraram minha cadeira, logo à direita da rainha. Enrubesci e senti o sangue pulsar em cada músculo de meu corpo. Não havia como, nenhuma maneira, zero, absolutamente nenhuma chance de eu me sentar ao lado de uma rainha. O que eu deveria dizer? O que fazer? Eu nem me lembrava do curso básico de etiqueta e sobre quais talheres usar. De algum lugar no fundo de minha cabeça, ouvi minha mãe dizer: "comece pelos que estão mais afastados do prato". Certo, isso liquidava o assunto. Ainda assim, aquilo não podia estar acontecendo. Eu disse ao segurança que devia haver algum erro. Enquanto isso, o presidente e a rainha tomaram seus lugares e eu fiquei confusa, nervosamente tentando me afastar. Naquele instante, eu era a única pessoa de pé na sala.

O presidente olhou para mim e exclamou: "Zelda, tome seu lugar". Olhei em seus olhos, cheia de pânico, como se dissesse "salve-me, me mande embora". Em vez disso, ele acenou com a cabeça, sinalizando que eu me sentasse. Então eu me sentei. A rainha e o presidente trocavam gentilezas, e eu não tinha a menor ideia de quem estava sentado do meu outro lado. A pessoa podia estar nua ou morta que eu não teria notado. Segui o padrão da toalha de mesa com o dedo. Esperava parecer relaxada, mas por dentro morria de tensão e nervosismo. Sabia que não podia colocar os cotovelos na mesa, mas não podia mais disfarçar o nervosismo e pensei que colocar os cotovelos sobre a mesa me daria mais segurança. Certamente sentar-me ao lado da rainha estava completamente fora de protocolo. Até eu sabia disso.

A rainha se virou para mim e começou uma conversa. Eu sorri e olhei para além dela até o presidente novamente, um olhar que dizia “senhor, preciso que me ajude”. Fiquei um pouco aborrecida por ele não me socorrer. Ele se limitou a sorrir, evidentemente sem notar minha ansiedade. A rainha começou a me perguntar sobre a situação política do País, onde eu havia crescido etc. Não consigo me lembrar do que respondi, mas sabia que deveria parecer como uma eterna otimista, porque presumi que, se eu estava acompanhando o presidente, era esperado que eu tivesse uma visão positiva sobre o futuro da África do Sul. Eu realmente não sabia sobre o que estava falando e ainda não tinha certeza sobre o que pensar: se realmente eu via um futuro para a África do Sul e para onde nós caminhávamos. Minha opinião sobre a nova África do Sul na verdade ainda não evoluíra para além do fato de que agora eu gostava do presidente.

Então, fui salva pelo gongo. A cerimônia começou, e, depois do discurso da rainha, o presidente foi chamado a falar. Ele discursaria de seu lugar, então lhe entregaram um microfone. Eu lhe dei o discurso e os óculos, mas ele os colocou na mesa e começou a ler. Pensei: para que ele precisa dos óculos se não os usa? Depois de terminar sua fala, ele me entregou os papéis de volta e disse, alto: “Obrigado, querida”. Suas palavras tinham consideração e gratidão. Eu não estava acostumada a ouvir alguém me chamando de “querida”. Mais tarde compreendi que era um termo afetivo que ele usava com muitas mulheres de vez em quando. Se uma mulher ou um estranho me chama de “querida”, tendo a achar que a conotação é depreciativa. Mas certamente você não se importaria se Nelson Mandela a chamasse de “querida”. O sangue subiu ao meu rosto, e eu fiquei acanhada com o choque — quase a mesma sensação que se tem se sua mãe beija você em público quando você é adolescente. Pensei que, no entanto, havia cumprido meu dever, e estava pronta para relaxar e começar a comer.

Ficamos ali por uns cinco minutos esperando pelo almoço, e então o presidente disse: “Zelda, acho que está na hora de nos retirarmos”. O mestre de cerimônias anunciou sua partida e lá fomos nós. Com o passar dos anos, percebi que ele não gostava de comer em lugar nenhum. Simplesmente adorava a comida preparada por uma de suas antigas cozinheiras de origem xhosa, que o serviam havia muito tempo, Xoliswa ou Glória, por isso raramente se alimentava em eventos públicos.

A caminho do carro, alguém se aproximou com um exemplar da autobiografia do presidente, *Long Way to Freedom*. Os seguranças o afastaram, mas o homem insistiu, alcançando o próprio presidente, que na verdade não sabia dizer não. Depois de assinar o livro, entregou-o de volta para um segurança e se dirigiu ao carro. Quando olhei outra vez, o segurança havia arrancado a página com o autógrafo do presidente, dizendo ao homem que ele não devia ter desobedecido às instruções. Fiquei chocada. Eu não imaginava que me tornaria uma das pessoas que tentariam manter a ordem, custasse o que custasse. Por sorte, nunca cheguei a arrancar páginas de livros.

A caminho de casa, comentei com o presidente que achava inadequado eu ter me sentado ao lado da rainha. Ele sorriu e disse: “Não se preocupe, estava tudo bem”. Isso me deixou ainda mais nervosa. O presidente não ficou nada embaraçado com o fato. Ao chegar em casa, me convidou para tomar um café, mas eu estava ansiosa para voltar a Pretória. Era muita coisa de uma vez só. Ele insistiu que um segurança me levasse de carro “até minha casa”, disse ele, mas lá fora eu os convenci de que não era necessário. Eles estavam cansados, e eu decididamente não estava disposta a ser levada para casa por alguém. Quando, mais tarde, eu passei a acompanhá-lo com regularidade, ele insistia para que a segurança me levasse e eu acabava concordando — e quebrava o acordo assim que saíamos da casa.

No inverno de 1995, o presidente foi convidado a ir até Swellendam, uma pequena cidade africâner do Cabo Oriental, quase uma aldeia, no curso da Garden Route na África do Sul, para receber a medalha Freedom of the Town. Para uma cidade ainda dominada por africâneres brancos, oferecer tal distinção ao presidente era uma tentativa de unidade, e o presidente aceitou prontamente. Mais uma vez, alguns dias antes do evento, anunciou que queria que eu o acompanhasse. Pediu que eu fosse a Genadendal, sua residência oficial na Cidade do Cabo, no dia anterior. Genadendal é o nome de uma pequena comunidade de africâneres mulatos na zona rural do Cabo Ocidental. Ele adotou o nome para sua residência oficial naquela cidade para homenagear a comunidade. Significa algo como “vale da gratidão”.

Ele anunciou que desejava praticar seu africâner e que eu precisava ajudá-lo com a pronúncia, já que todo o discurso seria nesse idioma. Ele logo começou a ler, sem mais cerimônias. No começo eu não tinha coragem de corrigir, mas ele me olhava de vez em quando, buscando aprovação. Eu assentia como uma professora e odiava a mim mesma por ficar parecendo uma sabichona. Apesar de ter sido chamada para ajudá-lo, a situação era tão típica da era do apartheid, com uma branca supervisionando o que um negro fazia, e o negro buscando a aprovação da branca. Eu também não conseguia realmente compreender o que ele lia e precisava ajustar meu nível de concentração. Então ele quis reler o discurso. Eu concordei — quem não faria isso? —, mas dessa vez reuni coragem para acrescentar algumas correções. Ele se tornava cada vez mais nervoso na leitura e me observava por cima de seus óculos, buscando menos aprovação e mais afirmação.

Foi minha primeira viagem de helicóptero. Eu estava nervosa, mas observei o rosto do Sr. Mandela e vi que ele estava à vontade no enorme helicóptero militar Oryx. Relaxei. A aeronave voava sob o comando de pilotos militares brancos, e eu me perguntei se o presidente confiava neles. Por volta de 1995 eram poucos os pilotos negros treinados e qualificados para serem absorvidos nas forças

armadas transformadas. Durante a viagem, pensei no discurso e me perguntei se ele se lembraria das palavras que treinamos no dia anterior. Fiquei nervosa pelo Sr. Mandela, que parecia relaxado, como se estivesse a caminho de algum tipo de reunião social.

Chegando a Swellendam, ele foi recebido de braços abertos e insistiu em caminhar em meio às pessoas comuns. Quando uma garotinha foi saudá-lo no palco, sua linguagem corporal e facial sorriu completamente. Ele falou com ela em africâner e ela respondeu, apesar de tímida. Ele gostou da interação, e eu pude perceber que teve uma conexão especial com a garota. Depois, discursou e se lembrou das palavras que eu havia ensinado. Foi perfeito. Ao discursar em africâner, ele atingiu o coração da comunidade, e as pessoas o adoraram por isso.

De volta ao gabinete em Pretória, servi chá em sua sala. Dessa vez ele estava sozinho, e me pediu para me sentar diante da escrivaninha. Fiz isso com nervosismo, sem saber o que esperar. Pensei que ele estivesse com algum problema e tentei me lembrar de algumas das histórias que eu havia lhe contado nas últimas duas semanas, tentando descobrir o motivo do chamado. Então ele disse: "Não... Veja, quero que vá comigo ao Japão". Meus primeiros pensamentos foram: não seria inadequado que nós viajássemos juntos para o exterior? Depois pensei: seria semelhante à minha experiência do primeiro encontro com ele, quando eu simplesmente não entendi o que ele dizia. Acho que respondi com um "desculpe, senhor?", e ele repetiu a pergunta enquanto eu ganhava tempo para processar o que ele dizia. "Quero que vá comigo ao Japão", ele repetiu. A única resposta que me ocorreu foi: "Muito obrigada, senhor presidente, mas acho que não tenho dinheiro para ir ao Japão". Ele caiu na risada, sem saber o que fazer diante de tamanha estupidez.

Ele viu a surpresa em meu rosto diante de sua gargalhada e rapidamente se recompôs para repetir a pergunta, desta vez com um pequeno e essencial detalhe: "Quero que você viaje para o

Japão, como parte de minha delegação, em nossa visita de Estado". Eu tinha uma vaga ideia de que se tratava de trabalho, mas ele continuou a dizer que eu deveria ir até o diretor-geral chefe do gabinete da Presidência, o Prof. Gerwel, que me explicaria tudo. Eu agradei e saí da sala. Não disse uma palavra a Mary e não consigo me lembrar se ela estava no escritório quando atravessei para ir até minha sala. Voltei para minha mesa a fim de digerir o que havia acontecido. Não sabia o que fazer com a informação nem sabia com quem deveria entrar em contato em seguida. O presidente havia feito parecer fácil falar com o Prof. Gerwel, mas ele era, afinal, o chefe de nosso escritório. Não se tratava de simplesmente abrir a porta e pedir respostas. Então decidi esquecer o assunto e não falar com ninguém sobre isso, esquecer o que havia acontecido. Estava certa de que havia sido um engano.

Alguns dias mais tarde, o Prof. Gerwel passou pela sala, a caminho do gabinete do presidente, e nos cumprimentou como sempre. Então se aproximou de mim, em minha mesa, e disse que havia falado com o presidente e que ele mencionara que eu deveria ser incluída na delegação. Fiquei nervosa. Ele mandou que eu fosse ao Departamento de Relações Exteriores para tirar um passaporte e me indicou com quem falar para tratar dos preparativos. Também me disse que outra jovem do Cabo Ocidental se uniria a nós: Melissa Brink. O presidente havia debatido com ela em uma reunião pública com a comunidade mulata, e ficara impressionado com seus questionamentos e a maneira como desafiou o CNA a lhe proporcionar a educação que seus pais acreditavam que ela teria se eles votassem para o CNA assumir o poder. Do seu ponto de vista, o progresso era lento, e ela teve a coragem de desafiar o presidente quando surgiu a oportunidade. O Sr. Mandela gostou de conhecer uma jovem tão séria acerca de sua educação para questioná-lo sobre o assunto.

Eu não tinha ideia da razão de ter sido convidada para a viagem, e ninguém sabia. Eu achava que se tratava de um bônus, já que eu não teria de pagar nada e além disso receberia um adicional por

viajar para o exterior. Quando soube da quantia que me pagariam, fiquei alarmada, pois me parecia algum tipo de compensação pelo perigo. Quase enlouqueci os funcionários do Ministério das Relações Exteriores com todas as minhas perguntas — sinal evidente de minha inexperiência. Eu também tinha uma sensação de culpa em relação a Mary. Não sabia a quem caberia informá-la de que eu acompanharia a delegação nessa viagem e qual seria meu papel. Afinal, eu trabalhava mais para ela do que para o presidente.

Chegou o dia do meu embarque com a equipe que iria antes do Presidente. Acho que jamais estive tão empolgada em toda a minha vida. Munida do meu passaporte diplomático, roupas novas e dicas de etiqueta ensinada por minha mãe, embarquei para minha primeira viagem ao exterior. Jamais havia deixado as fronteiras da África do Sul, então tudo parecia quase uma fantasia.

Quando chegamos a Tóquio, fomos recebidos por funcionários da Embaixada e levados para o Osaka Palace Hotel. Eu percebia que todos os funcionários estavam intrigados com minha presença. Mary chegou um dia depois, e as coisas estavam tensas entre nós. As pessoas tinham cuidado para não me ofender porque sabiam que minha presença era resultado de uma instrução direta do presidente. Eu tentava compreender quem fazia o quê em uma visita de Estado, mas não era fácil. Vivíamos rodeados por funcionários do cerimonial e da segurança, e logo me liguei a um funcionário do Ministério das Relações Exteriores chamado Johan Nieman. Nieman me guiava e explicava as coisas com muitos detalhes. Ele foi a primeira pessoa a dizer: “Então, por que você foi escalada para a viagem e qual o seu papel?”. Contei que era simplesmente uma datilógrafa e não tinha ideia de qual seria meu papel, mas ele me tranquilizou com o fato de que, se o presidente havia convidado pessoalmente Melissa e eu, não devíamos nos sentir intimidadas por nada nem por ninguém. Isso me fez sentir um pouco melhor.

Nas conversas com os colegas durante a viagem, comecei a perceber a razão de estarmos ali: para o governo sul-africano

fortalecer os laços econômicos com o Japão. Estávamos acompanhados por alguns ministros, e ficou evidente o que era esperado desses altos funcionários em uma visita de Estado. Lentamente, eu desenvolvia meu senso político.

O Presidente Mandela deveria se encontrar com o imperador japonês. Quando chegamos ao Palácio Imperial, fomos informados de que devíamos formar uma fila ordenada. Os funcionários mais graduados, os ministros, mais perto do presidente e depois em ordem de importância até o menos graduado. Claro que Melissa e eu estávamos bem no fim da fila.

Foi a primeira vez que percebi a razão pela qual Melissa e eu acompanhávamos a delegação na viagem. Melissa foi apresentada como uma jovem de cor, mestiça, e eu, como africâner. Olhei para meus colegas e percebi que nossa delegação era completamente "representativa"; fiquei feliz por fazer parte disso. O presidente queria que todas as raças estivessem representadas em sua equipe. Estava determinado a mostrar ao mundo que, uma vez que ele pregava a reconciliação ao público sul-africano, isso era algo que ele sentia tão fortemente que desejava também aplicar esse pensamento metódico em seu próprio gabinete, promovendo a unidade da África do Sul até mesmo em seu círculo mais próximo.

Quando o presidente me apresentou ao imperador, explicou: "Esta é Zelda la Grange, minha secretária e uma verdadeira africâner *boere-meisie*". Eu não tinha certeza se o imperador sabia o que era uma "africâner *boere-meisie*". Ele pareceu confuso, mas sorriu amavelmente enquanto apertava minha mão.

Logo descobri que podia falar em africâner com o presidente sempre que não sabia o que fazer, e ele calmamente me dizia qual era o protocolo. Ele era instruído pelos funcionários do cerimonial e, sempre que me via hesitar, falava comigo em africâner e me orientava. Quando o Sr. Mandela tinha períodos de repouso, nós não saíamos da casa de hóspedes. Outros delegados saíam para fazer

compras e passeios, mas eu estava assustada demais para sair. E se o presidente me chamasse e eu não estivesse lá? Seria inconcebível. No banquete oficial, eu me sentei a uma boa distância do presidente, mas podia vê-lo e observar todos os seus movimentos.

A vida ainda não havia mudado muito para os sul-africanos comuns desde a posse do Presidente Mandela, em 1994, apesar de haver uma sensação de otimismo no ar. A TV mostrava que ele sempre saudava as pessoas respeitosamente e sem preconceito. O público gostava daquilo. Nossa economia se estabilizou, e os investidores começaram a ter confiança na nova África do Sul. Entretanto, aproximava-se, em 1995, um momento divisor de águas para o mandato do presidente, a oportunidade de mostrar ao mundo que a África do Sul sobreviveria, que éramos saudáveis e estávamos bem.

A Copa do Mundo de Rúgbi aconteceria em nosso país. O rúgbi ainda era considerado um esporte de brancos, mesmo que mais tarde eu houvesse descoberto que os negros, especialmente no Cabo Oriental, o praticavam havia décadas, mas, devido ao apartheid, eram proibidos de participar publicamente das competições, ou mesmo de serem espectadores ativos. A maioria dos africâneres brancos acompanhava o rúgbi, mas os times e a presença em jogos públicos durante o apartheid eram restritos apenas aos brancos. Antes da Copa do Mundo, os treinadores incluíram na seleção nacional (os Springboks) um jovem mulato que falava africâner, chamado Chester Williams.

O presidente visitou os Springboks em seu campo de treinamento, no Cabo Ocidental, antes do início do torneio, e, no dia do jogo de abertura, em Newlands, estava lá para torcer por eles. Quando Chester (ou Chessie, como mais tarde carinhosamente eu passaria a chamá-lo) entrou em campo, o público enlouqueceu. Chester foi marcando pontos durante a partida e, com isso, os brancos começaram a apoiar sua escalação.

Eu não sabia que o presidente conhecia as regras do rúgbi, mas aparentemente ele conhecia — provavelmente sabia muito mais que eu sobre o jogo. Ele se sentou ao lado do diretor executivo do rúgbi sul-africano, Louis Luyt, e do primeiro-ministro da Austrália, quando os Springboks enfrentaram a equipe australiana, os Wallabies, no jogo de abertura. O presidente estava de bom humor e apostou com o primeiro-ministro que quem vencesse naquele dia venceria o torneio, e o perdedor mandaria uma caixa de vinho para o outro — os dois países possuíam vinhedos conceituados. A África do Sul venceu o jogo e nós fomos até o histórico dia da final, em Joanesburgo. (Depois de nossa vitória, o vinho chegou da Austrália e foi doado a uma instituição de caridade para angariar fundos.)

Ouvi Mary dando telefonemas alguns dias antes da final, pedindo uma camiseta dos Springboks, mas não sabia por quê nem para quem. Então, no dia anterior à partida, quando nos despedíamos no escritório, ela me contou que o presidente entraria em campo no dia da final usando uma camiseta dos Springboks. Achei bem original, mas não percebi nada de mais.

Mary me deu dois ingressos para a partida final, e eu convidei meu pai para me acompanhar. Chegamos ao estádio bem antes da hora. A multidão estava excitada e a vibração, explosiva. Pouco antes do chute inicial, foi feito o anúncio: “Senhoras e senhores, por favor, deem as boas-vindas ao presidente da República da África do Sul, Nelson Mandela”. Ele entrou no campo cercado pelos guardacostas e pelos dirigentes. A multidão aplaudiu, e, quando viram que ele estava usando a camiseta verde e dourada, as pessoas começaram a cantar em coro: “Nelson, Nelson, Nelson”. No começo achei uma falta de respeito chamá-lo pelo primeiro nome, mas, quando olhei ao redor, todos estavam se levantando, gritando, assoviando, excitados ao ver o presidente negro com a camiseta e o boné dos Springboks. As pessoas tinham uma espécie de orgulho, a despeito de suas opiniões políticas. Ele cumprimentou os dois times, e os hinos nacionais foram tocados.

Foi uma partida tensa. Meu pai e eu pulávamos e levantávamos, excitados como velhos companheiros. Então, na prorrogação, Joel Stransky marcou um “drop goal”, que vale três pontos, o que levou a África do Sul à vitória. A multidão explodiu. As pessoas abraçavam e beijavam estranhos, algumas choravam de alegria. Por algumas horas, nosso passado não importava: esquecemos a questão das raças, e as pessoas aproveitaram a oportunidade para se abraçar como sul-africanos. A África do Sul havia sido excluída das duas primeiras Copas do Mundo de Rúgbi, em 1987 e 1991, por causa do apartheid, e só foi permitida sua participação na arena esportiva internacional depois da primeira eleição democrática. Era nossa primeira participação, e nós ganhamos o campeonato.

Ter vestido a camiseta naquele dia permanece como uma das melhores ações estratégicas da presidência de Nelson Mandela para unir o país. O mundo percebeu a África do Sul como nação unida. Ele abraçou o que era considerado um “esporte de brancos” e, dando esse grande salto no terreno emocional, avançou para muito além das barreiras da raça, tocando o coração das pessoas. Ele tinha orgulho dos Springboks, mas também estava orgulhoso de todos os cidadãos do País, por eles e com eles. Mais tarde ele se referiria a isso dizendo que o esporte tinha o poder de unir as pessoas além das fronteiras.

Pouco tempo depois, o presidente convidou a seleção dos Springboks para um almoço, e nesse momento começou sua associação com o rúgbi. Ele gostava de François Pienaar, o capitão do time, mas também se orgulhava de todos os outros jogadores, que nos levaram a ser não apenas um time vitorioso, mas uma nação vitoriosa. Nos anos seguintes, o Sr. Mandela apoiaria muito o rúgbi. Foi até mesmo criticado por incentivar demasiadamente esse esporte e não prestar muita atenção aos demais. Era necessário manter um constante equilíbrio. Apesar de adorar os jogadores de rúgbi, ele teve de aprender a criar uma distância saudável.

Mais tarde, em 1998, o ex-presidente da União Sul-Africana de Rúgbi, Louis Luyt, levou o Presidente Mandela aos tribunais, contestando uma Comissão de Inquérito que o presidente estabelecera para examinar os negócios do rúgbi sul-africano. Luyt questionou o direito constitucional do presidente de nomear uma comissão desse gênero para investigar o rúgbi por alegações de racismo e nepotismo, já que a União Sul-Africana de Rúgbi era uma entidade independente e privada. Luyt foi descrito pelo *Sunday Times* de 16 de agosto de 1998 como "a coisa mais próxima que o rúgbi tem de um senhor feudal, alguém que os torcedores amam odiar". O hoje falecido Steve Tshwete era ministro de Esporte e Recreação nessa época e estava preocupado com a insistência do presidente de se defender no tribunal. Seus advogados e conselheiros se ofereceram para representá-lo, mas ele recusou.

O Juiz William de Villiers era o responsável pelo caso, e no dia 19 de março de 1998, quando o presidente entrou no tribunal, dirigiu-se aos advogados dos requerentes e apertou a mão de todos, inclusive de Luyt. Depois cumprimentou sua própria equipe e se sentou. Naquele primeiro dia, fiquei zangada com ele e pensei que, se aquelas pessoas tiveram a audácia de questioná-lo, por que ele deveria lhes dar qualquer atenção, e mesmo ser amistoso? Quando toquei nesse assunto com o presidente, na hora do chá, ele me deu uma lição que jamais esquecerei: "Lembre-se: a maneira como você se aproxima de uma pessoa irá determinar como essa pessoa reagirá a você". Se você começar por desarmar seu inimigo, estará a meio caminho de vencer a batalha. A acusação realmente teve uma surpresa diante desse gesto, mas rapidamente se recuperou quando lançou seu ataque. Outra coisa que ele disse foi que jamais se deveria permitir que o inimigo determinasse o campo de batalha. Se eles desejavam o tribunal, era preciso mostrar-lhes que não se tratava de uma batalha pessoal. Ao ser amistoso, o Sr. Mandela deu à batalha uma vantagem psicológica. Eu acreditei no que ele disse, mas para mim o assunto era muito pessoal e indigno.

Finalmente ele foi chamado para depor. Insistiu em ficar de pé enquanto era interrogado, apesar de o juiz convidá-lo a se sentar. O advogado lhe fazia perguntas de diferentes formas. E o presidente respondia dizendo: "Meu senhor, acredito que o Sr. Maritz já tenha feito essa pergunta e eu respondi". O juiz pedia ao advogado que continuasse, e mais uma vez o presidente respondia dizendo que já havia dado resposta à pergunta e que sentiria que sua inteligência estava sendo subestimada se o promotor fizesse três vezes seguidas a mesma pergunta de modo diferente. O tribunal ficou tenso, porque o presidente começou a se mostrar zangado. O advogado gabaritado que existia dentro do Sr. Mandela floresceu. Ele brilhava no tribunal, embora eu sentisse que a acusação não estava sendo razoável.

No almoço, fizemos sua refeição ser trazida de Mahlamba Ndlopfu, a residência oficial. Ele se sentou calmamente em uma sala para comer. Pensava na estratégia para a próxima sessão. À tarde, estava de volta ao banco de testemunhas. Tive de me beliscar várias vezes para manter a calma, de tão enjoada que estava com os advogados de Luyt. Em mais de uma ocasião eu quis dar meu depoimento. Prendi a respiração várias vezes, quando tentavam ridicularizar o presidente. Como os tempos mudaram! Luyt era um africâner puro. E agora eu estava do lado do presidente. Não porque trabalhasse com ele, mas porque acreditava no que ele defendia e em seu direito, como presidente, de pedir que aquele inquérito fosse estabelecido. Depois do encerramento da sessão, não escondi do presidente meus sentimentos, e disse isso a ele. Ele estava calmo e tranquilo como sempre, cansado, mas não emocionalmente afetado pelo julgamento, como eu estava.

O governo, e portanto o Presidente Mandela, perdeu a causa. O resultado foi revertido muito mais tarde pela Corte de Apelação, mas nessa época a Comissão de Inquérito havia perdido sua relevância e jamais voltou a se reunir.

Enquanto ainda nos recuperávamos das feridas de nossa derrota no tribunal, estávamos preparando a recepção do Presidente

Jacques Chirac, da França. Um enorme banquete era planejado em Joanesburgo. O presidente me chamou e pediu que eu assegurasse, por meio do cerimonial, que Luyt e sua equipe de advogados fossem convidados para o banquete. Concordei, mas, quando desliguei o telefone, pensei: só passando por cima do meu cadáver. Eu iria deliberadamente "me esquecer" do assunto. Por que deveríamos convidar pessoas que menosprezavam o presidente? Ele não tinha nenhuma amargura em relação aos brancos, apesar do apartheid, no entanto eles queriam desesperadamente provar publicamente que ele estava errado. Como eu poderia ser um instrumento para convidá-los a desfrutar de um jantar em que, evidentemente, todas as pessoas da África do Sul gostariam de estar presentes? Assim, negligenciei minha tarefa e não informei o cerimonial sobre o pedido do Sr. Mandela. No dia seguinte ele me chamou para perguntar especificamente: "Já convidou Luyt e sua equipe?". E eu respondi: "Não, Khulu, ainda não". Também não revelei meu plano de me esquecer do assunto. Mas no dia seguinte e no outro ele me lembrou novamente. Aí compreendi que ele não iria esquecer e que, se os procurasse no jantar, o que realmente fez, eu iria enfrentar um problema enorme. Ele quis cumprimentá-los, e eu fiquei chocada. A despeito de tudo o que aconteceu, ele estava encantador, e os cumprimentou como velhos amigos. A mais cara lição para o meu ego foi: é assim que se lida com o inimigo.

5 Viajando com um presidente

Em 1996, o presidente me pediu para acompanhá-lo outra vez, agora em sua visita oficial à França. Obviamente, fiquei animada com a oportunidade de visitar o País, devido à história de meus ancestrais. A única diferença desta vez era que eu fui a única secretária a acompanhá-lo. Portanto, foi minha primeira visita oficial. Em Paris, uma senhora chegou para visitá-lo e eu fiquei intrigada com a presença dela. Ela veio com nossa embaixadora na França, Barbara Masekela. Barbara a acompanhou diretamente para a suíte do presidente na casa de hóspedes. Essa suíte tinha uma sala de jantar, seu próprio saguão e um espaço amplo, adequado a um presidente. Mas Barbara logo saiu, sem a senhora, e a porta ficou fechada. Eu sabia que isso não era permitido — que a porta fosse fechada quando ele estivesse sozinho com uma mulher. Apressei-me para falar com Parks Mankahlana, o porta-voz presidencial, e, com pânico na voz, avisei que a porta estava fechada e que a senhora ainda estava lá dentro. Parks me falou que ela era Graça Machel, viúva do falecido presidente de Moçambique, Samora Machel. A primeira coisa que passou pela minha cabeça foi: espere aí, eu não conheço essa história toda, e depois: eles fecharam a porta e eu posso ter problemas por causa disso.

Foi uma das muito raras ocasiões em que Parks ficou irritado comigo e me disse: “esqueça”. Então eu esqueci.

Antes de sairmos para uma cerimônia pública, o presidente me chamou e me apresentou formalmente à Sra. Machel e me disse algo que tentei respeitar nos anos seguintes: “Esta é a Tia Graça Machel. Ela é minha amiga. Nós todos iremos a esse evento e eu quero que você fique com ela todo o tempo. Não a perca de vista em nenhum momento; preciso que você tome conta dela”. O pedido

me deixou nervosa, porque eu não sabia como iria fazer para cuidar dos dois no evento. De alguma forma, consegui.

Depois que voltamos para a África do Sul, a imprensa espalhou que a Sra. Machel e o presidente tinham um relacionamento. Fiquei chocada, a princípio, quando li a nota nos jornais de domingo. Temi que alguém pudesse pensar que eu tinha vazado a notícia, mas Parks mais tarde me falou que o vazamento fora proposital.

Em uma quarta-feira, 12 de fevereiro de 1997, houve um debate no Parlamento por conta do discurso do presidente na abertura da sessão legislativa, alguns dias antes. O debate era em torno da acusação de prática de racismo feita por grupos minoritários contra o governo. O Sr. Mandela declarou durante a discussão:

Permitam-me desafiar cada um de todos os honoráveis membros a vir comigo agora, não para lutar [risadas], mas para que eu lhes mostre evidências que refutarão toda essa propaganda. No entanto, antes que eu me refira a isso, me fizeram a mesma pergunta que foi levantada aqui, pelo meu amigo F. W. de Klerk: "Por que vocês estão aplicando o racismo no sentido inverso e desapontando nosso povo, punindo os africanos?".

Eu disse: "Muito bem. Você poderia me dar alguma estatística? Quantos africanos foram demitidos? Quem são eles? Quem os substituiu?". Ele respondeu: "Eu não tenho os dados comigo". Eu disse, então: "Fico muito surpreso que um professor possa colocar uma questão para o presidente do país sem ter os dados". Eu afirmei que lhe daria o tempo necessário e perguntei de quanto precisaria antes de me apresentar tais evidências. Essa foi a última vez que o vi [risadas].

Eu queria dizer que, à medida que habilitamos aqueles que foram discriminados antes, agimos com muita sensibilidade em relação às pessoas que estavam lá antes de chegarmos. Do lado

de fora desta Câmara está o Superintendente Riaan Smuts, que veio do regime do apartheid. Eu o mantive. Tenho duas secretárias brancas do antigo regime, *boere-meisies* típicas [risadas]. Elas são Elize Wessels, de Kakamas, e Zelda la Grange, de George. Esses honoráveis membros podem examinar minha equipe.

Eu ri quando ouvi isso. Elize nunca foi de Kakamas e, bem, eu nunca fui de George, embora até anos mais tarde Madiba ainda acreditasse que eu fosse de lá. Meus avós e meu pai eram dessa região, e porque eu lhe dissera que sempre íamos lá, ele achou que eu tivesse nascido em George, que é uma cidade de bom tamanho e bem conhecida. Isso funcionava para ele, então deixei que pensasse assim. Anos mais tarde, a Sra. Machel o corrigiu em certa ocasião e então o erro desapareceu. Ele pareceu desapontado com sua própria história.

Depois desse debate, fui procurada por uma jornalista de uma revista para mulheres africanas na África do Sul, chamada *Rooi Rose* (Rosas Vermelhas). Eles estavam preparando uma reportagem sobre guarda-costas brancas e queriam me incluir como uma das mulheres brancas que cercavam o presidente. A princípio eu disse não, mas chegou ao conhecimento do presidente que eu havia sido procurada e não quisera participar, então ele me chamou a seu escritório e me instruiu a fazê-lo. Segundo ele, eu deveria atender aos pedidos que me fizessem. Eu era parte de seu Governo de Unidade Nacional, e ele não seria bem-sucedido se pregasse ao mundo algo que não estivesse executando em seu ambiente mais próximo. Àquela altura eu entendia o que o presidente queria de mim. Isso se tornava mais do que um emprego para mim: eu estava emocionalmente dependente dele, enquanto ele me oferecia a oportunidade de uma vida. Eu não estava capacitada para tudo o que ele solicitava, mas ele queria garantir que uma africana branca, jovem, que representava a comunidade, permanecesse perto dele.

Eu ansiava pelas oportunidades de estar com o presidente. Ele era gentil, sempre interessado em meu bem-estar. Isso me fez ainda mais comprometida em apoiar seus esforços, e eu me empenhava para ser diligente de todas as maneiras possíveis. No entanto, o fato de ele passar a me contatar diretamente e a me envolver em seus assuntos causou certa tensão no escritório. Eu procurava permanecer na Cidade do Cabo o máximo de tempo possível, inclusive durante o recesso do Parlamento, mesmo depois que fui promovida a atuar como secretária assistente particular em março de 1997.

Meus pais passaram a ficar intrigados com meu compromisso e mudança afetiva em relação ao presidente. Eles percebiam que eu adorava meu novo chefe; e quando eu falava dele, era com afeto. Meu pai parecia cético, mas minha mãe me abraçou e encorajou a lealdade que eu expressava. Eu não falava muito sobre trabalho em casa, mas eles sabiam que eu estava completamente focada e que era dedicada. Eu mal permanecia em casa, e, quando o fazia, dormia a maior parte do tempo. Sempre que eu não estava no gabinete, ou com o presidente, eu dormia. Eu já não saía mais com os amigos e me alienei do cenário social, por razões tanto intencionais quanto involuntárias. Eu queria evitar ser indagada sobre o que fazia em meu trabalho. Tendo muito pouco tempo livre, queria me isolar naquele curto espaço para digerir o que quer que estivesse acontecendo a minha volta, para internalizar, processar e planejar, mas também para oferecer espaço para acomodar as mudanças que ocorriam dentro de mim. Agora, ao olhar para trás, para aqueles dezenove anos, parece que os dias todos se fundiram em um grande pedaço de vida. O ritmo era tão intenso que acho difícil recordar incidentes individuais ou isolados. Havia pouco tempo para pensar no que acontecia, e, ainda que eu tivesse orgulho, gratidão e compromisso, o trabalho absorvia minha vida inteira.

Eu estava abraçando a nova África do Sul ao servir ao presidente. No geral, eu me sentia mais tolerante e respeitosa em relação às pessoas, independentemente das diferenças na cor de nossa pele,

de nossas crenças culturais ou políticas e da textura de nosso cabelo. Era algo que meus amigos e parte de minha família achavam difícil entender, já que não tinham sido expostos à diversidade à qual eu havia sido exposta. Na África do Sul, não estávamos acostumados a relações inter-raciais, fossem platônicas, românticas ou de natureza profissional. Ainda vivíamos em nossa zona de conforto. Passava a ser problemático conversar com amigos e familiares à medida que eu evoluía para aceitar e acolher a diversidade. Com frequência eu saía de conversas com amigos pensando que algumas das pessoas negras e morenas com quem eu trabalhava eram muito mais inteligentes do que nós, no entanto alguns de meus amigos mantinham sua ideia de superioridade sobre qualquer um que não fosse branco. Eu me tornara intolerante diante daqueles que não se abriam para as mudanças, e ao mesmo tempo compreendia que era privilegiada devido à proximidade com o presidente e à exposição ao não racismo.

As pessoas muitas vezes me perguntam: "Você anotava suas experiências?". E eu penso comigo mesma: com que tempo e energia eu poderia ter feito isso? Elas dizem: "Você deve ter ido aos lugares mais espetaculares"; e eu penso: não consigo me lembrar. Então elas analisam: "Você não tem filhos e não é casada", e até hoje eu sorrio com tranquilidade e respondo apropriadamente, mas penso: onde e quando vocês imaginam que isso poderia ter acontecido nos últimos dezenove anos? Quando seu ser é consumido pelo trabalho e você sempre acorda preocupado com o dia que terá pela frente, não contempla nada que possa ter semelhança com a "normalidade".

Foi por volta dessa época que meu relacionamento com o presidente avançou mais um passo. Embora eu ficasse na Cidade do Cabo a maior parte do tempo, eu sabia que ele negociava com Laurent Kabila e Mobutu, o presidente em exercício do país então conhecido como Zaire, agora República Democrática do Congo. Além de cumprir deveres que incluíam tratar dos assuntos domésticos, lidar com os políticos da oposição e debater as mudanças na

legislação, o Sr. Mandela voava para o Zaire de manhã, voltava à noite e no dia seguinte tinha uma visita oficial para receber. Ele cumpria seus compromissos sem jamais cancelar ou falhar em nada, e estava determinado a beneficiar não apenas a África do Sul com democracia. A África também deveria ter sucesso como continente, e ele estava devotado a efetuar uma regeneração simultânea do continente.

A República Democrática do Congo é um país rico em recursos na costa oeste da África que empobreceu devido à ganância — a de Mobutu Sese Seko, que foi o ditador por mais de vinte anos — e à guerra civil que ainda acontecia na região. A intenção do Sr. Mandela era conseguir que Laurent Kabila e Mobutu se encontrassem em terreno neutro para iniciar negociações para a saída de Mobutu ocorrer de maneira digna e a transição do poder para que Kabila efetivamente governasse o país em novos termos, em benefício de seu povo, esperando que uma eleição democrática livre e justa se seguisse. Kabila ameaçava derrubar o governo e tomar o poder por meios violentos, e, para garantir a estabilidade na região, era de interesse de todos os envolvidos que uma transição pacífica fosse acordada. O Presidente Mobutu, então com sessenta e seis anos e sofrendo de um câncer na próstata, afirmou que nunca se curvaria a Kabila, mas a pressão internacional era crescente.

Para preparar esse encontro, um navio da marinha sul-africana, o SAS Outeniqua, foi enviado para ancorar em águas internacionais próximo à costa do Zaire, oferecendo terreno neutro para as duas partes se encontrarem. Durante dias a imprensa foi dominada pelas notícias de que Mobutu se recusava a se encontrar com Kabila no navio. Depois que ambos concordaram em comparecer à reunião, o Presidente Mandela voou até Pointe Noire, no Zaire, no avião presidencial, o Falcon 900, para cuidar do encontro. Ele deveria retornar na mesma noite.

Minhas tarefas, nesse estágio, incluíam o avião presidencial: fornecer à tripulação da força aérea os detalhes do horário de

partidas e chegadas, os nomes dos passageiros, a comida a ser consumida durante os voos de retorno e os horários. Detalhes meticulosos. Por sua vez, eles me forneciam o tempo de voo e, a partir daí, o horário de chegada. O Sr. Mandela não levaria uma secretária com ele nessa viagem em particular devido à natureza confidencial das conversas e ao fato de só haver homens a bordo do SAS Outeniqua. Ele provavelmente previa que as coisas não ocorreriam de acordo com o planejado. Sua comitiva chegou a Pointe Noire e foi levada de helicóptero até o navio. E ali o presidente começou a se preparar para o encontro.

Eu normalmente ficava em contato com os pilotos para saber a que horas eles partiriam e então definirmos o horário da chegada à África do Sul.

Naquela noite, isso não aconteceu. Ninguém fez contato comigo e eu acionei nossos pilotos para perguntar sobre seus planos. Eles informaram que ainda estavam esperando ordens do presidente, mas já eram nove da noite, e eles não tinham esperança de retornar naquela noite. Então, por sorte, o Sr. Mandela me telefonou e contou que nem Kabila nem Mobutu haviam chegado para as negociações. Ele avisara, por meio de nossa embaixada, que estava à espera de ambos. O presidente tinha uma maneira de instruir seus pares a fazer coisas às quais eles se sentiam obrigados a aderir. E ele esperava a resposta de ambos os dirigentes. Ele me informou que iria passar a noite no navio e esperar que eles chegassem no dia seguinte. Caso não chegassem, ele retornaria ao nosso país. Recordo-me de ter perguntado se eu não poderia ajudar telefonando para os dois envolvidos; ele riu e disse que não seria necessário.

Ele então me pediu para avisar a Sra. Machel, e foi o que eu fiz. Eu telefonava para o diretor-geral de nosso escritório, o Prof. Gerwel, toda vez que recebia uma notícia nova, e depois para os ministros das Relações Exteriores e da Defesa. Para mim, todos eles tinham de ser informados de que o nosso presidente estava parado em um dos navios da marinha em alto-mar, mas apenas por questão

de bom senso. Nunca tive treinamento para tratar de assuntos de tamanha gravidade, mas fiz o que pensei que era esperado. O Sr. Mandela solicitou que eu ligasse para ele transmitindo a resposta da Sra. Machel. Conteí a ele que ela lhe enviava todo o seu amor e esperava que estivesse tudo bem com ele e que ele dormisse bem. Quando liguei para o telefone via satélite do navio, um jovem atendeu e eu tive de convencê-lo a deixar uma mulher africâner falar com o presidente. Eles consideraram suspeito.

Os pilotos estavam acomodados em um hotel ou decerto dormiram no avião, não sei bem, mas foram informados de que não haveria voo de volta naquela noite. Na manhã seguinte, telefonei outra vez, desta vez para informar ao presidente que a tripulação do avião não tinha levado itens pessoais para passar a noite e precisava retornar à África do Sul para se preparar ou enviar uma tripulação substituta. Eles também trabalhavam contra o tempo, já que os regulamentos de aviação não permitiam que ficassem a postos por tanto tempo; em breve sua permissão para voar seria suspensa, e não haveria tripulação substituta no Zaire para trazer o presidente de volta ao País.

Telefonei outra vez, e outra vez o jovem atendeu o telefone, então começamos a ficar íntimos. Eu lhe pedi que chamasse o presidente, que desceu as escadas para me atender. "Sim, querida?", ele disse. Àquela altura, eu começara a chamar o Sr. Mandela de "Khulu", a versão abreviada da palavra "vovô" na língua xhosa. Apenas nas situações formais, quando se exigia protocolo, que o chamávamos de Sr. Presidente. Todos o chamavam de Madiba, "Tata" (papai) ou Presidente Mandela. Perguntei a Parks qual palavra poderia me ajudar a ficar um pouco mais à vontade com ele, e a sugestão foi "Khulu".

Expliquei, enfim, a situação dos pilotos, mas então disse algo estúpido outra vez. "Podemos pelo menos lhe enviar alguns artigos pessoais e roupas?" Sua resposta foi: "Seria muito atencioso de sua parte, mas me mande também jornais". Sempre os jornais. Ele lia os

cinco jornais diários de nosso país todos os dias, inclusive aqueles que eram publicados em africâner. Muitas vezes ele dizia que os jornais africâneres traziam notícias mais precisas que os jornais ingleses, e suponho que realmente fosse assim, porque o africâner é uma língua muito descritiva e expressiva.

Nós despachamos seus artigos pessoais e os jornais no avião, que retornou quase imediatamente, depois de deixar a tripulação, reabastecer e pegar uma nova tripulação e comida para o voo de retorno. Os novos tripulantes sabiam que poderiam passar um ou dois dias no Zaire.

O presidente nunca levava números de telefone consigo, mas já sabia meu número de cor, porque me ligava o tempo todo (e também porque a Vodacom me fornecia números bem simples). Assim, enquanto estive no navio, ele continuou me solicitando que eu ligasse para pessoas, fizesse perguntas e depois ligasse para ele. Dois dias mais tarde, Mobutu chegou. Parecia que ele e Kabila desejavam negociar um acordo pacífico, mas duas semanas mais tarde o exército do Zaire informaria Mobutu de que não poderia mais protegê-lo. Ele fugiu do País, Kabila se declarou chefe de Estado e suspendeu os direitos constitucionais.

Assim que retornou à Cidade do Cabo, o Sr. Mandela fez questão de me chamar em seu escritório para me elogiar pelo apoio enquanto ele esteve no SAS Outeniqua. Eu me senti orgulhosa por manter as coisas caminhando durante aquele momento, evidentemente mediante sua orientação. Foi atencioso da parte dele. Naquele momento pareceu claro que ele confiava em mim, e que eu sempre estaria por perto.

Um dia Mary pediu que eu fosse à lavanderia por ela. Não sou o tipo de pessoa que se importa em fazer qualquer coisa para alguém, desde que esteja dentro da lei. Isso é provavelmente resultado de minha educação calvinista: nós servimos, obedecemos e somos

humildes com qualquer pessoa que ocupe uma posição superior. Basicamente fazemos o que nos mandam fazer.

Eu estava saindo do escritório quando o presidente chegava. Já tínhamos estabelecido uma boa relação de trabalho e nos sentíamos à vontade um com o outro. Ele me perguntou aonde eu ia, e eu lhe contei que atenderia uma solicitação de Mary. Ele ficou furioso. “Como você pode fazer isso?” Eu respondi que não me importava, absolutamente. Ele insistiu que aquilo não era adequado e eu terminei implorando que deixasse por isso mesmo, como alguém faria diante do pai para salvar um irmão do castigo; me arrependi de ter contado a ele. Fiquei realmente surpresa por ele ter se zangado com isso. O presidente gostava de mulheres fortes, mas Mary talvez fosse forte demais. Ele jamais gostou de pessoas que lhe dessem ordens. Descobri que ele gostava de receber sugestões e não comandos, o que podemos compreender considerando alguém que passara vinte e sete anos encarcerado, obedecendo a horários para comer, dormir, exercitar-se e apagar as luzes — era a sua maneira de compensar a pequena liberdade que tinha para ao menos se sentir no controle de sua própria vida.

Ele pediu que eu fosse a sua casa logo depois disso. Eu mesma dirigi até Houghton — desde que não tivesse de ir a nenhum outro lugar em Joanesburgo, eu não me importava de dirigir entre Pretória e Houghton; só não estava familiarizada com Joanesburgo e seus arredores. Quando cheguei, ele me passou algumas cartas para preparar, mas depois me mandou sentar-me em sua sala e me disse uma das coisas mais preciosas que já ouvi: “Não há lugar para covardes aqui. Se você for covarde, não vai durar muito tempo. Nem sempre vou poder defender você, então você precisa se defender fazendo o que é certo”. Somente no caminho de casa eu compreendi que ele se referia ao incidente no escritório naquela semana. Ele esperava que eu nem sempre obedecesse às ordens, mas que as questionasse. Essas palavras permanecerão comigo pelo resto de minha vida. Anos mais tarde, quando de fato ele já não era capaz de me defender, elas me deram força em batalhas que enfrentei.

Assim foi também em relação à insistência do presidente em que eu fosse considerada para viagens internacionais. Como as secretárias se revezavam para acompanhá-lo, eu agora também tinha de estar na lista das considerações. Logo recebi a tarefa de acompanhá-lo à Índia e a Bangladesh, e depois à Inglaterra, no verão de 1997.

Acompanhei o Sr. Mandela a Oxford e fiquei encantada pela beleza da cidade e do verdadeiro campo inglês. O Príncipe Charles compareceu ao evento no Jesus College. Isso foi logo depois de seu divórcio da Princesa Diana ter sido anunciado, e estávamos um pouco cautelosos. O presidente, no entanto, usou todo o seu charme, e, apesar das notícias ruins sobre a realeza, foi extremamente cortês e respeitoso. O Presidente Mandela não julgava as pessoas.

Mais cedo naquele ano, a Princesa Diana fizera uma visita a Angola e à África do Sul. O presidente ficou impressionado com sua iniciativa de visitar os pacientes portadores de HIV em Angola, sentando-se em suas camas e conversando com eles. Ela contribuiu para derrubar o estigma ligado às vítimas da Aids. Segundo o Sr. Mandela, "Uma princesa que se senta na cama de pacientes de Aids apenas mostra que as pessoas não têm nada a temer, e que devemos cuidar das pessoas com Aids". No dia em que a Princesa o visitou em Genadendal, a residência oficial na Cidade do Cabo, o presidente entrou em sua sala usando chinelos. Ele havia se esquecido de calçar os sapatos, e humildemente se desculpou com a Princesa, pois a sala toda percebeu que ele havia pedido que fossem buscar seus sapatos. A Princesa não se incomodou. O presidente não deixava de rir de si mesmo e de narrar esses pequenos momentos embaraçosos aos outros.

Eu me esforçava cada vez mais para unir meu passado a meu presente. Eu era uma filha do apartheid que apoiava e servia o homem sobre o qual meus compatriotas africanos me alertaram.

Apreendi muito com Parks Mankahlana, porta-voz da Presidência, e com Tony Trew, diretor de comunicações de nosso escritório, e um dia tive a coragem de dizer a eles que precisava ouvir alguém para tentar fazer as pazes comigo mesma sobre a maneira como vivíamos quando eu crescia sob as leis do apartheid, e sobre o fato de ter sido ignorante. Eles me sugeriram o Reverendo Beyers Naudé. Também procurei Ronnie Kasrils, que trabalhava no gabinete do Presidente Mandela e que havia sido um dos primeiros líderes do MK, o grupo responsável pelo bombardeio na Church Street em 1983. Eu tinha esses conflitos dentro de mim, sem saber o que era certo e errado. O Reverendo Naudé começou sua carreira como padre da Igreja Reformada Holandesa, e mais tarde abandonou a igreja quando discursou contra o apartheid. Como resultado, foi condenado à pena de prisão domiciliar por vários anos. Mesmo assim, ele não tinha ressentimento. Eu sabia um pouco sobre sua história, ele era visto como traidor por muitas pessoas brancas. Parks e Tony conseguiram que eu fosse tomar um chá com "Oom Bey" (Tio Bey), como ele era afetuosamente conhecido.

Nervosa, dirigi sozinha até Joanesburgo para vê-lo. Fui recebida por sua esposa e me juntei a ele em sua sala de estar. Parecia estar sendo recebida por meus próprios avós, com amor e hospitalidade, embora os Naudés nunca tivessem me visto antes e não soubessem muito sobre mim. Eu contei minha história ao reverendo e nós conversamos por cerca de duas horas sobre a vida em geral e a religião. Ele enfatizou que eu não deveria cobrar tanto de mim mesma, querendo me responsabilizar por todos ao meu redor e pelo que o apartheid fizera, e que eu deveria ficar em paz, pois aquela jornada provavelmente era parte de meu próprio despertar. Oramos juntos, e eu me emocionei. Eu era tão grata a Deus pelas enormes oportunidades em minha vida e por todas as bênçãos recebidas, mas o mesmo Deus havia permitido, a meu ver, que o apartheid acontecesse e que Nelson Mandela ficasse enclausurado em uma cela por vinte e sete anos. Minha jornada de descoberta incluía perguntas sobre o papel da religião organizada, e eu cheguei à conclusão de que minha relação com Deus é uma questão pessoal,

da qual tenho de prestar contas apenas a mim mesma e a Ele um dia. Na verdade, a tal jornada me levava a algumas crenças estranhas; eu discutia com minha mãe sobre a criação de instituições pelos homens que reivindicavam que Deus as havia criado.

Em algumas ocasiões a Sra. Machel nos acompanhava nas viagens ao exterior; em outras ela simplesmente ficava ocupada com seu próprio trabalho. Ela se tornou uma parte importante da vida do presidente, que sempre elogiava o trabalho que ela desenvolvia. Muitas vezes ela comparecia às funções oficiais, mas também gostava de passar com ele momentos de privacidade. Eu sabia que o Sr. Mandela ficava feliz quando ela estava por perto, então eu passei a ser uma feroz protetora da privacidade dos dois.

A Sra. Machel e eu tínhamos uma relação cautelosa no começo. O presidente tinha muitas tarefas a cumprir e metas a atingir. Além disso, o mundo queria que ele estivesse em todos lugares ao mesmo tempo. Seus objetivos estavam principalmente na reconciliação e na educação, mas também em trazer a estabilidade para a África do Sul de maneira unificada, garantindo um clima favorável para o crescimento econômico do País. Eu precisava assegurar que ele ficasse satisfeito com seu próprio trabalho, mas também que tivesse tempo para desempenhar o papel de marido.

Tive de trabalhar muitos anos para estabelecer uma sólida relação com a Sra. Machel. Eu não esperava que ela gostasse de mim. Afinal, o governo de meu país abateu o avião no qual seu então marido, Samora Machel, foi morto, em 1986. Anos mais tarde, quando nos tornamos mais próximas, muitas vezes pedi a ela e a seus filhos que me contassem os detalhes do atentado. Era muito doloroso, mas, com minhas perguntas, acho que ela percebia que eu compreendia a extensão de sua perda. (Depois do falecimento de Madiba, tive a oportunidade de ver os dois filhos de Samora Júnior, Samora III e Malick, pela primeira vez em cerca de dez anos; sua semelhança com o avô era impressionante.)

Os Machel's eram afetuosos, hospitaleiros, pessoas que se importavam com os outros. Apesar dos desafios que enfrentamos no começo, hoje temos uma relação de intimidade. Sempre estive perto das crianças da Sra. Machel. Foi preciso um longo tempo para construir o relacionamento que temos, mas o fizemos com esforços de ambos os lados. Não posso imaginar minha vida sem a influência dela e a da estabilidade que ela trouxe ao meu pequeno mundo. Também admito que um relacionamento depende do trabalho de duas pessoas, e confesso que fui culpada, de certa forma, pela dificuldade de nossa aproximação.

A princípio pensei que a Sra. Machel estivesse apenas assegurando sua posição de esposa na vida do presidente, e parecia que suas expectativas em relação a nós eram muito altas. Mas era notório o quanto ela fazia o presidente sorrir. Ela despertara outra vez os seus sentidos. Ela o permitia viver. Ela o fazia dançar e ver a beleza das flores, apreciar a boa música e ver a maravilha de cada pôr e nascer do sol. Em muitas de nossas viagens, ela insistia que fôssemos todos juntos ver o pôr do sol, algo que ele perdera por tantos anos, trancafiado em uma cela antes do anoitecer. Ela trouxe a ele um jeito diferente de ver o mundo e o fez amar a vida mais do que eu pensei que ele fosse capaz. Quando você ama alguém como eu amei Nelson Mandela, quer o melhor para ele, e quer que ele seja feliz. Sempre que ele estava com ela, apesar dos horários rígidos e da pressão do trabalho, ele ficava verdadeiramente feliz. Aos poucos compreendi que ela não estava lá para assegurar seu espaço; ela estava lá para fazê-lo feliz, e tínhamos um chefe ainda melhor por causa dela. Não houve nenhum presente maior para a vida de Nelson Mandela do que a presença de Graça Machel.

Trata-se de um gritante contraste com a presença de Winnie Mandela em minha vida, a quem conheci muito mais tarde. Nunca a vi durante a presidência de Madiba. Ela parecia ter pouca relevância na vida do presidente depois da separação. Ele nunca falava sobre ela, e eu nunca perguntava. Ninguém me contou, mas eu sabia que

o assunto não deveria ser mencionado. Com o passar do tempo, ele passou a falar mais abertamente sobre esses acontecimentos de sua vida, mas às vezes parecia triste, e eu sempre me surpreendia com a dor silenciosa que ele sofria.

Quando eu ia à casa do Sr. Mandela, frequentemente o encontrava sentado sozinho à mesa do café da manhã ou do jantar. Ele geralmente almoçava em suas residências oficiais, fosse na Cidade do Cabo ou em Pretória. Não se podia deixar de sentir solidão quando se entrava em sua casa de Houghton e ele estava fazendo uma refeição sozinho. Quando a Sra. Machel se tornou parte de sua vida, isso mudou. Foi como se a luz entrasse no lar sombrio, as cortinas fossem abertas e a casa inteira se enchesse de vida.

Bastava alguém se sentar com ele para que começasse a contar suas histórias. Histórias sobre a prisão e os anos da infância em Transkei. As refeições, para ele, eram um momento para refletir e relaxar. Eu adorava ouvir suas histórias. Para mim era fácil formar uma imagem mental do que ele me contava e virtualmente ser transportada para a cena que descrevia. Muitas vezes ele me falava sobre Justice, o menino com quem ele crescera e que foi seu melhor amigo. Justice foi mais que um amigo: foi o "irmão" que Madiba nunca teve. Eles fugiram juntos quando descobriram que estavam sendo preparados para matrimônios arranjados pelo regente ^[2] que criou Madiba, como as pessoas em geral faziam no campo, de acordo com os costumes daquele tempo. Madiba e Justice fugiram de Transkei para Joanesburgo, onde sua vida foi moldada para a política. Ele falava com afeto sobre Justice, que, lamentavelmente, morreu quando Madiba ainda estava na prisão. Vítima do excesso de bebida, segundo me contou.

Eu sempre pensava em Justice. Se havia uma pessoa que eu desejava que pudesse estar viva para tomar parte de nossas existências era ele. Eu queria que ele soubesse o que aconteceu com seu amigo, que soubesse o que alguém poderia se tornar apesar de sua origem humilde. Eu queria voltar no tempo e alertá-lo

para parar de beber, contar a ele que se juntaria novamente a seu amigo um dia; queria que ele testemunhasse e compartilhasse a vida de seu melhor amigo. Eu sabia que ele teria sido convidado para a posse se estivesse vivo, e imaginei sua alegria e entusiasmo ao ver Madiba fazer o juramento. Penso, no entanto, que, depois que Madiba foi preso, Justice talvez tenha perdido a esperança de quebrar o ciclo de pobreza de sua família e tenha se entregado à bebida.

Suas melancólicas lembranças da meninice em Qunu e da adolescência em Mqkezweni com Justice pareciam tomar bastante do tempo silencioso de Madiba. Era como se ele viajasse para lá — para esses velhos e simples dias — a fim de buscar a paz, buscar um sentido para si mesmo. Muitas e muitas vezes eu o encontrava rememorando a infância. Aquelas experiências pareciam não apenas tê-lo formado como homem e definido seus valores. Acho que se lembrar da infância tornou-se uma válvula de escape — provavelmente foi também um meio para sobreviver às décadas passadas na prisão. Essas experiências — cuidar do rebanho, lutar com varas, caminhar pelos montes do Cabo Oriental escutando os velhos da aldeia, furtar colmeias e procurar groselhas — tornaram-se filmes em sua cabeça, a que ele podia assistir quando a realidade da prisão ou da vida de presidente pesava muito. Ele repassava outra vez essas imagens, essas cenas pastoris, em sua mente e recontava as histórias tantas vezes que muitos de nós podíamos recitá-las palavra por palavra. Mas não são as minhas histórias; são as dele.

Quando Madiba deixou a prisão, todos tinham crescido e ido embora. Parecia difícil para ele abrir-se emocionalmente. A prisão lhe ensinara a esconder seus sentimentos. Eu o via tentar com seus netos, mas o Sr. Mandela era um disciplinador reservado, o que nem sempre dá muito certo com os jovens. Ele ansiava por ver os filhos quando estava encarcerado e queria tomar parte nesses deleites. Mas não foi fácil.

Muitas vezes eu ia à casa do presidente em Joanesburgo, pois ele raramente dormia na residência oficial em Pretória, Mahlamba Ndlopfu. Na época, quatro de seus netos viviam lá com ele. Eram os quatro filhos de Makgatho, o único filho vivo do casamento com sua primeira esposa, Evelyn. Mandla, o neto mais velho, estava nos últimos anos do colégio; Ndaba, o segundo, era adolescente; Mbuso e Andile ainda eram crianças. Eles eram adoráveis e amorosos. Seu pai vivia em algum lugar no Soweto, mas o presidente gostava de tê-los perto. Eles foram criados pela governanta, Xoliswa — a quem chamavam de Mama —, e depois por Rochelle, a sobrinha do presidente, até ela ir embora. Na época, eles davam vida e um ar familiar à casa de Houghton.

Nos primeiros anos, era comum eu ficar sozinha na Cidade do Cabo enquanto a equipe atendia no gabinete de Pretória. Eu cuidava da mesa telefônica do gabinete pessoal do presidente em certo dia quando a recepcionista me interfonou. O policial de plantão na entrada informou que algumas pessoas queriam ter acesso ao gabinete do Sr. Mandela. Isso me fez levantar e ir até a recepção, pois ninguém podia entrar no gabinete. Ao chegar lá, fui apresentada a membros da NI (Inteligência Nacional, embora eu não tivesse feito imediatamente a conexão). Achei estranho que dois homens aparecessem casualmente na recepção e dizendo que precisavam “varrer” o gabinete. Eu não fazia ideia do que eles diziam, e respondi, completamente inocente, que tínhamos funcionários que o varriam diariamente, muito obrigada.

Permaneci muda na recepção até que o policial que trabalhava na entrada me informou que se tratava de funcionários da Inteligência Nacional, e que o termo “varrer” se referia à procura de artefatos de escuta que poderiam ter sido plantados no gabinete por outros partidos. Fiquei extremamente constrangida e lhes permiti o acesso. Por vários anos a segurança caçou de mim por causa disso. Eu não me importava. Era tudo parte do novo mundo que se abria para mim.

Naquele verão me pediram para acompanhar o Sr. Mandela em uma curta viagem a Bali, para um descanso de dois dias, seguida por uma viagem oficial à Indonésia e à Tailândia, na qual a Sra. Machel se juntou a nós. Agora era comum que, embora eu ainda fosse a datilógrafa sênior do gabinete, eu acompanhasse o presidente em viagens ao exterior e realizasse as tarefas de secretária. Naqueles anos, eu ficava muito tensa para desfrutar de qualquer coisa e não desfrutei da água da piscina nem do mar. Eu ficava em meu quarto para o caso de o presidente me chamar. E ele chamava. Ele se acostumou ao fato de eu estar sempre lá, então eu dormia quando ele dormia, comia quando ele comia e seguia sua rotina para estar sempre disponível em meu quarto quando ele precisasse.

Parte de nossas tarefas consistia em assegurar que suas refeições fossem servidas na hora certa, que suas malas fossem feitas ou desfeitas sempre que a Sra. Machel não estivesse presente e que as coisas a seu redor estivessem da maneira como ele gostava. Em sua agenda, tínhamos de encontrar tempo para massagens a cada dois dias, e, na falta de jornais, um clipping de notícias tinha de ser enviado da África do Sul todos os dias. Eu o fazia chegar antes do café da manhã e me esforçava ao máximo para que tudo fosse exatamente do modo como ele queria. Não importava em qual fuso horário estivéssemos, a pobre equipe do gabinete tinha de trabalhar em esquemas de plantão para preparar o clipping e enviá-lo a tempo. Mesmo depois que os computadores e a internet dominaram nossas vidas, ele insistia que os clippings fossem recortados dos jornais, fotocopiados e enviados por fax. Tentei ao máximo introduzir alternativas, até mesmo para suavizar a carga de trabalho da equipe na África do Sul, mas ele queria ler os textos como apareciam nos jornais.

O presidente ficava desconfortável quando deixado sozinho com os massoterapeutas. Ou eu ou a segurança tínhamos de estar no mesmo quarto com ele o tempo todo. Isso era frustrante para mim; não consigo ficar sentada por uma hora. Isso era muito antes dos

BlackBerries ou smartphones, e literalmente não havia nada para fazer a fim de passar o tempo. Em várias ocasiões eu tentava colocar um segurança em meu lugar, mas ele me chamava de volta. Devo ter feito isso mais de uma centena de vezes, até que um dia lhe expliquei que realmente não conseguia permanecer sentada quieta por tanto tempo e ele aceitou que algum de seus seguranças ficasse com ele, o que, na prática, fazia mais sentido. Para mim, uma hora significava ficar atrasada com o trabalho ou com as coisas a serem preparadas. De qualquer modo, eu pensava, como eu seria de alguma utilidade em uma emergência? Do ponto de vista da segurança, era melhor que um guarda-costas estivesse lá. Além disso, suas sessões de massagem me davam pelo menos uma hora para fazer outras tarefas, enviar e-mails para o escritório, examinar a agenda ou retornar telefonemas.

O presidente tinha a enorme capacidade de desmontar as coisas com o método mais simples da razão e do argumento. Ele sempre nos contava que Oliver Tambo, outro herói da luta pela liberação e antigo presidente do CNA, jamais quisera receber mensagens. Madiba estava convencido de que, se Oliver as tivesse recebido, ele ainda estaria vivo. O que ele queria dizer era que achava que o Tio Oliver, que morreu vítima de um AVC, teria lidado melhor com o estresse e a pressão se tivesse aprendido a relaxar, cuidando de seu bem-estar físico por meio da massagem ou da fisioterapia. O presidente tinha um jeito único de contar histórias e usava exatamente as mesmas palavras e frases sempre que repetia uma delas. Elas eram preciosas. A convicção com a qual ele fazia esse comentário começou a me preocupar tanto que mais tarde eu também imaginei que seria necessário receber mensagens quando ficava muito estressada.

De Bali fomos para a Indonésia, em sua capital, Jacarta, em uma visita de Estado. Não vi muito de Jacarta, e tudo o que vivenciamos foi calor e umidade, mas enquanto estive lá o presidente teve um encontro especial e secreto. Ele só concordou em fazer uma visita oficial à Indonésia se tivesse a oportunidade de ver Xanama

Gusmão. Os indonésios demoraram a responder, provavelmente imaginando que o Sr. Mandela não insistiria, mas ele não desistiu. Uma noite, Gusmão, líder do movimento de resistência do Timor-Leste, foi conduzido pela escada de emergência da casa de hóspedes presidencial. Gusmão era considerado o equivalente ao que o prisioneiro político Nelson Mandela representava quando estava preso. Suas mãos estavam algemadas. Achei a visita excitante e me perguntei como Madiba havia lidado com isso. Afinal, apenas sete anos atrás ele também fora um prisioneiro.

Gusmão parecia bem, considerando as circunstâncias, e foi amistoso. Por um tempo, ele ficou sozinho com o presidente, o Prof. Gerwel e outros, antes de ser levado de volta à prisão. Ficou combinado que teria permissão para visitar, em algumas semanas, a África do Sul, onde se sentiria livre para falar. O Presidente Suharto concordou, e nós o recebemos. Foi menos excitante, pois ele já não estava algemado nem parecia um prisioneiro; usava roupas normais. Anos mais tarde ele visitou Madiba, aposentado em Joanesburgo, para agradecer a ele pelas negociações. Somente então eu me recordei dos eventos daquela noite. Àquela altura ele estava livre e era o presidente legítimo de um Timor-Leste independente. Acredita-se que a intervenção de Madiba tenha pressionado Suharto a libertar Gusmão.

Onde quer que houvesse conflitos no mundo, as pessoas pediam a intervenção do Presidente Mandela para negociar um acordo pacífico. Muitas vezes ele se recusava a intervir nos assuntos domésticos de outros países porque dizia que não tínhamos conhecimentos suficientes sobre a complexidade dos problemas que eles enfrentavam. Mesmo assim, a vontade de ajudar onde fosse possível, ou onde ele achasse que tinha uma chance de ser bem-sucedido, o fazia agir.

Da Indonésia seguimos para Bangkok. Ficamos em um hotel luxuoso, e eu cheguei à conclusão de que me tornava especialista em hotéis pelo mundo. No entanto, ainda que eu soubesse de cor os

menus dos serviços de quarto, não conheci muito de nenhuma das cidades. Não estávamos em férias, e sim a trabalho. O Presidente pedia para fazer passeios apenas em certas ocasiões, em geral limitados às principais atrações turísticas, ou então se houvesse algo sobre o qual ele tivesse lido a respeito. Em geral não havia tempo para passeios turísticos, já que sua agenda era lotada de encontros e depois restrita ao descanso tão necessário. Ele já tinha setenta e nove anos e precisava repousar sempre que havia uma oportunidade.

Apesar de passar todo o tempo em que estava acordada empenhada para que o dia do presidente fosse impecável, lamentavelmente eu não era um modelo de diplomacia. Na Tailândia, estávamos participando de um almoço oferecido pelo Primeiro-Ministro Chuan Leekpai. Naquele momento, as equipes do cerimonial sabiam que o presidente gostava de ter contato visual com seus secretários à mesa. Os assentos, portanto, eram dispostos de acordo com essa sua necessidade. Eu podia ver seu rosto, mas por sorte não tão perto para que ele testemunhasse o que aconteceu em seguida.

Eu usava uma blusa de mangas compridas e largas. O primeiro prato foi servido, e pãozinhos foram colocados nos pratinhos laterais. Estendi o braço para alcançar a manteiga à minha frente e não percebi que minha manga encaçapara o pãozinho que estava no meu prato. Assim que peguei a manteigueira para trazê-la para mais perto de mim, o pãozinho tocou meu cotovelo e rolou pela manga. Sem perceber o que acontecera, reagi com um sobressalto, pensando que alguma coisa rastejara para dentro de minha roupa. Eu estava nervosa por não saber bem o que estava comendo, e aquilo não ajudou. Rapidamente bati meu braço para trás do corpo para me livrar do que quer que estivesse rastejando pela minha manga, e o pãozinho voou para o meio da mesa, onde aterrissou. Ao meu redor, seguiu-se o silêncio. Felizmente o povo tailandês é extremamente gentil e hospitaleiro. Eles riram e o cavalheiro a meu lado disse que isso significava boa sorte. Meu primeiro pensamento

foi que tudo naquele país parecia significar boa sorte, não importava o quão desastroso parecesse aos estrangeiros. Aceitei seus votos e, em silêncio, peguei outro pãozinho, engolindo meu próprio constrangimento junto com cada um de seus pedaços.

O presidente viajava sem parar e trabalhava sem descanso. Quando estava em casa, ele se dedicava a conversar com organizações sindicais como a União Nacional dos Mineiros, a União Nacional dos Metalúrgicos da África do Sul e a União Nacional dos Trabalhadores Associados da Educação e Saúde. Ele sempre se equilibrava, sempre se assegurava de não haver discriminação de modo algum e de aplicar seu senso de justiça a toda situação possível. Ele estava determinado a lançar a fundação de um futuro próspero para a África do Sul, mas em julho de 1996 anunciou publicamente que só seria presidente por um mandato de cinco anos. Honestamente, ele acreditava que pessoas mais jovens pudessem realizar mais do que ele. Ao anunciar que governaria apenas por um mandato, ele esperava que outros chefes de Estado o seguissem, e não ficassem tentados a se tornar famintos pelo poder e deter mandatos ilimitados, tornando-se ditadores.

Depois de todos os eventos públicos, ele convocava os policiais de plantão para cumprimentá-los. Se algum coral se apresentasse, ele sempre queria apertar as mãos de cada um de seus membros. O presidente também sempre via as crianças na multidão e as chamava para a frente para que pudesse cumprimentá-las. No começo pensei que isso fosse ocasional, mas então, quando percebi que ele fazia isso sem falhar em nenhum evento, comecei a planejar a operação, assim que chegava ao local. Essa era a sua maneira de interagir com as crianças.

No entanto, ele era severo com as pessoas que não se mostravam leais a ele. Ele cedia, cedia e cedia, e então, se houvesse o menor indício de que a pessoa não estava com ele 120%, abruptamente cortava os laços. O Sr. Mandela inspirava lealdade, e esperava que os outros fossem leais com ele. Isso aconteceu com Mary Mxadana.

A relação de trabalho entre ela e o presidente foi ficando cada vez mais tensa. Mary era amiga da ex-esposa do Sr. Mandela, Winnie Madikizela Mandela, e isso o perturbava. Ele pediu que Mary fosse transferida para uma posição diplomática no Departamento de Relações Exteriores. Mary saiu com elegância. Lamentavelmente, alguns anos depois ela faleceu após uma cirurgia de hérnia. Fiquei realmente triste quando a vi no hospital, e sempre fui grata pelo papel que ela teve em minha vida.

O presidente passava os feriados de Natal com seus netos em Qunu, a aldeia onde cresceu. Fica na província do Cabo Oriental da África do Sul, cerca de trinta quilômetros ao sudoeste de uma cidade chamada Mthatha, no que antes era conhecido como Transkei. Nessa época, sua sobrinha Rochelle, que havia cuidado dele, deixara a casa para estudar nos Estados Unidos, e o presidente contava comigo para tomar conta de algumas coisas que ela fazia antes. Uma delas era organizar uma festa de Natal em sua fazenda em Qunu, no dia de Natal, para as crianças da aldeia. Bom, isso era o que estava programado para acontecer.

Ele fez uma lista de convidados e lhes pediu doações ou doces, brinquedos e outras lembranças simples. No primeiro ano em que me envolvi, eram dois mil itens. Era minha responsabilidade orquestrar o recebimento dos presentes, certificando-se de que chegassem a Qunu alguns dias antes do Natal. Percebi que precisávamos de sacolas, portanto sacolas foram trazidas, e envolvi as crianças da comunidade, e mesmo a nossa segurança, para ajudar a fazer os pacotes para as duas mil crianças que eram esperadas na casa do presidente no dia de Natal. Elaborei uma linha de produção adequada em uma das instalações ao redor da casa e fizemos os pacotes dias antes do Natal, às vezes perdendo o ânimo pela sobrecarga. Só sabemos o que realmente são dois mil quando temos de empacotar e entregar dois mil pacotes. Então o presidente me disse que, para muitas crianças da região, esse era o único dia em que teriam uma refeição adequada ou ganhariam alguma coisa no Natal. Eu não acreditei nele no começo. Mas, quando o Natal

chegou, as palavras do Sr. Mandela se tornaram verdadeiras. Milhares de crianças vieram a Qunu.

A maioria das pessoas negras da África do Sul vivia e ainda vive em meio à pobreza. Levaria muito tempo para que as transformações econômicas implementadas chegassem à vida das comunidades rurais de maneira benéfica. As coisas tinham mudado de alguma forma, mas nem de longe tão rápido quanto havíamos esperado. Os moradores da zona rural estavam desapontados por ainda não terem se beneficiado da democracia. Quando a multidão chegou a Qunu naquele Natal, eu realmente compreendi que o povo dessas comunidades ainda não havia provado os frutos de nossa recém-adquirida liberdade. Perguntei de onde eles vinham, e o presidente respondeu que alguns haviam começado sua caminhada na noite anterior para chegar a tempo. Fui da cidade para a fazenda no dia de Natal, por volta das sete da manhã, imaginando ser uma boa hora, e as crianças já estavam em fila ao longo da cerca da fazenda até bem longe no morro — cerca de um quilômetro. Eu não podia acreditar no que via. Nós nos preparamos para entregar os pacotes, e as crianças iriam depois para o pátio nos fundos da casa, onde seria servida uma refeição para elas. A muito gentil padaria Mr. Bread, de Qunu, se encarregara de preparar a comida para os mais velhos e os VIPs da região, juntamente com o neto mais velho de Madiba, Mandla.

Logo as crianças começaram a entrar. Na maior parte do dia, o presidente ficou sentado do lado de fora, cumprimentando os meninos e meninas que passavam e entregando seus pacotes antes que eles se dirigissem ao refeitório. Ele apertou as mãos de todas elas, uma por uma e conversando brevemente com elas. Sendo eu a pessoa disciplinada e organizada que era, o presidente apreciou a precisão militar com que ordenei a entrega dos presentes. As crianças passavam em fila única e recebiam uma sacola de surpresas, depois eram conduzidas à área do almoço. Eu me assegurei de não me esquecer de ninguém, e todos tiveram a

oportunidade de dar um aperto de mão no Sr. Mandela durante o tempo que ele ficou sentado do lado de fora.

Já que muitas delas nunca haviam sido acostumadas à crença de um Papai Noel, por viverem em uma região remota, essa era a fantasia delas, algo que o mundo inteiro queria — ver o Presidente Mandela e receber presentes dados por ele. Se uma empresa doasse frisbees para todos os pacotes, você logo veria milhares de frisbees voando ao redor e pessoas se esquivando deles por todo canto. Se da próxima vez houvesse bolas, bolas estariam voando para alvos como a sua cabeça. Nós imaginávamos que toda criança soubesse o que é uma bola ou um frisbee, até vermos como as crianças vivem na África do Sul, e compreendermos que elas não reconhecem coisas que consideramos naturais. Em determinado ano alguém quis doar revólveres de brinquedo, e tivemos de dizer não; não queríamos promover a violência com nossa mensagem de boa vontade. As crianças não sabiam se estavam mais felizes pelo pacote de presentes ou por apertar a mão do presidente. Era lindo de se ver. E depois se confirmaram os comentários do presidente sobre a única refeição delas. A prova estava lá. Eu vi crianças infectadas com doenças sem nomes. Subalimentadas, deformadas, maltratadas, negligenciadas. Eu pude finalmente ter uma ideia do que ele descrevia. De alguma maneira, quando você vê a inocência e a gratidão nos olhos delas, você consegue enxergar além das aparências.

Algumas delas nunca tinham visto pessoas brancas antes, e uma criança esfregou meu braço para ver se o “branco” da minha pele saía. Adorei pegar os pequenos no colo, embora o branco de minha pele às vezes os assustasse. Era tão irônico... Anos antes eu havia concordado com a visão racista de que era inadequado tocar uma pessoa negra porque nós os temíamos. Algumas crianças estavam com medo de mim e de alguns poucos guarda-costas brancos. Nós devíamos parecer alienígenas para elas. Em mais de uma ocasião, uma criança “se agarrou em meus quadris” durante todo o dia...

provavelmente encorajada pela curiosidade de ver se eu retornaria para algum planeta diferente depois.

Ao passar um dia como o Natal em uma área tão afetada pela pobreza, você fica honrado e verdadeiramente agradecido pelos privilégios que tem, e um evento como esse traz um significado diferente ao Natal. Era o primeiro que eu comemorava sem meus pais, sem presentes. O foco sobre "o que vou ganhar de Natal" mudou para o que eu podia dar e fazer, e isso, por si mesmo, trouxe mais realização e significado ao Natal. Almoçamos com Madiba e alguns de seus netos depois da festa, e os idosos da região lhe fizeram uma visita.

No ano seguinte, percebemos que preparar a festa para duas mil crianças não seria o suficiente. Aumentamos nossos pedidos de doação para cinco mil. Dessa vez o presidente deixou tudo comigo. Eu o consultava sobre as decisões e pedia orientação em algumas questões, mas agora as pessoas sabiam de sua iniciativa, e não foi difícil encontrar patrocínio. Outra vez, preparamos tudo com alguns dias de antecedência, mas desta vez para cinco mil pessoas. Ainda não tínhamos presentes e comida suficientes. No ano seguinte, aumentamos a meta para dez mil, até chegarmos a vinte mil. Empacotar vinte mil presentes não é brincadeira. Mesmo assim, as crianças da área e alguns dos netos participaram dos preparativos e de alguma forma conseguimos. No último ano de nossa festa particular, terminamos passando duas semanas empacotando antes do Natal. Para estimular as pessoas que ajudavam, eu repetia: "Lembrem-se: para algumas crianças, esta é a única oportunidade, no ano todo, de ter uma refeição decente e uma sacola de presentes... este é o único presente que receberão no Natal". Eram as mesmas palavras do presidente. Não que as pessoas da aldeia estivessem acostumadas a mais, mas isso fazia os guarda-costas participarem das tarefas.

No último ano, Oprah Winfrey pediu para participar da nossa ação, depois de nossa visita a Chicago e de o presidente ter lhe contado o

que fazíamos em Qunu no Natal. Acho que eles beneficiaram vinte e cinco mil crianças em Qunu, e ela também distribuiu vinte e cinco mil presentes para outras escolas rurais na África do Sul. E ela fez tudo de maneira adequada. As crianças receberam roupas e material escolar, além de doces e de uma refeição muito nutritiva. Nós subestimamos o tamanho da multidão, e, como havia sido amplamente divulgado que tanto Oprah quanto o presidente estariam presentes, terminamos por causar uma comoção. Algumas mães vieram de muito longe com seus filhos, como a província do Estado Livre, a centenas de quilômetros. Os ônibus ficaram superlotados, e a segurança era insuficiente. Ficou decidido, então, que, depois de quase acontecer uma tragédia, a festa de Natal seria assumida pelo Fundo Nelson Mandela para as Crianças, e regionalizada.

Quando iniciou as festas anuais de Natal em Qunu, o Sr. Mandela também iniciou visitas, perto do final do ano, às escolas infantis tanto em Joanesburgo quanto na Cidade do Cabo. Ele amava interagir com os pequenos. De novo, no primeiro ano ele instruiu sua sobrinha a organizar as coisas, e, quando ela foi para os Estados Unidos, eu herdei a tarefa. O presidente me passava lições valiosas sobre como pedir doações e apoio em nome das pessoas que necessitavam desesperadamente de recursos. Em troca, os patrocinadores que doassem doces e mercadorias para que o presidente pudesse entregar durante as visitas poderiam passar um dia inteiro com ele enquanto distribuía os presentes, com direito a exposição na televisão e nos jornais. O plano era simples, mas funcionou muito bem. Então convidávamos um contingente da imprensa para que nos seguisse no dia em que visitássemos as creches, e os jornalistas também poderiam passar um dia com o Sr. Mandela, enquanto ele proporcionava aos patrocinadores a exposição que prometera. No final do dia, a mídia e os patrocinadores eram convidados para uma refeição em nossos escritórios ou em um hotel próximo, onde o presidente lhes agradecia pelo apoio. A notícia se espalhou, e todas as pessoas envolvidas se mostraram ansiosas para ajudar nos anos seguintes.

Em algumas ocasiões, os políticos tentavam pegar uma carona na divulgação ou interferir em seu arranjo, até que o Sr. Mandela tornou claro que a iniciativa não deveria se limitar a nenhum dos partidos políticos, e que os pais e professores das crianças deveriam ser respeitados em suas posições políticas. Eu sempre me assegurava de que a seleção das escolas fosse cem por cento representativa. Se visitássemos cinco escolas, duas tinham de ser negras, uma índia, uma mestiça e uma branca. Quando as escolas começaram a ficar mais integradas, depois da transformação da África do Sul, a seleção tornou-se um grande desafio. Tínhamos de visitar as escolas antes para ter certeza de que elas haviam fornecido a denominação correta de cada grupo racial coberto. Também tínhamos de ter cuidado para não visitar uma escola predominantemente xhosa, pois esse era o grupo étnico ao qual o presidente pertencia. Ele era extremamente sensível sobre questões dessa natureza, e se tornou uma regra em minha cabeça que, se fizéssemos algo para um grupo, tínhamos de fazer algo para outro. Ele não queria ser visto como preconceituoso, nem ser acusado de favoritismo. Era como se estivesse determinado a permanecer o líder da construção de um nação, apesar dos esforços de pessoas para rotulá-lo em um grupo, raça, religião, classe específica, ou seja o que for.

Não tenho ideia de como terminei responsável pelas festas de Natal ou das visitas às escolas infantis, e também não sei por que ele não as passara para o Fundo para as Crianças, que fora fundado antes mesmo de eu começar a trabalhar com ele. Embora emocionalmente eu me beneficiasse da execução dessas tarefas, sendo apresentada a um novo significado de Natal, já suportava pressões no trabalho e tinha desafios mais do que suficientes a enfrentar. Fiquei feliz quando elas foram descentralizadas para o Fundo para as Crianças.

Ao mesmo tempo, o presidente deu início a um novo projeto. Ele conseguiu persuadir empresas, tanto locais quanto internacionais, a

construir escolas e postos de saúde nas áreas mais remotas do campo sul-africano. Mais de uma centena de escolas e mais de cinquenta postos de saúde foram erguidos através dessa iniciativa. O Presidente Mandela nunca foi o maior dos administradores, mas suas intenções e estratégia eram impecáveis.

No começo, o governo não prestava muita atenção às novas estruturas que eram erguidas. O processo era simples. O presidente falava com um chefe em particular, o líder tradicional de uma área rural em particular. O chefe pleiteava uma escola para sua comunidade. O presidente lia nos jornais os balanços financeiros excelentes das companhias, e então me incumbia de começar a procurar os dirigentes da companhia. Ele os convidava para tomar café da manhã ou almoçar comigo. Quem recusaria um convite do Presidente Mandela? Perto do fim do projeto de negócios, as pessoas brincavam entre si que, se o presidente convidasse você para um café da manhã, poderia ser o mais caro de sua vida. Apenas em duas ocasiões as pessoas prometeram construir estruturas e não cumpriram. Era impossível para o governo oferecer serviços no ritmo que as pessoas esperavam, e o Sr. Mandela fazia o que podia para dar rapidez ao processo, envolvendo o setor privado para apoiar esses esforços. Ele sempre dizia que a educação é a única arma com que se pode lutar contra a pobreza.

Primeiro conseguíamos que os representantes das empresas fossem de avião conosco às áreas rurais para ver onde a escola ou posto de saúde precisava ser construído, e para serem apresentados aos líderes da comunidade, que supervisionariam o projeto. Passamos horas e horas viajando para áreas remotas. Uma vez que o projeto era concluído, retornávamos com os empresários até a área e o Sr. Mandela, pessoalmente, inaugurava a escola ou o posto.

Nos estágios avançados do projeto, e com a mudança de governo, em 1999, descobriu-se que muitas dessas construções tinham sido abandonadas. O governo não fornecia os professores, os equipamentos, as enfermeiras ou as condições e a infraestrutura

para manter a iniciativa. Embora se considerem seus desafios, era uma pena que não houvesse coordenação capaz de oferecer a tempo o apoio necessário para o funcionamento eficaz dessas instituições. Às vezes o presidente também era culpado, por aceitar muito facilmente os pedidos dos líderes tradicionais, sem uma investigação suficiente para saber se uma escola ou posto de saúde tinha sido realmente planejado para a área certa. Nos anos posteriores, o Instituto Nelson Mandela para Educação e Desenvolvimento Rural se associou à Universidade de Fort Hare, no Cabo Oriental, para manter algumas das escolas que o presidente havia iniciado.

Lamentavelmente, o sistema educacional da África do Sul, mais especificamente nas áreas rurais, tende a falhar. Até hoje, esse é um dos maiores desafios que a África do Sul enfrenta: a educação. O magistério é uma das profissões mais mal remuneradas, e, como resultado, deixou de atrair pessoas com paixão pelo trabalho. Os professores simplesmente já não conseguem manter suas famílias. Nas áreas rurais, a infraestrutura é incapaz de oferecer a eles os instrumentos e os livros necessários. Devido à localização remota de algumas dessas escolas, elas dificilmente recebem apoio do Departamento Nacional de Educação, e ao mesmo tempo é difícil para o departamento exercer esse controle.

Em cada visita ao local onde a escola rural ou posto de saúde era construído, a imprensa era convidada a acompanhar o presidente. A exposição de qualquer empresa associada a esse projeto nas principais manchetes do dia, junto com o Presidente Mandela, valia o dinheiro que eles desembolsavam. Muitos deles ainda continuaram a manter algumas das escolas e postos de saúde que originalmente construíram, e compartilhavam a paixão do presidente pela educação para os nossos jovens.

Em 1998, o Presidente Bill Clinton enfrentou o maior desafio político de sua carreira. O escândalo do seu relacionamento com Monica Lewinsky ameaçou sua carreira política e fez as manchetes

internacionais. Em meio à pressão, ele agendou uma visita oficial à África do Sul. Se alguém estiver em apuros, não há melhor amigo do que Nelson Mandela. O presidente jamais condenaria o que havia acontecido, mas tinha uma maneira de colocar as coisas em perspectiva a partir do ponto de vista de sua humanidade. Você ainda se sentiria culpado, mas ele o faria sentir-se a salvo e, de maneira gentil, o persuadiria a assumir a sua responsabilidade sem sentir-se humilhado. Observando isso no decorrer dos anos, percebi o quanto meu pensamento mudara e como eu avaliava coisas sobre as quais teria sido muito teimosa antes. O Presidente Mandela nunca temia admitir seus próprios erros e então quase pulava na oportunidade de se desculpar e depois seguir em frente. Ele dizia às pessoas, sempre que elas queriam louvá-lo, que “um santo é o pecador que nunca desiste”.

Isso não significa que ele eventualmente justificasse algo que não envolvesse integridade ou honestidade, e sim que ele acreditava que as pessoas sempre tinham as melhores intenções, porém às vezes tropeçavam, como todos os seres humanos. O mais importante para ele, e que se tornou claro para mim, era que aqueles que falhavam, pecavam ou tropeçavam não precisavam se sentir isolados por cometerem erros. Ele era severo quanto aos enganos cometidos, mas reconhecia a humanidade deles, ao mesmo tempo que elogiava a honestidade ao admiti-los. O Presidente Mandela recebeu Bill Clinton de braços abertos. Ele admitiu as dificuldades pessoais que Clinton enfrentava em relação ao caso Monica Lewinsky, mas garantiu ao presidente dos Estados Unidos que ainda o respeitava e tinha fé em sua capacidade de liderança.

Em 27 março de 1998 foi oferecido um banquete em homenagem à visita do Presidente Clinton à África do Sul. Àquela altura, todos os secretários cumpriam turnos iguais para atuar nos eventos e dar apoio ao Sr. Mandela. Fiquei surpresa quando me pediram para trabalhar durante o banquete, a ser realizado em Vergelegen, uma fazenda vinícola em uma prestigiada região perto da Cidade do Cabo. Seria um evento histórico, e todos queriam trabalhar naquela

noite. Vergelegen fica a quarenta minutos de carro de Genadendal, a residência oficial do presidente. Então, para evitar o trânsito e economizar tempo, a segurança decidiu que seria melhor para nós irmos de helicóptero até lá.

Nunca fui boa (e ainda não sou) em me vestir. Fico mais confortável com meus jeans favoritos, sandálias e uma blusa ou camiseta. No entanto, entendi que para esse banquete eu deveria fazer um esforço. Afinal, era um evento em homenagem à nação que era considerada a mais poderosa do mundo. Mandei fazer um vestido longo preto, nada extravagante, e decidi usar um sapato de salto, mas não muito alto, pois em geral nós ficávamos em pé a noite toda.

Nossos helicópteros eram militares rústicos, parecidos com os que carregavam os soldados. Sempre que estávamos em um helicóptero, era fácil imaginar que estávamos nos dirigindo para algum combate. O Oryx é uma máquina sólida, considerado um dos melhores helicópteros fabricados no mundo. Tem espaço para dezesseis passageiros completamente armados. Eu amava voar de helicóptero. Amava o som do motor, especialmente quando os pilotos faziam manobras. Sempre gostei de aventuras.

Assim que pousamos em Vergelegen, os degraus de desembarque foram posicionados em seu lugar. Segundo o protocolo, o presidente sempre entra por último em um avião e sempre desembarca primeiro. Se a Sra. Machel nos acompanhasse ou se houvesse um convidado oficial, essa pessoa o seguiria. O oficial de segurança sempre pulava do helicóptero logo depois do pouso. Quando o presidente começou a descer a escada, começou a falar comigo e me fez uma pergunta. A pergunta provavelmente se relacionava a alguma coisa sobre o programa, ou à hora de chegada do Presidente Clinton. Já no chão, ele estava prestes a se virar para me olhar e ouvir minha resposta quando eu voei pelas escadas e aterrissei ajoelhada atrás dele. Aconteceu que meu vestido ficou preso na grade do degrau de aço e me impediu de dar um passo à frente.

Todos à minha volta começaram a rir, exceto o presidente e a Sra. Machel. Deve ter sido a coisa mais engraçada do mundo. Uma coisa é cair, outra é cair usando um vestido de gala, e outra ainda pior é fazer tudo isso desembarcando de um helicóptero. O Sr. Mandela ordenou: "Ajudem-na a se levantar! Ajudem", e ficou muito preocupado comigo. "Seu vestido rasgou?", ele perguntou. Eu chequei rapidamente, mas tudo parecia estar bem.

As pessoas tiveram muita dificuldade para se controlar. Como o Presidente Clinton também devia chegar de helicóptero, toda a área estava cheia de agentes do serviço secreto. Eles estavam escondidos atrás dos arbustos, então parecia que um vento repentino passava pela área quando começaram a rir com a minha entrada. O presidente foi o único que pareceu preocupado. Eu me recompus, e nós nos encaminhamos para a casa onde iríamos esperar a chegada do Presidente Clinton.

Ao Sr. Mandela foi reservada uma cadeira na casa adjacente à tenda sob a qual o banquete seria servido a fim de esperar a chegada de Bill Clinton, de maneira que os dois entrassem simultaneamente no local. Permaneci do lado de fora, tentando reunir informações sobre o horário de chegada do convidado, para poder posicionar o Sr. Mandela. Vergelegen é uma fazenda vinícola particular cuja casa é lindamente decorada ao estilo colonial holandês do Cabo. Enquanto esperava, conheci um dos melhores comediantes da África do Sul, Pieter-Dirk Uys. Ele se preparava para sua entrada no banquete e me fez esquecer o acidente que eu havia sofrido. O presidente adorava suas apresentações, embora ele não poupasse ninguém nas imitações de políticos da África do Sul. Depois de voltar a entrar na casa onde o presidente aguardava, não notei um tijolo que havia sido colocado em frente a uma porta para impedir que ela batesse com o vento, e tropecei nele. Dessa vez eu não caí, mas me vi em frente ao presidente muito mais rápido do que o esperado. Ele apenas disse: "Ah, não, querida. Melhor você pegar uma cadeira e se sentar". Fiquei muito embaraçada, e obviamente mais nervosa do que nunca quando entreguei ao Sr.

Mandela o discurso no púlpito onde ele falaria naquela noite. Ao subir as escadas até o pódio, rezei para que não me acontecesse outro desastre. Felizmente, o resto da noite transcorreu com tranquilidade.

Nessa época, eu era muito requisitada pelo presidente e pela Sra. Machel. Vínhamos tendo dificuldade para conciliar as agendas dos dois. Tínhamos de encontrar tempo para eles ficarem juntos, mas não era fácil. A Sra. Machel continuava com seu trabalho em Moçambique e pelo mundo, principalmente em defesa dos direitos das crianças, e viajava muito. Eu inúmeras vezes me vi em apuros por não conseguir conciliar seus horários com os do Sr. Mandela, mas era uma tarefa quase impossível. Ambos trabalhavam num ritmo que era quase uma corrida contra o tempo. O presidente queria que centenas de coisas fossem feitas em uma semana, e, quando conseguíamos acomodar tudo, a agenda da Sra. Machel estava lotada. Com frequência o presidente concordava com um compromisso e então, no dia anterior, a agenda toda mudava, não por causa da Sra. Machel, mas por outras prioridades que o pressionavam. Ou então ele simplesmente mudava de ideia. Já não tínhamos mais desculpas para adiar um compromisso com pouca antecedência, e sempre temíamos que as pessoas suspeitassem de que a causa fosse algum problema de saúde.

Naqueles dias, se o presidente tivesse uma simples gripe, o rand, a moeda nacional da África do Sul, desabava com notícias sobre a sua saúde — o mundo temia que os sul-africanos mergulhassem no caos e arruinassem o País. Para a população, o Sr. Mandela era o símbolo da estabilidade, negra e branca, e o mundo sabia disso. Usar sua saúde ou “ele não está se sentindo bem” como desculpa, portanto, jamais era cogitado, a menos que fosse absolutamente verdade. Ele estava quase se tornando um super-herói aos olhos do público. Se quisesse descansar, começaria a especulação pública sobre sua saúde.

Para o começo de 1998, o presidente havia programado angariar recursos para o Fundo Nelson Mandela para as Crianças. Esse fundo fora criado por ele em 1995 para amparar crianças, especialmente os órfãos afetados pela crise de Aids. Além de destinar o dinheiro de seu Prêmio Nobel da Paz para a criação do Fundo, anualmente ele doava um terço de seu salário e agendava uma viagem para angariar recursos, quando o tempo permitia. Naquela ocasião em particular, ele se programou para recepcionar algumas celebridades internacionais e modelos que embarcariam em uma viagem para lançar o recentemente reformado Blue Train — o trem de luxo para passageiros na África do Sul. Depois ele faria uma viagem no Queen Elizabeth 2, o QE2. As pessoas chegavam a pagar milhares de dólares para se juntar a ele e à Sra. Machel, e assim contribuía para o Fundo para as Crianças.

Foi durante esses eventos que alguns diamantes muito disputados foram dados para a top model Naomi Campbell pelo então Presidente Charles Taylor, da Libéria. Naomi apoiava o Fundo para as Crianças desde seu início, e foi uma das primeiras doadoras internacionais.

Durante o julgamento de Charles Taylor no Tribunal Penal Internacional, que recordava os episódios desse evento, fiquei interessada na cronologia dos acontecimentos. Ninguém perguntou a qualquer dos oficiais de segurança da África do Sul quem seriam os guarda-costas que bateram na porta de Naomi, na casa de hóspedes presidencial, e lhe entregaram a “sacola das pedras”. Se fossem guarda-costas sul-africanos, teriam aberto a sacola antes. Ninguém, nem mesmo o Sr. Mandela, poderia entregar um presente no prédio sem que o pacote fosse aberto e verificado. Se alguém tivesse perguntado à segurança, eles certamente teriam checado quantas pedras havia em seu interior, e teriam registrado quem quer que houvesse entrado na casa naquela noite. Um oficial da polícia sul-africana era encarregado de manter o que eles chamavam de livro de bolso, onde eles anotavam todos os dias o que faziam e prestavam conta de cada minuto, precisamente, pois em caso de

questionamento eles teriam o livro de bolso como respaldo. Eu duvido que algum policial sul-africano permitisse a dois guarda-costas liberianos desacompanhados entrarem na casa de hóspedes, portanto as respostas estão em algum lugar nos registros da África do Sul. Nós não sabíamos nada sobre o presente, mas Naomi afirmou que havia entregado a sacola de diamantes ao diretor do Fundo para as Crianças, embora ele depois tenha sido considerado inocente da posse de diamantes não lapidados.^[3]

Embarcar no QE2 foi uma experiência muito agradável, embora o navio estivesse claramente equipado para idosos. Era grandioso e à moda antiga. As pessoas se arrumavam para o jantar toda noite, mas para mim parecia que estavam indo para a igreja. Não havia festas para os jovens, e sim bailes dançantes. Mas era bonito ver os casais mais velhos dançando e ainda se amando. O presidente e a Sra. Machel não foram dançar, mas gostaram de estar no QE2. Eles compareceram apenas à apresentação e a um jantar no navio, e pelo resto do tempo finalmente tiveram alguma privacidade longe das pressões do “continente”.

Depois dessa viagem no QE2, eu fiquei doente pela segunda vez em quatro anos. Não conseguia manter o ritmo. O presidente estava influenciado por vários fatores, um deles o fato de que seu afastamento da função pública se daria em menos de um ano, e ele queria capitalizar sua posição para imprimir velocidade às mudanças que ansiava fazer. Os médicos me disseram que eu tivera a repetição de uma infecção do miocárdio que eu havia tido depois de nossa visita ao Japão, em 1995, e que eu estava fisicamente esgotada. Por quatro semanas eu fiquei de licença médica em casa, mas, depois de cerca de uma semana, recebi uma ligação da segurança: o presidente queria visitar minha casa na vila do governo, Acacia Park. Eu não achei apropriado que o Sr. Mandela viesse até minha casinha simples de um quarto, e lhe telefonei para tentar convencê-lo de que eu estava bem, logo voltaria ao trabalho e não era necessário me visitar. Ele insistiu e logo chegou, trazendo a cesta de flores mais linda que eu já recebi.

Durante a visita, para me animar, ele me disse, muito inocentemente: "Você sabe que só as pessoas fracas ficam doentes". Eu esperava que ele fosse um pouco mais solidário. Por toda a sua vida ele acreditou que você tem o controle de seu próprio corpo, e que no processo de cura a mente precisa ser mais forte do que os remédios usados. Você também precisa ter a determinação para ficar melhor.

Não importa quão difíceis pudessem estar as coisas, quanta pressão sofrêssemos, ou quão cansada eu estivesse; ver seu rosto e seu sorriso iluminando a sala era o ponto alto de cada dia. Mais tarde, eu não podia evitar sorrir sempre que o via. Quando você trabalha intimamente com alguém, inevitavelmente começa a ler as emoções e o humor da outra pessoa. Mesmo nos momentos mais difíceis, eu sempre trazia um sorriso no rosto, embora algumas vezes apenas reservado ao meu coração.

Então continuei a trabalhar sem descanso; o estresse e a fadiga em alguns momentos se manifestavam. Uma vez, Madiba leu para mim um artigo de jornal sobre um estudo com pessoas que têm os quadris mais robustos; segundo a pesquisa, essas pessoas lidam melhor com o estresse. Na primeira vez em que ele o leu, eu entendi e respondi: "Está vendo, Khulu? É por isso que eu consigo lidar com todo o estresse, porque o meu traseiro é grande". Ele gargalhou e então leu o artigo para mim uma segunda vez. Eu não achei engraçado. Ele estava me provocando, mas consegui pará-lo.

Ele estava sempre muito atento ao peso e à saúde das pessoas. Não era raro perguntar a uma mulher se ela estava grávida se tivesse engordado uns quilinhos ao redor da cintura. Às vezes ele chamava um visitante para uma conversa em particular, e então lhe fazia um discurso sobre o peso. Perdi a conta do número de ocasiões em que ele apontou para a barriga redonda de alguém e disse: "Você precisa emagrecer". Algumas pessoas podiam achar ofensivo ter seu peso observado e criticado; era constrangedor ouvir Nelson

Mandela dizer a você que “precisa emagrecer”, sugerindo que você tinha de reduzir o quanto comia ou perder peso. Tentávamos a todo custo evitar esses comentários, e, sempre que ele dizia que queria ter “uma conversa particular” com alguém, tentávamos aconselhá-lo a não fazer isso; não era adequado. Ele ria e achava muito engraçado que tentássemos poupar as pessoas de ter de passar por isso. E então às vezes alguns insistiam em ter essas conversas particulares com ele porque pensavam que ele fosse revelar segredos confidenciais.

Em certa ocasião, eu esperava o presidente chegar a um evento público; quando ele desceu do carro, perguntou se eu havia aguardado muito. Eu disse: “Sim, de fato”. E sua resposta, em voz alta, foi: “Dá pra notar, porque você parece faminta”. Eu não estava. Sempre preocupado com minha segurança, e sempre preocupado se eu havia me alimentado.

Uma vez eu estava de dieta e recusei a refeição que foi oferecida em uma mesa preparada para ele. Preferi ficar com minha salada, mas ele me repreendeu, alegando que eu não havia comido o bastante. Expliquei que estava tentando perder peso, e ele respondeu que o meu peso não importava, porque eu me movia rapidamente. O que ele queria dizer é que, embora eu estivesse cheinha, isso não afetava meu ritmo para caminhar ou fazer outras coisas. Ele era engraçado. Quando você não comia, ele o encorajava a comer mais, mas, quando você repetia, ele olhava para o seu prato com reprovação. Sempre fui sensível com relação ao peso, mas, quando eu me queixava, ele só dizia, com ternura: “Você está digna”.

Naquele mês de junho, o presidente almoçou, em Mahlamba Ndlopfu, com Wolfie Kodesh. O Sr. Mandela me contou que ficara com Kodesh antes de ser encarcerado, e eu fiquei muito impressionada ao saber que aquele homem tinha escondido Madiba por uma semana em seu apartamento em Joanesburgo, em 1961. O presidente costumava se exercitar toda manhã, então ele corria no

mesmo lugar no apartamento de Kodesh por dez ou vinte minutos. Apesar da amizade que testemunhei entre os dois quando se reencontraram, não pude deixar de imaginar a perturbação de ter uma pessoa correndo em seu apartamento às cinco da manhã. O fato é que a tolerância recíproca dos dois combatentes pelos direitos civis os distinguia como uma estirpe especial. Eu admirava a paciência e tenacidade de ambos.

Eu já havia visto, em um quarto de hotel, a seriedade com a qual o presidente se dedicava aos exercícios. Tive de me controlar para não gritar: "Khulu, você vai se machucar". Ele era alto e estava em forma, mas você subestimava sua força a menos que o visse se exercitar. Parecia um boxeador treinando, e fazia todos os movimentos com convicção e determinação. Sempre que alguém lhe perguntava que tipo de exercício ele fazia, o Sr. Mandela oferecia de boa vontade seus conselhos. Em mais de uma ocasião, enquanto viajávamos para o exterior, tive de encontrar uma *medicine ball* para ele se exercitar. Ele dizia que eu deveria tentar, porque eliminava a barriga. Às vezes sua rotina de atividade física era frenética. Tanto que Rory Steyn, seu guarda-costas, achava muito engraçado. Tínhamos de disfarçar o riso enquanto Madiba se exercitava loucamente em algum hotel de luxo. Posso não ter visitado os pontos turísticos de todas as cidades ao redor do mundo, mas posso indicar os hotéis com o melhor serviço de quarto, e sei encontrar uma *medicine ball*.

Virginia Engel passou a ser a secretária-chefe de nosso escritório depois que Mary foi embora. O presidente ainda sabia meu celular de cor e continuava a me chamar para tudo, o que às vezes me punha em uma situação difícil, pois eu tinha de informar Virginia de tudo o que ele me solicitava. Ele me telefonava à noite para me dizer que remédio queria que lhe fosse entregue no dia seguinte, e às vezes me ligava para que eu o lembrasse de alguma coisa.

Durante esses anos, tentei ficar longe dele o quanto pude. Eu acreditava que, quanto mais você se aproxima do fogo, mais fácil é

se queimar. Tentei criar uma distância saudável e evitar que ele se sentisse incomodado com a minha presença. Com o tempo isso se tornou mais difícil, porque ele se sentia inseguro quando eu não estava por perto em alguma situação profissional. Ele sabia que eu entendia exatamente como ele queria que as coisas acontecessem ao seu redor. Ele queria saber em detalhes o que esperar a cada evento ou reunião, e confiava que eu asseguraria a ordem e o foco. Mas, naquele momento, oficialmente, eu era apenas uma das assistentes da secretária particular do presidente.

Meu colega Morris Chabalala era uma das pessoas mais doces que já conheci. Sua voz era suave, e sua conduta, muito gentil e humilde. De certa maneira, o presidente era antiquado, e não aceitava facilmente que um homem fosse seu secretário. Morris não fazia nada errado, mas o Sr. Mandela se sentia diferente em relação a mulheres que ocupavam determinados postos. O presidente não as discriminava, mas simplesmente mudava o foco quando se tratava de mulheres. Era a mesma situação com os pilotos. Assim que algumas delas começaram a pilotar aviões e helicópteros da força aérea, embora ele nunca tenha expressado qualquer reserva, ficava um pouco mais alerta. Nós sempre o repreendíamos, e ele admitia que era algo com que ainda precisaria se acostumar. Ele era muito consciente desses estereótipos e nunca mostrava suas reservas publicamente, mas, se você o conhecesse, sentiria seu desconforto. Por mais que ele defendesse a igualdade, admitia que tinha de se esforçar para mudar suas próprias percepções.

Uma vez Morris teve de cuidar de um pequeno incidente diplomático que envolvia as embaixadas da Espanha e de Portugal. Morris deveria entregar em mãos uma carta para o embaixador da Espanha, contendo informações de que a África do Sul no futuro reconheceria o Saara Ocidental como país independente. Por engano, ele entregou a carta na Embaixada de Portugal e não na da Espanha. O embaixador de Portugal não nos informou sobre o erro. Ele abriu a carta e a guardou por vários dias antes que o Sr. Mandela descobrisse que a correspondência que ele havia enviado para a

Embaixada da Espanha não fora recebida. Morris descobriu por si mesmo que a havia entregado na embaixada errada e falou com o Prof. Gerwel, que informou o presidente.

O erro provocou um incidente diplomático. O presidente expulsou o embaixador português da África do Sul, por ter guardado a carta. Foi no mínimo antiético engavetar uma informação de importância internacional sem alertar o remetente. O caso poderia ter resultado em uma crise diplomática muito grave. Mas o Sr. Mandela sentiu que também tinha de agir dentro de seu gabinete, para demonstrar tanto a gravidade como a justiça necessária para tratar da questão. Morris foi transferido, ironicamente, para o Departamento de Relações Exteriores. Eu pedi ao Prof. Gerwel e ao presidente que reconsiderassem, mas o Sr. Mandela foi inflexível; uma vez que tivesse decidido sobre um ponto, nem mesmo uma invasão militar poderia fazê-lo mudar de ideia. Falei com Morris em outras ocasiões, e ele parecia estar contente em seu novo emprego, apesar do tumulto e sofrimento que seu afastamento causou.

Esse incidente, não importa quão perturbador tenha sido, foi uma indicação muito clara de como o Presidente Mandela atuava como diplomata. Em questão de dias o público tinha esquecido o que aconteceu. Ele foi rápido em suas respostas, adotou ações decisivas e a questão foi resolvida. Em contrapartida, recentemente, na África do Sul, descobriu-se que amigos do Presidente Jacob Zuma receberam permissão para aterrissar na base militar da aeronáutica em Pretória sem os procedimentos prévios de autorização. A família que pousou ali havia planejado uma luxuosa festa de casamento no resort Sun City, nos arredores de Pretória. Apesar da disponibilidade de aeroportos internacionais comerciais e particulares na região, eles aterrissaram em uma base militar e foram escoltados até a recepção em veículos oficiais. Politicamente, muito pouco foi feito em relação a esse caso.

À medida que o ano avançava, também avançavam as viagens do presidente. Ele trabalhava duro para mostrar ao mundo que a

África do Sul era um país saudável. Em certa ocasião, viajamos para Burkina Faso. Era uma reunião da União Africana com todos os chefes de Estado. Nos primeiros anos, era interessante observar e ser parte dessas grandes reuniões ao redor do mundo, mas as questões protocolares acabavam se tornando um pesadelo.

Burkina Faso recentemente havia construído as acomodações, para visitas de Estado, mas a nossa comitiva precisou procurar um local para fazer as refeições, embora estivéssemos acomodados nas recém-construídas casas de hóspedes. Em geral, os encontros desse tipo eram caóticos e tudo demorava horas. Outros chefes de Estado solicitavam audiências particulares com o Presidente Mandela. Às vezes ele concordava, mas às vezes evitava os encontros individuais. Esperava-se que os presidentes entrassem no plenário seguindo a ordem alfabética, ou pelo seu próprio nome ou pelo nome de seu país, já que o tempo de mandato era um ponto de disputa — alguns ditadores estavam no poder desde sempre.

Por algum motivo, meu pai havia me dado um grande pacote de *biltong* (carne-seca) para levar na viagem, e isso se tornou nossa refeição básica, junto com o pão que comprávamos em uma barraquinha ao longo da estrada. A influência francesa permanecia em Burkina Faso, então as baguetes quentinhas eram recheadas, com *biltong*, e por dois dias e meio os guardas de segurança e eu vivemos desse carregamento de carne-seca.

Em comparação com outras delegações, a nossa era sempre a menor. Usualmente, consistia em um secretário, um médico, dois guarda-costas particulares, entre três e cinco guarda-costas que chegavam com antecedência e mais uma ou duas pessoas responsáveis pelo cerimonial: uma da Presidência, outra das Relações Exteriores. Alguns ministros também iam, quando eram requisitados para conversas bilaterais, mas nunca passávamos de quinze ou vinte pessoas em nossa delegação completa nas visitas maiores. Outros chefes de Estado viajavam com delegações de mais de vinte pessoas: e os norte-americanos levavam mais de duzentas

peças, mas eles tinham dinheiro para isso. Nosso presidente mostrava, através dessas ações, que tínhamos outras prioridades e que o desperdício não seria tolerado. Ao mesmo tempo que isso era valorizado, aumentava a pressão pela eficiência de nossa equipe.

Devido à sua idade avançada — a essa altura, ele contava setenta e nove anos —, o presidente gostava de continuidade e não apreciava rostos pouco familiares ao seu redor. Sempre que havia um novo membro da equipe na delegação, ele perguntava reservadamente: “Quem é essa pessoa? O que ela faz?”. E você percebia que ele passava um tempo pensando nos custos e na produtividade. Muitas vezes indagava sobre os custos envolvidos, quer estivéssemos viajando no País ou no exterior. “Quanto custa o hotel onde você está? Quem está pagando?” Independentemente da resposta, dava para perceber que ele ficava preocupado com os gastos.

Depois da viagem a Burkina Faso, seguimos para o Reino Unido, onde nos hospedamos em uma casa de campo, propriedade da família Roode. Eles tinham uma grande empresa do ramo alimentício na África do Sul. Foi minha primeira vez na zona rural da Inglaterra, e eu amei. Depois de alguns dias de visita oficial em Londres, fomos para o País de Gales.

Em uma visita de cortesia à rainha no Palácio de Buckingham, fiquei impressionada com a amizade calorosa entre o presidente e ela. “Ah, Elizabeth”, ele disse quando a cumprimentou, e ela respondeu: “Olá, Nelson”. Apaixonada por cães, fiquei intrigada ao ver as tigelas de comida dos corgis na entrada lateral do palácio.

Depois do País de Gales, fomos para a Itália, onde estivemos no Vaticano. O presidente teve uma conversa particular com o Papa, depois da qual nos chamou para entrar. O Sr. Mandela fazia questão de apresentar sua delegação aos chefes de Estado, e com o Papa não foi diferente. Já debilitado naquela época, ele apertou nossas mãos, nos abençoou e nos deu um rosário. Eu não tinha ideia do

que era um rosário; pensei que fosse um tipo de colar católico. Liguei para minha mãe naquela noite e comentei que achei que o Papa conseguiu ver os pecados nos meus olhos quando olhou para mim. Embora alguns de meus colegas tivessem sentido a mesma coisa, minha mãe riu.

Em um almoço oficial na Itália, um dos ministros se engasgou com um camarão. Ele começou a tossir e então, de repente, o silêncio desceu sobre a mesa quando ele caiu de sua cadeira. Por sorte, o médico do Presidente Mandela estava na cerimônia. Como nós sempre viajávamos com uma delegação pequena, ele sempre insistia para que toda a equipe fosse incluída. Nosso médico literalmente salvou a vida do ministro naquele dia.

Mais tarde, o presidente passou a convidar a tripulação do avião presidencial para os banquetes, mesmo quando isso significava que ele tivesse de pedir autorização ao chefe de Estado. Ele jamais tratou alguém de sua equipe como um simples empregado.

Foi nessa viagem que fui apresentada a Yusuf Surtee, cujo pai era o alfaiate do presidente antes de ele ir para a prisão. O ateliê da família continuava a fornecer os ternos do presidente e suas famosas camisas estampadas. Yusuf trouxe Stefano Ricci, representante da famosa marca Brioni, para cumprimentar o Sr. Mandela. Assim como eu parecia ser a típica *boere-meisie*, Stefano era o italiano típico: jovial, animado e generoso. Ele sempre enviava belas roupas ao presidente; dava para perceber o afeto e o cuidado com que as selecionava.

O aniversário de oitenta anos do Sr. Mandela se aproximava. Uma enorme festa era planejada pelo CNA e pela família de Madiba, juntamente com Suzanne Weil, uma sócia das filhas dele, para a noite do dia 18 de julho. Toda a equipe pessoal foi convidada para o evento, que aconteceria na fazenda Gallagher, em Joanesburgo. A nata da alta sociedade sul-africana estava presente assim como

Naomi Campbell, Michael Jackson, Quincy Jones e Stevie Wonder, para citar apenas algumas celebridades mundiais.

Mais cedo na mesma semana, começou a correr a especulação de que o Presidente Mandela e a Sra. Machel se casariam no dia 18. Mas não havia acontecido nada fora do comum para que eu acreditasse haver alguma verdade nessa especulação. Parks Mankahlana, porta-voz do presidente, foi interrogado inúmeras vezes: "Eles vão se casar?". No começo, Parks dizia que não tinha certeza, depois passou a negar de modo vago, e finalmente afirmou que não haveria nenhum casamento. Liguei para Josina (filha da Sra. Machel) no início da semana para perguntar se ela sabia de alguma coisa. Ela não sabia de nada, e nós duas acabamos rindo. Josina morava com o presidente na residência oficial na Cidade do Cabo, enquanto estudava na universidade de lá. Por isso, passávamos muito tempo juntas e nos tornamos amigas íntimas. Eu disse a ela: "Zina, se estiver mentindo para mim, sabe que vou ter de mandar matar você". Estávamos animadas para a festa de aniversário, mas realmente não sabíamos de nada sobre o casamento. No dia 18 de julho, sábado, vi as manchetes dos jornais assim que acordei: ELES VÃO SE CASAR. Apenas sorri. Eu estava, entre alguns outros, convocada para trabalhar na residência de Houghton naquele dia.

O presidente e eu estávamos acostumados a nos falar pelo telefone. Ele me passava tarefas e eu ligava de volta com recados ou perguntas. Passávamos muito tempo ao telefone, para irritação de muitos. Ele conhecia minha voz e me ouvia com facilidade, enquanto tinha dificuldade para escutar outros ao telefone. Então, no seu aniversário de oitenta anos, decidi telefonar de manhã para lhe desejar felicidades. Eu jamais ligaria ou o perturbaria se não tivesse uma razão muito boa, mas naquele dia pensei que seria uma boa ocasião para ligar, apesar de saber que o veria mais tarde na residência.

O presidente e a Sra. Machel passaram a noite da véspera na Mahlamba Ndlopfu, a residência oficial do presidente em Pretória, algo que não acontecia com frequência, já que sempre preferiam ficar em Joanesburgo. A equipe doméstica transferiu minha ligação para ele e eu disse: "Bom dia, Khulu", e comecei a cantar "Parabéns a você". Depois da última nota, eu disse: "Espero que hoje seja o dia mais bonito de toda a sua vida!". Percebi que ele se divertia e que sabia que eu tentava pescar informações. Ele simplesmente respondeu: "Obrigado, querida. Definitivamente será". E então eu soube: *eles iam se casar*. Eu me sentia perdida. Não conseguia conter minha excitação, mas não queria contar a ninguém. Passei o dia inteiro tentando descobrir onde/quando/como. E me lembrei do dia em que o Sr. Mandela pediu que eu chamasse um joalheiro em Mahlamba Ndlopfu algumas semanas antes. Quando o joalheiro chegou, os dois foram para fora e se sentaram embaixo de uma árvore para conversar. Pensei que fosse alguém que o presidente conhecesse de antes e nem dei atenção. Quando descobri sobre o casamento, imaginei que aconteceria no banquete oficial, já que lá estariam todos os amigos e familiares do casal.

Eles almoçaram na casa de hóspedes presidencial, na qual a família estava reunida. A equipe não foi convidada. Seguimos para a casa de Houghton e, ao chegarmos lá, ficou evidente que a imprensa não desistiria facilmente. Havia repórteres por todos os lados; alguns tentavam pular o muro, outros subiam em árvores nos terrenos vizinhos. A segurança teve bastante trabalho. Lá dentro, as coisas estavam começando a se organizar. Fomos para o fundo e começamos a baixar as taças e o que mais fosse necessário para a reunião. Logo o presidente chegou com a Sra. Machel, seguidos por alguns dos outros convidados. Mais uma vez eu não quis me intrometer e fiquei o mais distante possível. Então, como um incêndio na savana, as notícias se espalharam pela casa: "Haverá um casamento aqui dentro de alguns minutos".

A cerimônia foi simples e bonita. Apenas alguns privilegiados puderam assistir, e eram realmente pessoas próximas a eles: o

Arcebispo Desmond Tutu; Thabo e Zanele Mbeki; o Príncipe Bandar bin Sultan, da Arábia Saudita; Yusuf Surtee; George Bizos; Ahmed Kathrada e os Sisulus, para mencionar alguns. Seguindo o autêntico estilo de Madiba, havia uma representação completa de todas as denominações religiosas da África do Sul. Apesar de os trabalhos terem sido conduzidos pelo bispo metodista Mvume Dandala, todas as outras religiões tiveram um papel a desempenhar. Foi tudo muito emocionante. Vimos a Sra. Machel descendo as escadas sozinha, fazendo jus ao seu nome: Graça. Nossa equipe acompanhou tudo da sala ao lado, e não podíamos conter as lágrimas. O presidente merecia ser feliz.

Aquela noite teve toda a celebração a que o casal tinha direito. Quando Madiba subiu ao palco, suas primeiras palavras receberam um aplauso ensurdecedor: "Minha esposa e eu...". O País celebrou com eles.

Foi uma grande noite, uma celebração maravilhosa. Eu me beliscava. Jamais sonhei que estaria presente na festa de oitenta anos e no casamento de Nelson Mandela. Naquela época ele me transformara muito.

Nos dias 10 e 12 de setembro de 1998, a reunião da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (cuja sigla em inglês é SADC) aconteceu nas Ilhas Maurício. Os Estados-membros incluíam países da África Austral, e a reunião devia desta vez ser presidida pela África do Sul (os chefes de Estado assumiam a presidência de forma rotativa). Quando o presidente e a Sra. Machel chegaram às Ilhas Maurício, alguns dias antes, já havia rumores de que o Lesoto, um pequeno reino rodeado pela África do Sul, estava à beira de um golpe. Nós tínhamos contato regular com o Primeiro-Ministro Mosisili e com o Rei Letsie III, e, mesmo sem saber a razão, eu tinha conhecimento de que eles passavam por dificuldades. Tanto o presidente como o Vice-Presidente Mbeki estavam fora do País na época, e o Ministro Mangosuthu Buthelezi era o presidente interino da África do Sul.

Depois da posse de Mandela, o Partido Nacional havia se unido ao recém-formado governo do CNA, e esse exercício cooperativo do poder era conhecido como Governo de Unidade Nacional. Mas naquela época o Governo de Unidade Nacional havia sido dissolvido, após a saída do governo do Partido Nacional. O Partido da Liberdade Inkatha (PLI) era, portanto, o maior partido de oposição no Parlamento, e nomear o líder do PLI, Ministro Buthelezi, como presidente interino enquanto o Sr. Mandela e seu vice estavam no exterior era um gesto de confiança por parte do CNA.

Lembro-me do presidente cansado e preocupado com os acontecimentos no Lesoto, nos quais se relatou a morte de 134 pessoas como resultado da invasão do País pela África do Sul — considerada o maior erro cometido durante a presidência do Sr. Mandela. O presidente passou a noite ao telefone em conversas com o Ministro Buthelezi e o governo do Lesoto.

Não foi fácil essa primeira visita às Ilhas Maurício. Em vez de nadar nas belas águas do oceano Índico, assistimos a cerimônias oficiais, desde banquetes e reuniões até uma visita ao jardim botânico. Para mim teria sido melhor ir nadar que olhar para uma flor que só nasce uma vez a cada setenta e cinco anos. Além disso, estávamos cansados e perturbados pelos acontecimentos no Lesoto.

No dia seguinte ocorreu a reunião da SADC, que estava programada para iniciar às dez da manhã, mas o Presidente Mugabe, do Zimbábue, entrou na sala com mais de uma hora de atraso. O Sr. Mandela não gostava de presidir reuniões, então geralmente apenas abria a sessão e entregava a reunião para alguém que garantisse a observação das regras. Ninguém jamais questionou esse tipo de arranjo, e apenas ocasionalmente ele comentava os procedimentos ou assentia para demonstrar sua aprovação ao processo. Enquanto o Presidente Mugabe entrava, outro chefe de Estado discursava para a assembleia. O Presidente Mandela o interrompeu, solicitando que parasse. Isso era algo

incomum, e a atmosfera ficou tensa. Foi uma das poucas ocasiões em que o Presidente Mandela interrompeu alguém que discursava.

O Sr. Mandela esperou que o Presidente Mugabe se sentasse e então começou um discurso improvisado de cerca de vinte minutos sobre ser desrespeitoso e desperdiçar o tempo dos demais. Segundo ele, "alguns chefes de Estado" se consideravam mais importantes e, portanto, pensavam ser aceitável chegar atrasado. Ele não mencionou o nome do Presidente Mugabe em momento algum, mas todos nós sabíamos que se referia a sua conduta. Em seguida, o Sr. Mandela usou palavras que nunca esqueci: "O fato de alguém ocupar uma posição particular não significa que ela seja mais importante que qualquer outra pessoa. Seu tempo não é mais valioso que o dos outros. Ao se atrasar, você mostra que não tem respeito pelo tempo dos demais, portanto não tem respeito para com mais ninguém porque se considera mais importante".

Depois que o Sr. Mandela terminou seu discurso, o Presidente Mugabe permitiu que a sessão continuasse por algum tempo e depois saiu silenciosamente, da maneira mais discreta possível. Essa foi a última vez que vi algum tipo de interação entre eles e jamais, que eu saiba, houve outro contato entre os dois, salvo a protocolar troca de cortesias quando compartilhavam algum evento relativo à África.

O Presidente Mandela sempre dizia que, antes da democracia na África do Sul, o Zimbábue era considerado a estrela do continente, mas, quando a África do Sul se transformou em uma democracia, o sol nasceu e a estrela sumiu. Penso que essa foi uma das razões pelas quais o Presidente Mugabe adotasse uma postura amarga em relação aos esforços da África do Sul. Mais recentemente, em uma entrevista, Mugabe comentou o fato de o Sr. Mandela ser considerado um santo e deixar os brancos satisfeitos à custa do povo negro. O Presidente Mandela já não era capaz de se defender àquela altura, por causa da idade; Mugabe esperou muito tempo para procurar se vingar através da humilhação pública. Seu

comentário evidenciava a falta de compreensão diante da situação sul-africana. Afinal, se na época não tivesse se concentrado na reconciliação, nosso país teria se consumido em chamas e terminaria de modo muito semelhante à situação na qual o Zimbábue se encontra hoje.

O Sr. Mandela solicitou que eu o acompanhasse em visita oficial à Arábia Saudita. John Reinders, chefe do cerimonial da Presidência, e eu, juntamente com alguns seguranças, partimos para Riade com alguns dias de antecedência. A embaixada sul-africana na Arábia Saudita se ofereceu para “alugar” uma *abaya* para mim — a “capa” que as mulheres muçulmanas usam para se cobrir. Já que eu não sabia do que falávamos, concordei.

Quando cheguei a Riade, ficou claro que esse país, sua cultura e religião eram muito diferentes de qualquer lugar que eu houvesse imaginado. Recebi minha *abaya* no aeroporto, e logo me informaram que eu deveria me cobrir imediatamente e permanecer assim todas as vezes que aparecesse em público. A caminho da casa de hóspedes presidencial, fiz um curso rápido sobre a fé islâmica e a cultura muçulmana. Fiquei atônita ao perceber que todas as regras se aplicavam principalmente às mulheres. Não levei isso muito a sério até conversar com alguns dos funcionários da embaixada, que me disseram que em Riade ainda havia execuções públicas de pessoas que cometiam “crimes religiosos”. Sendo um tanto rebelde, decidi testar as fronteiras desse sistema de crenças.

Primeiro fomos a um mercado noturno. Entrei na primeira limusine que estava com a porta aberta e ouvi pessoas discutindo em árabe ao redor do carro. Aparentemente a discussão era sobre quem poderia viajar comigo ou não. A uma mulher solteira não é permitido viajar em um carro com um homem que não seja seu parente. Especial e definitivamente, *não* com um homem casado. Então, fui sozinha.

As lojas só abrem por volta das dez da manhã, e ao meio-dia tudo fecha, já que as pessoas vão às mesquitas orar. O comércio reabre à uma da tarde, e a cada hora algumas lojas fecham para as pessoas saírem e rezarem. De repente você podia estar na fila do caixa e ser expulso da loja quando começavam a tocar as sirenes que marcavam o início das preces. Portanto, era melhor visitar os mercados noturnos, onde as lojas ficavam abertas até mais tarde e as orações não interrompiam as compras.

Fui informada de que deveria prestar atenção à Mattawa, a polícia militar religiosa, que vigiava a conduta das pessoas na observação da cultura muçulmana. Eles caminham pelas ruas usando uniformes semelhantes aos dos policiais comuns, mas portam cassetetes manchados com tinta vermelha, me disseram. Se flagram alguma violação dos costumes, batem nos tornozelos da pessoa com o bastão, marcando-os com tinta vermelha. Se essa pessoa for pega uma segunda vez, será presa. E sabe-se lá o que poderá acontecer então. Uma vez recebi uma reprimenda no mercado. Um dos policiais berrou: "Cubra-se, cubra-se", mas eu me afastei antes que pudessem me marcar com a tinta. Havia belos tapetes para ver e coisas para comprar, e isso nos distrai tanto que nos faz perder o foco nas coisas ao redor; mesmo assim, apreciei o modo como vivíamos na África do Sul. De qualquer forma, na época não era permitido visitar a Arábia Saudita como turista, e o processo de concessão de vistos era estritamente controlado. Portanto, considerei um privilégio a experiência de poder visitar aquele país.

Nossa primeira reunião com o chefe do cerimonial estava marcada para a noite anterior à chegada do Presidente Mandela ao País. Definitivamente, não é um dos lugares mais fáceis de trabalhar, em particular quando se é mulher. Esperamos dias para confirmar a reunião com o chefe de cerimonial deles para discutir a programação. A única resposta que tínhamos era "esperem". E nós esperamos. Não podíamos ir a nenhum lugar; era preciso aguardar notícias.

A reunião foi marcada no palácio presidencial, onde o Presidente Mandela ficaria hospedado. No começo os homens vestidos com roupas tradicionais pareciam amistosos. Evitei o contato visual, como haviam recomendado. O chefe do cerimonial saudita começou a reunião com a usual troca de cortesias. Afirmou que estavam honrados por receber o Presidente Mandela. Nós também nos sentíamos honrados, mas eu queria que ele passasse para os detalhes da programação. Já era tarde, e eu estava cansada. Por volta da meia-noite, entretanto, estávamos longe de ter qualquer informação. Àquela hora o avião do Sr. Mandela já havia decolado na África do Sul.

Sempre que John Reinders colocava uma questão para o chefe do cerimonial, ele pegava o telefone e conversava com alguém. Terminava a ligação e passava para a questão seguinte. Depois de duas horas nessa história, eu já estava farta. John decidiu sair para fumar e eu o segui. Discutimos sobre o que acontecia lá dentro e eu disse a ele que, quando voltássemos, eu deveria assumir o controle. John era totalmente capaz de negociar por conta própria, mas já havíamos esgotado nossas opções de abordagem para tentar conseguir respostas. Abandonei completamente a consideração pelos costumes e olhei o sujeito direto nos olhos: "Senhor, o Presidente Mandela está a caminho daqui. Esta é a primeira vez na minha vida que ouço falar de uma visita oficial que não tem um programa quando o chefe de Estado já está a caminho. O presidente espera que saibamos o que vai acontecer quando ele chegar, e neste momento você não está nos ajudando".

O chefe do cerimonial tentava evitar meu olhar e pegou o telefone mais uma vez. Depois pediu licença para sair, e John e eu começamos a rir. Realmente era ridículo. Quando ele voltou, trinta minutos depois, perdi de vez a paciência. Bati com o punho na mesa e disse: "Senhor, se não nos der os detalhes agora, agora mesmo, iremos instruir o avião do Sr. Mandela a dar meia-volta, pois não podemos esperar que o nosso presidente desembarque em um país estrangeiro sem um programa para sua visita". Eu imaginava que ele

houvesse subestimado nossa responsabilidade para com o Presidente e não queria nos dar a informação. O sujeito estava evidentemente enojado. As mulheres não falam com os homens dessa maneira na Arábia Saudita. “Senhora”, ele respondeu, “por favor, acalme-se.” Essa é a segunda pior coisa que alguém pode me dizer. Eu respondi: “Não vou me acalmar a menos que você nos dê agora mesmo os detalhes”.

Ele mais uma vez pegou o telefone e evidentemente, sem que eu pudesse compreender uma palavra, disse à pessoa na outra linha que viesse até o escritório. John comentou comigo em africâner: “Acho que perceberam o problema”. Pouco tempo depois, dois outros homens chegaram e nós passamos para uma sala de reuniões. O programa foi exposto, e, apesar de os horários não estarem totalmente confirmados, pelo menos havia uma indicação do que se esperava.

Na manhã seguinte, notei que ninguém da equipe do palácio falava comigo. Supus que fosse por conta do meu comportamento na noite anterior, e pouco me importei com isso. Cerca de três horas antes da chegada do presidente e uma hora antes de irmos para o aeroporto, o palácio ficou imobilizado pelo anúncio da chegada de um príncipe. Todos correram para a porta e se alinharam para a recepção. Não sabíamos a quem esperar, e me disseram que podia ser um dos dois mil príncipes. Para minha surpresa, era o Príncipe Bandar, amigo íntimo do Presidente Mandela, que na época atuava como embaixador saudita nos Estados Unidos. Evidentemente, ele era respeitado por todos no palácio.

Quando o príncipe entrou, acenando com a cabeça em saudação, caminhou direto para mim e me beijou. “Oi, Zelda.” Notei com o canto dos olhos que todos se espantaram. Eu era a única mulher no ambiente, solteira, e o príncipe me beijou. “Como você está, Zelda? Seja bem-vinda”, disse ele, e nos trocamos gentilezas. Ele foi comigo até uma sala de estar, onde perguntou pela chegada do presidente,

sobre o programa etc. Quando ele se foi, passei a ser tratada como uma princesa.

Os sauditas são um povo extremamente hospitaleiro. Não poupam esforços para assegurar seu conforto — desde que você se comporte. São amistosos em geral, desde que você observe a cultura do País e respeite suas crenças. Madiba estava acompanhado de algumas ministras, mas soubemos que elas eram proibidas de ir ao banquete oficial ou de se encontrar com o rei. Todas as mulheres foram, então, a um jantar particular na casa de um empresário. O banquete oficial só começou à meia-noite, e o presidente com a sua comitiva só voltaram à casa de hóspedes depois das duas da madrugada. Na manhã seguinte estávamos todos cansados, mas, a despeito de nossa exaustão, o Sr. Mandela tomou seu café exatamente às sete da manhã, como de costume. Naquela época ele já contava oitenta anos, mas seu entusiasmo e seu espírito eram de um jovem.

Quando partimos, no dia seguinte, eu estava farta de regras e regulamentos e queria estar em casa, no meu próprio ambiente. Quando chegamos ao aeroporto para embarcar em nosso voo comercial de volta, os homens da segurança foram detidos e a bagagem, revistada. Eles geralmente portavam armas de fogo, com licenças obtidas junto ao governo hospedeiro, assim como equipamentos de segurança, como rádios e seus próprios detetores de metal, necessários para cumprir seus deveres. Pois eles foram detidos, revistados e tiveram de desmontar todas as peças dos equipamentos. Não escondi meu desgosto com a burocracia saudita. Afinal, estávamos saindo do País, não chegando! O que lhes importava o que estivéssemos levando para casa?

Estranhamente, nos anos que seguiram, passei a gostar de Riade. Voltamos em algumas ocasiões. Uma vez que já se conhece o lugar e se sabe o que esperar e ao que não resistir, as coisas ficam mais fáceis. Eu gostava da comida e sabia como lidar com as coisas... com calma e muita paciência. Acho que, com a idade, ficamos mais

pacientes. Em todos os países árabes que visitamos, aprendi que os governos raramente proporcionavam muitos detalhes prévios. Era sempre necessário apressar e esperar...

6 Correndo para acompanhar

No dia 19 de fevereiro de 1999, o presidente visitava escolas e as obras de um posto de saúde no Cabo Norte. Era uma sexta-feira à tarde, e eu trabalhava na Cidade do Cabo. Virgínia acompanhou o Sr. Mandela, nesse dia, durante as visitas. Como eu havia ficado amiga do comandante da Unidade de Proteção Presidencial na Cidade do Cabo, Hein Bezuidenhout, decidimos tomar um drinque na cantina deles para terminar a semana e evitar o horário de pico ao voltar para casa. Naquela época as notícias não se espalhavam tão rapidamente quanto agora; nem todos tinham celulares, e as pessoas não estavam conectadas à internet.

Quando eu me preparava para encontrar Hein na cantina, recebi uma ligação do ex-Presidente P. W. Botha em meu celular. Ele queria falar com o Sr. Mandela para dizer que Schalk Visagie havia sido baleado. “Senhora, quero falar com o Sr. Mandela imediatamente.” Ele falava em africâner e estava obviamente zangado e irritado. Ele nunca dizia Presidente Mandela, sempre Sr. Mandela. Era como se não conseguisse respeitar incondicionalmente o Sr. Mandela como presidente. Expliquei a ele que *o presidente* estava em voo e percebi que não acreditou em mim. Terminou a conversa sem se despedir. Schalk era genro de Botha. Era policial, e o presidente gostava dele, pois tinha um pensamento progressista e evidentemente exercia alguma influência sobre a esposa, Rozanne. Rozanne era muito conservadora e, antes, o presidente havia tentado fazê-la persuadir o pai a comparecer diante da Comissão da Verdade e Reconciliação, estabelecida em 1995.

Em 11 de fevereiro de 1998, oito anos depois de o Sr. Mandela ter sido liberto do cárcere, ele convidou Rozanne e Schalk Visagie, a irmã de Rozanne, Elsa, e seu marido para jantar. O presidente pediu

que eu organizasse o jantar, e confesso que fiquei um pouco incomodada ao telefonar para Rozanne Botha, sabendo muito bem o que a família sentia em relação a Nelson Mandela. Levei algumas horas para responder ao pedido do Sr. Mandela. Um convite do presidente para um jantar geralmente é muito apreciado e bem-vindo. Eu sabia que, neste caso, podia ser diferente. Evidentemente, para Rozanne, não era grande coisa ser convidada pelo presidente para jantar; percebi que eles ainda estavam cheios de raiva e queixas pelo fato de seu pai ter sido levado a ficar com as costas na parede para entregar o poder no final do apartheid e passá-lo ao Presidente F. W. de Klerk, que mais tarde convocaria as primeiras eleições democráticas na África do Sul.

O jantar efetivamente aconteceu, e o presidente tentou convencê-los a persuadir o pai a aparecer diante da Comissão da Verdade e Reconciliação, estabelecida para conceder anistia aos presos políticos da época do apartheid. Se os perpetradores fossem francos e confessassem as injustiças da qual pudessem ter feito parte, podiam solicitar anistia. Era um modo de dar às pessoas dos dois lados do apartheid a oportunidade de, antes de mais nada, fazer as pazes consigo mesmas, mas também de dar respostas às famílias que haviam perdido entes queridos e que ainda tivessem questões em aberto. As pessoas queriam respostas, e milhares de famílias na África do Sul desejavam encerrar as interrogações que cercavam a morte ou o desaparecimento de seus entes queridos. A África do Sul precisava curar-se como nação, e isso só seria possível se todos os lados decidissem participar das audiências da Comissão da Verdade e Reconciliação. A família Botha não conseguiu chegar a um consenso sobre o assunto — Rozanne, especialmente, era uma opositora feroz à participação, com medo de que seu pai pudesse ser processado ou humilhado — e o ex-Presidente Botha anos depois desceria ao túmulo levando respostas que poderiam ter proporcionado consolo para muitas pessoas.

Eu sabia que o presidente ficaria preocupado por Schalk e tentei me comunicar com ele, mas me informaram que a comitiva já havia

decolado, a caminho de Pretória. Rapidamente surgiram notícias sobre o incidente, e eu senti a tensão no ar. Eu tinha de informar o presidente, pois já sabia que o assunto poderia virar uma bola de neve e se transformar em uma questão política muito maior se fosse procrastinada. Telefonei para a torre de controle da força aérea sul-africana em Pretória, pedindo que entrassem em contato com os pilotos e informassem ao presidente que haviam atirado em Schalk Visagie. Minha ideia era revelar, logo que o avião pousasse em Pretória, que Botha estava furioso e insistia em falar com o Sr. Mandela.

Hein e eu tomamos nosso primeiro drinque. Eu lhe contei o que havia acontecido e ele ligou para alguns colegas da polícia. Schalk tinha participado de uma investigação sobre gangues, e a polícia suspeitava de que ele tivesse sido alvo de um ato de vingança.

Então eu recebi uma ligação da força aérea. O presidente decidira mudar de rota em pleno voo e seguir para a Cidade do Cabo. Ele pediu à torre de controle que me informasse, dizendo que eu saberia o que fazer. Hein e eu passamos imediatamente à ação. Ligamos para quem tivesse de ser informado sobre a chegada do presidente à Cidade do Cabo. Decidimos nós mesmos ir ao aeroporto. Era uma sexta-feira à tarde, e o trânsito estava lento. Hein conseguiu organizar um meio comboio e enviou uma equipe ao hospital, que não ficava longe do aeroporto. Nós dois estávamos tensos. Levávamos nosso trabalho muito a sério, e aquela situação era delicada. O presidente aterrissou e, a caminho do hospital, relatei a ele os acontecimentos.

Quando chegamos, Rozanne apareceu, obviamente em estado de choque. Schalk ainda estava no centro cirúrgico quando o presidente chamou Rozanne e os demais membros da família para uma reunião reservada. P. W. Botha não estava lá, pois morava em Wilderness, a umas cinco horas da Cidade do Cabo. O Sr. Mandela expressou seu pesar de modo muito solidário. Ligamos também para Botha, que, em poucas palavras, disse quanto ao fato de a criminalidade estar

fora de controle. Não ouvi toda a conversa, mas o Sr. Mandela parecia calmo, enquanto eu ouvia Botha levantar a voz do outro lado da linha. Enquanto saíamos, Rozanne nos acompanhou até a saída e disse ao presidente, balançando o dedo para ele, gesto que me lembrou seu pai: "Mandela, se algo acontecer com Schalk, isso vai pesar na sua consciência. Vai assombrá-lo pelo resto da vida". Ela estava descontrolada; eu nem consigo imaginar o medo que sentia naquele momento, mas mesmo assim eu penso que sua postura foi desrespeitosa.

Eu sempre ficava muito ofendida quando alguém não o chamava de "senhor" ou "presidente". E era um costume africâner dirigir-se às pessoas com respeito (ou falta de, se fosse o caso). Voltei-me e disse: "Já chega, Rozanne. Temos de ir..". E saímos. Enquanto caminhávamos, o presidente pegou em minha mão, mas ficou em silêncio. Eu estava visivelmente aborrecida, e, ao me lembrar daquele dia, percebo quanto o mundo havia mudado para mim até então. Ali estava o presidente negro, segurando minha mão para me confortar enquanto saíamos deixando o meu povo transtornado. Ele estava realmente preocupado com Schalk, mas acho que estava perturbado com todas as emoções que flutuavam ao redor. Schalk sobreviveu e nunca mais ouvimos falar dele.

Como o meu país, eu estava longe da época de P. W. Botha e do apartheid. Muitas pessoas, especialmente a juventude negra, sentiam que as tentativas de Madiba de reconciliar e unificar a África do Sul eram supervalorizadas. Segundo elas, os momentos em que a África do Sul estava unificada se limitavam aos eventos esportivos, quando o País entrava, por algum tempo, no modo de celebração. Eram momentos breves e superficiais, que não duravam. Eu compreendia, mas via essa opinião como preconceituosa. Não tivemos o progresso econômico esperado, e de modo geral os cidadãos estavam frustrados e zangados. Algumas dessas vozes chegavam a dizer que Madiba se vendera aos brancos, porque não forçava as transformações com a rapidez necessária. No entanto, o que a África do Sul precisava na época era reerguer-se, e apresentar

uma frente consolidada ao mundo para ganhar a confiança de investidores internacionais. Madiba era como o norte em uma bússola: todos sabíamos para onde ir, mas ele entendia que devíamos adotar uma abordagem ligeiramente diferente para alcançar primeiro a estabilidade.

Alguns jovens mais extremistas julgavam que as coisas não haviam mudado, mas a vantagem de ter mais idade é poder atestar as mudanças. Eu sou um produto dessa mudança.

O fim de uma era se aproximava. As segundas eleições democráticas estavam previstas para maio de 1999. O Presidente Mandela declarara repetidamente, que cumpriria um único mandato, depois do qual transferiria o poder. Sua intenção era que outros seguissem seu exemplo, mas acho que ele também ansiava por contar com um pouco de liberdade. O Vice-Presidente Mbeki foi eleito presidente do CNA em 1997, e escolhido como candidato à sucessão nas eleições de 1999. O Sr. Mandela entregou simbolicamente o poder ao vice-presidente depois de dois anos de mandato. Ele insistia que Mbeki controlava o timão e que o seu papel era puramente protocolar. Mas não tão fácil assim. Enquanto os assuntos diários do governo ficavam principalmente por conta do Vice-Presidente Mbeki, o Sr. Mandela ainda era legalmente o chefe do Executivo, e não podia renunciar a certas obrigações.

Nós pouco lidávamos com o Vice-Presidente Mbeki, e muito raramente o víamos no edifício que compartilhávamos. Mas o Sr. Mandela frequentemente o chamava para conversar ou mesmo para lhe pedir conselhos. Sendo o ser humano atencioso que era, jamais deixaria que alguém se sentisse inferior a ele. Em público, suas interações estavam limitadas a trocas formais, e eu tinha a impressão de que Mbeki nem sempre achava que o presidente fazia a coisa certa. Eu soube também que o pai do Vice-Presidente Mbeki, que esteve preso junto com o Sr. Mandela, queria um papel mais importante no governo, mas se tornou um simples membro do Parlamento, o que gerou desconforto. Mas nunca me preocupei com

isso. A Sra. Zanele Mbeki era sempre amistosa e imponente, mas silenciosa.

Eu literalmente sobrevivía dia a dia. O presidente dependia de mim mais do que nunca e a nomeação de uma nova secretária particular não evitava que o Sr. Mandela me chamasse dia e noite. Às vezes ele telefonava às duas da manhã pedindo que eu o lembrasse de algo a ser feito na manhã seguinte. Ele sabia que eu não me importava.

Está amplamente documentado que havia disputas dentro do CNA sobre quem deveria suceder ao Presidente Mandela. Cyril Ramaphosa e Thabo Mbeki eram os candidatos. O escalão superior do CNA estava dividido em relação ao assunto. Gostei de Ramaphosa desde que o conheci. Mbeki era distante e parecia desdenhoso quanto a mim. Independentemente de minha falta de conhecimento sobre o CNA, sempre tentei apoiar em público suas boas intenções. Muitas vezes me perguntei se o Sr. Mandela se arrependera de ter apoiado a nomeação de Mbeki como presidente do CNA e de tê-lo feito seu sucessor, mas logo aprendi que o presidente tinha o arrependimento como a emoção mais inútil.

O Presidente Mandela sempre foi franco ao dizer que não dirigia o País: o vice é que fazia a maior parte do trabalho. O papel do Sr. Mandela foi o de construtor da Nação, e ele o cumpriu com dignidade. Sempre considerei que a história nos proporcionou o líder certo na hora certa, ou a África do Sul poderia ter se consumido em chamas. Frequentemente comparo nossa democracia com o processo de crescimento de uma criança. Até os cinco anos de idade você precisa alimentá-la, cuidar dela e amá-la. Isso o Presidente Mandela fez muito bem. Dos cinco aos quinze anos, você começa a educá-la e a moldar sua personalidade, e foi exatamente isso que o Presidente Mbeki fez. Agora entramos em uma nova etapa, e experimentamos problemas semelhantes aos de qualquer adolescente. Tal como na adolescência, não podemos mais usar nossa juventude como justificativa para nossos erros.

Nos primeiros meses de 1999, o presidente trabalhou em um ritmo que mataria qualquer chefe de Estado mais jovem. Fazendo campanha pelo CNA, construindo escolas e postos de saúde, participando de eventos oficiais e, no meio disso tudo, insistindo em receber e se despedir de sua esposa no aeroporto, cuidando de assuntos de filhos e netos e se empenhando para visitar pessoas, estruturas, negócios, instituições e até mesmo países estrangeiros antes de sua aposentadoria. Digo: antes de sua primeira tentativa de aposentadoria. Sua secretária particular, Virginia Engel, teve problemas de saúde e esteve de licença médica por um longo período, de modo que a maior parte das viagens e da carga de trabalho recaiu sobre mim. Mas eu estava pronta para aceitar o que fosse necessário para ajudar o Sr. Mandela nos últimos meses de seu mandato. Muitas vezes eu me sentava nos aviões ou helicópteros tentando compreender o que havia acontecido comigo. A melancolia, então, enchia o meu coração. Eu não havia desfrutado completamente de tudo que acontecera porque, sendo obcecada por fazer mais do que esperavam de mim, provavelmente perdi oportunidades valiosas de ter uma compreensão mais profunda de que estava vivenciando um momento histórico importante.

No dia 1.º de abril de 1999 o presidente levou representantes do McDonald's, Datatec e Nokia ao Cabo Oriental. Eles visitaram três áreas distintas onde o Sr. Mandela desejava que as companhias construíssem escolas e postos de saúde (respectivamente, em Bizana, Mbongweni e Baziya, comunidades bem remotas na zona rural do Transkei). O presidente jamais provara um hambúrguer do McDonald's. Ele nunca comia fast-food. Era algo com o qual não havia sido criado. O fato de ter vivido em reclusão por muitos anos também significava ter perdido coisas que nos envolviam. Presumimos que todos saibam o que é um hambúrguer. Durante o discurso na comunidade onde ele apresentou o McDonald's, o nome lhe faltou, e ele se referiu a eles como "as pessoas que fazem esses sanduíches". Eu gostei demais da referência, assim como os

representantes do McDonald's. Isso também provocou muitos risos na plateia. Esses momentos me parecem agora tão distantes...

O Presidente não via problema em chamar competidores para trabalhar juntos. Em seus projetos de escolas e postos de saúde, ele facilmente unia rivais, como duas fabricantes de celulares, ou a BMW e a Mercedes-Benz juntas. Uma vez lhe perguntei sobre isso, e ele disse que, quando as pessoas competem pelo bem, isso as inspira a fazer tudo ainda melhor — apesar de eu achar que somente Nelson Mandela poderia fazer dois concorrentes se sentarem à mesma mesa. Era divertido ver as companhias disputarem para mostrar o que eram capazes de fazer.

O Presidente Mandela fez questão de deixar para o final não necessariamente o melhor, mas o maior. Sua última viagem como chefe de Estado foi marcada para abril de 1999, e incluía Rússia, Hungria, Paquistão e depois China. Ele esperava reforçar os laços com esses países antes de deixar o cargo oficial e pavimentar o caminho para sólidas relações comerciais no futuro. O Sr. Mandela também queria agradecer tanto à Rússia quanto à China pelo apoio durante os anos do apartheid, honrando-os com uma visita como chefe de Estado.

Em 28 de abril de 1999, desembarcamos em Moscou com toda a pompa que se poderia esperar. O Presidente Boris Ieltsin foi o nosso anfitrião. Ficamos no Kremlin, e ainda considero isso uma de minhas experiências mais perturbadoras. Eu me sentia vigiada, mesmo sozinha no quarto. Os corredores eram largos como rodovias, e as pessoas se comportavam como robôs. As emoções raramente eram expressadas, e tudo parecia haver sido ensaiado mil vezes. Esse ambiente me deixava nervosa, mas, sendo muito disciplinada, cheguei a gostar. O idioma era um grande problema. Era difícil pedir as refeições do jeito que o Sr. Mandela gostava, e, quanto à nossa própria comida, era ainda pior. Alimentação pesada e vodca no café da manhã. A única maneira de conseguir um ovo foi imitar várias vezes uma galinha. Dizer "cocoricó" enquanto balançava os braços

como se batesse asas imaginárias no meio do Kremlin não era nada engraçado.

Visitamos os túmulos de J. B. Marks e Moses Kotane, antigos líderes do CNA e comunistas, figuras importantes na trajetória do presidente. Depositamos coroas de flores sobre as sepulturas e ali passamos alguns minutos em silêncio.

Em seguida visitamos o mausoléu de Lênin, na Praça Vermelha. O local foi fechado para nós, de modo que a visita foi tranquila, sem interferência de turistas. Nas poucas ocasiões em que efetivamente fizemos passeios, não precisávamos entrar em filas para comprar ingressos. Os funcionários do cerimonial nos instruíram antes de entrarmos no mausoléu: nada de conversas, nada de comida ou bebida e, sob quaisquer circunstâncias, nenhuma fotografia. Descemos silenciosamente os degraus até vermos o corpo mumificado de Lênin. Ninguém proferiu uma palavra.

Por um momento não nos demos conta de que a audição do Sr. Mandela já não estava boa. Quando o funcionário do cerimonial russo nos instruiu, provavelmente o presidente não escutou o que ele disse. Estávamos todos em silêncio, contemplando o corpo do líder comunista morto. Era algo meio assustador. Então, sem nenhum aviso, o Sr. Mandela, com sua voz alta e grave, perguntou: "Então, há quanto tempo ele está aqui?". O funcionário do cerimonial ficou chocado e nos olhou em busca de explicações. Ninguém respondeu, e o presidente repetiu a pergunta, provocando caos ainda maior. Sua filha Zenani, que nos acompanhava, respondeu: "Papai, não é permitido falar aqui", e ele sussurrou de volta, mas alto o suficiente para que todos escutassem: "Oh, ok. Desculpem".

Também fomos assistir ao balé *O Lago dos Cisnes*, no Bolshoi. Eu estava muito impressionada: fiquei hospedada no Kremlin, vi o corpo de Lênin e assisti a *O Lago dos Cisnes* no Bolshoi. O fato de ter passado por tudo isso ao lado de Nelson Mandela aumentava minha satisfação. Para uma africaner, era realmente fora do comum, e

pensar que passei tanto tempo na infância rezando pelo fim do comunismo naqueles países. Realmente, o mundo havia mudado.

O balé foi tudo o que eu esperava. A dança, o cenário, a música, tudo foi incrível. Sentei-me logo atrás do presidente, porque ele sempre queria saber onde eu estava caso precisasse de algo.

Os russos têm o costume de acrescentar “ina” como sufixo do sobrenome de um homem para identificar a sua esposa. Assim, a esposa de Ieltsin seria chamada de Ieltsina. Pouco antes da visita, me contaram que houvera uma discussão sobre meu nome em Maputo. Os apelidos que existem na família Machel, como Gracina, Josina, e assim por diante, deflagraram a discussão, e aparentemente o presidente decidira que meu nome deveria mudar para Zeldina. Na Rússia ele se lembrou da tal discussão, e começou a me chamar de Zeldina. Todos nós achamos aquilo bem divertido. Nem preciso dizer que o apelido pegou. Ele passou a me chamar de Zeldina até o fim, e todo mundo o imita. E eu me lembro dele o tempo todo.

O Sr. Mandela jamais se deu conta do timbre de sua voz e de como era fácil reconhecê-la. No entreato do balé, ele virou a cabeça para mim e, no silêncio do momento, depois que a plateia terminou de aplaudir, disse: “Zeldina, você e eu deveríamos fazer isso” — e apontou para o palco e para as bailarinas. Todos nós caímos na risada, e acho que apenas os sul-africanos e as poucas pessoas que não eram russas entenderam. Foi hilário, e por minutos ficamos rindo alto. Por sorte nossa risada foi abafada pela música, mas ele gostou da própria piada e continuou sorrindo por muito tempo.

Foi também a única vez em que vi o Sr. Mandela tomando bebidas fortes, como vodca. Ele acreditava firmemente que você deve fazer o possível para não ofender o anfitrião, então fez exatamente o que lhe era exigido. À noite, durante o banquete de gala, ele estava envolvido em uma conversa animada com o Presidente Ieltsin. Este gesticulava dramaticamente. Pareceria que eles discutiam. Durante o

encontro ambos tomaram algumas doses de vodca, apesar de o Presidente Mandela apenas bebericar a sua. De repente, Ieltsin deu um salto e saiu da sala. Deixou o Sr. Mandela à mesa por cerca de quinze minutos. Fiquei nervosa, pensando que realmente tivessem brigado. Ele voltou depois para dizer que foi atender um telefonema do Presidente Clinton, e pediu desculpas durante o discurso. De volta ao Kremlin, contei ao Sr. Mandela sobre minha preocupação e ele sorriu diante de minha suposição. Mas ele levantou a questão do mausoléu de Lênin: disse a Boris Ieltsin que já era hora de o corpo ir para o túmulo. Ieltsin foi enfático sobre a permanência de Lênin na Praça Vermelha. O Sr. Mandela não concordou com ele, mas os dois permaneceram em paz um com o outro.

Da Rússia fomos para a Hungria. Acho que o presidente estava aliviado por chegar ao final de seu mandato, então a visita foi tranquila e prazerosa. O funcionário do cerimonial da Hungria nos informou umas vinte vezes de que Budapeste, a capital, é na verdade composta por duas cidades, Buda e Peste, divididas por um rio. Isso acabou virando uma brincadeira entre nós. Repetidamente perguntávamos uns aos outros: "Você sabe que Budapeste na verdade são duas cidades?". Até mesmo o presidente checou algumas vezes se nós sabíamos que eram duas cidades diferentes, e foi ótimo ele participar da brincadeira. Seu senso de humor nunca falhava.

De Budapeste fomos ao Paquistão para uma visita de dois dias, e depois seguimos para Pequim, na China. Se você acha que tivemos problemas na Rússia com a comida e a barreira do idioma, na China foi pior. Fomos avisados de que todas as fábricas haviam parado dois dias antes de nossa chegada para diminuir a poluição. Se isso aconteceu realmente, não sei dizer, mas eu provavelmente queria acreditar nisso. Mais uma vez notei que em Pequim tudo funcionava como uma máquina. As emoções eram distantes, e as respostas eram ensaiadas. Alguns membros da delegação foram ver a Grande Muralha da China, mas não achei prudente deixar o Sr. Mandela sozinho por tanto tempo, especialmente em um país no qual quase

ninguém fala inglês; ele, definitivamente, não entendia uma palavra de mandarim. Nossos colegas regressaram, exaustos, e eu fiquei um pouco triste por não ter visto a muralha. Mas valia o sacrifício.

De volta à África do Sul, começamos a nos preparar para deixar a presidência depois das eleições. Luciano Pavarotti fez um concerto em Pretória, e o presidente e a Sra. Machel compareceram. Foi muito emocionante para todos nós, e quase um anúncio pomposo do começo do final do mandato. O Sr. Mandela ansiava pela aposentadoria.

No dia 14 de maio a Presidência ofereceu uma recepção de despedida a toda a equipe. Foi um evento maravilhoso, uma festa para todos nós. Quando o presidente se retirou, ficamos dançando até tarde da noite. Já havíamos criado uma amizade estreita, e comemorávamos um mandato bem-sucedido e grandes conquistas. Em qualquer ambiente profissional se criam amizades entre as pessoas, mas, para nós, era como se soubéssemos que aquela estrutura em particular tinha prazo de validade. Quando a data de vencimento se aproximava, as pessoas se tornaram sentimentais e emotivas, mesmo sabendo que o mandato fora dominado por desafios. Não é necessário gostar de todo mundo, mas criamos laços com as pessoas, provavelmente porque estamos mergulhados em uma situação altamente estressante e aprendemos a coexistir em benefício do sucesso e do legado a longo prazo do mandato. Tínhamos um gabinete relativamente pequeno quando comparado às presidências que seguiram. Éramos eficientes, e, apesar de termos tido nossa cota de erros, fizemos um bom trabalho apoiando o foco do presidente na reconciliação e na construção da unidade nacional.

Durante as semanas que antecederam a votação, passamos a nos dedicar à campanha eleitoral. Viajávamos pelo País o tempo todo. Eu estava esgotada, física e emocionalmente. O Sr. Mandela repetia o mesmo discurso, de improviso, muitas e muitas vezes, de maneira que eu conseguia antecipar exatamente o que ele diria em seguida.

No último trecho, quando já se vê a linha de chegada, é que há um empenho maior até cruzar a linha. Ele estava lá; eu estava dois passos atrás dele. As pessoas muitas vezes diziam: “Se o presidente pode trabalhar nessa velocidade, como você pode estar cansada?”. O que muitos não levavam em consideração é que a equipe de apoio não tinha sua própria equipe de apoio. Ninguém levava alimentos até minha casa, ninguém lavava minha roupa nem me levava do ponto A até o ponto B. Eu precisava inventar modos de lidar com meu próprio dia a dia enquanto lidava com a vida do presidente. Também não era fácil para o presidente, que tinha mais que o dobro da minha idade, mas é fácil subestimar o estresse que as coisas mais comuns provocam na vida de alguém que trabalha no ritmo em que trabalhávamos.

Em 19 de maio, o príncipe herdeiro da Arábia Saudita, Abdullah bin Abdulaziz Al Saud, chegou à África do Sul para uma visita de despedida. Seu voo estava programado para aterrissar por volta das sete da manhã. Às onze da noite eu ainda o esperava no aeroporto. O Sr. Mandela pediu que eu estivesse lá para ter certeza de que tudo correria bem. Esperamos, esperamos e eu já estava irritada quando o avião aterrissou. Ainda tínhamos de comparecer a um jantar, e eu telefonei algumas vezes ao presidente para mantê-lo informado. Mesmo cansado, o Sr. Mandela queria comparecer ao jantar, independentemente do horário. Por volta da meia-noite, o príncipe herdeiro chegou à Presidência em Pretória, com sua comitiva de mais de cinquenta pessoas, e o jantar começou. Uma de minhas colegas, Lizanne van Oudshoorn, do cerimonial, estava em serviço naquela noite. Quando o presidente se levantou para começar o discurso no jantar, pedi a ela que assumisse meu lugar, pois eu estava a ponto de desmaiar. Já estávamos perto das duas da manhã, eu já havia escutado o discurso de campanha quatro vezes naquele dia, e percebi que estava cansada demais para ouvi-lo pela quinta vez. Embora cansado, o Sr. Mandela estava otimista quanto ao resultado das eleições e ao futuro da África do Sul, sempre muito enérgico quando falava sobre as perspectivas para os próximos

anos. O presidente não ficou aborrecido com o atraso e desfrutou da visita dos sauditais.

No dia 2 de junho de 1999 aconteceram as segundas eleições democráticas da África do Sul. O Presidente Mandela foi ao local de votação, perto de sua casa e lá depositou seu voto. Era sempre intrigante observar. Quando o Sr. Mandela não fazia alguma coisa impressionante ou espetacular, não havia plateia. Quando cuidava dos assuntos cotidianos, poucas pessoas se interessavam. Mas, no dia da votação, muita gente apareceu querendo acompanhá-lo até a seção eleitoral. Estava claro que havia muitos interesses envolvidos, mesmo depois da aposentadoria dele. Depois que o presidente votou, os jornalistas perguntaram: "Em quem votou, presidente?", e ele respondeu: "Em mim mesmo". Achei engraçado, apesar de saber que alguns poderiam levar a sério.

Antes das eleições, o Presidente Mandela me chamou ao seu gabinete. Pediu que eu me sentasse e percebi que algo sério estava acontecendo. Ele dificilmente era tão formal comigo. "Zeldina, quero que se aposente comigo". O tom era sério. Minha resposta foi: "Bem, Khulu, ainda sou meio jovem para me aposentar, mas, se está dizendo que quer que eu continue trabalhando para você, é claro que aceito". Ele se limitou a sorrir. Depois de cinco anos, ele me conhecia melhor do que ninguém. Havia observado de certo modo meu crescimento, e, lembrando os primeiros dias, deve ter rido muito de minha ignorância e estupidez. Mas sabia reconhecer minha tenacidade e meu compromisso.

Mesmo com nossa vida sendo tão diferente, compreendi que havia uma chance de que ele não me abandonasse. Nelson Mandela não me deixou para trás. Levou-me com ele. Foi uma das maiores, se não a maior honra da minha vida, ser escolhida por Madiba para servi-lo depois de sua aposentadoria.

Todos os ex-presidentes da África do Sul possuem certos direitos depois de terminar o mandato. Um deles é manter uma secretária

particular na folha de pagamento da Presidência. O pacote inclui uma linha telefônica e algum tipo de suporte administrativo, como um aparelho de fax etc. Era o básico, além da segurança e do carro oficial, na África do Sul. Dias antes da aposentadoria começamos a embalar nossos pertences pessoais nos Union Buildings.

No dia 11 de junho, o presidente recebeu o último conjunto de credenciais de novos embaixadores. Observei que ele realmente apreciou isso pela última vez.

Dois dias depois, o "irmão líder", Coronel Kadafi, da Líbia, visitou o presidente. Desde o começo dos anos 1990, o Sr. Mandela esteve envolvido no processo relacionado ao atentado de Lockerbic, incidente no qual um avião foi derrubado, matando 270 pessoas. Primeiro o Sr. Mandela solicitou ao Presidente George Bush (pai), no começo dos anos 1990, que concordasse que o julgamento ocorresse em um País neutro. Bush concordou com as sugestões do Sr. Mandela, mas o Primeiro-Ministro inglês, John Major, recusou. Depois, quando Tony Blair se tornou primeiro-ministro, ele renovou a solicitação junto a ele e foi acordado que o caso seria julgado segundo as leis escocesas em Haia, na Holanda. Seguiu-se um longo processo, durante o qual o Sr. Mandela negociou com Kadafi para que dois suspeitos fossem entregues em Haia. Finalmente, o Príncipe Bandar, da Arábia Saudita, e o Prof. Jakes Gerwel conseguiram persuadir Kadafi a entregar os dois suspeitos para julgamento.

Mais tarde, em 2002, visitamos a prisão de Barlinnie, na Escócia, na qual o líbio Abdelbaset al-Megrahi cumpria uma pena de mais de vinte anos de detenção. Al-Megrahi estava insatisfeito com suas condições e enviou uma mensagem para o Sr. Mandela por intermédio de Kadafi. Havia pouca coisa que Kadafi pudesse fazer, já que ainda era considerado um inimigo do Ocidente, a despeito de ter cumprido a promessa de entregar os suspeitos da bomba em Lockerbie e de indenizar as famílias das vítimas do atentado. Claro que uma indenização jamais poderia trazer de volta as vidas, mas

Kadafi havia cumprido sua palavra e ainda assim o Ocidente não suspendera todas as sanções. Não havia nada que Madiba pudesse fazer para contornar essa situação. Ele tinha grande apreço por Kadafi e quis examinar as condições de al-Megrahi quando recebeu seu recado.

Quando entramos na prisão escocesa, rodeados pelos guardas, o ambiente era sombrio. A cela de Al-Megrahi consistia em um quarto, um banheiro e uma cozinha. Comparada à cela de Madiba na ilha Robben, Al-Megrahi morava em uma espécie de suíte. Ele estava obviamente emocionado por receber Madiba, e os dois conversaram durante um longo tempo. Al-Megrahi apresentou provas que considerava não terem sido levadas em consideração no tribunal e se queixou de que era muito difícil para ele praticar sua fé islâmica, já que vivia em confinamento solitário e não lhe era permitido rezar com os demais. Madiba o ouviu atentamente, mas deixou claro que não iria argumentar para que o caso fosse reaberto. Depois, o Sr. Mandela concedeu uma entrevista coletiva durante a qual solicitou que Al-Megrahi fosse removido para uma prisão que ficasse em um país muçulmano. (Al-Megrahi seria transferido, posteriormente, para a prisão de Greenock, também na Escócia, e deixou a solitária. Seria libertado apenas quando estava gravemente doente. Ele morreu em 2012, aos sessenta anos, em Trípoli.)

O Príncipe Bandar e o Prof. Gerwel foram agraciados com a Ordem da Boa Esperança, a maior honraria do nosso país, pelo sucesso em conseguir que o julgamento fosse transferido para Haia. O Sr. Mandela tinha um relacionamento próximo com Kadafi, como resultado dessas negociações, e Kadafi precisou confiar em Madiba antes de cooperar. Suspeito também que Madiba se divertisse com o fato de Kadafi publicamente expressar seu destemor diante do Ocidente. O mundo ocidental não apoiou o Presidente Mandela na época do apartheid. Mantinha-se a ligação com o regime do apartheid como uma trincheira contra o comunismo. Foi, portanto, um dia de emoção para Kadafi quando ele veio se despedir do Presidente Mandela.

Só o vimos em poucas ocasiões depois da aposentadoria do Sr. Mandela. Da última vez, durante a posse do Presidente Zuma, fiz questão de perguntar se ele desejava fazer uma visita de cortesia a Madiba. Jamais recebi a resposta, e o Sr. Mandela ficou chocado quando ele foi morto, em 2011. Ninguém merece morrer sem dignidade. Eu não faço vista grossa ao regime a que ele submeteu seu próprio povo, mas Kadafi era leal com Madiba; ele ganhou respeito por isso e por sempre cumprir suas promessas durante as negociações. Madiba era fiel a quem investia em sua amizade, e Kadafi foi uma dessas pessoas. O Sr. Mandela jamais se omitiu em apontar os erros de Kadafi, mas ambos mantiveram o respeito recíproco mesmo quando expressavam suas diferenças. Outra das grandes lições do Sr. Mandela: é possível discordar de alguém sem ser desrespeitoso para com essa pessoa.

Viajamos no dia 16 de junho para a Cidade do Cabo a fim de assistir ao juramento do novo presidente e do Parlamento, e de preparar a posse de Mbeki em Pretória. Foi a primeira vez que vi algum tipo de interação entre a Sra. Machel e a Sra. Winnie Madikizela Mandela.

Até aquele momento eu só havia visto Winnie Mandela a distância. Não mantínhamos nenhum tipo de contato. Uma das regras não verbalizadas quando se trabalha para o presidente é nunca perguntar sobre seu relacionamento com a família ou com suas ex-esposas. Além dos quatro netos que viviam com o presidente, apenas ocasionalmente víamos Zindzi e Zenani, as duas filhas do primeiro casamento. Quando observei os olhares que a Sra. Mandela e a Sra. Machel cruzaram na multidão, aquilo me assustou. Não havia nenhum tipo de relacionamento entre as duas mulheres, e eu jamais poderia imaginar alguma amizade entre elas.

No decorrer dos anos, aprendi a apreciar a Sra. Winnie Mandela. Fiquei zangada com ela quando descobri que havia ficado separada do marido depois que este saiu da prisão. Seu caso com Dali Mpofu

era amplamente conhecido. Isso deve ter magoado o Sr. Mandela. No entanto, a Sra. Machel foi quem me fez aceitar e apreciar o fato de que, se não fosse pela Sra. Mandela, Madiba poderia ter perdido a fé durante os longos anos na prisão. Além do fato de ser mãe de duas de suas filhas, ela representava para ele a esperança, deve ter sido a pessoa com a qual sonhou, a pessoa que queria tocar e de quem sentia saudade. Passei a compreendê-la melhor e sentir quão solitária deve ter ficado sem Madiba. Somente quando experimentamos a solidão podemos compreender essa escuridão. Então, e enquanto eu amadurecia, a percepção dessas coisas passou a ocupar minha mente.

No dia da posse do Presidente Mbeki, assistimos à cerimônia, depois da qual o Sr. Mandela regressou a seu gabinete nos Union Buildings a fim de recolher seus pertences pessoais. O edifício estava deserto, pois era feriado. Ao entrar pelas portas de vidro do gabinete, as mesmas portas por onde eu chegara pela primeira vez, cinco anos antes, comecei a chorar em silêncio. Ele segurou a mão da Sra. Machel enquanto caminhávamos pelo corredor que levava até sua sala. Eu estava alguns passos na frente deles, e o único ruído que anunciou nossa chegada foi o barulho familiar da porta de segurança se abrindo diante deles e automaticamente se fechando depois que passaram. Nossos escritórios, contíguos ao seu gabinete, já estavam vazios. Eu os deixei sozinhos enquanto eles abriam as gavetas e passavam pelo banheiro para recolher os poucos itens que haviam deixado lá. Mais tarde, enquanto eu guardava tudo em uma pequena caixa, ele viu que eu chorava. Olhou para mim e disse: "Zeldina, você está exagerando". Ele havia dito essas mesmas palavras em 1994, quando fomos apresentados, mas as circunstâncias eram diferentes. Na época eu chorava exatamente por razões opostas. Em 1994 eu chorava pela culpa e pelo medo diante do futuro. Agora chorava porque tudo havia terminado. Mal sabia eu o que viria pela frente...

TERCEIRA PARTE

Guardião do homem mais famoso do mundo

1999-2008

7 Viagem e conflito

Havíamos planejado estabelecer o novo escritório na antiga residência do presidente, em Houghton. Naquela ocasião ele já havia se mudado para outra casa, depois de seu casamento com a Sra. Machel, em 1998. A residência anterior era um enorme edifício de dois andares, que, a despeito de ter sido ocupado por mais de cinco anos, estava malcuidado e não era bem decorado. Mas a casa estava vazia, e eu sabia que seria um bom lugar para estabelecer o escritório, porque ficava perto da nova casa. Perguntei a Madiba se podia ficar lá enquanto procurava um lugar para morar em Joanesburgo.

No começo ele queria que eu ficasse em sua casa, mas recusei a oferta, sabendo muito bem que ele precisava de um tempo e que eu não seria muito bem-vinda por toda a sua família. Providenciei que minha mobília fosse entregue na antiga residência, em Houghton.

Comecei limpando o único quarto habitável do andar de cima — o antigo quarto de Madiba, que estava pintado no mais horroroso tom de azul que se possa imaginar. Acho que esse tipo de coisa jamais o incomodou. Mesmo eu amando essa cor, havia azul demais. Era um quarto modesto, definitivamente não condizia com um presidente. Aliás, eu estava feliz pela presença da Sra. Machel na vida dele, tanto por haver iluminado sua vida quanto por tê-lo apresentado a prazeres mais materialistas, como um quarto amplo e um espaço mais digno para viver, no qual ele poderia apreciar a luz do sol através da janela, e uma sala que o acolhesse em vez de o deprimir. Ainda assim, em comparação com o luxo desfrutado por outros em posição similar à dele, a sua vida continuava modesta.

Liguei para o Ministério de Obras Públicas e pedi que enviassem um funcionário para avaliar e providenciar o mobiliário para o escritório de Madiba, de acordo com a política governamental. Eles concordaram em apressar a instalação do telefone e da máquina de fax tão logo fosse possível.

Nos dias seguintes, desempacotei a mudança, me instalei e comecei o que efetivamente seria conhecido como nosso escritório pós-presidencial — a Fundação Nelson Mandela, onde ele continuaria seu serviço público. O Prof. Gerwel redigiu um esboço dos objetivos do escritório, o financiamento da fundação, os recursos que o Sr. Mandela doou para desenvolver projetos de construção de escolas e postos de saúde, a luta contra a epidemia de Aids, um espaço para o diálogo e um edifício que abrigasse seus escritos e outros objetos importantes. Mas logo o caos se instalou. O mundo inteiro começou a procurar o Presidente Mandela tentando forçá-lo a assumir suas causas. Eu nem sabia como iríamos pagar, mas precisei contratar funcionários porque eu não conseguia lidar com tudo sozinha. O Prof. Gerwel nos fazia visitas regulares, e pediu a uma de nossas antigas colegas, Lois Dippenar, que ajudasse a colocar ordem no caos. Aos poucos consegui convencer Lydia Baylis, Maretha Slabbert e Jackie Maggot a se unirem temporariamente ao nosso escritório, embora no fim das contas o arranjo tenha durado muitos anos.

Às vezes elas iam para casa à noite e me encontravam no mesmo lugar na manhã seguinte. Houve noites em que eu nem dormi. Eu lia as cartas e datilografava as respostas a noite inteira, para que fossem enviadas por fax na manhã seguinte. Eu argumentava que, quanto mais rapidamente fôssemos capazes de responder, menos pessoas ligariam para saber do resultado de seus pedidos; ou seja, eu tentava diminuir o volume de ligações para que a pressão fosse menor. Muitas vezes pensei em desistir, mas nunca consegui. Em muitas ocasiões eu me perguntei o que fazia alguém pegar o telefone ou uma caneta para entrar em contato com Nelson Mandela. Era demais. Eu estava no limite da minha frustração.

Eu tomava um banho rápido por volta das sete da manhã, antes que os demais chegassem para trabalhar, e continuava o dia sem ter dormido nada. Depois de duas ou três jornadas seguidas, eu desabava um dia inteiro e depois seguia adiante.

Em pouco tempo Madiba começou a comparecer com mais regularidade. Nas reuniões que fazia nos primeiros dias do escritório pós-presidencial, lembrava aos visitantes que já havia se aposentado e que não queria mais ser chamado de “presidente”. Deveriam chamá-lo de Madiba ou Sr. Mandela.

Como eu o chamava de Khulu, só precisei ficar mais atenta quando não estivesse falando com ele. Agora tinha de aprender a falar de Madiba ou de Sr. Mandela e não do presidente quando me referia a ele. Muitas vezes ele perguntava às pessoas que o chamavam de presidente: “Onde você estava quando me aposentei?”, de modo que isso se espalhou e a mania finalmente acabou. Ele também não queria que usassem com ele tratamentos como Excelência. Ficava contente com Sr. Mandela ou Madiba, e em inúmeras ocasiões dizia: “Me chame de Madiba”. Para ele, um título não muda quem você é. Essa era a sua maneira de nos contar que não queria receber títulos — mesmo que, pela última contagem, ele houvesse recebido 1.177 homenagens, das quais 697 eram prêmios e mais de 120 eram títulos de doutor *honoris causa*. Quando as pessoas queriam se dirigir a ele usando algum título, ele rapidamente explicava que não havia estudado para nenhum desses doutorados e que eram apenas títulos honorários.

No fim de 1999 recebi uma carta da Presidência me promovendo ao posto de diretora assistente do gabinete do presidente. Mesmo eu estando ainda cedida ao Sr. Mandela, o posto mais elevado pode ser alocado em virtude da disponibilidade dentro das estruturas da Presidência.

Estava claro que a fundação necessitaria de financiamento. Para conduzir o escritório, começamos tomando dinheiro emprestado, tendo como única garantia as palavras de Madiba e do Prof. Gerwel: "Pagaremos logo que possível, mas, por favor, não cobre juros". Madiba ainda era uma celebridade mundial, mas, ao contrário do que acontece em outros países, os ex-presidentes sul-africanos não recebem financiamento do governo para continuar sua vida pública. No entanto, o mundo tinha expectativas altas em relação ao Sr. Mandela, independentemente de qualquer função oficial.

Estava claro, também, que Madiba esperava que as coisas continuassem como antes. Na primeira manhã depois que saiu da Presidência ele despertou como se nada houvesse mudado. Estava tão determinado quanto antes a promover mudanças na África do Sul, reformando a sociedade até que estivesse livre de qualquer tipo de discriminação. Ele telefonou para me dar instruções. Quando desliguei, entrei em pânico, sem saber como conseguiria resolver todas as coisas que ele esperava de mim. Fez o mesmo com o Prof. Gerwel, que, brincando, disse a Madiba que não trabalhava mais para ele. O Prof. Gerwel seria nomeado presidente da Fundação Nelson Mandela, e, mesmo eu ainda sendo funcionária pública, não tinha a menor ideia de como fazer as coisas acontecerem sem infraestrutura. No entanto, Madiba sabia me impulsionar além dos meus limites. Eu não confiava que tivesse habilidade para continuar desempenhando minhas tarefas apesar de nossa estrutura ter se desintegrado do dia para a noite. Mas ele confiava. Sou feliz por ter aprendido com um professor tão generoso.

Em agosto de 1999, Madiba se declarou cansado e afirmou que necessitava de férias. Era um desafio. Para onde iríamos? Como chegaríamos lá? De repente percebi que não dispúnhamos mais do luxo dos aviões fretados, e que nos custaria mais de um milhão de rands (cerca de cem mil dólares na cotação de hoje) viajar até os Estados Unidos em avião particular. Não tínhamos esse dinheiro, e Madiba jamais concordaria em gastar tudo isso para tirar alguns dias de descanso. Ele e a Sra. Machel haviam sido convidados por Tony

O'Reilly, ex-proprietário da Heinz e na época proprietário da Independent News and Media, e sua esposa, Chryss, para ficar na casa deles em Nassau, nas Bahamas. Eu não tinha ideia de como conseguiríamos chegar lá. Estava em pânico.

Madiba não podia viajar em um avião pequeno. Ele precisava dormir com certo conforto e conseguir ficar de pé sem dobrar os joelhos, doloridos por causa de um ferimento na ilha Robben, que havia piorado com a idade. Ele tinha dificuldade para subir escadas e não conseguia dar mais que alguns passos por vez.

Telefonei para Tokyo Sexwale, um dos empresários mais ricos da África do Sul e grande amigo de Madiba, que eu sabia que tinha ligações com proprietários de aviões particulares. Ele me colocou em contato com algumas pessoas, mas nenhuma delas pôde nos ajudar. Consultei todos os endinheirados do País que possuíam aviões particulares: os Oppenheimers, os Ruperts, por exemplo. Cheguei a ligar para Michael Jackson perguntando se podia nos emprestar seu avião. Não tive sucesso: todos os aviões estavam fretados no momento ou em uso por seus proprietários. No fim, a única solução foi recorrer a um voo comercial. Não sei como, mas nós conseguimos. Com o passar do tempo, aperfeiçoamos a arte de viajar em voos comerciais com Madiba. Enquanto a primeira classe lhe proporcionasse uma cama adequada para dormir e os aeroportos dessem assistência aos passageiros, incluindo uma unidade que o elevasse à altura do avião, poupando-o de subir as escadas, não haveria problema. Só tínhamos de manter os passageiros e a tripulação a distância e evitar que o Sr. Mandela autografasse o cardápio e outros itens durante o voo. No começo foi um pesadelo.

Assim, partimos para as Bahamas, nossas primeiras férias em cinco anos. Madiba, a Sra. Machel, Josina Machel (filha dela), um segurança, um médico e eu. Estávamos todos nervosos, mas tudo correu bem. Fizemos uma conexão em Atlanta e prosseguimos para Nassau. Era necessário conciliar as necessidades de Madiba com as facilidades dos aeroportos e de suas equipes de apoio. Eu negociava

o tempo todo. A cada aeroporto, as pessoas queriam tirar fotos com ele e pedir autógrafos. Não se deveria pedir esse tipo de coisa para uma pessoa com oitenta e um anos de idade. Ele precisava de espaço para respirar e recuperar as forças a cada oportunidade, e, apesar de não querer ser desagradável com ninguém, eu me esforçava para explicar que ele era idoso e não podia ser incomodado. Na maioria dos casos as pessoas compreendiam, mas sempre havia os mais insistentes.

Depois das Bahamas, viajamos pelo mundo inteiro a fim de levantar fundos para a recém-estabelecida Fundação Nelson Mandela. Na Alemanha, Madiba se encontrou com o Chanceler Gerhard Schröder para pedir apoio à fundação. De lá fomos para Túnis encontrar o Presidente Ben Ali. Ele morava em um belo palácio, decorado com os mosaicos mais finos.

De Túnis seguimos para Trípoli, a fim de visitar Kadafi e pedir seu apoio para a fundação. Os líderes do Ocidente fingiam não perceber a associação de Mandela com Kadafi. Era sempre divertido vê-lo. Era preciso esperar dias e dias para ter notícias dele, e subitamente todos tinham de se deslocar até onde ele se escondia, às vezes no deserto, sempre temendo ataques-surpresa do Ocidente em retaliação à bomba de Lockerbie. Nessa visita em particular, ele nos convidou para jantar, e, durante nossa audiência com ele à tarde, perguntou o que poderia preparar para comermos à noite. Nessa época eu já havia estado com Madiba em algumas ocasiões em que ele se encontrou com o irmão líder, e seu rosto já me era familiar. Ele me tratava com grande respeito e me fazia sentir à vontade.

Naquela tarde, antes da audiência, Madiba e eu havíamos tido uma conversa sobre carne de camelo quando passamos por um rebanho deles. Quando Kadafi perguntou o que desejávamos para o jantar, Madiba achou que seria adequado pedir carne de camelo. “É claro”, respondeu Kadafi. (Ele jamais quis ser chamado de presidente, pois sentia que isso era uma invenção dos ocidentais que ele recusava aceitar. Até o fim, sempre nos referíamos a ele como

“irmão líder”.) A carne de camelo tinha exatamente o mesmo gosto da de carneiro. Mais tarde nos informaram que tiveram de abater filhotes, já que a carne ficava dura quando o camelo envelhecia. Eu jamais encorajaria o abate de filhotes, e nunca mais quis comer carne de camelo. Mas eram raras as ocasiões em que um chefe de Estado perguntava a Madiba o que ele desejava jantar, então eu gostei muito da consideração de Kadafi. As conversas se limitavam a amenidades e a uma visão geral do que estivesse acontecendo pelo mundo no momento. Os dois sempre voltavam ao assunto de Lockerbie e à infelicidade do irmão líder diante do Ocidente por não cumprir a promessa de cessar todas as sanções. Sempre que Madiba viajava para os Estados Unidos, isso também era um ponto de discussão.

De volta à África do Sul, logo nos envolvemos novamente no trabalho. Participamos dos jantares da Câmara de Comércio Sul-Africana e da Câmara de Comércio Nacional Africana em um dia e no outro estávamos no Instituto Africâner de Negócios para solicitar ajuda para reconstrução de uma escola em Qunu. O Prof. Gerwel permanecia como nossa âncora, o nosso conselheiro em tudo de que precisávamos. Continuava sendo o personagem central de nosso processo de tomada de decisões. Também assistíamos a cerimônias de despedida, apesar de não ser claro para onde iríamos, já que os assuntos continuavam a ser tratados do modo habitual. Um desses eventos foi a cerimônia de boas-vindas, cujo anfitrião foi Dalindyebo, Rei dos Tembus ^[4], clã ao qual pertencia Madiba. Eles tinham esperança de que Madiba regressasse a Qunu quando se aposentasse, mas compreenderam que nem mesmo lá ele se afastaria completamente, já que as pessoas sempre se aproximavam dele com seus problemas, considerando-o capaz de resolver todas as suas atribulações, não importa quão mundanas fossem — desde a discussão sobre alguém que roubou uma galinha do vizinho até assuntos sérios relativos a tradições e as diferenças entre os respectivos clãs. Madiba jamais foi abertamente tradicional, mas respeitava a cultura e os costumes de seu clã.

Recebíamos de bom grado visitas de grupos da organização Reach for a Dream, por intermédio da qual crianças em estado terminal expressavam como último desejo visitar Madiba; tínhamos jantares e almoços com velhos amigos e camaradas; levantávamos fundos para escolas e postos de saúde e até para o time de futebol dos Bushbucks, que representava a área de onde Madiba veio. O time não ia muito bem no campeonato, mas o Sr. Mandela se sentia obrigado a ajudá-los. Ele recebia familiares de antigos carcereiros, assistia às cerimônias de graduação dos netos e entre tudo isso achava tempo para estar ao lado da Sra. Machel. Ele podia voar até Botsuana para receber um título de doutor *honoris causa* e estar em casa à noite para jantar com Helen Suzman, sua antiga apoiadora e amiga do Partido Progressista Federal, já falecida. A correria jamais foi um problema para ele, que desejava continuar fazendo o máximo possível e espremer uma programação de vinte e seis horas dentro das vinte e quatro horas do dia.

Um mês mais tarde, já estávamos novamente a caminho do exterior. Enquanto antes tínhamos o apoio do Ministério das Relações Exteriores e o suporte dos serviços diplomáticos, agora eu tinha de lidar com negociações que iam desde a programação até as salas VIPs dos aeroportos, carros de cortesia de governos estrangeiros até as necessidades de acomodação. Tudo por conta própria. Eu ainda solicitava reuniões com presidentes, chefes de Estado e celebridades. Enquanto estava em casa, em Joanesburgo, já começava a preparar a próxima viagem internacional. Acredito que Madiba simplesmente adorava viajar, de modo que aceitava convites sem motivo aparente e inventava visitas porque estava determinado a levantar recursos para a fundação. Ele sempre vislumbrava oportunidades.

Se, em algum momento, eu pensasse em dizer “Vou mandar outra pessoa com você”, essa sugestão seria recebida com hostilidade. Não por causa de favoritismos, mas porque ele confiava em mim e tinha certeza de que eu saberia o que fazer em qualquer situação. Eu não tinha receio de dizer a um ministro ou alto funcionário

quando deveria parar, e podia ler no rosto de Madiba gestos mudos que se tornavam fáceis de entender. Era comum eu desviar pedidos da imprensa quando estávamos no exterior. Meus mecanismos de defesa estavam sempre aguçados. Eu desempenhava o papel de atriz, fazendo coisas que jamais faria para outra pessoa qualquer.

Madiba chamou o professor e lhe falou de sua intenção de ir ao Oriente Médio. Os dois discutiram algum tempo sobre isso e desenvolveram estratégias sobre os países que ele visitaria e sobre a agenda que iria cumprir. Ao mesmo tempo em que o Sr. Mandela era o nosso norte, o Prof. Gerwel era o norte político de Madiba quando se tratava de planejar qualquer estratégia. Madiba admirava o intelecto do professor, assim como sua visão. Além disso, ele o tratava como um filho.

Nossa primeira parada foi o Irã. Eu me mantive coberta, por respeito aos costumes muçulmanos, e distante dos homens tanto quanto pude. Jantamos na residência do Presidente Kathami, um palácio como se poderia esperar. Consegui afastar alguns fotógrafos que usavam flashes. Os olhos de Madiba eram sensíveis, como resultado do reflexo brilhante da pedreira onde ele cavou calcário na ilha Robben durante a maior parte dos dezoito anos em que passou ali. Quando expostos a flashes, seus olhos ficavam vermelhos e lacrimejantes, e ele precisava usar óculos de sol. Eu era a única mulher à vista, mas tive de defendê-lo dos fotógrafos.

O Presidente Kathami me observou falando com os fotógrafos, mas, depois que Madiba entrou em sua residência, permaneci no final da delegação, de modo a não ofender ninguém sensível à presença de mulheres, e deixei todos subirem ao segundo andar para jantar. Não havia outras mulheres presentes. Depois de dez minutos na mesa, com a refeição já servida, um mordomo em pânico me pediu que o seguisse ao andar superior, onde o presidente e o Sr. Mandela estavam. Pensei que Madiba houvesse simplesmente me convocado, como geralmente fazia, para me apresentar, mas o mordomo me explicou que o Presidente Kathami

insistia que eu jantasse com eles. Fiquei extremamente desconfortável e não sabia como me comportar. Foi semelhante ao que eu senti ao lado da Rainha Noor, da Jordânia, em 1995. A única diferença era que naquela época nós duas éramos as únicas pessoas na sala, e desta vez eu acompanhava dois políticos.

Kathami me perguntou sobre minha criação e a cultura africâner, quase como se Madiba nem estivesse ali. Eu direcionava as perguntas ao Sr. Mandela, mas ele estava determinado a me deixar responder e desfrutava pacificamente de sua refeição, assentindo ocasionalmente, dando sua aprovação pessoal ao que eu dizia ou então perguntando: "Zeldina, o que você acha?". Para tentar interromper o interrogatório que caía sobre mim, pensei em dizer: "Bem, na verdade não acho nada", mas isso era impossível. Esse deve ter sido o jantar em que Madiba menos falou.

Recordo-me de nossa visita oficial à França, em 1995. Fiquei intrigada pelo fato de os presidentes discutirem os preços envolvidos em negócios de importação e exportação de laranjas e bananas, e quantos Airbuses a África do Sul pretendia encomendar da França. No Irã, por outro lado, toda a conversa se limitou à cultura africâner. Madiba se divertiu muito com o interrogatório que me faziam, e de vez em quando me enviava um sorriso de apoio. Durante anos ele contaria às pessoas da minha importância, brincando, me provocando para que eu relatasse essa história: o presidente do Irã insistiu em me convidar para a sua mesa, mas eu costumava dizer que Madiba simplesmente queria desfrutar da comida e por isso me jogou no fogo. Viver com Madiba era divertido. Ele sempre tinha uma história e um momento para recordar.

Eu precisava me certificar, quando preparava os roteiros de visitas como essas, de que fôssemos vistos fazendo coisas politicamente corretas. Então, tive de incluir uma passagem pelo memorial do Aiatolá Khomeini. Lembrei-me de que, quando jovem, orávamos pelas pessoas que viviam "atrás da cortina de ferro"; quando eu perguntava o que era a cortina de ferro, diziam que era o lugar onde

as pessoas eram oprimidas pelo Aiatolá Khomeini ou pelos regimes comunistas. E eu agora preparava uma cerimônia para colocarmos coroas de flores no túmulo do Aiatolá. Depois visitaríamos o ex-presidente, o Aiatolá Rafsanjani, assim como o Aiatolá Ali Khamenei, o líder supremo do Irã. Como eu era a única mulher nesses eventos, o líder supremo me notou em uma sala cheia de fotógrafos. O Aiatolá perguntou, em voz alta: "Quem é aquela jovem ali no fundo?". Madiba respondeu, animado: "Oh, aquela é Zeldina. Minha secretária".

Eu queria que Madiba fizesse contato visual comigo, de modo que eu pudesse sinalizar: "Por favor, não me chame". Mas ele também sabia me ignorar quando queria, e evitou o contato visual. Eu me sentia deslocada, mas recebi instruções do Aiatolá para me sentar ao lado do Sr. Mandela, mais perto, onde ele pudesse me ver. Minha presença sempre divertia essas pessoas, que ficavam intrigadas comigo, possivelmente sem saber o que fazer com aquela mulher branca ao lado do famoso líder negro, símbolo da luta pela liberdade.

Eu não me importava sobre quem eu considerava politicamente certo ou errado em qualquer discussão, ou sobre quem aparentava ser progressista em seus ideais. Minha única preocupação e obsessão eram os cinco minutos seguintes e as vinte e quatro horas seguintes na vida de Madiba. Eu queria que tudo estivesse organizado para ele, de modo que sua vida fosse mais fácil. Apesar da minha compreensão geral sobre o mundo ter se expandido, eu não tinha tempo para absorver todas as particularidades dos países que visitávamos.

Do Irã fomos para Damasco, na Síria, onde conhecemos o velho Presidente Assad, poucos anos antes de ele falecer. Também conhecemos seu filho e ficamos muito impressionados com ele. O jovem Presidente Assad certamente já ultrapassou sua época de iniciante e agora mesmo é desafiado por rebeldes que desejam forçá-lo a abandonar o poder. Madiba dizia frequentemente, quando

se referia a pessoas que ocupavam esse posto por muito tempo, que “os líderes se embriagam com o poder”. Quando vejo chefes de Estado sendo desafiados assim, penso sempre nessas palavras.

Da Síria voamos para Israel, passando pela Jordânia. Não nos permitiram deixar a Síria e ir direto para Israel devido às tensões entre os dois países. Sempre que eu compartilhava com Madiba minhas frustrações sobre as dificuldades políticas que enfrentávamos, ele me dizia: “Não, Zeldina, isso torna a vida mais interessante”. Mas infelizmente, naquele momento, as coisas não me pareciam nada interessantes.

Ao chegarmos a Israel, a polícia nos levou apressadamente para os carros, como carneiros tocados para o curral. Eles quase deixaram a mim e a Charles (o médico) para trás. Eu me irritei pelo modo como lidaram conosco, e essa foi uma das tantas vezes em que tive de justificar minha posição e a razão pela qual o médico e eu precisávamos ficar perto de Madiba; não se tratava de nossa mera vontade de ficar perto dele. Esse era o desafio de viajar sem fazer parte de uma delegação. Éramos somente eu, o médico e o segurança. Era preciso brigar para abrir caminho. Não havia plano B, e nossa única preocupação era Madiba: eu pensava em mim mesma e no resto depois. Não sou dada a confrontos em minha vida particular, mas em situações como aquela eu me transformo, torno-me uma atriz, procurando defender a todos nós.

Ficamos hospedados no King David Hotel, e na primeira noite pedi ao serviço de quarto carne para o jantar de Madiba e uma salada com queijo para mim. Logo depois de fazer o pedido, um camareiro bateu à minha porta. “Madame”, disse-me ele, “este hotel é *kosher* e não se pode ter queijo e carne no mesmo quarto. Não é permitido.” Eu realmente não tinha condições de discutir também sobre a comida. Perdi a batalha, me sentei com Madiba para jantar e depois voltei para meu quarto a fim de comer minha salada com queijo. Na manhã seguinte fomos ao túmulo do General Yitzhak Rabin, que se acreditava teria sido capaz de negociar um acordo entre Israel e a

Palestina se não tivesse sido assassinado. Dali fomos visitar o Presidente Weizman e o Primeiro-Ministro Ehud Barak. Gostei de Weizman. Barak me pareceu um pouco intolerante diante de Madiba, e não gostei da maneira como os dois se relacionaram.

Caminhamos pela Via Dolorosa, na Cidade Antiga de Jerusalém. Foi tocante para mim, como cristã, passar pelos lugares por onde Jesus carregou sua cruz. Fizeram muito alarde pelo fato de Madiba estar na Via Dolorosa, e ele teve pouco espaço para andar pelo pavimento de pedras. Estávamos todos preocupados, pois o Sr. Mandela poderia tropeçar e machucar seriamente o seu já problemático joelho. Ele já não tinha muita firmeza. Toquei nas pedras antigas e perguntei novamente ao guia: "Então você quer dizer que Jesus caminhou exatamente sobre estas pedras?". "Ele me explicou que não. Aparentemente existem dezessete camadas de pavimentação por cima do caminho original, mas era mais ou menos por ali que a via passava. Fiquei muito desapontada.

Fomos então ao Museu do Holocausto. Todos que o visitam saem traumatizados e perturbados. Empurraram um microfone diante do rosto de Madiba e perguntaram sobre suas impressões, a despeito de eu ter explicado aos jornalistas ali fora que ele não estava preparado para dar entrevistas. Ele detestava ser encurralado e ficava irritado quando era pego de surpresa. Sua resposta foi direta: "Foi uma tragédia o que aconteceu com a nação judaica, mas jamais se deve perder de vista o fato de que essa carga também é compartilhada pelo povo alemão. A atual geração de alemães sofre para se livrar do estigma que teve de carregar como resultado desses eventos, pelos quais eles mesmos não podem ser considerados responsáveis neste momento". Os comentários não foram apreciados pelos israelenses. Senti alguma hostilidade e fiquei inquieta. (Quando voltamos para casa, Madiba recebeu cartas com queixas de amigos judeus, até mesmo dos Estados Unidos, por conta desse comentário.)

No dia seguinte tivemos um encontro com o presidente e o primeiro-ministro. Madiba manteve suas posições a respeito de uma possível solução para os conflitos no Oriente Médio. Certas condições deveriam ser aceitas por ambas as partes antes que um acordo pudesse ser firmado: 1. Israel deveria reconhecer a Palestina como país independente. 2. A Palestina deveria reconhecer Israel dentro de fronteiras claramente definidas. 3. Ambas as partes deveriam identificar um mediador da confiança de ambos. Madiba repetiu essa opinião inúmeras vezes, mas nunca foi ouvido. Não havia empatia entre ele e Ehud Barak, ou entre ele e o Ministro do Exterior David Levy. O Presidente Weizman era mais velho, entretanto, e um pouco mais amistoso e menos agressivo em suas respostas.

De Israel fomos à Palestina e estivemos com Yasser Arafat, que já havíamos encontrado em várias outras ocasiões. Ele era muito respeitoso para com Madiba, mas àquela altura eu já estava ficando irritada com o sentimento geral de vitimização dos moradores da região. As pessoas deveriam começar a ter orgulho e um sentimento de dignidade, apesar do passado. Os palestinos eram tão irracionais em sua abordagem das questões envolvendo o Oriente Médio quanto os israelenses.

Enquanto Madiba me explicava que o conflito havia começado em 1967, durante a Guerra dos Seis Dias (quando Israel capturou e ocupou as colinas de Golã, a margem ocidental e a Faixa de Gaza), eu via claramente que tudo atingira um nível de complexidade tão alto que não veríamos uma solução em nossa geração. Para mim, a situação se apresentava visualmente pior que durante o apartheid. Famílias que viviam a quinhentos metros de distância não visitavam umas às outras em mais de trinta anos, separadas por uma cerca de arame farpado. Onde quer que houvesse um trecho de vegetação, este era declarado território israelense e protegido por guardas armados. Quando não havia nada, o terreno era declarado palestino. Era difícil compreender, mas, acreditando nos israelenses, aquilo parecia estar muito além de uma disputa razoável. Os palestinos não

contavam com uma liderança capaz de chegar a uma solução. Eles tentavam comparar sua situação com a da África do Sul, mas no geral todos eram extremistas em seus pontos de vista.

Madiba iria discursar no Parlamento palestino no dia anterior à nossa partida. O Prof. Gerwel editou sua fala na África do Sul e me mandou a nova versão por e-mail. Não tive tempo de lê-la, e algum tipo de vírus invadiu o computador. O discurso terminava, estranhamente, com uma fórmula matemática. O Sr. Mandela também não leu a edição final, e o resultado disso foi que ele leu em voz alta a tal fórmula. Não me lembro das palavras exatas, mas era algo como: "Para cada dois igual a quatro menos sete vezes oito. Obrigado". Ficamos todos intrigados, mas todo o Parlamento palestino se levantou, aplaudindo calorosamente. O intérprete não traduziu a fórmula ou a traduziu como algo muito profundo. Ficamos todos surpresos com o ataque do vírus, mas nos divertimos com o fato de ninguém ter percebido o problema no texto. O Prof. Gerwel e eu demos muitas risadas com esse incidente nos anos seguintes. Deveríamos ter conferido o discurso antes de Madiba se pronunciar, mas essa era uma das desvantagens de viajar sem delegação e de trabalhar no ritmo e sob a pressão a que estávamos submetidos.

Do Oriente Médio viajamos para Washington, a fim de ver o Presidente Clinton. Ele ainda estava no cargo, e foi a primeira vez que entrei na Casa Branca. Clinton exerceu todo o seu encanto com Madiba, respeitoso e simpático. Ouviu a avaliação do Sr. Mandela sobre o Oriente Médio e, de maneira geral, concordou com suas sugestões. Ele estava determinado a ajudar a buscar uma solução para o conflito. A nosso ver, Clinton era a pessoa certa para conduzir um processo de paz, já que desfrutava da confiança dos dois lados. Ou pelo menos assim pensávamos.

Durante nossa estada em Washington ficamos no Watergate Hotel. Foi estranho, já que o Watergate foi o cenário do escândalo que deflagrou o fim da era Nixon; acredito também que Monica

Lewinsky, a mulher que pôs em risco o futuro da administração Clinton, morava ali.

Jantamos com Morgan Freeman, velho amigo de Madiba, e no dia seguinte partimos para Dallas, no Texas, com o Príncipe Bandar. O príncipe havia comprado o time de futebol americano Dallas Cowboys, e assistimos a um jogo de futebol americano com ele. Uma experiência incrível em um dia caótico, para dizer o mínimo. Parecia que todos os americanos presentes no estádio queriam apertar as mãos de Madiba. No dia seguinte, o Príncipe Bandar nos levou a um verdadeiro café texano, onde comemos tacos e tortilhas, algo que o Sr. Mandela jamais havia provado. Tenho certeza, porém, de que, se perguntassem a ele depois, não se lembraria do que era. Era tudo muito estranho para ele, mas o que comíamos não tinha apelo para Madiba como tinha para mim. Ele gostava de sua comida caseira xhosa. Ele estava mais interessado em conversar com o príncipe, discutindo sobre os problemas do mundo e sobre o que poderia ter feito para que a paz reinasse.

De lá viajamos para Atlanta para uma entrevista na CNN, e de Atlanta para Houston, para uma conferência em uma universidade. Nossa programação era apertada, mas Madiba apreciava cada minuto dela. Ele jamais concordaria em fazer qualquer coisa se não se entusiasmasse com isso, e, se houvesse espaço em sua agenda, ele sempre buscava uma causa para preenchê-lo. A segurança foi reforçada nessa viagem por conta do envolvimento do Príncipe Bandar, e essa foi provavelmente a ocasião em que cheguei mais perto de agredir um guarda-costas. Quando entrávamos na universidade, o carro no qual o médico e eu estávamos foi interceptado pelos guardas. Tentamos pedir ao nosso motorista que explicasse que ele deveria passar pelo mesmo portão por onde entrara o carro de Madiba, mas ele preferiu seguir as instruções do policial. Como resultado, Charles e eu tivemos de sair do veículo e abrir caminho até o local onde estava o Sr. Mandela. Era uma caminhada de cerca de seiscentos metros, mas não nos importávamos com a distância: estávamos preocupados com a

possibilidade de Madiba desaparecer e não sermos capazes de localizá-lo.

Charles carregava sua pesada maleta de médico, e eu estava impaciente enquanto caminhávamos com passadas rápidas. Quando nos aproximamos do edifício, Madiba já havia entrado com o Príncipe Bandar. Um enorme guarda-costas americano nos deteve. Explicamos que precisávamos entrar, já que éramos parte da delegação do Sr. Mandela. Ele simplesmente recusou. Não se justificou nem quis ouvir nossos argumentos. Charles me acalmou e sabiamente concluiu que Madiba mandaria nos chamar. Como se adivinhasse, o Sr. Mandela apareceu na porta. Tinha saído para nos procurar — algo muito incomum para uma pessoa de sua importância. Ironicamente, o negro voltou para buscar seus dois empregados brancos, para nos resgatar. O guarda-costas estava olhando para nós e se recusava a se virar para ver, ele mesmo, que Nelson Mandela estava parado no alto da escada nos chamando.

Fiquei tentada a dar um tapa na careca dele quando o guarda-costas do Príncipe Bandar, Neigh, veio correndo para nos “resgatar”. Neigh era extremamente gentil. Eu encarei o guarda-costas e disse: “Está satisfeito agora? Foi preciso que Nelson Mandela em pessoa saísse para nos buscar! Você deve ter percebido que não temos sotaque americano. Pode ver que o médico está com seu equipamento...”. Hoje, revendo aqueles acontecimentos, acho que ele estava apenas fazendo seu trabalho e que eu não fui razoável, mas às vezes as pessoas se fecham e não se dão ao trabalho de tentar descobrir se há alguma verdade em sua história.

As pessoas sempre comentaram sobre o fato inusitado de Madiba nomear uma impetuosa africâner como sua assistente. O Prof. Gerwel dizia: “Ela tem uma natureza boa e saudável”, e Madiba acrescentava. “Ela raciocina com lógica e simplicidade”.

Eu me sentia responsável pelo bem-estar de Madiba, e ele sabia disso, sempre perguntando onde estávamos e procurando por nós.

Nossa presença lhe transmitia segurança, porque ele sabia que desviaríamos quaisquer surpresas e desafios de seu caminho. Era uma relação de codependência profissional.

Por causa de nossas viagens juntos, Charles e eu nos tornamos amigos íntimos e, sendo da mesma idade, nos entendíamos bem durante nossas experiências nesse mundo desconhecido. Assim como vários dos outros médicos, Charles gostava muito de Madiba, mas as pessoas faziam brincadeiras dizendo que ele era meu escravo. Uma ou duas vezes Madiba sentiu-se mal em nossas viagens ao exterior. Charles estava sempre de prontidão, mas nunca tinha muito que fazer por conta própria. Muitas vezes eu lhe pedia favores, como ir buscar a roupa na lavanderia, comprar o jornal, chamar o serviço de quarto para Madiba, embrulhar um presente, encontrar uma impressora etc. Foi daí que nasceu a história de ele ser meu escravo. Brincávamos muito com isso.

Às vezes eu nem tinha tempo de desfazer minhas malas. Ou, então, assim que me sentava para dar um telefonema para casa, chegava alguém do cerimonial ou da equipe do hotel batendo — o Presidente Mandela isso, o Presidente Mandela aquilo. Eu era o único ponto de contato em nossa delegação, e Charles eventualmente precisava bancar o porteiro para permitir que eu terminasse alguma tarefa, uma coisa de cada vez. A pressão era implacável. Eu imaginava que iria enlouquecer por não conseguir lidar com ela, mas então pessoas como Charles apareciam para me ajudar. Ele era a única outra presença semipermanente em nossa equipe. Os médicos se revezavam para viajar conosco, mas, por causa de nossa agenda apertada, nem todos conseguiam sacrificar sua rotina para nos acompanhar. A equipe de segurança também se revezava. Quando se passa tanto tempo assim com alguém, como eu passava com Charles, começamos a nos sentir como uma família.

Estávamos muito cansados quando voltamos para a África do Sul, mas tivemos o luxo de contar com o avião do Príncipe Bandar, no qual cada um de nós teve uma cama de verdade para dormir.

Sempre que ele nos hospedava, éramos muito mimados; ele não poupava despesas para assegurar que tivéssemos a melhor alimentação e o melhor serviço possível. Era um anfitrião perfeito, atento à idade de Madiba e sempre muito respeitoso.

De volta para casa, Madiba ligou para alguns judeus influentes, como o norte-americano Elie Wiesel, alertando-os para os riscos que corriam ao apoiar os Estados Unidos em sua posição favorável a Israel. Ele esperava conscientizá-los sobre a possibilidade de restabelecer a paz na região, o que não aconteceria enquanto se mostrasse parcial.

Soubemos que o Presidente Mbeki não ficou feliz com a visita de Madiba ao Oriente Médio. Nossa viagem interferiu nas relações diplomáticas do governo sul-africano. Era uma dessas situações em que você não tem muitas opções. O Sr. Mandela queria tentar ajudar no processo de paz no Oriente Médio e era permanentemente chamado para intervir, mas acabou se convencendo de que a posição do governo da África do Sul era mais importante. Olhando para trás, sair voando para tentar resolver a guerra no Oriente Médio não era sensato. O Prof. Gerwel teve de intervir, como em muitas ocasiões, para neutralizar a situação. Era claro que as pressões externas causariam muitos conflitos para nós na África do Sul, mas, no fim das contas, era a lealdade de Madiba para com seus amigos que o colocava nessas situações.

No dia 6 de novembro de 1999, Nelson Mandela quase morreu. E sua equipe também.

Estávamos em Postmasburgo, uma pequena cidade no Cabo Norte. Era o meio do verão e fazia muito calor. Em Gauteng (onde ficam Joanesburgo e Pretória), chove muito nessa época. A região é conhecida pelas tempestades que caem todas as tardes. Contra a nossa vontade, levantamos voo muito além do horário previsto. Estávamos indo para Waterkloof, a base aérea em Pretória, em um King Air, um bimotor leve. Era uma luta constante tentar persuadir o

governo a deixar Madiba usar os jatos, mas as agendas ocupadas do Presidente Mbeki e de seu vice não ajudavam. Madiba já não era prioridade, mas, de qualquer forma, nesse dia em particular um avião maior não poderia ser usado devido ao comprimento da pista de Postmasburgo.

Cerca de trinta minutos antes do pouso em Pretória, o comandante me chamou à cabine para informar que tanto os aeroportos de Waterkloof como o Internacional de Joanesburgo haviam sido fechados por causa da tempestade, e que talvez tivéssemos de aterrissar em outro local. Transmiti a mensagem a Madiba. Ele permaneceu em sua poltrona, com o cinto de segurança, observando calmamente os movimentos dos pilotos. Logo começamos a sentir a turbulência, e a atmosfera dentro do avião ficou tensa. De onde eu estava, podia ver o rosto de Madiba, enquanto ouvia as vozes dos pilotos. A urgência aumentava. O comandante informou à torre de controle que não podíamos continuar circulando por muito mais tempo, pois estávamos ficando sem combustível. Eles teriam de nos indicar um local para pousar. Todos os aeroportos da região estavam fechados. Enquanto mergulhávamos nas nuvens, a turbulência foi piorando, e eventualmente os pilotos precisavam soltar o leme e deixar o avião ser guiado pela turbulência. Foi aterrorizante.

Madiba franzia a testa e juntava os lábios, demonstrando aborrecimento. Wayne Hendricks, um dos guarda-costas, fazia piadas para tentar aliviar a tensão. No começo foi divertido, mas depois comecei a ficar zangada com ele. Wayne tinha um ótimo senso humor, e, naquelas circunstâncias, mesmo havendo fracassado totalmente, foi simpático da parte dele tentar.

Madiba não dizia uma palavra. Um dos seus netos, que viajava conosco, pareceu estar enjoado quando atingimos um bolsão de ar que jogou a aeronave alguns metros para baixo. O conteúdo da minha bolsa se espalhou pelo corredor, enquanto nós temíamos pela nossa vida. O celular do neto de Madiba foi arremessado do bolso de

sua camisa, e Wayne o agarrou em pleno ar. Percebi que os pilotos estavam em pânico, determinados a tentar pousar em Waterkloof. O atendimento de emergência foi acionado no aeroporto, a essa altura as lágrimas desciam incontroláveis pelo meu rosto. Wayne me confortava, dizendo que ficaríamos bem, mas eu não conseguia nos ver saindo vivos daquilo. Os pilotos estavam suando quando conseguiram parar o avião no solo. Madiba colocou a mão em meu ombro e disse: "Não se preocupe, Zeldina, agora já estamos a salvo". Desembarcamos, entramos nos carros e fomos para Houghton.

Tentei ir para casa imediatamente, mas, quando mal havia dado a volta no quarteirão, recebi um telefonema de Xoliswa, a cozinheira de muitos anos de Madiba, dizendo que ele me chamava para voltar e tomar um café em sua companhia. Quando entrei em sua casa, ele me chamou para a copa. Seu neto também estava lá. Madiba me fez sentar, e, percebendo que eu estava abalada, disse: "Zeldina, hoje passamos por uma experiência terrível. Mas temos de nos esquecer disso o mais rapidamente possível. O melhor que podemos fazer é entrar novamente em um avião". Ele comparava a situação a uma queda de bicicleta. E continuou: "Não quero mais voar em aeronaves pequenas, e jamais quero levar meus netos comigo". Ele não queria arriscar a vida de seus familiares. Daquele dia em diante, passamos a rejeitar aviões com hélices. Isso nos criou problemas com a força aérea, já que sua frota de jatos não era grande. Em muitos casos era preciso fretar. Isso contribuiu para que a atmosfera ficasse tensa entre nós e a Presidência, mas, depois do incidente durante a tempestade, somente a nossa segurança importava.

Anos mais tarde, passamos apuros dentro de um helicóptero. Madiba viajava para uma área rural no Transkei, visitando obras de postos de saúde e escolas, e no caminho os pilotos informaram algo sobre o superaquecimento do motor. Eles estavam convencidos de que seriam capazes de resolver o problema quando pousássemos, e não mostravam maior preocupação. Naturalmente, ficamos nervosos antes de regressar. Manifestamos nossa ansiedade à segurança em

terra, e, logo que levantamos voo novamente, eles partiram de carro em direção a Mthatha, para onde íamos. Com uns quinze minutos de voo, vimos óleo se espalhando por todo o lado de fora do helicóptero. Já não conseguíamos ver através do vidro, e era evidente que havia um vazamento de combustível, o que poderia provocar um incêndio. Os pilotos comunicaram que tinham de aterrissar e lentamente manobraram o Oryx até o solo.

Eles pousaram em um trecho de savana aberta. A região era rural, então não havia casas ou pessoas à vista. Não estávamos muito distantes da estrada; se os nossos seguranças se aproximassem, nos veriam logo. Eles chegaram uns vinte minutos depois, quando eu estava à beira de um colapso, pensando o que faríamos se a comunidade percebesse que um helicóptero militar havia pousado no meio do nada e sem motivo aparente. Os pilotos tentaram resolver o problema mecânico, mas não conseguiram. Entramos nos carros e seguimos para Mthatha, de onde partiria nosso voo de volta a Joanesburgo. Madiba estava inclinado a suspeitar de uma tentativa de sabotagem, mas consegui convencê-lo de que não se tratava disso.

Com a aproximação da virada do milênio, grandes festas eram planejadas ao redor do mundo. A África do Sul se preparava também, ao mesmo tempo em que a tensão parecia crescer entre Madiba e o Presidente Mbeki. Ouvimos boatos de que o Mbeki comentava que Madiba se comportava como chefe de Estado. Madiba fazia o que sempre fizera: respondia a convites e tentava agradar ao máximo todas as partes. Mesmo que às vezes não concordássemos com tais decisões, ele era o capitão de seu destino, o mestre de sua alma (como ele recitava no poema "Invictus", que escreveu na prisão), e queria continuar fazendo o que lhe agradasse. Era muito difícil manter o foco no que esperávamos de seu escritório pós-presidencial. Havia sempre a sensação que as pessoas ao redor do mundo se apossavam dele. Algumas tinham dado seu apoio na luta contra o apartheid e esperavam que ele adotasse certas atitudes, e ele se sentia em débito com elas. Pessoalmente, acho

que ele adorava viajar, e, depois de haver passado tantos anos encarcerado, é natural que desejasse compensar o tempo perdido. O resultado dessas influências, seja lá qual fosse o propósito, era o que constantemente guiava suas ações e de vez em quando lhe trazia problemas.

Eu tinha certeza sobre a profundidade das divergências entre Madiba e Mbeki. Por exemplo, em novembro de 1999, Madiba recebeu um telefonema do Presidente Mbeki pedindo que liderasse as negociações no Burundi, devastado pela guerra. Eu julgava que Madiba não podia aceitar mais trabalho, mas ele concordou. Devido à intervenção do Sr. Mandela no Zaire (agora conhecido como República Democrática do Congo) durante seu mandato como presidente, supus que Mbeki imaginou que seria fácil para ele tentar conseguir a paz no Burundi. O Presidente Mbeki também desejava pacificar o continente como um todo, já que isso traria vantagens econômicas para a África do Sul. Também pensei que seria uma maneira de manter Madiba ocupado em outro lugar, evitando que ficasse tentado a interferir no Oriente Médio ou no seu próprio país.

De alguma maneira, eu lamentava pelo Presidente Mbeki. Ele sucedeu uma figura histórica. No entanto, eu acreditava que o CNA havia sido o responsável pela criação desse ícone, identificando-o como símbolo da liberdade para os oprimidos, e que era um erro que os membros do CNA pensassem agora que Madiba se comportava inadequadamente. O Sr. Mandela se mantinha firme, declarando à imprensa que a África do Sul jamais tivera melhor presidente ou primeiro-ministro em sua história do que Mbeki. Às vezes eu pensava que Mbeki julgava essa opinião muito paternalista, mas Madiba acreditava no que dizia, e anos depois sua visão a respeito disso se tornou aparente. Nosso país jamais esteve tão estável economicamente como depois da presidência de Mbeki, e como resultado estivemos completamente a salvo da crise econômica que abateu o mundo no fim da primeira década do século XXI.

Jamais houve qualquer má intenção por parte do Sr. Mandela, portanto não existia razão, a meu ver, para que a população sentisse que Madiba ofuscava o presidente. Se era o próprio presidente ou sua equipe o responsável por essa percepção, jamais se saberá. Madiba frequentemente telefonava para o presidente e lhe diziam que ele retornaria, mas isso nunca acontecia. Percebi que as pessoas se tornavam intolerantes com o velho Madiba. Solicitávamos audiências e nos respondiam que a agenda do presidente estava lotada. O que o CNA deveria ter feito era estabelecer objetivos definidos para Madiba, mas compreendo que era difícil, exatamente porque ele tinha força de vontade e determinação para fazer o que o seu coração pedia.

Alan Pillay, que foi o responsável administrativo do nosso gabinete durante a presidência de Madiba, era um dos secretários particulares do Presidente Mbeki. A menos que Alan atuasse como intermediário, a comunicação entre os dois era extremamente difícil. De alguma maneira, quando Alan ajudava, as coisas aconteciam sem politicagem.

Mas era difícil lidar publicamente com isso. O Sr. Mandela se esforçava para falar bem do presidente. Sempre que Madiba e o presidente estavam juntos, eu ficava com a tarefa de garantir que Madiba demonstrasse o devido respeito, seguindo o protocolo garantindo que não fôssemos vistos como sabotadores. Era difícil, porque as pessoas e o público ainda ovacionavam Madiba de pé e faziam muito alarde em torno dele.

O cerimonial determinou que Mbeki e Madiba estariam juntos na ilha Robben na passagem do milênio. Primeiro foi feito um convite verbal, e, quando soubemos que o presidente estaria lá, declinamos, exatamente porque temíamos que a presença do Sr. Mandela colocasse Mbeki em posição difícil. Recebemos então um telefonema da Presidência informando que o presidente desejava que Madiba estivesse lá. Madiba recusou mais uma vez. Tivemos de convencê-lo afirmando que todos os seus amigos dos velhos tempos estariam

presentes, e seria necessário que ele estivesse lá para vê-los, já que haveria transmissão ao vivo para todo o mundo. Ele finalmente concordou.

Foi uma bela noite na ilha Robben. Lembro-me de correr atrás das pessoas para que voltassem para a tenda e demonstrassem respeito para com o Presidente Mkebi, e não nos seguissem quando nos preparávamos para sair. Eu me tornava cada vez mais impopular, não importava o que fizesse. Além disso, precisava fazer as coisas de maneira que Madiba não se sentisse como um peso. Cada pequena ação, portanto, se transformava em uma situação complexa, considerando os vários cenários e analisando tudo o que era proposto. Era necessário ter muita energia e inteligência emocional para agradar a todos e fazer a coisa certa. Em alguns momentos você precisa mostrar firmeza e fazer o que se espera, suportando a politicagem e as críticas. Tive de aprender a não ser covarde.

Muitas vezes as pessoas escreviam a Madiba pedindo sua intervenção em assuntos que eram evidentemente da competência do presidente. Então, quando eu interceptava as mensagens e as encaminhava para o gabinete de Mbeki, muitas vezes fui acusada de superproteger Madiba e/ou de controlá-lo. Diziam que eu era sua "babá", e eu respondia que não me importava com isso. No entanto, o próprio Sr. Mandela não queria se envolver em muitos assuntos. Ele desejava apenas levantar fundos para suas instituições de caridade, construir suas escolas e hospitais, mas desejava também ter liberdade para falar sobre temas que conhecia bem: questões sobre direitos humanos.

Madiba era obsessivo quando se tratava de perseguir seus ideais. Levantou milhões de dólares para o CNA logo depois da legalização do partido nos anos 1990. Agora ele se dedicava a suas causas. O líder de Dubai havia concordado em apoiar sua fundação, mas, devido à interferência de um diplomata sul-africano naquele País, o esforço não deu frutos. Só nos restou especular sobre a razão da interferência, e em nome de quem o diplomata agiu.

Muitas vezes Madiba se gabava de suas habilidades para levantar recursos. Dizia que, se fosse por uma boa causa, tudo seria fácil. Incansável em sua abordagem, e jamais pedindo dinheiro para si próprio, era fácil para ele fazer pressão sobre alguém argumentando acerca da importância da causa. No começo eu não conseguia perceber como a mágica acontecia, mas, depois de vê-lo em ação, compreendi que, se você acreditasse na causa, o resultado viria naturalmente.

Algo que me intrigava era a história que Madiba repetia e que ele esforçou muito para relatar ao Presidente Mbeki e outros dirigentes do CNA. O Sr. Mandela nunca foi um grande administrador, e sempre contou com a ajuda de outras pessoas. Eu ficava maravilhada com seus esforços e com a simplicidade com a qual ele considerava o processo. Enquanto captava recursos para o CNA, o dinheiro era simplesmente entregue a um ou outro dirigente, e Madiba nunca desconfiou de ninguém nesse processo.

O arranjo me parecia prático e fazia sentido. Madiba recebia o dinheiro, entregava-o a Tom Nkobi, o tesoureiro-geral do CNA na época, para que ele o depositasse. (Em nossas campanhas Madiba se recusava a receber os recursos pessoalmente, e insistia que as quantias fossem depositadas ou entregues diretamente ao Fundo para as Crianças.) Madiba esteve afastado da vida social por vinte e sete anos e sabia pouco sobre bancos ou investimentos. Então eu lhe perguntava, quando ele contava essa história, se alguém mantinha um controle sobre o dinheiro. Eu não suspeitava de ninguém, mas me surpreendi ao saber que o próprio Madiba não ignorava o montante que havia conseguido.

Eu não tinha dúvidas de que o dinheiro chegava a seu destino, mas tempos depois Tom Nkobi morreu de causas desconhecidas. Não sei se isso estava relacionado ao levantamento de recursos, mas fiquei intrigada e passei muitas noites acordada tentando imaginar o que havia acontecido. O Sr. Mandela nos contou que nunca lhe

revelaram a natureza da doença de Tom e que, quando conseguiu visitá-lo em Durban, não foi deixado a sós com ele. Disse que havia “um sujeito intimidador” presente, um enfermeiro indiano que cuidava do doente. Tom Nkobi vivia em Joanesburgo, mas, quando adoeceu, foi levado para Durban, muito embora tenhamos alguns dos melhores médicos do mundo em Joanesburgo.

Nos anos mais recentes, quando um empresário sul-africano chamado Schabir Shaik foi acusado de corrupção e fraude, eu observei que sua companhia se chamava Nkobi Holdings. Madiba ficou preocupado quando se revelou a amizade entre o então Vice-Presidente, Jacob Zuma, e Schabir Shaik. Chamem de sexto sentido ou coisa parecida. Parte das acusações de fraude enfrentadas por Shaik referiu-se ao fato de ele ter emprestado mais de 150.000 dólares para Jacob Zuma. Na África do Sul, quem doa dinheiro a uma pessoa física fica sujeito a pagar impostos se essa quantia excede cerca de 10.000 dólares ao ano. Argumentou-se que esses pagamentos teriam sido feitos a Jacob Zuma a fim de influenciar o resultado de uma licitação relativa à compra de armas para suprir o governo sul-africano com artilharia de primeira classe.

Shaik foi declarado culpado de corrupção. Durante o processo, o juiz declarou que havia sido descoberto um “relacionamento corrupto entre Jacob Zuma e Schabir Shaik”.

Madiba se esforçou muito para discutir o tema com membros do CNA, e em mais de três ou quatro ocasiões nós corremos atrás dos responsáveis, buscando uma oportunidade para que Madiba abordasse o assunto e solicitasse informações. Ninguém lhe dava satisfação, e eu lentamente fui apresentada à hipocrisia dos políticos. Eles se sentavam diante dele, ouviam o que dizia e às vezes até concordavam com sua posição, mas logo que saíamos o assunto desaparecia. Em muitas ocasiões ele disse às multidões que as pessoas não devem obedecer apenas a seus interesses, mas devem permanecer leais à sua causa e à sua consciência. Cada vez mais, mesmo hoje, percebemos a hipocrisia contra a qual ele

alertava. Como se ele pudesse vê-la se aproximando. Algumas pessoas perderam a paixão pelo partido, o propósito da causa: representar o povo. A política na África do Sul se transformou em uma guerra egoísta na qual o interesse próprio é o único compromisso, e tudo fez aparecer o câncer da corrupção.

Visitamos Arusha, na Tanzânia, pela primeira vez, como parte das negociações de Madiba no processo de paz do Burundi. Depois de Arusha fomos a Nova York — foi minha primeira vez nessa cidade. Ficamos no hotel Waldorf Astoria e eu me lembro de ter me impressionado com o tamanho da suíte, apesar de sermos hóspedes do falecido embaixador dos Estados Unidos na ONU, Richard Holbrooke, e não nos hospedarmos na parte comum do hotel. Minha experiência em Nova York limitou-se a comer uma verdadeira salada waldorf e visitar a ONU. Como não tínhamos equipe de cerimonial, ou imprensa — era apenas eu —, fiquei ainda mais decidida a não sair do hotel, para o caso de alguma coisa acontecer com Madiba ou de ele precisar de mim.

Madiba estava interessado em motivar o Embaixador Holbrooke a nos ajudar a conseguir recursos, mas também queria discutir com ele os pontos que havia abordado durante sua visita a Israel e à Palestina no ano anterior, assim como informá-lo sobre o Burundi. Durante nossa visita, o Embaixador Holbrooke organizou uma recepção em seu apartamento. Foi a primeira vez que encontrei Whoopi Goldberg, que Madiba me informou ter atuado muito em oposição ao apartheid durante os anos em que ele esteve preso. Ela fez um discurso apaixonado durante o famoso show “Free Mandela”, no estádio de Wembley, na Inglaterra, em 1988.

Lembro de ter conhecido também Robert De Niro. Ele trouxe Grace, sua esposa, e seus adoráveis filhos para ver Madiba. O Sr. Mandela estava bem à vontade, mas um dos garotos não quis saber dele. No decorrer dos anos, cheguei à conclusão de que Madiba havia se transformado quase em um personagem de fantasia, como resultado de sua exposição na mídia. As crianças não sabiam como

agir com ele, então não se comportavam do modo como seus pais esperavam. É o mesmo que acontece quando elas são confrontadas com Papai Noel ou alguém fantasiado de personagem da Disney. De Niro levou o filho para um canto e disse: "Você vai lamentar isso pelo resto de sua vida... Agora, comporte-se". O garotinho, com cerca de sete anos, pouco compreendeu dessa declaração, e tanto eu quanto Madiba nos divertimos com os esforços do ator para que seu filho reagisse com reverência. A criança simplesmente se recusou a cooperar.

Nossa visita às Nações Unidas foi impressionante. Madiba tinha grande respeito por essa instituição. Encontramos Kofi Annan, na época secretário-geral, e eu senti uma ligação muito respeitosa entre os dois homens.

Quando Madiba foi convidado para uma entrevista com Larry King na CNN, em minhas negociações com os produtores, pedi inúmeras vezes que nos fornecessem uma lista de questões ou tópicos a serem abordados. Eles afirmaram que Larry jamais antecipava os temas das entrevistas. Deixei passar. Não foi uma das melhores entrevistas de Madiba, e a culpa foi de Larry. Madiba se fechou, suas respostas foram curtas e objetivas, muito diferentes do que ele normalmente fazia, já que se perdeu o calor do personagem. Ele respondeu ao que foi perguntado, mas realmente não se envolveu. Ficou claro que os produtores estavam mais interessados em acrescentar Madiba à lista do currículo de Larry do que realmente extrair o bom conteúdo que conseguiriam se houvessem se preparado melhor. Foi uma experiência muito diferente da que Madiba teve com Oprah. Ela foi calorosa, amistosa e conhecia seu trabalho. Sua equipe não teve problemas em nos encaminhar os tópicos a serem abordados. Como resultado, Madiba teve um ótimo desempenho.

As pessoas sempre faziam as mesmas perguntas para Madiba, fosse em entrevistas ou durante os eventos. Suas respostas eram padronizadas, simplesmente adaptadas para as circunstâncias. Para

“Na sua opinião, quais são as características de um bom líder”, ele respondia: “Alguém que serve a seu povo”, e desenvolvia a partir daí. Para “Você tem amarguras ou queixas depois de passar tanto tempo preso?”, ele respondia: “A amargura é a mais inútil das emoções, porque não pode mudar coisa alguma. Eu fiz as escolhas que fiz porque agradavam à minha alma na época”. Então, alguém perguntava: “Como você gostaria de ser lembrado?”, e ele dizia, sem hesitar: “É preciso deixar as outras pessoas decidirem como querem se lembrar de você”. Eu achava engraçado. Ele poderia ter respondido “como um humanitário”, “como alguém que serviu a seu povo” ou qualquer coisa assim, mas preferiu deixar que os outros decidissem e não tentar ditar os termos da história.

Quando ele morreu, em 2013, notei que muitos tinham histórias para contar sobre Madiba — algumas inacreditáveis e outras que não combinavam com sua personalidade. E eu me lembrava de sua vontade de que as pessoas tivessem liberdade para se lembrar dele como quisessem. Em uma de minhas entrevistas, salientei que as pessoas estavam livres para decidir. Sejam lembranças boas, más ou até mesmo fictícias, é preciso identificar o que está no coração das pessoas quando ouvem seu nome, desde que essas histórias não traíam seu legado.

Também visitamos a residência de George Soros, quando Madiba lhe pediu uma doação para a fundação. Infelizmente nada aconteceu, e nós voltamos para Nova York de mãos vazias. Mais tarde ouvi dizer que Soros não entendeu muito bem a direção estratégica da fundação, daí sua hesitação em apoiá-la financeiramente, o que achei justo. A fundação tentava se adaptar à agenda mutante de Madiba. Primeiro foram os hospitais e postos de saúde e seu escritório pós-presidencial, depois esse último item permaneceu, mas o foco se transferiu para a Aids e a educação, e mais tarde o diálogo foi acrescentado. Para o público parecia confuso.

Muitas vezes nos vimos (eu, o médico e a segurança) esperando por Madiba nesses palácios, hotéis de luxo e casas que antes só havíamos visto em filmes. Nas primeiras ocasiões admiramos o sucesso de outras pessoas, e acho que até ficávamos com inveja, porém mais tarde uma casa se torna simplesmente uma casa e nem se nota mais. A grandeza perde seus encantos. Minhas únicas preocupações eram que não houvesse escadas onde Madiba estivesse, já que ele tinha dificuldade para subir, e que ele jamais fosse deixado sozinho onde pudesse ser surpreendido por alguma situação em que se sentisse comprometido e nós não estivéssemos perto o suficiente quando fosse necessário. Geralmente eu o acomodava nas reuniões e começava a monitorar o relógio. Ele nunca queria ficar mais que trinta ou quarenta minutos em qualquer lugar, e sempre ia rapidamente ao ponto em discussão. Depois de trinta minutos, se eu não estivesse dentro da reunião (o que geralmente tentava evitar, para poder fazer outras coisas enquanto esperava do lado de fora), entrava para lembrá-lo do tempo. Então ele fazia uma brincadeira com seus anfitriões: "Não, veja bem, ela é minha chefe e eu tenho de obedecer, senão perco o emprego". As pessoas me olhavam com expressões estranhas, desde "que engraçado" até "oh, sim, os brancos impunham o regime do apartheid, de modo que tenho certeza de que ainda fazem isso". Geralmente eu ria dos comentários para tentar diminuir a tensão na sala, já que nem todas as pessoas percebiam imediatamente o senso de humor o Sr. Mandela. De modo que, fosse engraçado ou não, eu forçava uma risada para tentar mostrar que era só uma brincadeira. Se ele ainda estivesse lá vinte minutos depois do meu primeiro anúncio, eu novamente o lembrava, ele se levantava e anunciava que já era hora de ir embora.

Às vezes ele esperava ser "resgatado". Em algumas reuniões ele me chamava para perguntar: "Quanto tempo ainda temos?". Era uma dica para que eu observasse bem o tempo e não deixasse as coisas se arrastarem. O tempo era sempre assunto de grandes contestações entre outras pessoas e eu. Não com Madiba, mas com pessoas de fora, que sempre achavam que ele poderia permanecer

mais tempo. Para tentar satisfazer a todos seria necessário um dia de trinta e seis horas. O Sr. Mandela jamais faria algo contra a sua vontade. Era um líder nato e alguém que desejava permanecer no controle mesmo quando fazia os outros sentirem que suas contribuições tinham importância vital para a tomada de decisões. Ele tinha muita necessidade de disciplina, mas sua vontade era tão forte que às vezes beirava a teimosia.

No dia 28 de abril de 2000 visitamos Bujumbura, no Burundi. É uma das cidades mais belas da África, rodeada por árvores e lindas paisagens. Infelizmente as estradas e a infraestrutura foram danificadas pela guerra civil e muito precisaria ser feito para reparar não apenas a infraestrutura, mas também a confiança dos investidores potenciais. Havia tensão na área, e, apesar de o povo burundinês estar muito feliz por receber Madiba, era necessário tomar cuidado para não se alinhar com nenhum dos lados envolvidos na negociação. Viajamos direto para a zona de guerra, onde Madiba discursou para os refugiados e lhes deu algo de que essas pessoas necessitavam: esperança.

Em 3 de maio fizemos uma visita de um dia a Londres para comparecer à corte. Madiba foi nomeado para o Conselho Real pela Rainha Elizabeth. Tentamos convencê-lo a não fazer essa viagem tão rápida, mas ele insistiu. Queria prestigiar sua amiga. Acho que ele era das poucas pessoas que a chamavam pelo primeiro nome, e ela parecia se divertir com isso. Um dia, quando repreendido pela Sra. Machel, ele respondeu: "Mas ela me chama de Nelson". Em certa ocasião, ele exclamou: "Elizabeth, você emagreceu!". Não é algo que qualquer um possa dizer para a rainha da Inglaterra.

Apesar de trabalhar como um jovem executivo, Madiba estava envelhecendo, e a logística não era nada simples. No dia seguinte ao evento no Palácio de Buckingham, por exemplo, iríamos ao jantar de despedida de uma velha amiga de Madiba, a Dra. Mamphela Ramphele, da Universidade da Cidade do Cabo. Ela havia sido nomeada para o Banco Mundial e deixaria a cidade. Foi a primeira

médica que cuidou da saúde do Sr. Mandela depois que ele saiu da prisão, e lhe indicou alguns dos melhores cardiologistas da África do Sul na época.

A vida continua a acontecer mesmo quando se está muito ocupado. Um bom amigo de Madiba, Ismail Meer, faleceu e nós voamos para Durban a fim de prestar solidariedade à família. Notei que seus amigos vinham falecendo ano após ano e ele claramente notou isso também, o que deve ter sido perturbador. Ele conhecia tantas pessoas, e frequentemente nos pegávamos indo a funerais em fins de semana consecutivos. Mas isso era algo que se esperava dele.

Em maio de 2000 viajamos para Mônaco a convite do bilionário sul-africano Johann Rupert. Johann mandou um avião particular levar Madiba a Mônaco, onde ele assistiu à primeira apresentação do Laureus Sports Awards. Também nos encontramos com o agora falecido Príncipe Rainier e com o jovem Príncipe Albert. Foi a primeira vez que estivemos com Bono Vox, que foi apresentado por Naomi Campbell. Tive de passar um bom tempo explicando a Madiba quem era Bono, que ele havia boicotado a África do Sul durante o apartheid e que era uma lenda da minha geração. Fiquei triste por deixar Mônaco, pois saímos justo no dia anterior à rodada de classificação do Grand Prix. Podíamos ouvir os carros de Fórmula 1 sendo testados nas ruas, e eu viajei desapontada.

Mais para o fim do ano 2000, o Sr. Mandela foi convidado para visitar a Austrália e assistir à conferência "O Que Faz um Campeão?". Ele iria ser agraciado com títulos honorários das Universidades de Sydney e de Tecnologia. Sempre que Madiba estava prestes a receber o título de doutor *honoris causa*, enviávamos suas medidas para a universidade preparar as vestes acadêmicas (incluindo as medidas da cabeça). Ele nunca tinha muita paciência nessa hora, então eu tirava todos os moldes rapidamente.

Eu me sentia confortável perto dele. Ele conseguira destruir todos os meus preconceitos sobre as pessoas negras. Eu tinha a sensação de que cuidava dele como cuidaria de meus parentes idosos. Sempre que deixava de vê-lo por um ou dois dias, eu o beijava quando nos encontrávamos. Mais tarde passaria a fazer isso todos os dias, mesmo se eu o visse constantemente. Como eu havia mudado! Comecei a sentir sua falta sempre que nos distanciávamos. Ele muitas vezes se apoiava em mim quando caminhava ou segurava minha mão quando subia ou descia escadas. Eu tocava em seus cabelos sem pensar, tentando arrumá-los quando o vento os despenteava. Foi longo o caminho que percorri, e eu tinha raiva dos preconceitos com os quais fomos criados.

Madiba estava sempre bem-arrumado e cuidava muito para que sua pele estivesse sempre hidratada. Lembro-me de que às vezes, durante o tempo em que ele era presidente, tive de batalhar muito para conseguir uma loção que na época não estava disponível no mercado sul-africano: a Loção Corporal Palmer, que ele usava quando estava preso. Acho que a companhia devia ter interrompido sua fabricação no País havia algum tempo, então eu tinha de pedir a amigos dos Estados Unidos que comprassem no atacado e enviassem para nós. O mesmo ocorria com o seu colírio preferido: Refresh Plus, a caixa azul e branca. Ele era metódico com certas coisas.

Na Austrália, ele havia agendado encontros com o Primeiro-Ministro John Howard e também com a famosa e rica família Packer a respeito de um portal na internet onde se poderiam fazer doações para o Fundo para as Crianças e para a Fundação Nelson Mandela. A reunião com o primeiro-ministro foi meramente protocolar. A tentativa de persuadir a família Packer a contribuir para a caridade foi um daqueles esforços que jamais se concretizaram, não sei qual a razão.

O voo até a Austrália foi cansativo, mas o comandante ofereceu a sala de descanso da tripulação para que Madiba pudesse dormir em

uma cama de verdade. Achei isso muito gentil, ficamos muito agradecidos.

Ao chegar a Sydney nos acomodamos, e, depois de nos ajustarmos ao fuso horário, levamos Madiba ao famoso zoológico da cidade. Permitiram que alimentássemos as girafas, pegássemos filhotes de cangurus e coalas e observássemos os dingos sendo alimentados. Claro que não teríamos esses privilégios se não estivéssemos na companhia de Nelson Mandela. Passamos de barco na frente da Opera House e almoçamos na residência do Primeiro-Ministro Howard. Gostei dele. Era realmente um homem gentil e simples. Os dois conversaram sobre assuntos locais, e Madiba vinha sofrendo pressão para se manifestar contra o governo por causa de seu tratamento aos aborígenes. O Sr. Mandela sustentou o que sempre disse: que ouviria as queixas do povo, mas não interferiria em questões domésticas de outros países. Ao mesmo tempo que reconhecia e respeitava a todos, recusava-se a se envolver em controvérsias. Era pouco antes das Olimpíadas de Sydney, então nós visitamos a equipe sul-africana na cidade olímpica. Madiba discursou para eles, desejando-lhes o melhor.

De Sydney fomos para Camberra, onde fomos recebidos pelo governador-geral, o equivalente ao chefe de Estado. Ficamos em sua bela casa de hóspedes, onde víamos cangurus pela janela enquanto tomávamos o café da manhã na sala de jantar. Nessas ocasiões, enquanto compartilhávamos as refeições, Madiba gostava de mostrar o conhecimento que tinha sobre algum tópico em particular. No caso dos cangurus, ele me deu uma longa lição sobre suas bolsas. Quando eu fazia uma pergunta cuja resposta ele não soubesse, geralmente era o fim da conversa. Ele não gostava que eu fizesse perguntas difíceis.

Também visitamos Melbourne, e para mim ficou claro que, a menos que se conviva com as pessoas comuns, é sempre difícil compreender a razão pela qual tantos sul-africanos se mudam para a Austrália para começar uma nova vida. Ficar nas casas de

hóspedes do governo, hospedados por eles, nunca permite ter uma noção real da vida em outro país.

De volta para casa, a pressão continuava a aumentar. Madiba era cada vez mais requisitado. Tornava-se o salvador de tudo e de todos. Sempre que as pessoas não conseguiam respostas satisfatórias do governo, voltavam-se para ele, que era tido como alguém que podia intervir em qualquer coisa e resolver qualquer problema. Elevado à condição de santo ele lembrava a todos: "Um santo é um pecador que nunca desiste". Eu adorava esse ditado.

Frequentemente as pessoas lhe escreviam por pura frustração, quando não conseguiam soluções do governo. Nós jamais podíamos interferir nos serviços ou assuntos estatais. Não queríamos, não tínhamos tempo, então às vezes era uma bênção poder dizer "simplesmente não podemos". Mas era preciso entender que, quando alguém se dirigia a Nelson Mandela, era quase sempre uma última e desesperada tentativa — não importa quão frustrados nós, administradores, ficássemos com a quantidade de papel envolvida. Mesmo aqueles que escreviam da prisão mereciam consideração, ainda que fosse o simples reconhecimento de sua existência. Eu jamais desejaria saber que alguém cometeu suicídio, por exemplo, por ter sido ignorado por nós.

Quando se é uma figura pública e se escolhe estar em público como Madiba, isso gera obrigações. Meus colegas enlouqueciam com minha obsessão por responder à correspondência, mesmo que não pudéssemos ajudar ou não estivéssemos interessados. Era uma avalanche de pessoas que precisavam de escolas, hospitais, medicamentos, assistência financeira, bolsas de estudo e todo tipo de ajuda que se pudesse imaginar. Às vezes eram coisas simples assim: "Prezado Sr. Mandela, por favor compre uma bicicleta para mim". Madiba era a única esperança de alguns, fosse em relação à pobreza, à educação, às questões sociais, às disputas. Ele ainda era o presidente deles e o presidente do mundo.

O que concordávamos em fazer era, no fim das contas, o que ele achava que deveria ser feito. Madiba era, entretanto, incapaz de rejeitar ofertas pessoalmente, já que nunca queria desapontar as pessoas. Então, se alguém tinha de fazer isso, esse alguém era eu. Frequentemente eu me apoiava no Prof. Gerwel como guia e conselheiro, mas era o próprio Madiba quem decidia. Muitas vezes ele se deixava convencer a fazer algo para determinada pessoa que conheceu em uma reunião e que o persuadia a fazer mais uma viagem. Madiba também tinha remorso. Ele eventualmente dizia não, embora adorasse viajar. No entanto, todos nós estávamos exaustos. Nenhuma outra pessoa com a idade de Madiba seguia uma programação tão exaustiva e tão carregada de compromissos formais. Ele jamais se queixava de estar cansado, porém, e sempre buscava chances de viajar ou fazer mais coisas. Seus deveres jamais terminavam.

Além do processo de paz no Burundi, dos projetos das escolas e postos de saúde (além de tentar agradar ao mundo inteiro), Madiba era solicitado pelos líderes da área rural de onde ele veio. Um dia, recebeu uma ligação do chefe dos Pundos, Rei Thandizulu Sicgau. O telefonema foi curto e objetivo: "Quero que você consiga duas bolsas de estudo para minhas filhas nos Estados Unidos". A conversa terminou ali mesmo. Madiba, o súdito, sabia o que fazer. Assim, ele conseguiu as duas bolsas com a Coca-Cola. Seu relacionamento com o rei de Pondo era estranho, e para mim era difícil compreender os assuntos tradicionais. Sempre que viajávamos a Qunu no Natal, o Rei Thandizulu aparecia com uma ovelha de presente para Madiba. E esse gesto significava muito para ele.

As filhas do rei completaram seus estudos nos Estados Unidos com sucesso e realmente nos deixaram orgulhosos. As duas se tornaram modelos de comportamento e não desperdiçaram as oportunidades que tiveram. Infelizmente o rei faleceu em 2013, quando Madiba estava hospitalizado, e não conseguimos manifestar a ele nossos respeitos. De qualquer forma, eu mantive contato com elas.

Completei trinta anos em 2000. Foi um momento especial para mim. Eu sentia que minha juventude havia terminado. Como somos bobas nessa idade. Madiba brincava comigo, é claro, e me provocava. Perguntava repetidamente qual seria a minha idade em outubro, com um sorriso amplo no rosto, e eu respondia todas as vezes: trinta!! Ele então ria: "Oh, não, você ainda é muito jovem". O Sr. Mandela fingia esquecer de propósito. Eu não me sentia jovem, e, todas as vezes que ele perguntava, ficava perturbada apesar de não haver nenhuma intenção malévola de sua parte. Ele também perguntava: "Quantos namorados você tem agora?", e eu respondia com um número qualquer. Às vezes ele queria saber, quando chegava ao escritório, se eu já havia telefonado para todos os meus namorados, e eu sustentava a brincadeira dizendo que não havia conseguido falar com um ou dois, mas já havia cuidado dos demais. Minhas respostas provocavam risadas dos dois lados. Ele fazia isso com todas as mulheres da equipe. Seu humor nunca falhava.

Refleti sobre esses assuntos no decorrer dos anos e cheguei à conclusão de que, mesmo hoje, já com meus quarenta anos, sou emocionalmente imatura como resultado do estresse e da pressão dos anos. Era muito jovem para ter vivido o que vivi e absorver tantas pressões. Não tive mais nenhum relacionamento normal depois que comecei a trabalhar com Madiba: estava com ele o tempo todo e, quando não estava, descansava. Nunca entrei em contato com as tendências principais da juventude, exceto com meus colegas, mas também nunca estava muito tempo no mesmo lugar para manter amizades estáveis. Ainda me faz falta a estabilidade emocional para lidar com coisas muito comuns. Mas eu estava ficando boa no entendimento da política, de como o mundo funcionava, e aperfeiçoando a arte de lidar com a logística e tudo o que envolvia as pessoas mais famosas do mundo. Na época, essa era a minha única preocupação. Ainda assim, eu jamais trocaria a experiência e a oportunidade de trabalhar para Nelson Mandela por qualquer outro privilégio.

Mais um vez, recebemos um telefonema do ex-Presidente P. W. Botha. Ele insistia em considerar Nelson Mandela pessoalmente responsável por suas queixas e rancores diante da moderna África do Sul. Muitas pessoas que não aceitam a nova realidade agem assim. Sempre que algo está errado, o culpado é Madiba. As pessoas sempre desejam um bode expiatório ou alguém a quem dizer "eu não disse?" quando alguma coisa não sai conforme o desejado. Os brancos que entregaram o poder sempre criticarão um governo negro, e, quando a situação não lhes agrada, isso resulta na acusação de que os negros são incapazes de dirigir o País como insistiam que seriam. Alguns indivíduos simplesmente adoram se queixar, vivem dessa maneira. Existe uma diferença entre estar preocupado e a simples queixa pela queixa. Esta é parte da natureza humana, mas as questões raciais complicavam o assunto.

Um dia recebi um dos telefonemas da residência de Botha. O ex-presidente desejava falar com Madiba. Retornei a chamada e os coloquei na linha. Jamais fui grande admiradora de Botha, e, como ele não se referia a Madiba da maneira respeitosa como eu desejava, sempre ficava intrigada quando ele telefonava. Quando alguém se referia a Madiba como "Mandela" ou "Nelson", os pelinhos da minha nuca se eriçavam. No entanto, Madiba era abertamente amistoso e cortês com Botha. Eu me lembrava sempre das bem conhecidas palavras do Sr. Mandela: "é mais fácil mudar os outros que a si mesmo". Eu tinha de reconsiderar minhas percepções sobre Botha. Madiba real e honestamente não guardava mágoas. Por causa disso, ele não tinha razão para não ser amistoso para com seus antigos inimigos.

Os dois conversaram brevemente, e depois o Sr. Mandela me pediu que ligasse para o ministro da Polícia. Ele me contou que Botha se queixara sobre o número de guarda-costas à sua disposição, enquanto ele (Madiba) e o ex-Presidente De Klerk dispunham de um contingente completo de segurança pessoal. Para mim, quanto mais velho se é, menor é o nível de ameaça contra você, e quanto menos se aparece em público, menos segurança é

necessária. Eu não via isso como um problema de Madiba, mas fiz o que ele pediu.

Ligamos para o ministro e Madiba lhe pediu que verificasse o assunto. Ele havia prometido a Botha que eu ligaria para ele dentro de alguns dias para informar como o assunto caminhava. Dois dias mais tarde, Botha telefonou novamente: "*Juffrou* [senhorita], quando irei receber um relatório de Mandela?". Nada de "como vai você" ou coisa parecida. Deliberadamente, enfatizei ao máximo os títulos em minha resposta: "*Senhor* Botha, o *Senhor* Mandela falou com o ministro e nós estamos esperando o seu retorno. Tenho certeza de que o *Senhor* Mandela lhe responderá logo que tivermos um resultado". Ele insistiu para que eu lembrasse Madiba de falar com "eles", referindo-se ao governo. Era comum os sul-africanos brancos falarem "eles" e "nós". "Nós" se referia aos sul-africanos brancos, e "eles" fazia referência mais especificamente às pessoas negras. Quanto mais tolerante eu me tornava com certas coisas, como a diversidade e o direito de as pessoas acreditarem no que quisessem sem que eu forçasse minha opinião sobre os assuntos, mais intolerante eu ficava diante de meu próprio povo quando se utilizava de uma linguagem desrespeitosa.

Na velha África do Sul as pessoas usavam a "palavra com k" (*kaffir*) para se referir ao povo negro. Era um termo ofensivo, e agora considerado como discurso de ódio em nossa nova Constituição. Estranhamente, entre minhas relações mais imediatas ou com minha família, todos pararam de usar a palavra sempre que eu estava presente, embora às vezes usassem a "palavra". Se o fizessem, eu os repreenderia e, sempre que possível, evitaria vê-los novamente. Era algo que se tornara insuportável para mim. Não apenas o uso da palavra, mas também as generalizações e julgamentos em relação às pessoas negras. Essas generalizações eram injustificáveis, e muitas vezes me envolvi em debates acalorados com brancos em torno de questões sobre o respeito. Da mesma maneira, eu chamava a atenção dos negros quando usavam termos ofensivos em relação aos brancos nas mídias sociais, mas

isso facilmente saía do rumo, pois eu, como branca, provocaria furor ao tentar repreender pessoas negras, o que desviaria do assunto original.

Informei o Sr. Botha que Madiba falara com o ministro, mas ele terminou a ligação com "diga a ele que estou esperando". Quando desliguei, pensei comigo mesma: acho que não. Realmente não era necessário que eu relatasse isso a Madiba, que ficaria agitado. Eu sabia que ele esperava a resposta do ministro, e que este tomaria providências. Dois dias depois, Botha ligou com as mesmas perguntas e ordens. Dessa vez comuniquei o fato a Madiba e perguntei se ele poderia falar com Botha para acalmá-lo. O Sr. Mandela disse que não. Eu não consegui acreditar no que ouvi e ri com a resposta. No começo pensei que ele estivesse brincando comigo. Não que ele não desejasse ajudar Botha ou a mim, mas não queria falar novamente com ele. E ponto final. Eu sabia que, quando Madiba se sentia dessa maneira para com algo ou alguém, não adiantava tentar convencê-lo do contrário. Era raro responder dessa maneira, de modo que, quando o fazia, sabíamos que era o fim da linha. Não sei se o assunto foi ou não resolvido, mas não ouvimos mais falar de Botha. Deixei o assunto de lado; pouco me importava quantos seguranças ele tivesse. Era como se tentasse dizer a Madiba: "Eu comecei as negociações para que você fosse solto e o CNA deixasse de ser banido e agora não tenho nem mesmo seguranças suficientes". Botha queria fazer Madiba responsável por isso também. Bem, o modo como se trata o assunto também determina a resposta.

Cada vez mais trabalhávamos em missões de paz ao redor do mundo. Em março de 2002 viajamos até Seul para falar com o primeiro-ministro da Coreia do Sul sobre a ideia de construir um parque da paz ligando a Coreia do Norte e a do Sul. A Fundação Peace Parks negocia e estabelece áreas de conservação que se estendem por cima das fronteiras nacionais, criando áreas para restaurar comunidades ecológicas. Madiba era um dos patronos dessa fundação, encabeçada pelo Príncipe Bernhard, da Holanda, e

por Anton Rupert. O Príncipe Bernhard e o Dr. Rupert eram amigos havia muito tempo e juntos criaram o WWF (World Wide Fund for Nature), com grande sucesso, seguido pela Fundação Peace Parks. Durante nossa visita à Coreia do Sul, o Presidente Kim Dae-jung foi receptivo à ideia, mas claramente expressou sua descrença de que a Coreia do Norte fizesse parte da iniciativa. Nossos pedidos para encontrar o presidente da Comissão de Defesa Nacional da Coreia do Norte, a posição suprema ocupada por Kim Jong-il na época, foram em vão. Jamais tivemos uma resposta.

As pessoas provavelmente pensavam que Madiba seria bem recebido em qualquer lugar do mundo. Nem sempre. A Coreia do Norte, por exemplo, não mostrou nenhum interesse. Tentávamos evitar situações que sinalizassem um fracasso, mas, devido ao envolvimento do Príncipe Bernhard e do Dr. Rupert nesse caso em particular, Madiba queria pelo menos tentar. Ficamos na Coreia do Sul durante alguns dias, e, quando percebemos que os norte-coreanos nos ignorariam, voltamos para casa. Estranhamente, estar tão longe de casa sem compromissos oficiais nos permitiu uma pausa da loucura do trabalho. Nessa visita em particular mais uma vez fui convocada para permanecer na suíte de Madiba enquanto a massagista o atendia. Geralmente eu tentava passar essa tarefa para um dos seguranças, mas percebi que aquela massagista era cega. Mesmo depois de eu contar o fato a Madiba, em africâner, ele ficou alerta o tempo todo em vez de relaxar. Achei que em algum momento ele pediria para a mulher parar, e não consegui controlar o riso. Não que me faltasse respeito por ela ou por sua deficiência, e sim por Madiba, que parecia tão tenso na situação. Ela era, ao contrário do que eu esperava, excepcionalmente profissional. Dizem que, se alguém nasce sem um dos sentidos, alguns dos outros se desenvolvem mais, e eu percebi isso. Ficou claro que ela era uma excelente massagista e tinha "mãos que curam".

Madiba tinha o hábito de manter seu relógio de pulso marcando a hora da África do Sul, não importava em que parte do mundo estivéssemos. Tínhamos de despertar nas horas mais estranhas para

que ele não ajustasse seu relógio interno com a diferença de horário, de modo a não sofrer muito com o *jetlag* quando voltássemos para casa. Então, em qualquer lugar onde estivéssemos, tínhamos de ligar para a Sra. Machel pela manhã e pela noite. Recordo-me de quando estávamos em Seul e não achei a Sra. Machel imediatamente. Madiba insistiu em ficar acordado até que conseguíssemos. Era uma das coisas preciosas que ele insistia em fazer como marido. Era preciso ligar para ela pela manhã, antes do café, e à noite, antes que ele fosse dormir. “Como você está, Mum, como foi seu dia?”, ele perguntava. Era o momento em que eu me retirava da suíte para lhes dar alguns minutos de privacidade antes de voltar à nossa programação ou continuar trabalhando. Também me dava a oportunidade de contar a ela o que havíamos feito durante o dia.

Madiba iria receber o Prêmio da Mídia Alemã em Baden-Baden e o voo para a Alemanha seria uma cortesia da Mercedes-Benz. Eu havia nomeado uma assistente, Marianne Mudziwa, e Maretha cobriria o que fosse necessário. As duas me aliviavam muito das pressões administrativas. A equipe do escritório ainda dependia de mim para orientações sobre as respostas para aqueles que escreviam para Madiba. Como não tínhamos uma seção de imprensa ou de cerimonial, todos os telefonemas que diziam respeito pessoalmente a Madiba eram da minha responsabilidade. O mesmo acontecia com as demandas da imprensa. Madiba e o Prof. Gerwel eram meus únicos guias. Às vezes eu ligava para Madiba vinte vezes por dia para ele que me aconselhasse quando não estava no escritório. Ele me respondia pacientemente e me explicava como fazer as coisas, como responder e onde achar as respostas se não pudesse me informar diretamente.

Ele me falava sobre a estratégia, a melhor maneira de tratar um assunto particular, os seus planos para alcançar o resultado pretendido. Tudo era sempre muito detalhado, e ele esperava que eu me mantivesse dentro da estratégia decidida. Quando ele falava, você ouvia. Sempre anotei o que ele dizia, com palavras-chave

cruciais. Muitas vezes eu repetia e ele me corrigia, ou dava mais detalhes. A semântica, posteriormente, tornou-se uma paixão para mim. Não é fácil para alguém cujo primeiro idioma não é o inglês falar fluentemente o idioma e perceber, então, que eu tinha de ser extremamente cuidadosa sobre como dizer as coisas e o quê. Madiba era paciente e jamais apontava meus erros. Ele preferia encontrar um modo sutil de me explicar as coisas de forma diferente. “Não, veja você...” Na maioria das vezes, entretanto, eu conseguia entender tudo. Não podia me permitir ser um peso para ele.

A viagem para Baden-Baden se aproximava em março de 2001. Com uma agenda cheia pela frente, eu tinha de dar toda a atenção à organização da próxima viagem, dar os telefonemas necessários para garantir que a viagem, as acomodações, os aviões, trens e automóveis estivessem todos prontos. A pressão aumentava e nas duas noites anteriores à partida trabalhei sem pausa para o descanso, preparando a viagem e tentando colocar a correspondência em dia.

Como os voos da África do Sul para a Europa partem no começo da noite, voamos para a Alemanha na noite de quinta-feira. Geralmente eu me sentava ao lado de Madiba no avião, se a poltrona a seu lado não pudesse ficar vazia ou se a Sra. Machel não nos acompanhasse. O voo da Lufthansa estava lotado, de modo que meu assento ficava ao lado do dele. Geralmente eu o acomodava logo que embarcávamos, perguntando se queria algo para beber ou comer, e depois da decolagem preparava sua cama da melhor maneira possível na cabine da primeira classe. As companhias de aviação geralmente eram ótimas ao providenciar alimentação específica para ele, além de travesseiros e cobertores suficientes. Depois de ajudá-lo a se acomodar, me instalei, prendi o cinto de segurança e caí no sono, só acordando na manhã seguinte, quando aterrissávamos. Eu havia dormido a noite inteira e abandonado Madiba. Não tinha nem escovado os dentes e lavado o rosto, algo que eu jamais deixava de fazer.

Fiquei zangada comigo mesma e perguntei à equipe de segurança sobre o conforto dele durante a noite. A tripulação havia cuidado de tudo juntamente com a segurança, e ele estava ótimo, mas era indesculpável que eu houvesse falhado em minha tarefa. Senti-me péssima durante vários dias.

Notei, quando despertei, que estava coberta e tinha um travesseiro debaixo da cabeça. Quando perguntei à segurança quem havia providenciado isso, disseram que fora Madiba. O pobre homem. Ali estava eu, supostamente para cuidar dele, e, em vez disso, ele cuidou de mim. Madiba estava preocupado por eu não estar dormindo o suficiente e se queixou ao Prof. Gerwel muitas vezes que eu estava trabalhando demais — o que não o impedia de continuar me ligando ou de manter o seu próprio ritmo.

Lembro de outra ocasião, em um voo da British Airways, em que acordei durante a noite por causa da movimentação ao meu redor. Madiba fora ao banheiro no meio da noite, sob o olhar da segurança. Fiquei desperta, esperando que regressasse para a poltrona para ver se precisava de alguma coisa. Quando ele passou por mim de volta para sua poltrona, parou e cobriu meus pés com o cobertor. Esses momentos tocavam fundo em meu coração. Eu não me lembrava de, quando criança, ser aconchegada por meus pais, e ali estava o homem que todos nós temíamos no fim dos anos 1980 (quando tomamos conhecimento de sua existência) cobrindo meus pés, preocupado com meu bem-estar. Às vezes, quando eu estava cansada, chorava silenciosamente, considerando quanto esse homem cuidava de mim. Sentia como se ninguém houvesse me amado tanto quanto Madiba. Ele me tratava como se eu fizesse parte de seu povo, cuidando de mim como você faria com os seus. E minha história tornava quase impossível aceitar que eu merecesse esse cuidado e amor.

Realmente não havia momentos calmos. Quando viajávamos sem a Sra. Machel ou uma de suas filhas, ele não queria ficar sozinho

durante as refeições, e muitas vezes eu tinha de acompanhá-lo. Eu queria dar espaço a ele, mas o Sr. Mandela insistia que eu voltasse pouco depois de deixá-lo.

Eu gostava de fazer as refeições com ele quando viajavamos, ouvindo suas histórias e suas opiniões sobre muitas coisas. Ele continuava inflexível quanto ao que denominava ser o maior desafio que o “nosso povo” enfrentava, que era a educação, e o raciocínio por detrás dessa crença fazia muito sentido. Compreendi todos os desafios que o novo governo enfrentava, tendo de lidar com as dificuldades financeiras envolvidas na reconstrução da economia e reabastecendo os fundos que haviam sido usados para manter o apartheid funcionando. Poucas pessoas compreendiam que o regime do apartheid utilizava recursos dos fundos de pensão estatais e agora, com o novo governo no poder, ninguém sabia de onde poderia vir o dinheiro para reconstruir esses fundos de pensão. Era algo que não havia sido revelado ao CNA antes de este chegar ao poder, e agora eles não apenas tinham de cumprir suas promessas como obter recursos para reabastecer esses fundos.

Eu valorizava as explicações de Madiba. Simples e objetivas e em termos que eu podia compreender. Mudei minha maneira de pensar e logo passei a defender o CNA nos debates com meus amigos. Comecei a me afastar dos africanos mais conservadores, já que poucos deles compreendiam o novo raciocínio político.

Madiba era o herói de todos. As pessoas negras o celebravam por haver-lhes trazido a liberdade, e os brancos simplesmente porque vestira a camisa dos Springboks no final da Copa do Mundo de Rúgbi em 1995. Ele atingiu o objetivo de unir o País, mas isso não trouxe alívio para os mais pobres dos pobres. Ao mesmo tempo em que era aceitável para a maior parte dos brancos, ainda existiam “bolsões de racismo”, como se descrevia. Infelizmente, a África do Sul continua a dever, e muito, aos seus jovens. Por exemplo, em 2012, algumas escolas na empobrecida província de Limpopo, no norte do País, não receberam do governo os livros para os alunos durante todo o

período escolar, apesar de isso haver sido ordenado pelos tribunais como resultado de uma ação movida por uma ONG. Os livros foram encontrados em um depósito. Era exatamente durante essas viagens e conversas que eu conseguia muito da minha compreensão sobre a política, sua mecânica e como o CNA operava.

De Baden-Baden viajamos para a Índia, onde Madiba recebeu o Prêmio Gandhi pela Paz. Também visitamos a província de Kerala. Fomos de Délhi para Kerala de helicóptero, e, apesar de isso nos proporcionar uma visão pitoresca da paisagem indiana, eu não estava convencida de que estávamos a salvo no enorme helicóptero que nos transportou. (Muitas vezes eu inventava para mim mesma histórias e manchetes trágicas quando não me sentia segura. Era estúpido, mas não se pode deixar de fazer esse tipo de coisa quando se viaja tanto, às vezes enfrentando situações desafiadoras. Nunca se pode dizer ao anfitrião que não nos sentimos seguros.) Aquele helicóptero era visivelmente mais velho e maior que alguns aviões nos quais voamos antes, e eu sabia que o governo indiano não arriscaria a vida de Madiba enquanto estivesse em seu país, o que me fez sentir mais segura.

O povo indiano era hospitaleiro e adorava Madiba. Se havia algo que Madiba e eu compartilhávamos era o amor pelo biryani, um prato indiano feito com arroz, temperos, carne ou peixe. Madiba gostava dessa iguaria antes de ir para a prisão, desfrutando-a com seus amigos indianos. É uma das coisas de que ele sentia muita falta quando estava preso: não ter a comida de que gostava. Ambos antecipávamos as refeições indianas que faríamos: comer biryani ou samosas em todas as ocasiões possíveis. Eu nem sabia o que era biryani até que ele sugeriu que eu experimentasse. Depois disso, passei a compreender sua paixão.

Em uma visita à Irlanda em abril de 2001, quando fomos hospedados por Tony e Chryss O'Reilly depois de Madiba ser convidado a discursar em um evento para o grupo Independent Newspaper, surgiu a notícia de que o capitão do time de críquete da

África do Sul, Hansie Cronje, estava envolvido em um caso de manipulação de resultados. Por ser, na época, o presidente do grupo Independent Newspaper e ele mesmo um homem dedicado aos esportes, O'Reilly discutiu o assunto conosco. Tanto Madiba quanto eu fomos incisivos, considerando que eram meras alegações e que estávamos convencidos de que não havia verdade nisso, mas O'Reilly duvidava da inocência de Hansie. Ligamos para este para lhe dar força. Alguns dias depois, Hansie Cronje, que era um herói de todos, caiu em desgraça ao admitir a manipulação de resultados.

No ano seguinte, em 1.º de junho de 2002, eu estava com Madiba em Shambala, a casa construída pelo executivo Douw Steyn em uma fazenda de caça no norte, onde o Sr. Mandela pretendia escrever suas memórias, e recebi um telefonema pela manhã bem cedo pedindo comentários sobre o rumor de que Hansie havia morrido em um acidente de avião. Comecei a entrar em pânico. Na semana anterior, havia recebido uma mensagem de voz de Hansie me parabenizando pelo meu aniversário, e queria ligar de volta para dizer que estava a anos-luz do meu aniversário, no fim de outubro. Mas eu não havia ligado. Éramos amigos e eu não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

Algumas horas mais tarde, recebemos a confirmação. Fui dar a notícia a Madiba; eu estava muito triste. Hansie era um homem gentil e educado. Ele havia cometido erros, sim, mas todos nós cometemos em algum momento. A última vez que Madiba o viu foi alguns meses antes, depois de Hansie admitir a fraude no jogo e de ter sido banido do esporte pelo resto da vida. Era um homem arrasado. Na época fomos a Fancourt, um resort com um condomínio adjacente, para descansar, e Madiba pediu a Hansie que fosse visitá-lo, já que tinha uma casa ali perto. Ele o fez se sentar e disse: "Rapaz, você cometeu um grande erro. Agora tem de criar coragem e enfrentar as consequências. Isso não quer dizer que não vamos perdoá-lo. Você já admitiu o erro, agora vá adiante". Hansie começava a se recuperar quando morreu naquela manhã de inverno. Também aprendi que, não importam os erros que alguém cometa,

você mesmo não pode esperar ser perdoado se não estiver disposto a se perdoar. Isso me fez lembrar de algo que Madiba escreveu na prisão e que mais tarde foi publicado no livro *Conversations with myself*. Ele escreveu: "*Não fuja de seus problemas; enfrente-os! Porque, se não lidar com eles, sempre estarão com você*".

Foi também em um triste dia de inverno que recebi um telefonema do meu pai para informar que meu primo Ettienne, de quem sempre gostei muito, havia sofrido um acidente de moto na Cidade do Cabo. Ele estava indo devolver DVDs que seus filhos haviam alugado, e fez isso com uma rápida viagem de moto. Chocou-se com um carro que vinha em sentido contrário. Uma semana mais tarde, Ettienne morreu no hospital. Foi uma época triste, e eu não compreendia a razão pela qual vidas tão jovens tinham de terminar tão tragicamente. Meus sentimentos estavam sobrecarregados, e eu me sentia extremamente só naquela noite, naquela casa tão grande. Madiba nunca era uma pessoa abertamente emotiva, por isso era difícil expor a ele minha tristeza. Ele apenas ficava em silêncio, e esse era seu modo de lidar com as coisas. Eu queria dar vazão aos meus sentimentos, mas às vezes achava que isso seria repreensível. Eu me sentia muito só.

De volta para casa, um dia de trabalho normal incluía reuniões com pessoas da família e executivos. Madiba sempre tinha uma causa para a qual levantar fundos. Se não fosse por um jovem que sofria de Aids, era por um estudante que tinha bom desempenho e tentava conseguir uma bolsa, ou então auxílio para áreas atingidas por enchentes. Madiba também insistia em manter contato com as pessoas comuns, e então ia almoçar na casa dos proprietários de uma grande lavanderia em Joanesburgo. Eles cuidavam de suas roupas havia anos, e, a despeito de insistir em pagar por isso, ele se sentia obrigado a almoçar com aqueles que cuidavam tão bem de suas roupas.

Para mim, essa era uma das grandes virtudes de Madiba: ele dava atenção a pessoas que normalmente não teriam destaque. Ele

reconhecia e realmente respeitava as pessoas simples. Ninguém era tratado como inferior.

Ele também não queria estar longe dos amigos dos velhos tempos. Pedia para almoçar com os músicos e estrelas de sua geração, como Ken Gampu, Miriam Makeba, Hugh Masekela, Dorothy Masuka e Dolly Rathebe, e depois sempre decidia conseguir “carros” para as mulheres que lutavam para viver de suas canções. Todas elas usaram a música para passar mensagens políticas durante os anos de luta, e Madiba sentia que lhes devia um gesto que mostrasse sua apreciação. Ele se sentia responsável por todos ao seu redor: sua família, seus colegas, sua equipe e até mesmo as pessoas que apoiaram o movimento antiapartheid quando ele estava preso. Ele se inspirara com a arte delas enquanto estava na prisão e era muito grato. Então telefonávamos para as grandes montadoras da África do Sul para convencê-las a doar carros às heroínas da luta.

Um garotinho de oito anos uma vez escreveu ao Sr. Mandela, em tom bem formal, pedindo uma audiência. Sua única razão para desejar conhecer Madiba era discutir assuntos relacionados à África do Sul. A carta era cerimoniosa e nos divertiu muito. Ele dizia que seus pais achavam que ele nunca conheceria Nelson Mandela. Mostrei-a a Madiba e concordamos em marcar uma audiência. O garoto visitou o Sr. Mandela e foi tão formal pessoalmente quanto havia sido por escrito. “Não, não há nenhuma razão em particular para eu ter pedido uma audiência, senhor. Eu apenas desejava conhecê-lo.” Madiba se divertiu com a honestidade do jovem sobre o assunto. Ele adorava estar em contato com pessoas comuns, que simplesmente desejavam conhecê-lo porque tinham curiosidade sobre ele.

Madiba tinha de cuidar também das necessidades de seus netos. Sempre que partíamos para uma viagem ao exterior, os garotos (os três mais jovens de seu filho mais velho) Ndaba, Mbuso e Andile me entregavam uma lista de presentes que queriam que o avô lhes trouxesse, como todas as crianças fazem. Ele então, às vezes, me

mandava sair pelas ruas para tentar achar coisas das quais nunca tinha ouvido falar. Como não tenho filhos, para mim era difícil distinguir os personagens dos desenhos animados, e mais ainda falar sobre jogos de computador. Quando a Sony lançou o PlayStation, tivemos de telefonar para o embaixador japonês para pedir que enviasse um aparelho para a África do Sul, já que os garotos simplesmente não aguentavam esperar que fosse lançado no País. Esses eram os poucos privilégios de ter seu acesso ao neto de Nelson Mandela.

Durante uma visita à Cidade do Cabo, Madiba correu de um lado para o outro e depois gravou uma entrevista para a televisão. Em certo momento, sentiu uma tontura e quase desmaiou. Como ele geralmente estava bem, esses momentos em que se sentia mal provocavam grande preocupação. A despeito disso, o Sr. Mandela não se abalou. Apenas no dia seguinte, depois de visitar uma área em Klein Karoo onde era necessário construir uma escola, concordou em ir ao médico quando voltamos para a Cidade do Cabo. Ele era teimoso. O cardiologista o examinou e não conseguiu achar nada alarmante. Era pura exaustão.

Madiba tinha programado uma viagem para Londres naquela noite. Nós imploramos para que ele não fosse, mas ele insistiu. Disse que estava bem e não queria alarmar ninguém cancelando a visita. Da Inglaterra, fomos para o Marrocos (onde pedimos ao rei uma doação para a fundação), e dali para Sharjah, nos Emirados Árabes Unidos, a capital cultural desse País. Lá encontramos o mesmo diplomata que esteve envolvido em nossa viagem anterior a Dubai (quando ele fracassou em conseguir uma prometida doação do governante). Antes de aterrissarmos, eu me assegurei de que a embaixada havia recebido nossa mensagem avisando que não necessitaríamos de apoio diplomático para nos acompanhar durante a nossa estada. Quando pousamos, no entanto, o mesmo sujeito estava lá.

Madiba ficou zangado, mas de alguma maneira conseguiu deixar que eu resolvesse o assunto. Eu conseguia ler suas expressões faciais. Seu rosto estava fechado, inexpressivo. O diplomata sentou-se na sala da suíte do Sr. Mandela quando chegamos ao hotel. Entrei e avisei a Madiba que os compromissos do dia já haviam terminado e que ele podia se retirar. Expliquei ao diplomata que ele podia ir embora, mas ele respondeu que ficaria mais um pouco. Ele perguntou pela programação dos dias seguintes. Eu me irritei e disse, diante de Madiba, que havíamos enviado uma mensagem e que, ainda que apreciássemos que ele estivesse sendo gentil, nós o chamaríamos caso fosse necessário. Madiba arregalou os olhos, e nos anos seguintes ainda brincava comigo, alertando as pessoas de que, se não me obedecessem, sofreriam as consequências. Eu não fui assim tão brusca, mas precisava ter colocado aquele homem em seu lugar. Acho que Madiba ficou grato por eu ter feito aquilo em vez dele.

Em maio de 2001, o Sr. Mandela consultou o urologista Gus Gecelter. Fez exames na Parklane Clinic, em Joanesburgo, mas não me disse nada e eu não queria interferir nem perguntar sobre assuntos particulares. Eu sabia que, se houvesse algo que quisesse comentar, ele comentaria.

Em junho do mesmo ano, o presidente da Coca-Cola na África do Sul convidou Madiba para discursar para um grupo de executivos da empresa em um cruzeiro no Mediterrâneo. Nessa época a companhia já havia construído uma escola na zona rural da África do Sul e ajudado com doações para projetos. O Sr. Mandela sentiu-se obrigado a atender. Eu não me queixei de fazer uma viagem de cinco dias a bordo de um iate de luxo. Isso significava que eu me afastaria das pressões em Joanesburgo e dos infundáveis pedidos por telefone e fax. Pelo menos teríamos cinco noites para dormir em um navio onde ninguém poderia nos achar.

Quando li para Madiba o nome de alguns dos convidados, inclusive o mundialmente famoso boxeador Sugar Ray Leonard, ele

ficou animado. Havia lutado boxe na juventude, ainda gostava do esporte e muitas vezes citava Muhammad Ali ou Sonny Liston. Uma de suas frases favoritas era de Ali: "Voe como uma borboleta e ataque como uma abelha". Eu perguntava o que isso queria dizer e ele explicava, com muitos detalhes, que importante é ter os pés leves no ringue, e que o soco de Ali era dolorido como a picada de uma abelha. Ele até fazia uma careta. Adorava falar sobre boxeadores, alguns dos quais completamente desconhecidos para mim.

A viagem no iate foi fantástica. O comandante me disse para "beber quanto champanhe pudesse, e até mesmo para tomar um banho de champanhe, porque eu jamais viajaria em outro navio com tanto luxo". Claro que não pudemos desfrutar tanto assim, já que tínhamos de estar vinte e quatro horas por dia "disponíveis" para Madiba. Esperava-se que ele assistisse a dois eventos a bordo, e que fizesse um discurso em um deles, encorajando a lealdade e a dedicação dos executivos da Coca-Cola e parabenizando-os pelo sucesso da companhia na África.

No entanto, Charles, o médico, e eu decidimos celebrar também. Quando Madiba se retirava para dormir à noite, escapávamos de nossas cabines e ficávamos no convés. A equipe de segurança conseguiria nos localizar facilmente se fosse necessário, de modo que tínhamos liberdade para nos deslocar pela embarcação. Em certa manhã, fomos os últimos a regressar para as cabines, bem na hora de eu me preparar para estar com Madiba no café da manhã. Charles não tinha obrigação de estar com ele nessa hora, mas eu, sim. Eu não podia manter os olhos abertos, e sofri o dia inteiro. Levei o Sr. Mandela para desfrutar a vista da belíssima costa enquanto ele lia seus jornais, de vez em quando passando o olhar pelo horizonte infinito. Sentei-me a seu lado, cochilando de vez em quando.

Depois de cinco dias a bordo, Madiba começou a ficar inquieto. Era o momento de regressar à nossa vida agitada. Tínhamos

programado uma escala em Barcelona, no caminho de volta para a África do Sul, para apoiar uma iniciativa do Fundo Nelson Mandela para as Crianças, chamada "Frock and Roll". Um concerto e um desfile de moda, encabeçados por Naomi Campbell e Bono Vox. Os demais membros do U2 também estariam presentes, e Madiba entraria no palco quando estivessem tocando "One". Eu estava tão orgulhosa. A multidão ficou enlouquecida quando Bono subiu ao palco. Ouvíamos os gritos da coxia, enquanto preparávamos o Sr. Mandela para entrar. Aliás, sua presença surpreendeu o público, que não sabia que ele estaria no evento. Bono trouxe Madiba e precisou aguardar alguns minutos até que a plateia o deixasse falar.

Quando embarcávamos no avião de volta para a África do Sul, fiquei um pouco diante de Madiba. Ele então se inclinou na minha direção e disse: "Zeldina, esse cara, Bono, parece que ele é mesmo bem popular". Não pude deixar de rir alto. Eu lhe contei que Bono era um ícone da música mundial e que tinha uma legião de fãs que poucos músicos podiam alcançar. Madiba aparentemente se interessou por esse "cara, Bono", e ficou impressionado com o seu carisma.

8 *Trabalhando com líderes mundiais*

Embora o Sr. Mandela parecesse saudável e forte, na verdade ele não estava bem. Em julho de 2001, foi diagnosticado um câncer de próstata. Uma tarde, depois de ter almoçado em casa, ele me chamou para ir até lá e senti que sua voz estava preocupada. Eu nem me lembrava mais dos exames de algumas semanas antes. Apressei-me e o encontrei na cadeira de sempre, lendo os jornais. Ele disse: “Zeldina, sente-se. Você sabe que fizemos alguns exames há poucos dias. Não quero que fique alarmada, mas estamos com um câncer na próstata”. A maneira como ele deu a notícia me fez querer rir e chorar, tudo ao mesmo tempo. Ele me conhecia muito bem e sabia que eu jamais seria desrespeitosa, mas também conhecia meu senso de humor. Eu respondi: “Oh, não, Khulu. Estou muito triste por saber disso, mas tenho certeza de que você terá o melhor tratamento possível...”. Ele sorriu, e então eu disse: “... mas tenho de lhe dizer que *nós* não podemos ter câncer de próstata”. Ele sorriu, e depois explicou o tratamento que se seguiria. Foi muito atencioso da parte dele me contar sobre sua condição antes de torná-la pública. Ele sabia quanto eu gostava dele.

Ele nunca falava na primeira pessoa do singular. Nunca conseguia dizer “eu” ou “me”. Isso tinha a ver com o homem humilde que ele foi, tudo incluía as pessoas a seu redor. Era também parte da consciência coletiva do CNA, que foi impresso em Madiba enquanto esteve preso. Ele tinha certeza de que o câncer era apenas um pequeno obstáculo, que *nós* venceríamos logo. Madiba me instruiu a convocar uma entrevista coletiva na qual ele e seu médico, Mike Plit, revelariam a situação e fariam sobre o tratamento. Ele era muito aberto sobre sua saúde. No dia seguinte começaram as sessões de radioterapia, que duraram seis semanas. Por volta da segunda ou terceira semana, ele começou a enfraquecer, me deixando ainda

mais preocupada. Parei de ir ao centro oncológico com ele e a Sra. Machel porque era muito difícil ver aquilo. Ela o acompanhou a cada degrau, e eles se estabeleceram em Joanesburgo para que ele se recuperasse do tratamento. Ele estava bem, embora estressado.

As pessoas rezavam e enviavam mensagens desejando melhoras. Eram muitas cartas e e-mails. A manchete do jornal *The Star*, de Joanesburgo, anunciava em 24 de julho de 2001: MANDELA TEM CÂNCER. BAIXO GRAU DE MALIGNIDADE NÃO DEVE ENCURTAR SUA VIDA — e era verdade. Hoje estou convencida de que o efeito borboleta teve muito a ver com a cura. Todas as orações e os votos de boa saúde, o pensamento positivo, a explosão de afeto, além da graça de Deus, claro, tudo isso o curou. Embora tivéssemos parado com as viagens, ele insistiu que sua agenda continuasse a de sempre durante as seis semanas de radioterapia. Tinha compromissos de manhã e ia para a clínica à tarde. Depois de cerca de quatro semanas, tivemos de diminuir sua carga de trabalho. Ele estava ficando cansado e esgotado, não importava quanto desejasse seguir em frente. Ele não tinha grandes pendências, mas fazia questão de não se isolar enquanto estivesse se tratando.

Madiba e a Sra. Machel precisavam de férias depois que o tratamento terminou. A questão era: aonde poderíamos levá-los? Parecia não haver nenhum lugar na África do Sul — e, na verdade, nenhum lugar no mundo (exceto a Coreia do Norte) — onde eles pudessem ter paz e sossego. Mas encontramos uma solução. Madiba e a esposa haviam sido convidados pela Elitalia, uma rede de comunicação italiana, para visitar Roma e Veneza, então decidimos aceitar a oferta. Funcionou perfeitamente. Madiba conseguiu conhecer o Coliseu, que foi fechado para um tour particular. Fiquei grata por isso, pois, mesmo depois que ganhou liberdade, ele continuou prisioneiro, de certa forma. Não podia fazer as coisas que consideramos normais porque isso atrairia muita atenção: multidões iriam segui-lo e as pessoas iriam querer se aproximar dele, tirar fotos, tocá-lo, conversar. Por mais que Madiba não se importasse em atrair multidões, às vezes era excessivo.

Para o Sr. Mandela, os prazeres comuns eram limitados. Ele passou anos acorrentado pela determinação de sua própria causa e trabalhando para uma vida melhor para os outros, e eu me perguntava em que momento ele pararia para fazer algo para si mesmo. Ele vivia para servir. Ele fazia o que fosse possível para beneficiar os outros, mas também ficava feliz quando a Sra. Machel estava com ele — às vezes a mera presença dela era suficiente. Com a Sra. Machel em nossa companhia, fazíamos muitas coisas com as quais Madiba não concordaria se estivéssemos sozinhos. Ela conseguiu convencê-lo a experimentar a comida italiana e a fazer programas normais de turistas, como um passeio de gôndola por Veneza. Era perfeito vê-lo tentando ser um homem comum. Nossos anfitriões foram muito generosos e respeitaram a privacidade de Madiba.

Logo depois visitamos Los Angeles, onde o Sr. Mandela esperava levantar recursos para a fundação. Infelizmente, Hollywood não pareceu muito interessada, ou não estava preparada para a nossa visita. A única solidariedade que recebemos veio de pessoas que eram conhecidas por terem apoiado o esforço antiapartheid. Eu não saía do hotel, temendo que Madiba pudesse precisar de mim, e senti não ter passeado por Los Angeles. Mas nossas suítes eram lindas. Lamentavelmente, algumas das pessoas que fizeram grandes promessas a Madiba nunca vieram a cumpri-las.

Em 11 de setembro de 2001, eu fazia um curso na Cidade do Cabo. Foi mais longo do que eu previra, e, quando voltei para casa dos meus pais, onde eu estava hospedada, meu pai me contou que dois aviões haviam se chocado contra o World Trade Center, em Nova York. Vi as notícias na CNN e liguei imediatamente para Madiba, já que ele não costumava ver TV durante o dia e, mesmo que estivesse no carro, já não ouvia o rádio na hora do almoço. Ele ficou chocado. Eu me antecipei e pedi para ele preparar um comunicado, pois sabia que logo a imprensa começaria a telefonar. (Sempre que algo importante acontecia, os jornalistas ligavam

instantaneamente, pedindo um comentário, conselho ou opinião de Madiba.) Assim que telefonaram, transmiti suas palavras de condolências para o povo americano. Soubemos depois que isso enfureceu o Presidente Mbeki, que julgou que Madiba foi rápido demais ao se pronunciar. A Presidência considerava que deveríamos ter esperado o presidente falar antes.

Ainda que eu entendesse essa preocupação, Madiba nunca se pronunciava ou falava em nome do País sem que o gesto fosse humanitário. Por que ele não poderia expressar sua tristeza e solidariedade? Na verdade, nunca saberei se realmente houve essa preocupação por parte de Mbeki ou de sua equipe.

O benefício de termos uma equipe pequena era o fato de podermos responder imediatamente às situações. Eu não recebia salário extra para lidar com a imprensa todas as horas do dia ou da noite, mas era parte de meu trabalho ser porta-voz de Madiba, além de ser sua secretária pessoal e de administrar seu escritório. A vantagem é que eu sempre tinha duas ligações a fazer antes de dar direcionamento a qualquer providência. Primeiro, telefonava para Madiba, perguntando o que ele gostaria de dizer; segundo, ao Prof. Gerwel, para saber sua opinião sobre o assunto. Não ficávamos amarrados pela burocracia porque éramos um grupo muito pequeno, e isso funcionava bem.

Mesmo sabendo que eu era inexperiente, os jornalistas me toleravam e me respeitavam. Madiba dizia, brincando, quando eles ainda queriam fazer alguma pergunta depois de termos encerrado uma coletiva: "É melhor vocês obedecerem. Ela é a minha chefe". Em certo momento, convoquei um professor de comunicação de uma das universidades locais. Pedi orientações para lidar com a imprensa e ele passou um tempo comigo falando das regras e do cerimonial. O mais importante era: não deixe a mídia mandar em você nem controlar o território que é de sua responsabilidade. Sempre se assegure de estabelecer os limites.

Tomei essas lições ao pé da letra. Para muitas pessoas eu parecia agressiva: já fui descrita como leoa, bruxa e rottweiler. Na condição de guardiã do acesso ao homem mais famoso do mundo, eu tinha de ser dura e ríspida algumas vezes. Poucos compreendiam os desafios que eu enfrentava ao lidar com a imprensa internacional — além de minhas outras tarefas. Mesmo assim, fiz amizade com muitos jornalistas, e construímos uma relação de confiança. Aprendi com os erros que outros cometiam ao meu redor e tentava evitar as armadilhas. O esforço e o estresse que estão presentes quando você tem de pensar em cada palavra têm seu preço. É exaustivo. O conselho mais importante que alguém me deu foi: *nunca minta para a imprensa*. Literalmente, há um milhão de maneiras de lidar com qualquer situação, e Madiba era o melhor professor, mas mentir nunca foi uma opção.

Fariamos uma visita aos Estados Unidos para comparecer a uma sessão especial nas Nações Unidas no fim de setembro de 2001. No começo, pensamos que a reunião seria cancelada devido aos atentados às Torres Gêmeas, mas eles insistiram. As operações de remoção dos escombros ainda estavam a todo o vapor quando visitamos o *Ponto Zero*. Foi muito chocante e emocionante. Ainda havia poeira sobre a área. Era como se eu pudesse sentir as almas daqueles milhares de pessoas ainda flutuando no ar. Os operários pararam quando viram Madiba e começaram a aplaudi-lo. Quando paramos no *Ponto Zero*, a enormidade da tragédia nos penetrou. Madiba estava visivelmente perturbado com o que via. Conversamos com o Prefeito Giuliani por algum tempo e ele explicou o que estava sendo realizado.

Depois de nossa visita a Nova York, tentamos falar com o Presidente Bush, mas ele não retornou nossas ligações. Percebemos que ele enfrentava desafios gigantescos. Eu tinha telefonado para a sala de gerenciamento de crises, a Situation Room, na Casa Branca, pedindo para programarem um tempo para o Sr. Mandela falar com o presidente. Era preciso revelar o assunto da conversa, e eu expliquei que estávamos nos Estados Unidos e Madiba queria

simplesmente oferecer seu apoio diante dos desafios que o presidente enfrentava. Se Bush simplesmente não quis falar com ele ou se foi o responsável pela sala de crises que decidiu por ele, nunca saberemos.

Nós ainda participávamos das negociações em Arusha, na Tanzânia, sobre o Burundi. O Juiz Bomani, chefe administrativo do processo de negociação, trouxe alguns dos partidos oponentes à África do Sul, e Madiba os encontrou em Joanesburgo para ouvir seus argumentos. Muitos dos rebeldes nunca haviam estado na África do Sul antes, e ficaram obviamente impressionados e excitados por estarem em Joanesburgo. Ficou claro, no entanto, que estávamos longe de um acordo de paz. As negociações continuaram por dois anos. Nesse período, viajamos para Arusha, uma cidade próxima ao sopé do monte Kilimanjaro, na Tanzânia, onde as conversações estavam ocorrendo. Era necessário que as partes se encontrassem em território neutro. Madiba era extremamente duro nas negociações. Nossas estadas eram curtas, pois as acomodações em Arusha eram limitadas. Ele participava dos encontros por horas e horas, negociando e contestando todas as partes. Às vezes o Prof. Gerwel e eu ficávamos nervosos quando Madiba era muito duro com alguém. Nunca, no entanto, ele era desrespeitoso. Apesar de sua tenacidade e determinação, as várias partes simplesmente não cediam.

Visitamos Bujumbura, no Burundi, em poucas ocasiões, mas enquanto estávamos lá podíamos ouvir os tiros nos combates travados nas montanhas. No livro *Conversations with myself*, Madiba escreveu: "A liderança se divide em duas categorias: a) aquela que é inconsistente, cujas ações não podem ser previstas, que concorda hoje sobre uma questão e a repudia no dia seguinte; b) aquela que é consistente, que tem senso de honra, uma visão". Para mim era claro que, se esses líderes fossem consistentes na busca de uma solução pacífica para seu País, se consistentemente mostrassem seu compromisso em levar o processo a um acordo, o Sr. Mandela teria sido mais paciente com eles; seu estilo de liderança seria respeitado.

Com frequência, o Presidente Mkapa, da Tanzânia, e os Presidentes Museveni, de Uganda, e Moi, do Quênia, os estados vizinhos, participavam das reuniões conosco em Arusha. Todos eles se referiam a Madiba como "Mzi" — que presumo significar "o grande". Todos eram amistosos e hospitaleiros, mas o processo tirou muito da energia de Madiba. Pessoalmente, eu achava que ele podia ter feito uma diferença maior se gastasse essa energia em nosso próprio País, contribuindo para que o governo apressasse a entrega de serviços para as massas, algo que se tornara crítico para aqueles que haviam votado no CNA. Mas parecia que o governo Mbeki não desejava a ajuda dele; isso era visto como intromissão.

Depois de dois anos de negociações na Tanzânia, Madiba convocou o ex-Presidente Clinton, o Presidente Chirac, da França, e outros para apoiarem a assinatura de um acordo provisório de paz, por todas as partes envolvidas no Burundi, tendo o Presidente Buyoya como chefe de Estado provisório. Eu imaginava que eles não assinariam o acordo, mas Madiba passou noites e noites, ficando às vezes até as três da manhã, conversando com as partes envolvidas e convencendo-as de que não podiam desrespeitar o presidente dos Estados Unidos ao não assinar o tratado. Ele explicava que isso teria um reflexo muito ruim para eles como líderes, e seria um sinal de que não levavam a paz a sério.

Pensando naquele momento, foi realmente engraçado Madiba mencionar o presidente dos Estados Unidos para convencê-los. As razões deles para não assinar não eram razoáveis e, àquela altura, Madiba havia exaurido todas as outras possibilidades, tentando convencê-los de que a paz era a única solução. Não havia orçamento para um processo de paz, e cada participante recebia uma diária, comida e acomodações enquanto estivesse negociando em Arusha. Para muitos rebeldes que viviam e participavam de guerrilhas na selva no Burundi, obviamente compensava estar envolvido nessas conversações de paz, pois então podiam reunir contribuições para apoiar sua luta. Assim, eles arrastavam as conversações o mais que

pudessem, e eventualmente passavam duas ou três semanas em Arusha, enquanto nós ficávamos por, no máximo, três dias. Os envolvidos nas negociações, líderes dos grupos rivais, eram muito esclarecidos, diversos deles educados na Europa; não havia motivo para que não compreendessem as vantagens de um acordo de paz. Mas, como em todas as circunstâncias similares, eles não desejavam render sua base de poder pessoal em nome do futuro do País. Madiba continuamente lembrava a eles que isso era apenas um sinal de falta de qualidade de sua liderança. Embora às vezes parecesse que raramente ele parasse de insultá-los, nenhum progresso era feito.

O Presidente Buyoya era charmoso e inteligente, que, curiosamente, usava sempre meias brancas. Em 18 de abril de 2001, rebeldes invadiram uma estação de rádio em Bujumbura, e as notícias se espalharam pelo mundo como o começo de um golpe. Madiba não pôde ser encontrado durante várias horas. Eu não conseguia falar com o Prof. Gerwel, e o telefone do Juiz Bomani também estava desligado. A imprensa começou a telefonar para o nosso escritório querendo a confirmação do golpe. No começo eu fui sarcástica e perguntei como eu iria saber de um golpe sentada em meu escritório em Joanesburgo. Depois decidi ligar para o Presidente Buyoya, já que ele era o único que seria capaz de confirmar os rumores. Falei com ele, amigável como sempre e feliz por receber um telefonema do escritório de Mzi: "Ah Srta. Zelda, estou feliz em ouvi-la. Como está Mzi?". Ele explicou que a rádio simplesmente fora tomada por alguns rebeldes, e eu lhe contei o que os boletins de notícias internacionais informavam. Insisti que fizesse uma declaração para abafar os rumores, e que de nossa parte estaríamos prontos para declarar que não havia golpe. Assim que Madiba pôde falar ao telefone, resumi o caso para ele. Ele riu de toda a comoção, à qual estivera completamente alheio.

Pouco tempo depois, Percy Yutar pediu para ver Madiba. Ele fora o procurador do Estado no julgamento que condenara o Sr. Mandela à prisão perpétua. Ele passava por dificuldades financeiras e queria

que Madiba o ajudasse a vender os documentos do Julgamento de Rivonia. Eles só haviam se visto uma vez desde aquele tempo, quando Madiba estava na presidência e convidara Yutar para almoçar na residência oficial do presidente, em Pretória. Yutar explicou que tentara convencer o governo a comprar os documentos, e nós nos recusamos a ajudar. Eu não podia compreender como ele terminara guardando aqueles documentos, mas imaginei que os tivesse porque havia trabalhado no caso. Por sorte, os documentos foram comprados pelos Oppenheimers e por Douw Steyn, e a maioria deles está agora nos Arquivos Nacionais.

Quando Madiba pediu para ver Yutar pela primeira vez depois de ser solto, nos anos 1990, cheguei a ter pena daquele homem, sabendo que teria de viver consigo mesmo depois de tudo aquilo. Me causava repulsa saber que ele enviara Madiba para a prisão perpétua, tivera uma maravilhosa vida em liberdade e depois ainda queria que Madiba o ajudasse a vender os mesmos documentos que o haviam enviado à prisão. Esses documentos pertenciam ao governo; como ele conseguira levá-los para seu arquivo pessoal depois que se aposentou? Tudo aquilo me incomodou, então decidi, antes mesmo de Madiba se recusar a ajudar na venda dos documentos, que, por princípio, eu não participaria de nenhuma tratativa.

Em 2 de novembro de 2001, Douw abriu a casa em sua reserva de caça, na província de Shambala, em Limpopo, que havia construído como abrigo para Mandela. Shambala é a palavra tibetana para "céu na terra". A generosidade de Douw Steyn foi demonstrada também quando hospedou Madiba por seis meses quando ele deixara Soweto, no princípio dos anos 1990, depois que se separou da Sra. Winnie Mandela. Em certa ocasião, Douw convidou Madiba e a Sra. Machel para conhecer sua fazenda, a Shambala, em Waterberg. Seria um almoço informal planejado apenas para Douw, sua esposa, Carolyn, e seus funcionários. Quando Madiba e a Sra. Machel retornaram, me contaram que Douw queria construir uma casa na fazenda para Madiba e a Sra. Machel, onde eles poderiam descansar.

Ninguém poderia perturbá-los na privacidade da fazenda. Madiba e Mum (como havíamos começado a chamar a Sra. Machel, imitando Madiba) tiveram dificuldade para recusar a oferta, pois Douw não gostava nada de ter um favor recusado. Em pouco tempo, ele construiu a mais linda casa de fazenda, antes mesmo de terminar as obras da sua própria casa.

De muitas maneiras, Douw Steyn me lembrava Jay Gatsby. Ele sempre nos convidava, de última hora, para festas exuberantes em uma de suas residências. Madiba comparecia a poucas delas, mas sempre apreciou estar com Douw. Ele se divertia com o estilo de vida dos ricos e famosos. Douw contava a Madiba sobre seus negócios extravagantes, e Madiba ficava intrigado com tanta riqueza. Depois de ganhar a liberdade, o Sr. Mandela foi apresentado a Douw por membros do CNA. Quando Madiba foi para Soweto, em meados dos anos 1990, separando de sua esposa, a Sra. Winnie, Douw hospedou Madiba por seis meses, e foi lá que ele completou suas memórias, *Long walk to freedom*, e se encontrava regularmente com membros do CNA para trabalhar em uma Constituição provisória para a África do Sul. A residência onde Madiba morou naquela época seria depois convertida no Saxon Hotel.

Finalmente tínhamos um local onde poderíamos nos esconder. Ainda que Madiba amasse estar com as pessoas, na cidade era difícil preservar momentos de tranquilidade e silêncio, tempo para pensar. Na cidade ele era confrontado com convites de muitas pessoas, a quem desejava ansiosamente agradar, mas, se houvesse um lugar mais reservado, ele poderia pensar e talvez escrever. Shambala fica a uma boa distância de Joanesburgo, e todos concordamos que poucas pessoas teriam o trabalho de viajar até lá para visitar Madiba. Ele ficava nessa casa em algumas ocasiões, e nos instruía a limpar sua agenda por algumas semanas para poder passar um tempo lá.

A inauguração da casa de Shambala coincidiu com uma visita das participantes do Miss Mundo à África do Sul e Douw as hospedou na fazenda. Madiba sempre fazia questão de conhecer a miss África do Sul. Então, uma vez ele comentou que gostaria de conhecer uma miss Mundo que visitava a África do Sul, mas ele ainda não havia conhecido a miss África do Sul daquele ano. Eu o alertei para não conhecer a miss Mundo sem antes conhecer a miss África do Sul, porque poderia haver críticas, e ele concordou. Amigos e companheiros de Madiba se queixavam de que ele passava tempo demais com rainhas da beleza, e isso tinha um impacto negativo em sua imagem. Essa era apenas uma das batalhas que tínhamos de enfrentar. Essas interações aparentemente frívolas aconteciam somente porque ele gostava de estar na companhia de mulheres bonitas, que, é claro, também adoravam Nelson Mandela.

No começo de novembro de 2011, visitamos Bruxelas, onde Madiba conversou com o Primeiro-Ministro Verhofstadt sobre o acordo que estava prestes a ser assinado no Burundi e sobre a ajuda da União Europeia no processo. Em 1º de novembro tínhamos viajado até Bujumbura para ver a cerimônia do juramento do novo governo provisório. As negociações de paz tinham sido um pouco forçadas, mas, se Madiba não tivesse insistido, eles estariam negociando até hoje. Ele estava aliviado com o fim da conversa. De qualquer forma, uma força de paz sul-africana está no Burundi até hoje.

Em dezembro, seguimos para Trípoli a fim de visitar Kadafi, e em seguida partimos para os Estados Unidos, onde participaríamos de um evento para angariar fundos para a Mosaic Foundation, dirigida pela esposa do Príncipe Bandar. Também visitamos Maryland, e fizemos um relatório às Nações Unidas sobre o Burundi. Então seguimos para Toronto e Ottawa, onde Madiba foi agraciado com a mais elevada honraria do Canadá, pelo Primeiro-Ministro Jean Chrétien. Estávamos cansados depois de um ano muito longo e o Sr. Mandela já estava idoso. Mesmo assim, sua urgência em fazer a diferença não diminuía. Ele queria continuar a divulgar ao mundo a

imagem de uma nova África do Sul. Queria estimular os estrangeiros a manter a confiança e a investir em nosso país. Ao mesmo tempo, queria manter os relacionamentos com seus amigos.

Antes de viajar para Trípoli, visitamos outra vez a Arábia Saudita, Omã, Barein e Kuwait, coletando recursos para a fundação. Eu gostei de Omã e do Barein. O rei do Barein foi muito hospitaleiro, assim como o emir de Omã. No Kuwait, algo estranho aconteceu. Nós sempre levávamos sabonetes e outros artigos de higiene pessoal quando ficávamos em hotéis de luxo. Naquela casa de hóspede em particular o banheiro de Madiba tinha um estoque de sabonetes, loções de barbear, sabonete líquido etc. de uma marca muito cara. Enquanto estávamos fora, alguém, presumivelmente um guarda-costas, já que eles foram os únicos que ficaram no lugar, resolveu retirar alguns desses artigos do banheiro de Madiba. Mal sabia ele que o Sr. Mandela anotara todos os itens antes de sair. Quando retornamos, ele reparou que faltava alguma coisa, chamou todos os seguranças. Ele também me chamou e me pediu para servir de "testemunha". O advogado Nelson Mandela entrou em ação. Eu queria esconder meu rosto, de tanta vergonha.

Ele os interrogou e deu "ao culpado" a oportunidade de recolocar o item ou então o entregaria à polícia quando voltássemos para casa. Ameaçou até mesmo despedir toda a equipe de segurança se o responsável não aparecesse. Ele queria que eu ligasse para o ministro ali mesmo, do Kuwait, para informar sobre o caso, mas achei melhor deixarmos para tratar disso quando retornássemos à África do Sul (fingi que não tinha conseguido achar o ministro imediatamente). Madiba estava muito aborrecido. Na manhã seguinte, os objetos haviam sido restituídos e ele se esqueceu do assunto, como havia prometido. Ele não se importava que você levasse xampus e sabonetes de seu próprio banheiro, mas não permitia que os dele fossem retirados. Quando íamos embora, ele nunca levava nenhum item; deixava tudo intocado e não aberto. Jamais quis tirar vantagem de nossos anfitriões, e esperava que nós todos nos comportássemos dessa maneira.

Em outra ocasião, em outro lugar, alguém subtraiu talheres de nosso anfitrião, e, quando ele foi pego por seu superior, eu sabia que tinha de tratar da questão com a maior discrição, pois Madiba não toleraria uma coisa dessas. Decidi que deveríamos tratar do caso internamente em vez de chamar o “advogado” para ser o “promotor”. Como as equipes faziam rodízio, as pessoas nunca sabiam o que havia acontecido com a outra turma enquanto estávamos em viagem ao exterior. Naquela situação em particular, insisti para que o funcionário fosse punido dentro da hierarquia de sua arma depois de nosso retorno à África do Sul, embora tivéssemos devolvido os talheres antes disso. A única coisa em relação à qual Madiba era totalmente intolerante era a desonestidade, não importava se o assunto envolvesse um sabonete ou interesses políticos.

Para mim, Madiba era um alma gentil e generosa, mas com princípios e disciplina. Não sei se era um resultado de minha formação calvinista ou de minha personalidade sensível, considerando que cresci em uma casa onde a única violência experimentada era a da voz alta do meu pai, mas eu me assustava sempre que alguém, homem ou mulher, falava mais alto. Eu evitava o confronto pessoal, ficava em silêncio e me anulava completamente. Não que eu temesse o confronto em si, mas eu ficava nervosa. Acontecia o mesmo quando Madiba erguia a voz. Por natureza ele falava alto, mas, quando se exaltava, mesmo que fosse um pouco, me deixava tensa. Ele nunca tinha explosões de raiva, e só o ouvi falando mais alto em poucas ocasiões. Em geral isso ocorria em situações extremas, como uma traição ou desonestidade. Eu me encolhia, me colocando no lugar da outra pessoa. Assim que ela saía, eu tentava diminuir a tensão. Os mais próximos de Madiba sabiam quando ele estava com raiva. Mas ele jamais descontava sua ira nos outros. Geralmente ficava em silêncio.

Durante a última parte de seu mandato na presidência, quando eu me via comandando sozinha o escritório em Pretória, eu muitas

vezes ligava para seu guarda-costas, Rory Steyn, pedindo uma avaliação do estado de ânimo do presidente antes que ele chegasse ao escritório. Os guarda-costas levavam Madiba de carro de sua casa em Houghton até o escritório em Pretória, e Rory era uma das pessoas que percebiam se o presidente estava tenso, bem-humorado, ou se sua mente estava dispersa. As avaliações de Rory me ajudavam a começar o dia sem fazer comentários inadequados ou cumprimentá-lo de maneira muito amigável quando ele não estivesse de bom humor.

Os relatos de nossas viagens podem fazer parecer que a Fundação Nelson Mandela arrecadava milhões, mas, não era bem assim. Era mais fácil para Madiba levantar fundos para o CNA, um movimento de libertação, do que para a fundação. A fundação não estava bem estabelecida, ou melhor, seu rumo mudava constantemente, e acho que as pessoas hesitavam em doar, por não saber se era meramente uma fundação familiar ou uma ONG que implementava projetos.

No começo de 2002, tive um desentendimento com um funcionário do cerimonial do escritório do presidente. Essa pessoa me informou que pinturas e fotos nas quais Madiba aparecia tinham sido levadas da área de exposição da fazenda de vinho Spier, no Cabo Ocidental, para preparar uma visita que o Presidente Mbeki faria ali. Eu não tinha motivo para não acreditar no que ouvi, e isso foi confirmado quando a notícia apareceu nos jornais locais *Mail* e *Guardian* uma semana mais tarde. Tive mais certeza de que não era necessariamente o Presidente Mbeki que alimentava sentimentos em relação a Madiba, mas isso era agravado por ações de sua equipe, como aquela. Certamente foi um constrangimento para o Presidente Mbeki ler a notícia nos jornais. Era uma atitude mesquinha, e de nenhuma maneira eu poderia acreditar que o presidente instruiria sua equipe a esconder algum objeto que tivesse relação com Nelson Mandela.

Em março de 2002, Madiba me deu uma tarefa. Ele queria que eu organizasse um jantar de gala para veteranos de lutas, semelhante ao que fez durante o mandato como presidente, quando recebeu esposas dos veteranos para um chá em Mahlamba Ndlopfu. Embora eles já não compartilhassem o objetivo de uma luta de libertação, o Sr. Mandela achava necessário que eles fossem homenageados e que não pensassem que ele os esquecera, ainda que sua vida tenha se movido para além da luta. O evento, desta vez, tinha de ser para cerca de 1.500 convidados. Nós rapidamente levantamos os fundos e organizamos uma equipe para o cuidar dos preparativos.

As lembranças dessa recepção e das dificuldades que enfrentamos para organizá-la permanecerão comigo para o resto da vida. Mas valeu cada esforço. Os rostos das pessoas se iluminavam quando viam os amigos que não encontravam havia muitos anos. Elas nem sabiam se as pessoas de quem foram próximas na luta ainda estavam vivas. A maioria ainda vivia em situação de pobreza, sem os serviços básicos, apesar de sua história na luta pela libertação do País. Eu, de alguma maneira, tive raiva por eles, e fiz o que pude para assegurar que pelo menos por uma vez recebessem uma justa homenagem.

Era impossível agradar a todos. Madiba simplesmente não gostava de ficar em um lugar muito tempo. Queria estar em movimento, e tinha urgência para fazer tudo o que fosse possível antes de ficar velho demais. Comparecia a cinco ou sete eventos públicos por semana, e em todos eles a história era a mesma. Não havia motivo para ele ficar sentado em um evento por duas horas, ouvindo os infundáveis discursos. Eu me recordo de uma vez em que ele fez um padre parar abruptamente o seu sermão pedindo ao mestre de cerimônias que o interrompesse. Quando lhe perguntei o motivo, ele disse que não tinha problemas com sermões, mas não era necessário o padre tentar convencer a todos com uma pregação tão longa. Ele estava certo. O padre não se limitou a abençoar e abrir a cerimônia. Ele se estendeu demais!

Há uma linha fina entre parecer desrespeitoso e deixar um programa funcionar como previsto. Em fevereiro de 2003, Mathatha Tsedu escreveu um editorial no *Sunday Times* criticando a nossa equipe por não deixar Madiba ficar mais tempo na inauguração de uma escola. Mathatha disse: "Foi muito constrangedor, e muitas pessoas aqui dizem que Mandela, tendo sua vida dirigida por uma certa mulher branca, sempre está com pressa quando comparece a eventos negros. 'Nós percebemos que, quando ele vai a eventos brancos, fica mais tempo', um dos organizadores me revelou". E continuou:

Eu conheço Zelda la Grange, a assistente pessoal de Mandela, e acredito que ela não pode esnobar ocasiões simplesmente porque são negras. A pergunta que deve ser feita é se o escritório de Mandela está administrando sua agenda corretamente para garantir que ele não apenas compareça de passagem a reuniões e eventos, mas permaneça tempo suficiente.

Mais fácil dizer do que fazer. Madiba checava o roteiro dos eventos e me pedia para insistir que encurtassem o programa. Era minha responsabilidade me assegurar de levá-lo embora, em geral cerca de trinta minutos depois de chegarmos. Sim, era sempre uma passagem fugaz, mas ele só queria marcar presença em alguns eventos, independentemente da raça, da natureza ou do que fosse.

Na realidade, o fato de eu ser branca nunca foi ignorado. A questão da raça ainda estava latente e muitas pessoas ainda não haviam aceitado que éramos todos sul-africanos, não importava a cor. Os danos provocados pelo apartheid eram subestimados e se manifestavam. Sempre que não se encontra desculpa para um problema, a raça é o mais fácil. Aprendi com Madiba que duas coisas destroem imediatamente a validade de seu argumento: a raça e insultos. Quando você se baseia em princípios, não há razão para se agarrar a questões de raça ou tentar ofender seus oponentes. Fique

firme em seus princípios. Se não conseguir, será porque não tem um bom argumento.

(Em 2008, fui incluída entre as dez Mulheres do Ano pelo *City Press* e pelo *Rapport*, dois jornais dominicais da África do Sul. Mathatha era o editor-chefe do *City Press* na época, e eu fiquei contente com o gesto, apesar de nossas diferenças. Tenho certeza de que ele não defendeu pessoalmente essa escolha, mas o assunto certamente passou por sua mesa, e ele poderia ter feito objeções, se quisesse.)

Havia duas coisas sobre as quais Madiba era intolerante em relação a eventos: instruções e salas de espera. Ele dizia que, se nós podíamos chegar na hora, todos podiam. Em muitas ocasiões se recusou a esperar. Ele entrava no local do evento e, pela força de sua presença, os procedimentos começavam, quer as pessoas estivessem prontas ou não.

Em abril de 2002, a África do Sul teve seu primeiro viajante espacial, Mark Shuttleworth. Mark era muito conhecido no País por ter inventado um software de segurança bancária na internet, que foi vendido por uma quantia altíssima. Ele era o mais jovem bilionário sul-africano, e também recebeu a tarefa de construir uma escola. Mark nos visitou algumas vezes, e ficou combinado que ligaria para Madiba quando estivesse no espaço. Foi muito excitante. Todos nós o vimos voando, mas, no dia seguinte, retomamos nossa vida. Embora a viagem dominasse as notícias, tínhamos de continuar com nossa rotina.

Mark avisou que ligaria em um determinado dia, e eu, claro, me esqueci de anotá-lo. Meu celular tocou, no visor apareceu a mensagem "número privado". Em geral eu não atendo esse tipo de chamada, mas acabei atendendo pois Madiba estava na sala ao lado e ouviu o telefone tocar. Do outro lado da linha, a pessoa disse: "Alô, é Zelda?". Parecia uma ligação dos Estados Unidos, e eu fiquei irritada porque detestava que as pessoas me incomodassem no

celular para me falar de suas propostas, ou desfiar assuntos intermináveis, enquanto eu estava ocupada com Madiba. Eu disse: "Sim, em que posso ajudar?". A pessoa disse: "Estou ligando do ISS". Pensei: o que é ISS? Mais aborrecida ainda, perguntei ao homem como poderia ajudá-lo. Ele repetiu: "É Mark, do ISS". Pensei que poderia ser alguma organização e tentei reagir rapidamente para não parecer estúpida. Sua última tentativa foi: "Zelda, é Mark, estou ligando do espaço". Nossa! A ficha caiu e só então eu disse: "Oh, *Mark*, como você *está*...? Já estou passando o telefone para Madiba".

Corri para o escritório de Madiba, e ele também não entendeu no primeiro momento. Então, falei: "É Mark, Mark Shuttleworth, ele está ligando do espaço". Foi engraçado na hora. Mais tarde, quando Mark retornou, ele nos fez uma visita para contar como tinha sido sua experiência, e se divertiu com a nossa história. Estávamos muito orgulhosos dele.

Foi nessa época que Madiba anunciou, em uma de suas visitas a Qunu, que queria plantar árvores em sua fazenda, mudas grandes para bloquear a visão de sua casa a partir da autoestrada N2, que passava perto da fazenda. Ele me deu essa incumbência, mas eu não sabia por onde começar a procurar alguém que fizesse isso. Telefonei para meu pai, e ele disse que iria se informar e me ligaria de volta. Conhecendo meu senso de urgência sobre tudo na vida, ele logo retornou dizendo que tentaria me ajudar a encontrar alguém. Então, no dia seguinte, me ligou para dizer que tinha conseguido um orçamento e me encaminharia. Estava muito caro, e meu pai disse que tentaria encontrar uma solução. De certa forma, sempre esperei que meu pai tivesse solução para todos os meus problemas. E assim ele fez: me telefonou para se oferecer para cuidar ele mesmo do trabalho.

Fiquei insegura. Pedi a ele que fizesse sua proposta por escrito e eu a passaria para Madiba. Madiba recebeu bem a ideia e pediu para conversar com meu pai. Àquela altura, eles já tinham se conhecido,

e o Sr. Mandela gostava da atitude despretensiosa de meu pai, e, por causa da influência de Madiba em minha vida, a atitude de meu pai tinha mudado em relação a ele. Deixei muito claro para o Sr. Mandela que não queria me envolver de jeito nenhum nessas negociações, e que meu pai tinha de falar com o advogado, Ismail Ayob, que seria o responsável pelos pagamentos. Madiba entendeu minha preocupação. Eu não queria ser acusada de nepotismo.

Exatamente como eu esperava, meu pai mergulhou de corpo e alma no projeto, e logo as árvores foram plantadas. Depois disso, Madiba sempre perguntava pelos meus pais e especificamente sobre a saúde de papai. Ele não cobrou pelo trabalho que tinha feito, a não ser pelas árvores, pela estrutura e pela mão de obra, que precisou trazer de outro lugar. Madiba ficou extremamente grato. Nós brincávamos com meu pai: “Está vendo como os tempos mudaram? Aqui está você, o velho conservador, plantando árvores no jardim de um homem negro!”, e todos ríamos. Meu pai ficou extremamente orgulhoso de sua contribuição e sempre me perguntava sobre as árvores quando eu ia a Qunu. Meus pais eram tão agradecidos pelas oportunidades que Madiba havia me dado que isso os transformou e suavizou o coração deles. Essa interação, o agradecimento genuíno de Madiba e o respeito com o qual ele tratava meu pai o modificaram para sempre.

Retornamos a Nova York em fevereiro de 2002, para comparecer ao lançamento do Tribeca Film Festival, criado por Jane Rosenthal e Robert De Niro. Depois do ataque às Torres Gêmeas no baixo Manhattan, Wall Street estava desesperada para reconstruir sua reputação como local seguro. Também fomos convidados para um coquetel na prefeitura, oferecido pelo novo prefeito, Michael Bloomberg. Nós detestávamos ir a esse tipo de reunião com Madiba. As pessoas o esmagavam, e, além disso, era inútil falar com ele nessas circunstâncias. Seu aparelho de surdez não funcionava bem quando muitas pessoas falavam ao seu redor, ou quando o ambiente ficava muito barulhento.

Cerca de 200 pessoas estavam reunidas no local da festa. Não havia ninguém para nos receber, e começamos a atravessar a multidão até encontrarmos algumas crianças no salão. Madiba imediatamente começou a conversar com elas. As crianças o atraíam como um ímã. Ele tinha de se curvar para ouvi-las bem, e eu me esforçava para repetir o que elas diziam, para que ele pudesse responder de acordo. Enquanto ele se curvava, um homem se aproximou por trás e puxou sua camisa para chamar sua atenção. Pensei: O que está acontecendo? Ele continuou e eu me virei: "Perdão, senhor, mas o que está fazendo? O Sr. Mandela está conversando com as crianças". Ele olhou em volta, como se tentasse pedir a ajuda de alguém, e então me disse: "Quero que o Sr. Mandela cumprimente estas pessoas. São minhas amigas". Meu sangue ferveu: "Bom, o senhor pode deixá-lo terminar aqui, por favor?". Ele então me disse, meio sorridente: "Você me conhece?". Eu abruptamente respondi: "Não, não o conheço, mas por favor pare de fazer isso". Uma terceira pessoa apareceu e sussurrou em meu ouvido: "Este é o Prefeito Bloomberg, o nosso anfitrião". Fiquei passada. Me desculpei, mas, de qualquer maneira, lhe pedi por favor que não puxasse a camisa do Sr. Mandela, que já se esforçava para se equilibrar, e que ele se viraria assim que terminasse de falar com os meninos. O prefeito não gostou, mas não teve escolha.

Um pouco mais tarde, quando passávamos pelo salão, vi outro rosto familiar, era o ator inglês Hugh Grant. Todos queriam tirar fotos com Madiba, e o ambiente logo virou um caos. Hugh Grant não pediu para ser apresentado ao Sr. Mandela, mas sorriu. Percebi que ele estava feliz por vê-lo. Hugh se aproximou de Madiba, e, enquanto segurava sua própria câmera, virou-se para tirar uma foto enquanto estava ao lado dele. Uma "selfie", como dizemos agora. Eu então disse: "Perdão, Sr. Grant. Eu sou a assessora do Sr. Mandela. Posso, por favor, ajudá-lo a tirar a foto?". Eu tinha me tornado a fotógrafa oficial de reserva, já que sempre tinha de tirar as fotos que as pessoas queriam, e me tornei expert com câmeras. Eu não me importava se fosse a hora e o lugar apropriados. Ele ficou grato. Não cheguei a explicar a Madiba quem exatamente era ele.

Em fevereiro de 2003, Mathatha Tsedu publicou outro editorial, desta vez atacando a Treatment Action Campaign por usar o rosto de Madiba em uma camiseta. A TAC era um programa que facilitava o acesso às drogas antirretrovirais contra a Aids. Madiba apoiava publicamente esse trabalho. Nesse momento, a África do Sul rapidamente se tornava o País com a maior incidência de Aids no mundo. O governo não dava acesso gratuito ao tratamento contra a Aids. Em diversas ocasiões, Madiba tentou encontrar a agora falecida ministra da Saúde Manto Tshabalala-Msimang para discutir o problema. Ele ficava contrariado e desgostoso, porque ela dava pouca atenção ao assunto. A África do Sul era criticada em todo o mundo pelo descaso perante os doentes de Aids, e, nos bastidores, Madiba tentava travar um combate em nome dessas pessoas sem rosto e sem nome. Ele não se importava que a TAC usasse seu rosto, e de novo Mathatha atacou a nossa equipe por não proteger a imagem de Madiba de “abusos como esse”, como ele colocou. Eu começava a me revoltar em relação a muitas questões, e essa era uma delas. Para mim, abuso consistia no fato de as pessoas pobres não terem acesso aos medicamentos e estarem morrendo aos milhões. Era uma questão humanitária.

Ficamos frustrados com o silêncio do governo diante das tentativas de Madiba de discutir a questão das drogas contra o HIV. Em uma ocasião, a Ministra Msimang só se encontrou com o Sr. Mandela por trinta minutos, e ela lhe disse que precisava se retirar, pois tinha hora marcada para experimentar um vestido.

A negação alcançava o ponto mais alto. O Presidente Mbeki dizia que nunca tinha visto uma pessoa com Aids, porém Madiba ajudava inúmeras pessoas a ter acesso aos remédios — pessoas que então se recuperavam e levavam sua vida com alguma qualidade. O presidente negava que existisse relação entre HIV e Aids. Uma jovem muito debilitada procurou Madiba para pedir socorro. Ela nem mesmo conseguia comer sozinha. O Sr. Mandela conseguiu que ela fosse admitida em um hospital, e, como os remédios que ela tomava

tiveram efeitos colaterais, outro coquetel foi prescrito. Ela teve alta, e hoje está casada, tem filhos e leva uma vida normal. Devido à pressão pública local e internacional, e à pressão de figuras como o Presidente Clinton, hoje o governo fornece o coquetel antirretroviral, e as taxas de incidência de Aids na África do Sul estão mais baixas.

Na noite de 5 de maio de 2003, um telefonema informou que o melhor amigo de Madiba, Walter Sisulu, havia falecido. Eles foram presos juntos e se conheciam desde a juventude. Imediatamente, liguei para Kgalema Motlanthe, a quem eu respeitava e gostava, pedindo a confirmação. Kgalema era o secretário-geral do CNA na época. Ele não sabia de nada, mas outra fonte logo confirmou. Já era tarde da noite, e Madiba estava dormindo, mas eu sabia que ele iria querer saber imediatamente se alguma coisa acontecesse ao Tio Walter. A Sra. Machel estava em sua casa em Moçambique e eu não consegui falar com ela, então fui pessoalmente até a casa de Madiba. Eu sabia que isso não era o tipo de coisa que se pode falar por telefone, pois seria um grande choque para o Sr. Mandela. Fui até o seu quarto e pela primeira vez tive receio de acordá-lo. Muitas vezes eu o acordava quando estávamos viajando, mas desta vez era diferente.

Primeiro toquei no cobertor em volta de seus pés e disse: "Khulu, Khulu, preciso falar com você, por favor acorde". Depois toquei seu ombro e ele acordou. Tudo que ele disse foi: "Sim, Zeldina?", como se esperasse que eu lhe pedisse alguma coisa. Eu comecei: "Sinto muito ser a pessoa que tem de lhe contar isso, mas o tio Walter faleceu". Ou ele não me ouviu da primeira vez, ou entrou em choque. Eu repeti a notícia. Com uma das mãos ele alcançou a linha do cabelo na testa e exclamou: "Bom Deus". Ele levou um tempo para se sentar. Decidi me sentar na cama, ao lado de seus pés, até me assegurar de que ele estava bem, e repeti que estava muito triste. Quando eu afirmei que ele iria querer saber, ele respondeu: "Sim, sim, claro".

Combinamos que ele iria para a residência de Sisulu bem cedo naquela manhã, ele me pediu para acordá-lo na hora. Foi duro para Madiba ver a tristeza de Tia Albertina, a esposa do Tio Walter. Ele havia estado com essas pessoas a vida inteira; elas eram parte dele. Madiba tinha um grande respeito pelo Tio Walter, e sempre comentava sobre sua admiração pela humildade e simplicidade dele e também sobre sua notável liderança, sempre nos bastidores, empurrando os outros para a frente. Em silêncio, pensei que era exatamente assim. Tio Walter deve ter ajudado Madiba nos anos em que os dois passaram presos. O Sr. Mandela sempre contava histórias sobre essa amizade. Foi realmente um dia muito triste para todos. A África do Sul perdia um de seus maiores heróis.

Estava chegando o tempo de Madiba começar a diminuir o ritmo. Ele simplesmente não podia manter sua agenda e continuar respondendo a toda solicitação que lhe era feita pelos amigos, colegas e companheiros. Ele dividia seu tempo entre Joanesburgo, Qunu e Maputo, e depois descansava em Shambala quando desejava escrever. A casa de Shambala também lhe oferecia a oportunidade de receber visitantes de grande importância.

Alguns artistas proeminentes sugeriram que o número de registro de Madiba na prisão fosse usado para começar uma campanha contra a Aids. Ela receberia o nome de 46664. Madiba se opôs ao uso de seu rosto, imagem ou nome em qualquer tipo de comércio, fosse por propósitos beneficentes ou comerciais. Os artistas, portanto, vieram com a ideia de usar esse número para ajudar a levantar fundos para a campanha. Eles propuseram a lançar a marca em um grande concerto na Cidade do Cabo, e claro que o show seria gratuito. Enquanto alguns dos cantores ensaiavam, o diretor executivo da fundação decidiu que Madiba deveria falar aos artistas para agradecer-lhes pela incansável dedicação à causa que ele tanto amava.

Estávamos em Shambala no momento. Programamos um telefonema quando todos os cantores estivessem juntos para que

Madiba pudesse falar com eles. Datilografei o nome de todos, por exemplo: "Brian May — Queen" e "Dave Stewart — Eurythmics", depois de fazer um relatório para Madiba. Tentei explicar para ele quem era quem, e lhe dei o pedaço de papel para que se lembrasse dos nomes. Brian May foi o primeiro da fila. Fiquei ao lado de Madiba para apontar no pedaço de papel o nome da pessoa. Quando Brian atendeu, disse: "Olá, Madiba, como está?". Madiba educadamente respondeu: "Oi, Brian, eu estou bem, obrigado. E você, como está?". Brian respondeu que estava bem e que eles estavam felizes de participar do evento. Madiba agradeceu e então perguntou: "Como está o Queen?". Depois, falou com Dave Stewart e perguntou: "Como está o Eurythmics?". Ele não tinha ideia do que eram essas bandas. Havia perdido o contato com a tecnologia quando estava na prisão; era difícil explicar a ele até mesmo o que era um CD, imagine os músicos e bandas que nos eram tão familiares — eu o sobrecarreguei com informações erradas. Era precioso observar essa inocência, mas a intenção era boa.

Mais cedo naquele ano, Madiba completara oitenta e cinco anos. Recebi do diretor executivo da fundação a tarefa de organizar a celebração. Fiz uma campanha para angariar fundos, e mais de 1.200 pessoas foram convidadas para o evento de gala. Parceiros do mundo todo foram chamados — apoiadores, amigos, políticos, a realeza. Imaginei que estaria no meio da linha de fogo quando as pessoas comesçassem a examinar a lista de convidados. Convidei de jardineiros a reis, para assegurar que o grupo fosse heterogêneo. Trabalhei dia e noite, porque eu queria garantir que ele fosse homenageado em vida. Quando caminhamos até o elevador na noite do evento, levando o Sr. Mandela para casa, perto da meia-noite, a Sra. Machel disse: "Muito bem, Zeldina. Madiba foi realmente homenageado esta noite". Essas palavras me emocionaram, apesar de todo o chumbo que tive de aguentar. As pessoas se queixavam de que Madiba estava sendo transformado num ícone "pop", porque muitas celebridades compareceram ao evento, mas ninguém prestou atenção aos jardineiros, motoristas e seguranças que foram convidados, evidentemente porque eles não eram considerados

famosos ou importantes o suficiente para receber atenção da mídia. Além disso, quando queríamos a ajuda da comunidade internacional, as celebridades eram sempre chamadas para dar seu tempo e esforço de graça.

Madiba gostava de festas. Ele examinou a lista de convidados várias vezes e aprovou cada nome. Alguns membros da família ficaram chateados por não terem se sentado à mesa principal, no entanto havia reis e chefes de Estado presentes. Eu mesma não fui convidada para o aniversário de noventa anos de Madiba, em sua fazenda em Qunu, e, quando a Sra. Machel insistiu para que eu fosse, fui colocada à mesa das crianças, bem no fundo da tenda. Não que eu esperasse ficar na mesa principal, mas era um sinal claro de como alguns membros da família me consideravam na vida de seu pai, e uma indicação do que eu deveria esperar. Nunca discuti meus problemas com Madiba, porque sabia que ele já tinha o suficiente com que se preocupar. Naquele dia talvez eu devesse ter falado com ele.

No dia 7 de novembro, Madiba viajou para Shambala, onde passaria o fim de semana com os antigos prisioneiros da ilha Robben, seus ex-colegas. Um grupo menor desta vez, somente as pessoas que estiveram perto dele nos anos de luta. É uma de minhas melhores lembranças vê-los todos desfrutar e rememorar os velhos tempos. Todos eles adoraram visitar Shambala, e nos asseguramos que fossem muito bem tratados e mimados. Amei escutar suas histórias e vê-los se divertindo. Eles dirigiram a luta, planejaram sabotagens e ações para fazer o governo do apartheid cair. Haviam passado uma parte da vida na prisão, e agora estavam todos desfrutando seus anos de velhice, finalmente livres. Foi uma reunião feliz, e todos contavam histórias. Uma ocasião excepcionalmente preciosa.

Havíamos avançado muito na África do Sul. Agora eu adorava passar um tempo com os antigos prisioneiros da ilha Robben. Na época em que eu crescia, considerava bom o fato de eles estarem

presos. Tornei-me admiradora de muitos deles, como Ahmed Kathrada, Eddie Daniels, Mac Maharaj e Andrew Mlangeni. Essas pessoas mantiveram vivo o espírito de Madiba na prisão. Com frequência eu me perguntava se alguma vez eles perderam as esperanças durante os anos na cadeia, ou se alguma vez imaginaram que estariam com Madiba naquele dia, em uma fazenda particular, divertindo-se com as recordações.

9 *Férias e amigos*

Naquele momento, passávamos semanas sem fim em Shambala. Madiba muitas vezes convidava pessoas para visitá-lo na fazenda, e tínhamos de prestar atenção para não deixar que Shambala se tornasse outro escritório para as pessoas congregarem, onde logo ele se sentiria sobrecarregado de visitas. Em uma dessas ocasiões, ele convidou Zwelinzima Vavi e Blade Nzimande, respectivamente, secretários-gerais do Congresso de Sindicatos Sul-Africanos (Cosatu) e do Partido Comunista Sul-Africano (SACP). Madiba almoçou com eles, depois me pediu para acompanhá-los em um safári motorizado de observação. Shambala abriga os “cinco grandes” animais de caça, e facilmente se podiam ver quatro dos cinco grandes, inclusive leões e elefantes, em um curto passeio de carro. Eu gostava de Blade e Zweli, que sempre me trataram com respeito e dignidade, apesar de todos os rumores sobre minha presença branca na vida de Madiba. Eles nunca me consideraram uma simples funcionária. Àquela altura, o SACP e o Cosatu formavam uma aliança tripartite com o CNA. Zweli e Blade apreciaram o safári. Em dado momento, me virei para eles e disse: “Vocês não têm autorização para desfrutar disto, não é?”. Eles riram e eu continuei: “Comunistas e socialistas não têm autorização para desfrutar do capitalismo, então, se estão gostando, não demonstrem!”.

Perto do fim de 2003, Madiba recebeu a visita de Sol Kerzner, o magnata da hotelaria na África do Sul. No passado, as pessoas em geral conheciam nosso país por duas coisas: Nelson Mandela e Sun City. Em meados dos anos 1980, em meio a muita controvérsia, Sol construiu o Sun City, propriedade situada no que era então conhecido como Bophuthatswana, um dos “torrões natais” da África do Sul, governada pelo Presidente Lucas Mangope. Mangope era considerado um apoiador do governo de apartheid nos anos 1980.

Depois que foi solto, Madiba chamou Sol e o convenceu a mostrar seu apoio à reconstrução da África do Sul, o que Sol se mostrou feliz em fazer. No fim das contas, Sol vendeu sua participação em Sun City e começou o Kerzner International no exterior. Ele falou com Madiba sobre seu resort nas Ilhas Maurício e o convidou para conhecer o local. Nós fizemos os arranjos para Madiba, a Sra. Machel e alguns de seus netos viajarem.

Era como chegar ao paraíso. Sol reservara uma vila particular para Madiba e a Sra. Machel no One & Only Le Saint Géran Hotel, nas Ilhas Maurício, enquanto o restante de nós ficou no hotel adjacente à vila. Evidentemente, Sol sabia que Madiba e Mum levariam uma comitiva; nenhum presidente ou ex-presidente viaja sem. Mas era preciso ter cuidado para não fazer com que as pessoas sentissem, não importava quão ricas fossem, que estavam sendo exploradas. Eles se ofereceram para pagar por mim e pelo doutor, e algum dos netos que Madiba escolhesse para nos acompanhar. O que eu sempre apreciei bastante em meu chefe era o fato de que ele nunca abusava da hospitalidade de ninguém. Embora eles custeassem tudo, nós não esvaziávamos o frigobar nem fazíamos ligações internacionais; tratávamos a hospitalidade com o maior respeito.

Eu trabalhava com Madiba havia dez anos, e nunca o vira apreciar tanto uma viagem de férias quanto aquela. Ele tinha um tempo com sua esposa e seus netos, e todos nós desfrutávamos das refeições como uma grande família. Pela primeira vez, não havia pressa. E era difícil se acostumar a isso. Mum tinha de nos lembrar constantemente que estávamos de férias e precisávamos relaxar. Nós assistimos às apresentações de dançarinos das Ilhas Maurício, e foi uma das únicas duas ocasiões em que me lembro de ver Madiba dançando com Mum. Brincando, ele também insistiu para que dançássemos o "Pata Pata", da lendária cantora sul-africana Miriam Makeba, já falecida, uma composição conjunta com outra lenda, Dorothy Masuka. A canção foi lançada em 1957, antes do encarceramento de Madiba, e atingiu as paradas da Billboard, em 1967, nos Estados Unidos, quando Madiba já estava preso. A canção

xhosa significa “toca toca”, e, enquanto canta, você deve mostrar como “toca toca” seu parceiro de dança. Um dos guarda-costas, Sydney Nkonoane, me ensinou a dançar o pata pata, o que divertiu. Ele gostava tanto da música que eu podia bem imaginá-lo dançando lá nos anos 1950.

A segurança e eu nos exercitávamos de manhã, enquanto Mum fazia sua caminhada, tomava um café tardio e depois nadava e ficava no sol o resto do dia em torno de Madiba. Ele se sentava na sombra, no gramado, olhando para o mar e acenando para os turistas que passavam caminhando “meio nus”, como ele os descrevia — as pessoas usavam roupas de banho. Ele adorava ter todos nós ao seu redor todo o tempo. Ficávamos tão ocupados em casa que quase nunca tínhamos tempo de apreciar de fato o tempo passado juntos, e em Maurício ficávamos esperando as refeições, que realmente eram conjuntas.

A única ligação com a casa era, claro, os clippings de notícias. Toda manhã, antes que ele se levantasse, eu tinha de me assegurar que a equipe no escritório de Joanesburgo selecionasse matérias dos jornais e as enviasse via fax para nós. Ele não estava muito interessado nas publicações internacionais que podiam ser encontradas em um resort daquela natureza, e insistia em ter notícias de casa. Na verdade, mal podíamos esperar que ele terminasse de ler os clippings para que todos nós pudéssemos ler as notícias. A equipe sofredora que ficara nos escritórios da fundação tinha de estar disponível para preparar os clippings para nós, onde quer que estivéssemos.

Depois de alguns dias, Madiba anunciou que queria entrar na água. Hesitamos, pois não estávamos seguros de que ele seria capaz de entrar no mar. Ele estava tendo dificuldade para andar e usava bengala. A segurança o levou do terraço até a água, e ele se sentou em uma cadeira na praia, deixando as ondas quebrarem em seus pés. A alegria pura de seu rosto tocou meu coração de uma

maneira que é difícil descrever. Como algo tão comum, algo que temos como rotineiro, pode dar tanto prazer a um ser humano?

Então descobrimos que havia mais de quarenta anos que Madiba não nadava no mar. A última vez que entrara no oceano foi quando recolheu algas na ilha Robben. Era um trabalho feito sob o olhar atento dos guardas da prisão, no frio oceano Atlântico, e na mesma época em que ele escorregou nas rochas e machucou para sempre o joelho. Agora era tão diferente. Mum o ajudava a experimentar outra vez as coisas simples, como as refeições em família, o brilho do sol e a beleza da vida nas flores, paisagens e música — coisas que estavam presentes depois de sua soltura.

Madiba se cansava cada vez mais facilmente. Queria passar mais tempo em Shambala escrevendo. Começou a dizer que queria “se aposentar”, e eu lembrei a ele que já estava aposentado. Conversamos sobre isso com o Prof. Gerwel e convocamos uma entrevista coletiva para anunciar que ele estava se “aposentando da aposentadoria”. Madiba disse aos jornalistas naquele 1º de junho de 2004: “Não telefonem para mim. Eu telefonarei para vocês”. Bom, eles nunca pararam de telefonar. A pressão pública continuava para que ele comparecesse a eventos, abrisse projetos e interferisse em qualquer situação em que as pessoas se sentiam sem saída. Todos se viam como exceção, aquela pela qual Madiba sairia de sua aposentadoria. Madiba fazia cada um se sentir especial, e as pessoas, assim, sentiam que tinham um relacionamento especial com ele. As mesmas pessoas que se queixavam de que ele estava ocupado demais eram aquelas para as quais ele, às vezes, tinha de abrir exceção. Muitas que afirmavam ter um relacionamento especial com o Sr. Mandela realmente tinham, mas foi precisamente isso que tornou difícil para ele se aposentar até a idade em que, simplesmente, já não era fisicamente capaz de fazer alguma coisa.

O CNA também vinha procurá-lo. A eleição se aproximava, e o CNA anunciou a Madiba que passava por dificuldades financeiras. Madiba aliciou também o ex-Presidente F. W. de Klerk . Os dois ex-

rivais foram juntos às ruas angariar fundos para o Novo Partido Nacional (o antigo Partido Nacional) e o CNA. Eu tinha de marcar encontros para os dois com os diretores executivos, e juntos eles iam pedir apoio financeiro aos partidos que antes tinham dirigido. Evidentemente, qualquer empresa gostaria de ter Madiba e De Klerk em seus escritórios, e a campanha foi um sucesso.

Em março de 2004, Charlize Theron tornou-se a primeira sul-africana a ser premiada com um Oscar, por seu papel no filme *Monster – Desejo Assassino*. Logo ela voltou para visitar seu país de origem. Madiba estava em Maputo, mas concordou em retornar a Joanesburgo para se encontrar com ela. A mídia criou um frenesi. Nós compramos *koeksisters*, um doce africano que Charlize mencionou que esperava comer enquanto estivesse na África do Sul. Madiba lhe ofereceu *koeksisters*, e, embora ela pegasse um, não o comeu. Ela anunciou a sua intenção de começar uma obra beneficente com foco na Aids, mas achei que não estava bem informada sobre a complexidade da doença. Charlize declarou na presença da mídia internacional quanto amava Madiba. Todas as mulheres o amavam, pois ele era charmoso e generoso. Um sedutor.

Não devia ser agradável para a Sra. Machel ouvir as pessoas declarando amor eterno por Madiba; no entanto, ela jamais se queixou. Lembro-me de uma época, durante a presidência, em que todas as mulheres da equipe o beijavam ao cumprimentá-lo. Pediu-se, então, às mulheres do escritório que não o beijassem em público. Foi engraçado. Todo mundo adorava Madiba, mas era inadequado para ele ser visto sendo beijado o dia todo, aonde quer que fosse.

Cerca de um ano depois, procuramos Charlize e lhe pedimos para gravar uma mensagem em apoio à campanha 46664, de conscientização sobre a Aids. Primeiro tivemos de nos esforçar para conseguir falar com ela, e, quando conseguimos, sua assessoria nos informou que ela estava ocupada filmando, impossibilitada de gravar uma fala de vinte segundos. Insisti que ela poderia conseguir cinco

minutos para fazer isso, mas responderam que não seria possível. Ficamos tristes porque, quando ela visitou a África do Sul, Madiba tomou o avião de outra cidade para encontrá-la em Joanesburgo. Só quando ouviu falar do problema pessoalmente ela interferiu. Às vezes a equipe pode causar um dano considerável a sua reputação e seus relacionamentos, como aprendemos.

Um dos ministros que Madiba havia indicado para seu gabinete, o ministro da Inteligência, Joe Nhlanhla, sofreu dois enfartes consecutivos e precisou ficar em repouso. Kgalema Motlanthe, secretário-geral do CNA no momento, informou a Madiba que Joe não estava bem. Nós o visitamos no hospital e soubemos que ele não tinha recursos financeiros para ser levado para uma casa de repouso. Madiba mobilizou empresários para levantar um fundo para Joe Nhlanhla, e logo ele foi levado para um centro de cuidados especializados. Fiquei triste quando soube de sua morte, mas ficava mais triste pelo fato de a responsabilidade por esse tipo de situação continuar a cair nas costas de Madiba, como se sempre fosse esperado que ele pagasse o que as pessoas tinham feito por ele no passado. Às vezes os pedidos eram implacáveis, e parecia que todo mundo queria que ele pessoalmente resolvesse qualquer problema financeiro.

Em 24 de março de 2004, partimos para outra visita à Arábia Saudita. Dessa vez eu tinha minha própria *abaya* e me sentia confortável ao usá-la por todo canto em Riade. Depois da experiência anterior, eu sabia que tinha de minimizar minhas frustrações com os sauditas. Aprendi a gostar dessas viagens porque sabia exatamente o que esperar, sabia o que fazer e não fazer, e estava contente por seguir as regras, porque já não tinha expectativas irrealistas. Eu ainda tinha dificuldade para me comunicar com alguns dos funcionários, já que não aceitavam facilmente instruções de mulheres, mas, enquanto eu estivesse com Madiba, eles tentariam contemporar.

Tínhamos uma audiência com o rei, e, como era usual, me disseram que não era permitido que eu acompanhasse Madiba; não era permitido a nenhuma mulher estar na presença do rei. Madiba insistiu e, surpreendentemente, o mensageiro retornou dizendo que seria permitido que eu o acompanhasse. A hora em que a reunião foi marcada nós seguimos para o palácio real. Madiba fez o que em geral fazia quando temia que eu me desgarrasse. Assim que saiu do carro, parou e perguntou: "Onde está minha secretária?". Os homens saíram me procurando e então me levaram até ele. Eu às vezes permanecia deliberadamente no carro por alguns segundos a mais porque sabia que não seria capaz de forçar minha passagem, e, a menos que Madiba me chamasse, eu ficava quieta. Assim que entramos no palácio, cercados por uma massa de pessoas, ele pegou minha mão. Fiquei desconfortável, pois sabia que era uma coisa nova eu estar ali. Além disso, não era apropriado para uma mulher solteira ser vista tendo contato físico com um homem. Ele não largou minha mão, embora conhecesse muito bem as regras.

Fomos levados para a sala de espera, onde nos sentamos até o rei chamar Madiba. De novo, Madiba tomou minha mão e nós entramos nos aposentos do rei. Ele cumprimentou o rei e me deixou de pé atrás dele. Eu queria me virar e fugir, mas não podia. Estava muito desconfortável. Madiba então se virou e disse: "Majestade, esta é minha secretária e neta, Zelda la Grange". Eu sabia que não deveria olhar para o rei e não olhei. Inclinei a cabeça e sorri, embora não soubesse fazer a reverência. Madiba não gostava que fôssemos submissos, mas eu realmente estava amedrontada. A única coisa que passou por minha cabeça foi: o rei percebeu que eu não sou negra; não posso ser neta dele. O rei estendeu sua mão para apertar a minha e eu vi Madiba assentindo com a cabeça, aprovando. O rei segurou minha mão, e eu podia sentir o suor escorrendo por minhas costas.

O rei, já idoso, parecia amigável. Conversava conosco com a ajuda de um intérprete e me deu as boas-vindas. Eu queria que ele largasse minha mão, mas ele não largava. Ele me perguntou como

eu estava. Madiba interrompeu e lhe contou que, um pouco antes de sair de Joanesburgo, em nosso caminho para lá, me envolvi em uma colisão e sofri um assalto. Os ladrões tiraram a bolsa do banco da frente. Realmente, eu estava muito perturbada quando entramos no avião na noite anterior — minha vida estava na bolsa que foi roubada, e pela primeira vez embarquei sem ao menos um celular. No entanto, naquele momento, eu estava mais preocupada com meu desafio à cultura saudita por estar na mesma sala que o rei. Madiba lhe disse que eu ainda estava em choque, e o rei expressou sua solidariedade. Acabou largando minha mão, e todos nos sentamos para tomar um chá com ele. O rei já não recebia visitas com frequência, pois estava velho e doente. Mesmo assim, tivemos uma breve conversa antes de nos despedirmos. Ele era claramente um grande fã de Madiba e apreciou sua visita de cortesia.

Madiba também havia pedido para se encontrar com o príncipe herdeiro, e à tarde fomos ao encontro dele. Era claro que ele já governava a Arábia Saudita, e estava mais preocupado e sério no momento. Seu escritório e entorno eram um pouco mais modernos, e não tivemos problemas com minha participação. Tínhamos alguns dias para passar no País, e Madiba teve a ideia de visitar Medina e Meca, os locais de peregrinação para onde os muçulmanos iam anualmente mostrar sua fé. Já tínhamos tudo arrumado quando me disseram que não seria permitido que eu viajasse com Madiba, pois não era muçulmana. Minha resposta para o funcionário foi: “Madiba tampouco é muçulmano!”. Eles ficaram perplexos. Achavam que ele fosse. Nunca me cansei de admirar quanto Madiba podia se relacionar tão bem com as pessoas que elas começavam a acreditar que ele fosse “um deles”.

Acabamos não indo a Medina nem a Meca. Fomos visitar a Tunísia e depois o Irã. Na Tunísia, Madiba deveria participar de um encontro da diretoria do Fundo Africano de Infraestrutura, e no Irã ele receberia do Presidente Khatami a maior honraria daquele país. Em Túnis, Madiba estava cansado e não compareceu à reunião dos diretores, mas apenas a uma pequena recepção. Cyril Ramaphosa

nos acompanhou e explicou que Madiba estava impossibilitado de participar da reunião da direção. Foi a primeira vez que eu o vi cansado e sem querer fazer nada. Para mim, era uma grande crise. Eu não sabia como explicaríamos isso para as pessoas. Por sorte, Cyril deu todas as explicações. Telefonei para o Prof. Gerwel e ambos, ele e Cyril, disseram a mesma coisa: "Se ele não quer fazer, não deve. Ele tem o direito de estar cansado". Depois Madiba anunciou que não queria mais ir ao Irã, e sim voltar para casa. Ele nunca havia cancelado uma viagem internacional antes. Informamos o governo iraniano e eles ficaram claramente decepcionados. Ele queria ficar em casa com sua esposa, sem ter a vida ditada por uma programação. Eu havia esperado por esses sinais muito antes de eles aparecerem, e ele teve a liberdade de decidir o momento certo. Mesmo assim, fiquei surpresa.

Quando voltamos à África do Sul, Madiba decidiu que deveria enviar um presente tanto para o rei quanto para o príncipe herdeiro da Arábia Saudita em agradecimento à hospitalidade de tantos anos. Ele me pediu sugestões. Os saudistas eram tão ricos que um presente seria um grande desafio. Sugeri que talvez devêssemos enviar, a cada um, duas cabras-de-leque e dois órix. Eu havia feito uma pesquisa e sabia que eles sobreviveriam na Arábia Saudita. Que tipo de presente você dá a quem possui tudo o que deseja? Eu sabia que os dois amavam animais e que os antílopes seriam um presente bem recebido. Madiba concordou.

Pedimos ajuda ao administrador de Shambala na época, Dries Krog. Os animais tiveram de passar por uma quarentena antes de viajar, e demoramos semanas para organizar todos os documentos necessários e a permissão de exportação. As pessoas muitas vezes me perguntaram, nesses anos, o que exatamente eu fazia no meu trabalho. Eu nunca sabia como responder, mas dizia: "Eu datilografo, atendo telefones, organizo coletivas de imprensa e exporto cabras-de-leque e órix para a Arábia Saudita".

De volta em casa, participamos de outro comício gigante do CNA antes das eleições, mas agora Madiba perdera o interesse para a atividade de campanha. Havia reuniões da Executiva Nacional do CNA nas quais as pessoas falavam de seu descontentamento diante do suposto desrespeito dele para com o atual presidente. Essas pessoas nunca confrontavam Madiba diretamente; ele ouvia tudo por intermédio de outros participantes.

A África do Sul se candidatou para sediar a Copa do Mundo da FIFA em 2010. Madiba foi informado da iniciativa, mas vimos que nosso papel seria mínimo, porque era função do chefe de Estado dirigir essas iniciativas. No fim de abril de 2004, Tokyo Sexwale, ex-premier da província de Gauteng que no momento dirigia um império de negócios multimilionário, visitou Madiba na condição de membro do comitê organizador. Tokyo informou que eles queriam que Madiba fosse a Trinidad e Tobago para ajudar a fazer *lobby*. O Sr. Mandela estava cansado e não queria viajar. A princípio, disse não. Tokyo não desistiu, e duas noites depois estávamos a caminho de Trinidad e Tobago. Nós éramos incapazes, como conselheiros dele, de manter a consistência de suas decisões. O público estava confuso sobre quem mantinha a estrutura de poder em torno dele. Em muitas ocasiões, me recusei a aceitar essa responsabilidade, mas, por mais que eu tentasse atender a seus desejos, a tomada de decisão realmente dependia de uma série de influências externas, como também das decisões de Madiba, do Prof. Gerwel e do executivo da fundação. No fim, depois que ele concordava ou era convencido, era difícil persuadi-lo do contrário. O mesmo acontecia quando ele se recusava a fazer alguma coisa. Ele se tornava obstinado.

Insisti para que a visita a Trinidad e Tobago fosse tratada de modo discreto e que a programação fosse mínima. A razão para a visita era convencer os membros da FIFA que moravam na região a votar pela África do Sul. Voamos em um avião confortável, mas o Sr. Mandela estava acostumado a ter silêncio completo quando dormia. A configuração do avião era de tal natureza que as pessoas

precisavam passar por ele para ir até o toailete. Ele não dormiu bem e me deixou preocupada. Tokyo se esforçou como pôde para assegurar o conforto de todos, mas, quando aterrissamos, olhei pela janela do avião e vi que o governo tinha providenciado uma guarda de honra completa para a chegada de Madiba — e nós tínhamos pedido que não o fizesse. Não era recomendável esperar que Madiba tivesse qualquer dever protocolar depois de um voo tão longo. Quando vi a guarda de honra, Tokyo e eu conversamos, e pedi para que ele agisse. Ele próprio viu que Madiba estava cansado, e então chamou Jack Warner, o membro da FIFA em Trinidad que obviamente exercia poder no País, que subisse para nos encontrar. Ele nos disse que a guarda de honra era apenas uma fila de recepção, e que Madiba estaria livre para sair do aeroporto imediatamente.

A visita toda foi uma batalha. Apenas duas semanas depois de nossa visita a Trinidad, viajamos até Zurique, onde a África do Sul foi a escolhida para sediar a Copa do Mundo de 2010. Suponho que tenha valido a pena. Depois de Zurique, fomos para a casa de campo de Douw Steyn, no interior da Inglaterra, onde pudemos tomar fôlego por alguns dias.

Não consigo recordar em que ano foi, mas, durante uma de nossas visitas a Londres, fizemos a cortesia de visitar o Primeiro-Ministro Tony Blair, como havíamos feito em muitas ocasiões. Eu amava ir ao número 10 da Downing Street, especialmente depois que o endereço apareceu no filme *Simplesmente Amor*. Quando Hugh Grant está dançando no papel de primeiro-ministro, em uma das salas de Downing Street, eu sorri por já ter estado na mesma sala. Não dançando, é claro. Nessa ocasião em particular, nós nos apressamos para chegar no horário a Downing Street. Blair sempre foi muito afetuoso com Madiba, e voltamos ao Dorchester Hotel, onde estávamos hospedados, satisfeitos com o encontro.

Era outono e o sol se levantava mais tarde e se punha mais cedo. Além disso, havia a neblina usual. Quando descemos do carro,

voltando de Downing Street, reparei que usava dois pés de sapatos diferentes. Sua idiota, pensei. Estava muito envergonhada para apontar meu erro a alguém, mas depois confidenciei com o médico que viajava conosco, e rimos de minha estupidez. Eu sempre ficava em um determinado quarto no Dorchester quando estava com Madiba, gentilmente arrumado por um imigrante sul-africano, Nigel Badminton, que havia se tornado um amigo próximo depois de todas as nossas visitas ali. Nesse quarto havia um pequeno closet, que era mais um canto. Não havia luz natural, e eu tinha de confiar na luz artificial. Eu estava com tanta pressa quando saímos, tentando reunir todo mundo e me certificar de que Madiba estava pronto, que não reparei que havia calçado sapatos diferentes. Os dois pares eram mais ou menos do mesmo estilo, com saltos da mesma altura, portanto não senti diferença quando andava. Um era preto e o outro, marrom-escuro. Até hoje provavelmente foi a maior idiotice que já fiz. Fiquei tentando rever a situação milhares de vezes, tentando me lembrar se alguém em Downing Street teria notado.

De Londres partimos para a Espanha, onde Madiba e a Sra. Machel foram ao casamento do filho do Rei Juan Carlos e da Rainha Sofia. Foi parecido com um conto de fadas. A maior parte da realeza de outros países compareceu, e quase nenhum outro político foi convidado para todos os momentos da celebração. Nós brincávamos com Madiba sobre isso, e ele nos lembrava de que na verdade ele também tinha nascido na realeza. Para nós, só poderia ser considerado como realeza xhosa, mesmo assim era realeza, e ele amava ser lembrado de que era um príncipe.

Em 24 de maio de 2004, recebemos a visita do renomado promotor de boxe Don King. Era uma figura controvertida, mas essa foi outra ocasião em que nos foi dito que Madiba tinha de recebê-lo. Evidentemente, sendo ele mesmo um boxeador, Madiba não se opôs. Eu estava em meu escritório quando ligaram da recepção para dizer: "King está aqui". Por um momento, esqueci que estávamos esperando por ele e respondi: "O rei de onde?". Todos rimos. De

fato, era King, o rei do boxe. Havia muitos momentos assim, que davam graça aos dias e, de certa maneira, nos mantinham sãos.

Como esperado, depois de um breve descanso (e apesar de sua aposentadoria), o Sr. Mandela decidiu que desejava comparecer à Conferência Internacional sobre a Aids, na Tailândia. Ele esperava continuar essa luta mesmo aposentado, e deixar uma mensagem marcante. Isso foi pouco antes de ele completar oitenta e seis anos. Em nossa viagem de volta da Tailândia, escrevi para o *Sunday Independent* uma mensagem por seu aniversário. No dia, um domingo, o artigo apareceu na página principal, dizendo: "Khulu, meu desejo para o seu aniversário de 86 anos é tempo — Zelda". Realmente, eu desejava que ele tivesse tempo para si mesmo, tempo com sua esposa e tempo para refletir. Mas, assim que as coisas ficavam paradas demais, ele as punha em marcha outra vez. Logo o status de aposentado mudou para "deixar que ele escolha o que deseja fazer", e lá fomos nós outra vez. Eu sentia que ele tratava uma luta interna entre ficar em casa e se isolar do mundo. Chegamos à conclusão de que ele jamais pararia, e, assim que ele começava a dar sinais de que estava disponível outra vez, os suspeitos de sempre encontravam um jeito de se aproximar.

Eu sentia que alguns membros da família e agregados desaprovavam minha presença na vida dele. Em relação a alguns, parecia pessoal; outros se mostravam desconfortáveis pelo fato de ele depender de uma mulher branca. Eu me sentia presa entre meu dever com Madiba e a percepção de que, publicamente, era um peso para ele. Tentava desaparecer, mas ele me chamava e às vezes ficava irritado por eu não estar em meu posto. Ele se tornava cada vez mais dependente de mim por razões muito simples: estava velho, precisava de alguém com ele quando entrava em uma reunião porque tinha de ser lembrado do que esperar ou do que estava prestes a acontecer. Sua memória já não era tão boa. Eu ficava estressada e ele percebia.

Madiba me fazia sentar e me dava um sermão sobre o fato de que eu trabalhava para ele, de que deveria fazer o que ele me pedia, e não deveria deixar que as pessoas me desviassem disso. Pensando agora, eu deveria ter dito a algumas pessoas naquele momento, quando ele ainda era capaz de me defender, que elas deveriam dirigir suas queixas diretamente a Madiba, mas nunca quis sobrecarregá-lo com minhas batalhas. Eu tinha de enfrentar o fato de que uma jovem africâner branca que tomava conta dele seria sempre uma posição improvável e impopular. Mesmo assim, estava determinada a nunca abandoná-lo enquanto ele quisesse que eu ficasse. Em algumas ocasiões, ele me falou de algumas conversas desagradáveis, explicando que o haviam questionado por empregar uma mulher branca africâner. Da primeira vez ele foi cuidadoso com a maneira como me contou, mas depois de algumas ocasiões nós dois ríamos sempre que isso se repetia.

Xoliswa, por muito tempo a cozinheira-chefe de Madiba, e eu nos falávamos muito por telefone, já que em geral ela estava na casa sempre que eu tinha de ligar para ele. Nós duas chegamos à conclusão de que todo mundo queria o nosso emprego, mas poucas pessoas estavam dispostas a enfrentar tantas horas de trabalho e tanto esforço.

Ainda no começo de 2003, notei que Madiba estava perturbado com alguma coisa. Ele passou dias calado e isolado. Madiba me contou que Makgatho, seu único filho vivo, lhe revelara que estava com Aids. Fiquei devastada com a notícia e assegurei ao Sr. Mandela que faria qualquer coisa para ajudar.

Quando Makgatho foi hospitalizado, em dezembro de 2004, fui com Madiba ao hospital no mesmo dia. Encontramos Makgatho já na UTI. Madiba entrou e insistiu para que eu entrasse com ele. Nós víamos Makgatho apenas ocasionalmente, e ele passou a ser parte da vida de Madiba nos anos mais recentes. Eu gostava dele, embora nosso contato fosse limitado. Ele sempre era cortês e respeitoso comigo e ajudava quando eu lhe pedia com os cuidados com seu

pai, eventualmente comparecendo a algum evento. Eu não sabia a razão pela qual os filhos do seu primeiro casamento ficaram ausentes da vida de Madiba quando crianças, mas eu via que a Sra. Machel tentava reunir a família. Ela tentava constantemente apaziguar as diferenças e insistia que todos os filhos dele participassem de sua vida. Não era fácil para ela, porque alguns de seus filhos eram ressentidos com ele. Eu, porém, era uma funcionária e nunca interferia nos assuntos familiares.

Fiquei triste por ver Makgatho no hospital. Ele não podia falar, mas Madiba falou com ele, e, na hora em que íamos sair, eu me curvei e sussurrei: "Oi, Makgatho, sou Zelda. Lembre-se de que o amamos muito, e seja forte". Eu já tinha visto uma pessoa com Aids se recuperar e esperava que ele conseguisse também. Antes de nossa saída, Makaziwe, irmã de Makgatho, entrou. Eu perguntava à enfermeira qual era a temperatura de Makgatho, tentando dar a Madiba algum tipo de conforto ou algo assim, e Makaziwe me disse: "Deixe em paz o registro médico de meu irmão. Isso não tem nada a ver com você". Fiquei louca de vontade de lhe dizer que havia dois anos que eu sabia que o irmão dela tinha Aids e jamais fiz nada para prejudicá-lo nem falei com ninguém sobre sua situação. Eu não ia começar a fazer alguma coisa agora; minha pergunta fora puramente uma tentativa de dar a Madiba algum conforto.

Eu estava de férias em dezembro, em Paternoster, uma pequena cidade litorânea na costa oeste da África do Sul, quando Meme, a governanta da casa de Madiba, me avisou que era melhor eu voltar, pois as coisas estavam piorando. Eu sabia que tinha de ajudar, se fosse necessário, então abreviei minhas férias e voltei. Makgatho faleceu enquanto eu estava a caminho; nunca mais o vi depois daquela única visita. Não me pediram para ficar afastada, mas você sabe quando sua presença não é bem-vinda. Informei à Sra. Machel que estava de volta em casa, mas esperei dois dias antes de ir à residência de Madiba fazer uma visita. Quando a Sra. Machel me perguntou por que eu não tinha ido antes, eu disse que não queria ser um peso ou motivo de irritação para ninguém. Ela ficou irritada

com minhas suposições, mas entendeu como eu me sentia. Makgatho era pai de Mandla, Ndaba, Mbuso e Andile. Sofri por essas crianças, pois elas faziam parte de nossa vida cotidiana e eu me sentia como se crescessem comigo. Naqueles anos eles me tratavam sobretudo como uma irmã; tínhamos uma ligação próxima.

Tentei ficar distante da família em seu luto, mas procurei ajudar com a logística. Foi um funeral muito triste, e meu coração sofreu por Madiba. Na tradição africana, o corpo é levado para casa para uma noite de vigília antes do enterro. A pessoa “dorme” em seu quarto pela última noite e, na manhã seguinte, orações são feitas na sala ou no saguão de entrada, onde o corpo é mostrado pela última vez antes de o funeral começar. Madiba insistiu para que eu estivesse lá e tomasse parte das últimas despedidas. A Sra. Machel estava ao lado de Madiba, segurando a mão dele muito apertado durante toda a cerimônia. Apenas uma vez antes eu havia visto alguém morto: minha avó paterna que faleceu quando eu era criança. Essa lembrança me assombrou durante muitos anos. Makgatho, no entanto, parecia em paz, de volta para casa. Deve ter sido uma de minhas épocas mais tristes com Madiba, vendo-o enterrar seu filho.

No começo dos anos 2000, Madiba chamou Douw Steyn e lhe pediu para pensar em maneiras de gerar uma renda extra. Madiba recebia apenas uma pensão como ex-presidente, mas nem de longe o suficiente para manter suas residências e as necessidades de sua enorme família. Eu sabia que ele se sentia responsável por sustentar todos ao seu redor. Sempre que alguém precisava de algo, recorria a Madiba. Mesmo durante os anos de prisão, as cartas agora publicadas no livro *Conversations with myself* assinalam para o fato de o Sr. Mandela sempre ter sido o provedor.

Na época, o advogado de Madiba era Ismail Ayob, que administrava todas as suas finanças. Madiba sempre pedia a algum de seus advogados que lidasse com as questões financeiras para ele.

A vida tinha evoluído enquanto Madiba estava na prisão, e ele não sabia como enfrentar a tecnologia dos bancos no mundo moderno.

Madiba tinha a capacidade de confiar incondicionalmente nas pessoas. Conheci Ismail Ayob no começo de seu mandato como presidente, e, sempre que Madiba precisava de alguma coisa que custasse dinheiro, Ismail era chamado. Ele levava suas responsabilidades muito a sério. Ismail também lidava com toda a propriedade intelectual de Madiba e com o uso de sua imagem. Sempre que alguém prometia recursos a Madiba para algum projeto, o dinheiro precisava estar no banco antes que a porta das discussões fosse aberta. Madiba nunca tratava dessas questões pessoalmente, e, segundo minha experiência, metade das vezes ele não sabia o que Ismail negociava em seu nome.

Quando alguém precisava de dinheiro, Madiba o mandava falar com Ismail, mas antes ele ligava para Ismail e o instruía. Em muitas ocasiões, Ismail questionava firmemente o gasto. Isso irritava as pessoas, e, em minha opinião, ninguém tinha um bom relacionamento com ele. Logo todos começaram a dizer: "Ismail tem de ir embora". Mas ele não foi. Madiba era uma pessoa muito leal, e, a despeito das opiniões contrárias, manteve o cargo de Ismail.

Outro dos advogados de Madiba era George Bizos, que esteve a seu lado durante décadas, desde antes de sua prisão; ele chegou a fazer parte da equipe que o representou no Julgamento de Rivonia. Era alguém que inspirava autoridade, como resultado de sua experiência e conhecimento. Ele também foi uma das poucas pessoas que compartilharam uma amizade estreita com Madiba.

Depois do pedido do Sr. Mandela, Douw Steyn teve uma ideia para gerar mais renda para manter a família Mandela. No entanto, a ideia envolvia a comercialização de sua imagem com alguma amplitude. A proposta circulou entre os advogados, que foram veementemente contra, porque ela criaria uma enorme dificuldade na tentativa de parar a comercialização ilegítima de sua imagem no futuro. Assim, a

ideia de Douw foi recusada, embora sua intenção fosse boa. Sempre fomos firmes em manter o desejo de Madiba de não permitir que sua imagem ou nome fossem comercializados, uma coisa que ele incumbiu à Fundação Nelson Mandela depois de sua presidência.

Durante todos esses anos, ofereceram dinheiro ao Sr. Mandela por muitas coisas, mas havia algumas regras tácitas que ninguém transgrediria, não importasse a quantidade colocada sobre a mesa.

Em algumas condições Madiba jamais esteve disposto a transigir. Pôr em risco seu relacionamento com a rainha era uma; associação com tabaco e álcool, outra; e nunca vender seu tempo. Em uma ocasião, uma famosa marca de bebidas nos ofereceu dois milhões de dólares. Eles não queriam nada em troca, mas o álcool e Nelson Mandela não combinavam, e ele recusou. Uma vez nos ofereceram dinheiro da South African Breweries como doação, e Ismail também recusou.

Em Paris, uma conhecida grife ofereceu cinco milhões de dólares para Madiba fazer um anúncio de sua marca. Eu gostava das pessoas, mas sabia que jamais poderíamos comercializar o nome do Sr. Mandela. Também jamais vendemos o tempo de Madiba. Muitas pessoas queriam pagar para se encontrar com ele, e nós recusávamos. Para mim, o argumento era que, se você não acreditasse no legado de Nelson Mandela, e só quisesse pagar se pudesse se beneficiar do próprio ser humano, suas intenções não eram autênticas. De fato, deixamos de ganhar milhões nesses anos, mas conseguimos evitar a exploração ou associação comercial com qualquer coisa que não tivesse relação com o legado de Nelson Mandela. Pelo menos tentávamos, e na maior parte das vezes conseguíamos. Isso não significa que gostávamos menos das pessoas que produziam bebidas ou que faziam essas propostas. Às vezes as pessoas são distraídas, e de nenhuma maneira isso reflete sua integridade. A maioria das celebridades ao redor do mundo, e mesmo líderes mundiais, empresta sua imagem para a publicidade e contribui com o leilão, oferecendo um almoço ou jantar ou uma

experiência rara em sua presença. É uma boa maneira de obter dinheiro, mas não para alguém com as responsabilidades morais de Nelson Mandela.

No entanto, ele precisava manter parte de sua extensa família, e isso era complicado. Ismail veio conversar com Madiba poucos dias depois de a proposta de Douw ter sido recusada. Madiba criaria desenhos artísticos que seriam reproduzidos, e as reproduções seriam vendidas. O Sr. Mandela levantava recursos para um fundo educacional, já que era inflexível quanto a seus netos terem uma boa educação. Não havia nada de sinistro nisso; as pessoas entendiam que ele havia ficado na prisão tempo demais e sentia que precisava manter sua família de alguma maneira para compensar sua ausência.

A proposta de Ismail foi aceita, e logo ele começou a negociar com o empresário Ross Calder em nome de Madiba. Eles trouxeram um artista que o auxiliou com as cores em alguns desenhos e a fazer esboços com carvão. A iniciativa se baseou em outro projeto, encabeçado por ícones mundiais que praticavam a arte como amadores, o que terminou sendo muito lucrativo para eles. A primeira fase foi concluída e depois reproduzida, e Madiba então começou a colorir e outra vez os desenhos foram reproduzidos. Na fase seguinte, ele assinaria milhares dessas reproduções. E eu fui incumbida de programar essas sessões de autógrafos. A cada um ou dois dias, Madiba sentava-se por uma ou duas horas assinando os desenhos. Centenas ou talvez milhares deles. Como Madiba confiava completamente em Ismail, eu não ficava presente nas sessões de autógrafos. Às vezes elas aconteciam em casa, às vezes, no escritório. Ninguém registrou e não havia motivo para questionar a convicção com a qual esse projeto era realizado. Afinal, como o Sr. Mandela sempre dizia, não se pode questionar a integridade de uma pessoa até ter razões válidas. Além disso, eu encontrara Ismail trabalhando com Madiba bem antes, em 1994. Jamais questionei o relacionamento deles ou a autoridade de Ismail, porque eles tinham uma história, e, como tantas vezes me era dito, eu não tinha.

Em abril de 2005, um artigo apareceu no *Noseweek*, uma revista investigativa, com o título GUERRA CIVIL NA MADIBALÂNDIA. O autor escreveu:

Para entender a guerra civil que irrompe na Madibalândia, é útil imaginar uma monarquia medieval quando o rei está se aproximando do fim. A família, e facções dentro da família, se mexe para ocupar posições quando isso acontecer. Boatos e intrigas crescem na corte.

No centro dessa “guerra civil” estava a questão sobre quem controlaria a renda futura de Madiba e, mais importante, a licença da marca de seu nome e imagem. O Sr. Mandela queria pessoas objetivas como seus advogados Bizos, Bally Chuene e Wim Trengove, não sua família, no controle de seu legado. Aliás, ele estava desapontado com a conduta de Ismail. Alguém plantara na cabeça de Madiba a ideia de que Ismail deveria informar o andamento das coisas. Quando ele começou a questionar Ismail e a perguntar sobre o projeto, a meu ver, o relacionamento entre eles começou a se deteriorar. Madiba voltou atrás em sua decisão a respeito do projeto. Instruiu Georges Bizos e outros a suspendê-lo. Intimações foram feitas para Ismail e a empresa de Calder, uma ordem de parar a venda das gravuras foi expedida. Isso provocou a raiva dos que lucravam com o projeto, e uma guerra começou.

Na última batalha legal, em 2013, duas das filhas de Madiba — Makaziwe e Zenani — e Ismail intimaram Bally Chuene, argumentando que o mandato dele e dos advogados George Bizos e Tokyo Sexwale para controlar os procedimentos em relação às gravuras não era legítimo. O caso foi arquivado em setembro do mesmo ano.

Nessa época, íamos com frequência até Shambala. Shambala não apenas proporcionava as acomodações perfeitas para que ele escrevesse, mas também a tranquilidade muito necessária. Madiba

muitas vezes dizia que tinha saudade da prisão. Eu ficava perturbada e surpresa com isso. Mas ele então explicava que na prisão ele tinha tempo para ler e para pensar, e eu compreendia. Ele insistia em passar semanas em Shambala, pois estava ansioso para terminar suas memórias. Era uma tarefa longa e tediosa. Ele escrevia cada página à mão, terminava cerca de cinco páginas para eu datilografar e depois fazia suas correções. Então, em vez de me passar a página datilografada com suas emendas para que eu executasse as correções, ele insistia em escrever a página inteira outra vez à mão. Sugeri me sentar perto dele com meu laptop para digitar enquanto ele falava. Ele se recusou. Ele não gostava de tecnologia, e queria escrever a caneta. Eu até sugeri que ele apenas gravasse e eu digitaria, mas ele respondeu: "Não, você sabe, eu não gostaria disso". Também contratamos um pesquisador, mas Madiba simplesmente não estava disposto a trabalhar com ele.

Extratos do manuscrito foram publicados em *Conversation with myself* e, se tudo der certo, logo as partes não publicadas serão usadas em uma continuação de *Long walk to freedom*, desta vez tratando apenas dos anos como presidente.

A realidade era que estávamos lenta, mas certamente, pisando no freio. Em maio de 2005, Madiba foi pela última vez visitar os Estados Unidos. Nossa primeira parada foi em Nova York. O ex-presidente da Goldman Sachs havia organizado um evento para arrecadar fundos, e Madiba deveria comparecer. A Sra. Machel não poderia ir a Nova York conosco, e Madiba estava mal-humorado, pois se sentia desconfortável quando ela não estava junto. Madiba tirou sua habitual soneca na tarde do evento, e, quando fui acordá-lo para que se aprontasse para o jantar, ele anunciou que não se sentia bem. Meu coração deu um pulso. Chamamos o médico, que não conseguiu encontrar nenhum sintoma. Provavelmente se tratava de pura exaustão. Concordamos que levaríamos os principais doadores ao seu quarto para que ele pudesse cumprimentá-los sem precisar ir ao jantar. Ficávamos todos nervosos com as reações das pessoas quando ele decidia cancelar alguma coisa.

Os patrocinadores foram muito compreensivos; eu gostaria que todas as pessoas fossem assim. No dia seguinte, Madiba estava em forma. Levantou-se para seu encontro com o Presidente Clinton e ficou feliz por vê-lo, como sempre. A chegada da Sra. Machel se aproximava e isso o alegrava. Duas noites mais tarde, fomos a um jantar oferecido por Sol Kerzner e Robert De Niro, e organizado por Jerry Inzerillo, em Tribeca. Foi uma noite muito agradável, e contou com a presença de bons amigos e de celebridades da música e da indústria do entretenimento — metade das quais eu mesma não conhecia. Eles iam até sua mesa para cumprimentá-lo, e tivemos de ser muito firmes para manter as pessoas afastadas. Eu “instruí” Madiba a comer para preservar sua estamina. Madiba não sabia quem eram todas aquelas celebridades. Alguns dos nomes e rostos ele reconhecia por ter lido sobre eles nos jornais, mas a maioria lhe era estranha. Acho que deve ter sido um grande choque para eles que Nelson Mandela nem sempre reagisse ao conhecê-los, como seus fãs faziam. Era divertido olhar. Eles se amontoavam ao redor de sua mesa. Quando estávamos saindo, paramos para cumprimentar Richard Gere. Olhei para Madiba, quando eles estavam sendo apresentados, e me perguntei se ele sabia quantas mulheres no mundo fariam literalmente qualquer coisa para estar em seu lugar naquele momento. Mandela ficou completamente indiferente, mas quando fui apresentada acho que ele pôde ver que fiquei muda.

Isso me lembrou de outra ocasião, quando fomos à Irlanda em apoio aos Jogos Olímpicos Especiais. Estávamos prestes a entrar no elevador, então vi um homem se apressando para tentar entrar também. Ele não sabia quem estava em seu interior. Quando olhei pela segunda vez, vi que era Pierce Brosnan. Sussurrei para Madiba: “O homem que vai entrar no elevador é um ator famoso. Ele faz o papel de 007 nos filmes de James Bond”. Eu deveria ter parado no “ator famoso”, mas estava tomada pela surpresa por ele entrar sem nenhum acompanhante. Evidentemente, quando ele entrou, Madiba estava perguntando: “Ele faz o papel de quem?”. Eu não respondi, mas falei: “Khulu, você se lembra do famoso ator Pierce Brosnan?”.

E Madiba disse: "Ah, sim, claro, prazer em conhecê-lo". Fiquei aliviada quando o elevador parou em nosso andar e saímos. Pierce Brosnan nos cumprimentou com alegria.

Um incidente parecido aconteceu quando Brad Pitt visitou a África do Sul para apoiar o projeto Mineseeker, uma iniciativa idealizada por Richard Branson para angariar fundos para detectar e destruir as minas em áreas atingidas pela guerra. A vida de Nelson Mandela acontecia em torno da política, não do entretenimento, e, fora os poucos filmes que passavam na prisão, ele literalmente não tinha tempo para ir ao cinema e não havia momentos em sua vida que lhe permitissem, por exemplo, assistir a um DVD. Ele comia, dormia e vivia para a política e seus esforços humanitários. Tentei explicar a Madiba quem era Brad Pitt, mas foi difícil. Quando eles finalmente se encontraram no dia seguinte, Madiba perguntou (como em geral fazia) se Brad tinha um cartão de visita consigo. Evidentemente, Brad não tinha. Madiba perguntou: "Então, o que você faz?". Por sorte, eu havia explicado a Brad que ele devia entender que Madiba não estava ciente do desenvolvimento de Hollywood e da indústria do cinema em geral. E Brad foi absolutamente afável em sua resposta: "Eu tento atuar para ganhar a vida". Eu acrescentei: "E ele é muito modesto, porque é um dos melhores atores do mundo". Brad não se importou nem ficou surpreso ou constrangido. Foi um verdadeiro cavalheiro.

Na noite anterior a sua visita, recebi uma ligação de um amigo que estava no projeto Mineseeker. Ele disse que Brad queria que eu fosse jantar com eles. A princípio, recusei. Comentei com uma colega e ela perguntou sobre minha "sanidade mental". Quem no mundo recusaria um jantar com Brad Pitt? Bem, eu recusei. Embora tivesse gostado do fato de que o jantar iria servir para dar a Brad Pitt um panorama da África do Sul e do que esperar no encontro com Madiba, eu estava cansada de noites em que a conversa girava em torno de meu chefe. Por mais que amasse Madiba, eu não queria sentir que tinha de entreter as pessoas falando sobre ele. Mas tive de reconsiderar o convite, e fiquei feliz por ter feito isso. Brad foi

excepcionalmente agradável e modesto, e nós compartilhamos o nosso amor por motos. Até descobrimos que tínhamos a mesma marca de moto na época. Ele não estava apenas interessado em saber sobre Madiba, mas queria realmente interagir com pessoas que poderiam lhe dar uma ideia da África do Sul e de seu futuro.

Nossa viagem à América continuou depois da festa em Nova York. Dessa vez o Presidente George W. Bush retornou nossa ligação e Madiba foi a Washington encontrá-lo. Pela primeira vez ficamos em Georgetown, no Four Seasons, e o hotel usou o pseudônimo de Sr. e Sra. Smith para Madiba e a Sra. Machel. Achei irônico. Na África do Sul, Smith é considerado um sobrenome branco; foi pouco depois do lançamento do filme *Sr. e Sra. Smith*, sobre uma dupla de espiões que se apaixonam, vividos por Angelina Jolie e Brad Pitt. Sempre havia esses momentos que traziam risadas para as situações mais estressantes. Ter meu senso de humor também ajudava, porque eu podia calmamente rir desse tipo de coisa para manter minha sanidade.

Enquanto estava em Washington, Madiba discursou no "Congressional Black Caucus". Não pudemos cumprimentar nenhum dos participantes, pois era um grupo enorme de pessoas e nós ficamos preocupados em agradar a alguns e ofender outros. De volta ao hotel, depois do discurso no "Black Caucus", ouvi dizer que Barack Obama, que era senador na época, não tinha ido a essa reunião de líderes políticos negros porque não concordava com o ponto de vista deles sobre uma questão específica. Também havia um pedido da Senadora Hillary Clinton para ver Madiba. Dado nosso relacionamento com os Clintons havia tantos anos, e sabendo que era mais uma visita social do que política, nós concordamos, apesar do fato de Madiba estar exausto, depois do programa cheio em Nova York. Ele ainda tinha de visitar o Presidente Bush, e tínhamos de poupar sua energia. Também recebemos a mensagem de que o Senador Obama gostaria de ter a oportunidade de cumprimentar Madiba. John Samuel, nosso diretor executivo na época, o Prof.

Gerwel e eu dissemos não a esse pedido. Madiba estava cansado demais.

Um amigo de Madiba, de longo tempo, Frank Ferrari nos disse que seria apenas um aperto de mãos e que, no futuro, o Senador Obama poderia ser o primeiro presidente americano negro. Em silêncio, pensei: certo. Acabamos concordando com o encontro, no qual eles se cumprimentaram e trocaram gentilezas. Ele foi abertamente respeitoso em relação ao Sr. Mandela e também me impressionou por dar atenção a todos, desde o porteiro até a "secretária". Algo muito parecido com o caráter de Nelson Mandela. As pessoas pequenas importavam, o que fala sobre a grandeza de qualquer homem. Madiba nem sequer se levantou da cadeira para cumprimentá-lo, já que estava simplesmente cansado demais, mas alguém fez a foto de Madiba e da silhueta do Senador Obama, que se curvou para apertar sua mão.

Essa seria a primeira vez que veríamos o Presidente Bush depois de Madiba ter declarado que a América estava errada ao invadir o Iraque, e que o Primeiro-Ministro Tony Blair agia como um simples ministro de Relações Exteriores da América. Ai! Ele também disse que Bush não respeitou os desejos das Nações Unidas porque Kofi Annan era negro. Duplo ai! Madiba tinha várias questões para discutir com o Presidente Bush, e o plano era que aparecessem juntos na frente da imprensa depois da coletiva para mostrar o "acordo para discordar" deles para o resto do mundo, mas os dois tiveram um comportamento amistoso outra vez, depois de tudo o que tinha acontecido. Madiba dizia que ninguém nunca deveria temer alguém a ponto de esconder as diferenças, e que isso não determinava o futuro de um relacionamento. Da mesma forma, ele tinha opiniões diferentes de Kadafi, mas nunca o ignorou em consequência dessas diferenças.

Eu estava preocupada por Madiba estar demasiado cansado e simplesmente muito frágil para um encontro dessa natureza. Então, fiz um lembrete para ele com os pontos da discussão. Entramos na

Casa Branca, como tínhamos feito antes, e nos encaminhamos para o Salão Oval. Na sala de espera, um funcionário foi nos encontrar e tentou jogar conversa fora com Madiba. Meu rosto em geral mostra minhas emoções, e ele rapidamente entendeu. O presidente ficou disponível imediatamente, e a reunião começou. Gostei da pontualidade deles. No começo, pensei que ele estivesse amistoso, mas, quando Madiba se repetiu pela terceira vez, pude ver que o Presidente Bush estava ficando impaciente. Madiba não se prendeu aos pontos e se demorava na conversa, e então, quando voltava aos pontos, repetia alguma coisa que já havia dito. Eu estava ficando nervosa, e podia ver que Bush tinha pouca compreensão das limitações de sua idade avançada. Antes que Madiba terminasse, o Presidente Bush disse: “Bom, Sr. Presidente” — referindo-se a Madiba —, “é hora de nós irmos ver o pessoal da imprensa”. Madiba não parou, já que não havia terminado. O presidente o interrompeu e repetiu seu pedido. Eu fiquei incomodada.

Tive a impressão de que Bush estava mais interessado em aparecer para a mídia do que em ouvir o que Madiba tentava dizer. De certa forma, Bush concordou em aumentar a ajuda à África, mas isso não mudou minha opinião sobre o que vi naquele dia. Eu me senti impotente e lamentei por Madiba, já que não podia fazer nada para apoiá-lo naquelas circunstâncias. Mas ele se comportou com orgulho, mesmo compreendendo que ficava desmemoriado e que sua mente muitas vezes falhava. Com frequência ele dizia: “Você sabe que tenho quase cem anos agora, eu esqueço coisas”, e meu coração ia até ele, às vezes apenas apertando sua mão ou tocando seu ombro para tentar lhe dar algum conforto, mostrando que nós entendíamos e que estávamos lá para apoiá-lo mesmo se ele ficasse esquecido.

Na época, eu morava no West Rand, em Joanesburgo, a cerca de 21 quilômetros de Houghton, onde ficavam o nosso escritório e a residência de Madiba. Com o trânsito normal, eu levava quarenta minutos para chegar a Houghton ou para voltar. Nos horários de pico, levava cerca de duas horas. Isso estava me matando. Para

piorar, Madiba me chamava por qualquer coisa. Num sábado de manhã, quando eu trabalhava no jardim, Madiba ligava: "Zeldina, você está ocupada?". Claro que eu nunca diria que estava ocupada: "O que você precisa, Khulu?". Ele então me convencia de que não era algo que podia ser discutido pelo telefone e perguntava se eu podia ir até sua casa. Eu me limpava, me vestia e ia para sua casa em Houghton. Quando eu chegava lá, nove em dez vezes, ele não conseguia se lembrar de por que havia me chamado.

Eu tentava fazê-lo escrever o que tivesse na cabeça no momento para se lembrar quando eu chegasse lá, mas ele não fazia isso. Então, tentei convencê-lo a falar o que era com alguém da equipe de sua casa para que, ao chegar lá, eu pudesse lembrá-lo, mas ele tampouco fazia isso. Tive de bolar outro plano. Comecei a procurar uma casa perto da dele. Eu tinha comprado minha primeira motocicleta na época, e meu pai me convenceu a crescer, vender meus brinquedos e investir em uma propriedade. Então comprei uma casa mais perto do escritório e da residência de Madiba.

Na verdade, eu simplesmente não conseguia mais manter o ritmo no qual trabalhávamos. A administração era assoberbante, e ficar todo o dia ausente do escritório, indo a eventos com Madiba, criava um atraso administrativo para mim. Felizmente, o executivo da fundação aprovou a contratação de três assistentes para me auxiliar. Foram anjos enviados pelo céu. A ajuda extra, para a qual eu delegava algumas das tarefas, permitia que eu tivesse tranquilidade para cuidar de tudo o que acontecia em torno de Madiba, desde a comunicação até a administração do tempo. Mas nada nunca acontecia de acordo com o planejado. A cada segundo do dia, Madiba queria que eu lhe dissesse o que era esperado dele. No entanto, não importava quanto eu planejasse e prestasse atenção aos detalhes, sempre havia falhas. Costumam dizer que sou uma capataz e uma pessoa nada fácil. Sou perfeccionista, e minhas expectativas às vezes são muito altas. À medida que Madiba envelhecia, eu me tornava mais exigente em relação aos detalhes

em torno dele, mas ao mesmo tempo, estranhamente, me tornei mais paciente com os outros.

Às vezes Madiba era difícil. Se eu não lhe desse atenção suficiente ou não comparecesse aos eventos que ele quisesse, ele acabava encontrando alguma razão para que eu mesma tivesse de fazer alguma coisa sem que a delegasse. E então eu me mantinha ocupada tentando poupar os sentimentos da equipe, e evitando que se sentissem afastados. Eu não era mais a tímida e assustada garota branca, e Madiba estava muito acostumado a meu comportamento obsessivo-compulsivo e a meus modos perfeccionistas. Isso lhe servia. Ele toleraria muitos atrasos de outras pessoas, mas não de mim.

Em outubro de 2005, partimos para o Quênia por duas semanas para passar um tempo com a Sra. Machel, que trabalhava no African Peer Review Mechanism, em Nairóbi. Foram provavelmente as duas semanas mais longas de minha vida. Em casa, um amigo ficara empacotando minhas coisas e tudo o que eu queria era voltar. Madiba falava menos, mesmo assim ele nunca foi o tipo de pessoa que pode ficar desocupada por longos períodos. E também estava frustrado, mas era uma situação sem saída. Ele queria ficar com sua esposa, mas não queria ficar parado em um lugar.

Primeiro, nós ficamos em um hotel em Nairóbi, lindamente cercado por árvores exuberantes, mas que bloqueavam a chegada da luz do sol ao seu quarto. Como Madiba não podia passear livremente sem que as pessoas o cercassem, passávamos a maior parte do tempo no hotel. Depois de alguns dias, decidimos nos mudar para um clube de golfe, onde pelo menos teríamos um pouco de sol e ele poderia se sentar ao ar livre. No entanto, havia pouca coisa a fazer além de ler os clippings de notícias de casa e receber algumas visitas. Do outro lado do quarto onde Madiba ficava havia um lago, cercado por árvores e arbustos. Minha imaginação corre livre quando não há nada para fazer, e eu imaginava que aquilo parecia o Lago Ness. Era um lago completamente sobrenatural e

estranho. Conteí a ele sobre o mito escocês e o monstro no lago. Alguns dias mais tarde, eu me referi ao local como o Lago Ness quando a Sra. Machel almoçava em casa, e ela me pediu para parar, pois estava assustando Madiba. Eu? Assustando Madiba? Nós rimos.

Com a ajuda do meu amigo, me mudei de casa tão logo voltei para a África do Sul. Então decidi que já era hora de alguma normalidade, e, já que eu sempre gostara de cachorros, resolvi comprar dois filhotes de boston terrier. Dei-lhes os nomes de Winston e Roxy. Muito antes, eu havia decidido que nunca teria cachorros com nomes medíocres. Eles teriam de representar figuras políticas famosas. Winston se parecia muito com Winston Churchill, e só precisava de um charuto para ser a sua imagem perfeita. Roxy era uma garota vaidosa e não tinha semelhança com nenhuma política. Pensando depois, eu poderia tê-la chamado de Christina, por causa de Christina Onassis, ou de Madeleine, por causa de Madeleine Albright, em vez de Roxy, mas esse nome combinava com ela. Logo eles se tornaram meus filhos, e, como Madiba já não ficava ansioso por viajar, era mais fácil para mim dar a meus queridinhos a atenção de que eles precisavam.

Madiba passava ainda mais tempo em Maputo, mas desistiu de escrever. Em casa, ainda gostava de se encontrar com pessoas interessantes, e, depois da competição do Ídolos da África do Sul, passou a ler sobre eles nos jornais e declarou que gostaria de conhecer os mais jovens, e nós cuidamos disso. Então um policial levou onze tiros enquanto trabalhava e milagrosamente sobreviveu. Madiba leu sobre isso no jornal e quis conhecê-lo. Em alguns dias ele dizia que queria encontrar as pessoas, e, quando elas chegavam, ele simplesmente não estava disposto a interagir com estranhos. Ficou mais difícil saber o que ele queria, e estava claro que precisávamos ser mais pacientes e compreensivos. É um processo natural, parte do envelhecimento. Você muda de opinião com frequência à medida que os anos passam.

A partir dessa época, tudo começou a ficar mais calmo. Madiba ficava em Maputo com sua esposa a maior parte do tempo e só vinha à África do Sul quando tinha algum compromisso importante. A Sra. Machel precisava continuar com seu trabalho. Sendo a pessoa dinâmica que era, tinha de seguir em frente, e ficávamos a maior parte do tempo em casa e, conseqüentemente, entediados. Em minha opinião, uma das características que atraíram Madiba para a Sra. Machel foi o fato de ela ser uma pessoa dinâmica e apaixonada, que tinha a determinação e o compromisso de fazer as coisas mudarem não só em Moçambique, mas em toda a África. Ela queria mudar o mundo. Ela era ambiciosa e, ainda que ele quisesse passar mais tempo com ela, nunca esperou que ela renunciasse a nada. A Sra. Machel tinha paixão por crianças e queria melhorar a vida de seu povo em Moçambique. Ela recebeu a medalha Nansen das Nações Unidas em 1995, em reconhecimento por seu trabalho com as crianças refugiadas, e estava determinada a continuar sendo uma voz para os que não tinham voz, algo que Madiba valorizava e admirava. Ele sempre a elogiava quando ela não estava perto.

Em janeiro de 2006, fomos outra vez para as Ilhas Maurício, convidados por Sol Kerzner. Dessa vez nos asseguramos de que o programa de Madiba estivesse livre e ele pudesse ficar dez dias e não uma semana. Foi tão agradável quanto da primeira vez. Como sempre, Jerry Inzerillo, da Kerzner International, garantiu que todas as nossas necessidades fossem atendidas, tal como fora solicitado por Sol Kerzner. O mesmo gerente, Mauro Governato, era o responsável pela propriedade e não mediu esforços para que Madiba tivesse as melhores férias de sua vida. Nós desfrutamos de completa privacidade, e ele retornou à África do Sul rejuvenescido e pronto para outro ano.

Conheci um jovem treinador na área de esportes, Prakash Ramsurrin, que declarou ser um especialista em biocinética formado. Quando ele perguntou se Madiba não praticava esportes, eu lhe contei que ele já não podia caminhar livremente sem ajuda ou uma bengala. Prakash me desafiou e disse que, se pudesse fazer

alguns exercícios de alongamento e resistência com Madiba, ele seria capaz de andar outra vez. Em geral eu ficava muito irritada quando as pessoas sugeriam coisas como essa. O Sr. Mandela tinha médicos em volta dele o tempo todo. Em minha própria frustração, eu pensava que as pessoas subestimavam nosso cuidado. Eles não sabiam que nós já havíamos procurado as coisas antes do momento em que eles se aproximavam? Os médicos não queriam escutar essas sugestões, então era eu quem escutava. E tinha de inventar os motivos pelos quais elas não funcionavam ou não seriam testadas.

Comentei com Madiba e Mum sobre as sugestões de Prakash quando voltei à vila, e eles concordaram que ele poderia mostrar os exercícios de alongamento. Na manhã seguinte, Prakash começou o treinamento. Evidentemente, ele tinha de fazer primeiro o alongamento em mim para Madiba aprovar o que seria feito com ele a seguir. Rapidamente, Madiba gostou do programa e começou a cooperar com Prakash. Antes de nossa partida, Madiba estava andando, sem ajuda e sem bengala. Estava radiante, e eu depois escrevi um bilhete para agradecer a Sol pela hospitalidade, afirmando que sua generosidade “acrescentara anos à vida de Madiba”, porque realmente achava isso. Trouxemos Prakash para a África do Sul para treinar nosso massagista, mas era necessário determinação e tenacidade para manter Madiba nos trilhos — algo que ele não estava disposto a fazer sempre. Assim, poucos meses depois, ele voltou a usar a bengala.

De volta para casa, Madiba passava mais tempo na sala de estar, e um dia declarou que era tempo de se livrar de algumas artes coloniais que estavam penduradas ali. A Sra. Machel me pediu para procurar arte africana, e eu tinha comprado algumas peças de mulheres xhosa no ano anterior para minha nova casa. Voltei à loja e pedi ao proprietário que fosse mostrar peças de arte africana para Madiba. No começo ele ficou contente com uma pintura mostrando três mulheres xhosa. Era colorida e alegre, mas duas semanas mais tarde ele disse: “Não, isso não está certo. Essa pintura mostra só mulheres, tem de ter um homem também”. Um homem tinha de ser

adicionado. A pintura foi enviada ao artista, que adicionou um homem xhosa à imagem. Compreendi que a mente de Madiba estava programada para ser completamente representativa e equilibrada em toda e qualquer situação. Não era mais uma decisão consciente, mas parte da fibra da pessoa e uma reação que vinha naturalmente. Tinha de haver espaço para todos, e tudo tinha de estar perfeitamente equilibrado.

Quando você testemunha isso todos os dias, você se torna também um pouco assim. Todo o seu ser muda por estar ao lado de alguém como Madiba. De fato, como dizem, seja gentil com todos, porque nunca sabemos de suas batalhas. Aprendi a apreciar mais os estranhos, a agradecer adequadamente a uma pessoa e a tentar ser respeitosa, sempre tendo em mente que a maneira como você se aproxima de uma pessoa determinará a forma como essa pessoa tratará você — uma das grandes lições de Madiba. Observando-o durante todos aqueles anos, terminei por compreender a verdade no ditado “as pessoas esquecerão o que você disse, mas nunca esquecerão como você as fez sentir”. Sempre cumprimentar as pessoas de maneira amigável e respeitosa me mostrou a verdade que existe nisso.

O Presidente Clinton visitava regularmente a África do Sul. Em 2007, ele concordou em participar de uma arrecadação de fundos que beneficiaria a fundação. Essa era uma daquelas ocasiões nas quais eu chamava alguns de nossos amigos para apoiar esse tipo de evento. E eles apoiavam. Clinton doou alguns suvenires pessoais para serem leiloados. Levantamos a fantástica soma de 18 milhões de randes (1,7 milhão de dólares americanos) em apenas uma noite, com menos de uma centena de pessoas como público. Sem precedentes na África do Sul. A soma foi acrescentada à dotação da fundação para assegurar sua sustentabilidade.

Infelizmente, até hoje a Fundação Nelson Mandela é a única das três obras beneficentes de Mandela que não conseguiu atingir a dotação necessária para seu sustento permanente. Sempre tínhamos

de compartilhar o arrecadado com outras obras cujas áreas de foco, crianças e educação, são coisas que atraem a boa vontade mais facilmente. Nunca tive um salário extra para esse trabalho. Nunca foi parte do previsto em meu emprego organizar eventos ou arrecadação de fundos, mas era o que eu esperava de mim mesma. Eu acreditava tanto na necessidade de preservar o legado de Madiba, para as pessoas e gerações futuras serem capazes de aprender com o homem, mesmo depois que ele já não estivesse entre nós, que não queria poupar esforços para fazer com que tudo funcionasse de acordo. No entanto, era triste quando as pessoas da minha família me perguntavam: "Por que uma secretária tem de fazer isso e aquilo...?". Eu era incapaz de responder, mas imagino que a melhor resposta seria: porque ninguém mais faz. Sou eternamente grata às pessoas que atendiam meus telefonemas, que me deram apoio quando lhes pedi, e pelas amizades e relacionamentos construídos ao longo desses anos.

Durante a visita do Presidente Clinton à fundação, no dia anterior ao da arrecadação, ele fez um discurso muito emocionante no qual falou sobre Madiba:

Eu lamento muito, mais do que consigo dizer, mas nunca estive em uma posição como a de Robert Kennedy para falar contra ou fazer alguma coisa para ajudar meu amigo [Madiba], quando ele sofria em todos aqueles longos anos. Mas ele sobreviveu, e acredito que Deus tinha ordenado que assim fosse por uma razão, e agora, na graça e beleza de seus últimos anos, ele nem precisa dizer nada para que nós saibamos que você fica melhor, sente-se melhor e vive melhor se acredita que nossa humanidade comum é mais importante do que nossas diferenças de interesses.

Foi emocionante e tocante de todas as maneiras possíveis e, para mim, um dos melhores discursos que Clinton fez em nossa presença.

Também começamos uma amizade com Gordon Brown e sua equipe. Nós o conhecíamos como político britânico, mas ele era apaixonado pela África como chanceler do Reino Unido e trabalhava muito para conseguir que os governos atingissem os “Objetivos de Desenvolvimento do Milênio”. Ele se preparava para assumir o cargo de primeiro-ministro no lugar de Tony Blair, que sofria politicamente depois do envolvimento do Reino Unido no Iraque. Gordon era humilde, e Madiba gostou dele. O CNA era um aliado do Partido Trabalhista inglês, mas não em seu apoio à violência ou guerra. Gordon tinha o ideal de se retirar do Iraque, mas, da mesma maneira que o Presidente Obama herdara uma situação muito complexa de Bush, Gordon herdou de Tony Blair desafios semelhantes. Tony era charmoso, e eu também era próxima de sua equipe no escritório, mas era como se a pessoa pública e a privada não se casassem: em conversas privadas, eu gostava dele e de suas ideias, mas politicamente ele tomava decisões que contradiziam aquela pessoa. Para mim, Gordon era um gigante generoso. Ele também visitou Moçambique, onde lançou um projeto de educação com Madiba e a Sra. Machel.

Alguns anos mais tarde, Shaun Johnson, diretor executivo da Fundação Mandela Rhodes, queria que Madiba se encontrasse com David Cameron em uma de nossas visitas a Londres. Na época ele era o líder do Partido Conservador do Reino Unido, de oposição. Shaun também disse que David poderia ser o próximo primeiro-ministro. Dessa vez eu sabia que não devia dizer em voz alta, embora assim pensasse: certo, como se durante minha vida um conservador se tornasse primeiro-ministro do Reino Unido outra vez — reação semelhante à que tive quando me disseram que Barack Obama poderia se tornar o primeiro presidente negro dos Estados Unidos. Mas isso aconteceu a ambos, portanto fiquei contente por termos também concordado em encontrar David Cameron naquele momento.

Madiba continuava enviando mensagens conflitivas para todos nós em relação a seu “status” de aposentado. Um exemplo foi o

lançamento do Elders, um grupo global de líderes e formadores de opinião que faziam declarações conjuntas sobre questões relativas à paz e aos direitos humanos. A ideia começou no começo dos anos 2000, durante um almoço na casa do empresário Richard Branson, em Londres. O músico Peter Gabriel e Richard Branson sugeriram a ideia, uma organização de estadistas mais velhos que dessem orientações em termos da constante luta mundial para encontrar justiça e paz. Embora fosse uma iniciativa brilhante, Madiba já estava demasiado velho e cansado para participar de algo assim ativamente, mas foi inflexível em sua vontade de apoiar o projeto. Foi combinado desde o começo que ele iria lançá-lo e depois renunciaria imediatamente. No princípio, ele deu seu consentimento para que a iniciativa fosse lançada com seu apoio, tendo em mente que a formação da entidade oferecia conselhos muito necessários sobre questões globais, de um grupo independente formado por pessoas influentes e respeitadas.

Quanto mais as coisas mudam, mais permanecem as mesmas. Às vezes, Madiba ficava em casa por alguns dias e depois anunciava que desejava ir a uma loja comprar uma caneta. Eu então me oferecia para ir comprar a caneta, já que sabia exatamente com quais canetas ele gostava de escrever — a Bic comum, de plástico. Quando eu me oferecia para fazer isso, ele resistia e dizia que eu compraria a caneta errada, então eu entendia que ele simplesmente queria estar entre pessoas, e era uma desculpa perfeita para ir até um shopping. Era o pior pesadelo para mim e para os homens da segurança. Tínhamos grande dificuldade para fazê-lo entrar e sair de shoppings, e não adiantava tentar enganá-lo indo a uma papelaria na rua. Tinha de ser num shopping. Ele retornava com as canetas simples.

Em uma ocasião, ele foi a Sandton City, um grande shopping nos arredores de Joanesburgo. Estava decidido a comprar uma caneta, e os seguranças de plantão o levaram à loja Mont Blanc, sem saber que uma Bic seria suficiente. Eu não estava com ele no momento. Ele escolheu a caneta e, quando estava prestes a pagar, se deu

conta de que não trazia nenhum dinheiro consigo e que ninguém da segurança tinha a quantia, mesmo se todos eles juntassem o dinheiro que tinham no momento, para pagar pela caneta. Claro que não. Os policiais da África do Sul são das pessoas mais mal pagas em nosso País, mesmo que seja esperado deles que “protejam e sirvam”.

De qualquer maneira, Madiba nunca levava dinheiro com ele, e só ocasionalmente pedia alguma quantia para alguém, mas depois esquecia ou dava para os netos. Como resultado, sua carteira estava sempre vazia. A única coisa permanente dentro dela era um cartão de visita da Sra. Machel. Era carinhoso. Eu então recebi um telefonema nervoso da segurança dizendo que Madiba pedia que eu, por favor, pagasse a caneta. Pedi para falar com o dono da loja para fazer os arranjos necessários, mas o homem disse que me ligaria mais tarde e me enviaria a fatura.

A Mont Blanc pertence à família Rupert. Eles eram amigos de Madiba havia muitos anos, primeiro o pai, Anton Rupert, e mais tarde o filho, Johann Rupert, que agora dirigia a dinastia de algumas das mais bem-sucedidas marcas de luxo no mundo, tal como Cartier, Mont Blanc, Van Cleef & Arpels etc. De nenhuma maneira Madiba se lembraria ou saberia que a Mont Blanc pertencia aos Ruperts, e a intenção da segurança foi boa quando o levaram lá para comprar uma boa caneta, achando que ele teria dinheiro para pagar por ela. Claro que Johann não deixaria Madiba pagar pela caneta, e enviou o recado de que era um presente. Madiba não queria aceitar, mas no fim não teve escolha, e Johann ganhou a batalha. Até ficar doente, Madiba a levou em seu bolso, referindo-se a ela como a “caneta presidencial”. Era uma caneta-tinteiro, e nós tentávamos evitar que ele a usasse simplesmente porque isso iniciaria um processo para achar a tinta e enchê-la, e ela não escrevia imediatamente, e assim o que quer que precisasse ser assinado se transformaria em uma confusão.

Madiba tinha poucas coisas pessoais que eram sagradas para ele. Suas duas canetas, seu relógio de pulso, sua carteira vazia, sua bengala de marfim e o estojo de seus óculos de leitura e também seus aparelhos de audição. O mais importante, claro, era seu anel de casamento, que ele usava sem falhar, fosse quando estivesse dentro de casa ou fora, trabalhando ou descansando. Esses itens tinham de ficar bem arrumados ao lado de sua cama toda noite, e eram os primeiros que ele procurava quando acordava. Sempre que viajávamos em voos comerciais, ele me dava a carteira para guardar até que chegássemos. Achava que ficava mais segura comigo do que com ele. Mas, em geral, eu ficava apenas a alguns assentos de distância dele, nem mais segura nem menos do que no lugar onde ele estava. Além disso, ela estava sempre vazia. Em uma ocasião, em casa, colocaram alguma coisa em sua mala e não em sua bagagem de mão, e ele insistiu em tê-la com ele durante o voo. Foi preciso muito argumento para o capitão da aeronave permitir que eu fosse junto com a segurança ao compartimento das bagagens para procurar o item, já que ele não se tranquilizaria sem isso. Ele era meticuloso sobre algumas coisas.

A outra coisa considerada sagrada eram seus jornais. A ninguém era permitido ler os jornais antes dele. Ele não gostava de jornais que já tivessem sido abertos. Você tinha de tirar os folhetos de publicidade, sem abrir os jornais. Ele recusava sem rodeios o jornal que já tivesse sido aberto. E não importava o que se fizesse: nunca alguém podia se oferecer para dobrá-lo quando ele terminava de ler. Ele insistia em fazer isso ele mesmo, ainda que a Rainha ou Deus esperassem por ele. Ele não tinha pressa em dobrar meticulosamente os jornais e as mantas para os joelhos. Cheguei à conclusão de que não havia razão ou necessidade de tentarmos mudar isso. Claramente ele tinha tempo para fazer isso na prisão, e o costume ficou tão arraigado que se tornou parte de sua vida cotidiana. Muitas vezes eu tirava os sapatos dele, e então o ajudava a pôr seus pés em um apoio. E aí de mim se os sapatos não estivessem arrumados perfeitamente próximo a ele, onde pudesse vê-los. Não pense que era possível escondê-los debaixo de uma

cadeira ou deixá-los de qualquer jeito. Logo você seria chamado de volta com um pedido para arrumá-los direito. Era parte da pessoa disciplinada que ele era. “Zeldina, venha arrumar isso”, ele diria, me chamando de volta para colocar os sapatos onde ele pudesse vê-los, precisamente ao lado um do outro, de frente para a mesma direção.

Em muitas ocasiões, Madiba declarava que gostaria de ir a uma livraria. Ele tinha mais livros do que muitas lojas estocavam, e eu então tentava a sorte perguntando o que ele procurava, pois eu podia ir comprar para ele, evitando sermos assediados pelo público. Ele então dizia que queria procurar um livro específico, e eu sabia que não deveria perguntar o título, ou então confessava que queria ir simplesmente olhar os livros. Mas ele queria dizer que também queria ver as pessoas. Logo a livraria virava uma confusão. Todos esqueciam por que originalmente haviam ido à livraria, enquanto eu tentava fazer com que ele se concentrasse nos títulos e seções para que pudéssemos sair assim que possível. As pessoas o soterravam completamente, e muitas vezes temíamos que o matassem com tanta gentileza.

Às vezes ele folheava um livro e, se as letras fossem muito pequenas, mesmo que o livro fosse interessante, ele o deixava para trás. Mais de uma vez pedimos à Naspers, uma das maiores companhias editoriais da África do Sul, para reimprimir um livro para ele com uma fonte maior. Eles ficavam felizes em atender ao pedido. Com certeza Madiba sempre saía com alguns livros que ganhava de presente, mas em geral insistia em pagar e ser tratado como um cliente normal, ou ameaçava não voltar nunca mais. Outras pessoas aceitariam qualquer coisa de graça, mas não Nelson Mandela. Ele insistia em pagar, e só ocasionalmente aceitava algo de graça. Às vezes ele comprava apenas um livro e às vezes saíamos com caixas deles. Muitos deles, tenho certeza, nunca foram lidos até a segunda página.

Ele amava os autores sul-africanos e as biografias. Um de seus livros favoritos era de um poeta africâner, C. Louis Leipoldt (1880-

1947). Ele visitou o túmulo de Leipoldt no Cabo Ocidental, em 1999. Em algumas ocasiões, comprava livros de Antjie Krog, a famosa escritora sul-africana, autora de *Country of my skull*, e eu tentava lhe explicar que já tínhamos dois exemplares em casa, mas ele insistia e não adiantava discutir. Ele até se irritou comigo uma vez quando eu disse que já tínhamos o livro, e então compramos o quarto ou quinto exemplar.

Ele também declarava eventualmente que precisava de um dicionário. Depois de comprarmos alguns, em diferentes ocasiões, compreendi que uma das coisas mais estúpidas que eu poderia fazer era dizer que tínhamos comprado um dicionário algumas semanas antes. O dicionário era apenas uma desculpa para ir a uma livraria, e acho que devo ter comprado vinte dicionários Oxford de letras grandes para ele. Mesmo em outros países, ele às vezes declarava que precisava de um dicionário e nós seguíamos em busca da livraria mais próxima do hotel para comprar o dicionário, que voltava conosco para casa sem uma página ter sido folheada. Ele simplesmente não conseguia dizer: "Eu quero estar entre as pessoas", ou "Eu quero ver a cidade". Acho que pensava que pareceria fútil se fizesse isso, então preferia inventar a boa desculpa de comprar um dicionário ou uma caneta. Ele jamais podia fazer as coisas que damos como naturais, mas só depois de ter sua liberdade tirada é que você se dá conta do quanto elas valem.

Estranhamente, a seção africâner nas livrarias sempre o atraía. Ele se refere a seu amor pelos escritos de Langenhoven, escritor africâner, em *Conversations with myself*:

Bem, primeiro ele escrevia com muita simplicidade. E, segundo, era um escritor de muito humor, e certamente parte de seus escritos era para libertar o africâner do desejo de imitar o inglês. Sua ideia era instilar orgulho nacional entre os africâneres, portanto eu gostava muito dele.

Eu me agarrei a essas palavras, tentando instilar orgulho entre os jovens africâneres por quem e por que são. Para ele, era importante que a pessoa permanecesse como indivíduo e abraçasse sua história e seus ancestrais, e com frequência eu recitava essas palavras quando me via em conversas com jovens africâneres.

Em Pretória, fomos a uma livraria uma vez, na área próxima à Universidade, bem no meio da área estudantil. Saíamos da cerimônia de graduação de seu neto quando o comboio de escolta parou completamente. Pulei do meu carro (em geral eu acompanhava em meu próprio carro) para perguntar à segurança por que havíamos parado. A resposta foi simples. Nós estávamos indo para a livraria. Passamos por alguns livros, e então ele parou na frente de uma prateleira de línguas estrangeiras. Era possível comprar fitas e livros para ajudar a aprender idiomas. E assim compramos um kit para aprender português. Como Madiba passava muito tempo em Moçambique, queria aprender a língua e entender o português que se falava quando ele estava em Maputo. Ele me fez prometer não contar à Sra. Machel que ia tentar aprender português, pois queria surpreendê-la aprendendo a língua dela, um gesto muito romântico. Acho que o pacote nunca foi aberto e não sei o que aconteceu com o kit, mas só conseguíamos falar "bom dia", "obrigado" e "por favor".

Em 14 de novembro de 2006, Madiba se dirigia ao Saxon Hotel, onde almoçaria com Morgan Freeman. Seguíamos em comboio, como era usual, e eu dirigia meu carro, seguindo a caravana, como em geral fazia. Estávamos atrasados. Era sempre uma batalha afastar as pessoas de Madiba para que ele não chegasse tarde para nada, pois eu sabia quanto a pontualidade era importante para ele. Esse era um daqueles momentos, e tentávamos nervosamente escapar do trânsito para que ele chegasse a tempo para o almoço. Eram luzes azuis e sirenes por toda parte tentando passar pelo trânsito parado.

Em uma interseção do tráfego onde tínhamos de dobrar à direita (tendo em mente que na África do Sul dirigimos no lado esquerdo da rua), entrávamos em um cruzamento com o sinal verde, e um policial fechou a interseção como de costume, bloqueando o tráfego com um dos veículos, para permitir que o carro principal desse a ré para suavemente sair e entrar no cruzamento, mesmo se as luzes dos semáforos estivessem vermelhas. Então eles fizeram exatamente isso, e começamos a entrar no cruzamento. Um homem em um carro esportivo veio em alta velocidade, usando fones de ouvido, e obviamente não ouviu as sirenes nem reparou no que acontecia a sua frente. Ele se chocou contra o carro da segurança que bloqueava o cruzamento. Tudo pareceu acontecer em câmera lenta. Eu pude ver o BMW X5 levantando no ar com o impacto. O comboio parou por alguns segundos, e foi realmente a primeira vez que vi a Unidade de Proteção Presidencial em ação. Eles eram excepcionalmente bons.

Os guardas de segurança no veículo com o qual o carro esportivo se chocou agarraram suas armas e entraram nos outros carros, incluindo o meu, para que tirássemos Madiba do local tão rápido quanto possível. Deixamos o carro batido e dois dos seguranças para trás e fomos direto para o hotel. Madiba olhava para outra direção no momento do acidente e não ouviu o impacto, pois seu carro era fortemente blindado, e, assim, à prova de som até certo ponto. A segurança deixou Madiba no hotel e então se apressou de volta para ajudar os colegas. Telefonei para uma amiga cujo escritório ficava bem ao lado do local do acidente. Ela mandou alguns funcionários de sua equipe para ajudar nosso pessoal. Madiba almoçou com Morgan como se nada tivesse acontecido. Lori, sócia de Morgan, que estava com ele, disse que todos parecíamos visivelmente chocados quando chegamos, exceto Madiba. Isso era razoavelmente típico. Muito pouco o afetava, porque, onde quer que ele estivesse, camadas e camadas de proteção absorviam a pressão do cotidiano a sua volta.

Era o ano em que o filme *O Último Rei da Escócia* foi lançado no circuito comercial, e, tendo esgotado as ideias de como mantê-lo ocupado sem que trabalhasse, perguntei a Madiba se ele queria ir ver o filme, já que tratava de uma história que conhecia tão bem. Nu Metro reservou todo o cinema para Madiba, e conseguiu uma apresentação privada em uma hora conveniente para ele, nos ajudando, claro, a entrar pela porta dos fundos do cinema. Quando alguém lhe ofereceu pipoca, ele disse: “Não, eu já comi muito disso na vida, agora é a vez dos jovens como eles [apontando para mim e para o segurança]”. Duvido que Madiba alguma vez tenha sido apresentado à pipoca, mas, como ele jamais fazia lanchinhos fora de hora, não estava interessado em começar. Ele gostou muito do filme, e, quando eu lhe contei que Forest Whitaker, que fez o papel de Idi Amin, visitava a África do Sul, ficou ansioso por conhecê-lo. Em duas outras ocasiões ele foi ao cinema, uma para ver *Fahrenheit 9/11* — o filme de Michael Moore — e outra para ver *A Rainha*. Durante a exibição do último, ele se virou para mim algumas vezes e sussurrou quando via Helen Mirren na tela: “Essa é a Rainha, certo?”. Era precioso ver alguém como Madiba gostar de um filme, uma coisa a que ele não estava acostumado, mas que nós achamos tão normal.

Eu me lembro quando o diretor de cinema sul-africano Gavin Hood ganhou um Oscar pelo filme *Tsotsi*, apresentando os atores sul-africanos, Terry Pheto e Presley Chweneyagae. Os três vieram visitar Madiba em sua residência na Cidade do Cabo depois de retornarem de Los Angeles, e ficamos extremamente orgulhosos deles. Essa foi apenas a segunda vez que sul-africanos ganhavam um Oscar (depois de Charlize Theron), e foi notícia por vários dias. Madiba estava tão entusiasmado por segurar um Oscar que, brincando, perguntou a eles se não podiam considerar lhe dar esse. Houve uma completa confusão na cara de Gavin Hood. É claro que você daria o seu Oscar para Nelson Mandela. Ou não.

No começo de 2007, o Príncipe Albert de Mônaco se ofereceu para fazer um evento de arrecadação de recursos para a fundação, junto com a sua própria fundação, desde que Madiba comparecesse

em Mônaco. Madiba estava cansado de viajar, e só queria ficar em casa e passar seu tempo com a Sra. Machel. No entanto, quando a realza o convidava, ele ficava ansioso para aceitar. Ocasionalmente, ele sugeria que viajássemos para algum lugar, depois esquecia, e sabíamos que ele não estava tão interessado ou então se lembraria. Eu fui encarregada por Achmat Dangor, nosso diretor executivo na época, de trabalhar com um colega e o escritório real de Mônaco para o evento.

Eu viajava para Mônaco todo mês. Tínhamos encontros com o pessoal do escritório do Príncipe Albert, mas logo se tornou claro que, como qualquer outra administração, eles tinham suas próprias batalhas pelo poder. Foi uma das tarefas mais difíceis de negociar.

Procurei todos os conhecidos que tivessem algum dinheiro para vender mesas para eles. Enviei e-mails contando sobre os itens do leilão que seriam vendidos. No fim, a maioria dos amigos de Madiba compareceu. Foram meses de intensa comunicação com pessoas ao redor do mundo para convencê-las a apoiar a iniciativa e viajar até Mônaco, à sua própria custa, para participar do leilão. Foi um sucesso. Tudo valeu a pena, e eu fiquei orgulhosa do que havíamos conseguido. A fundação angariou uma quantidade considerável de recursos, formando a tão necessária dotação para assegurar seu sustento no futuro, mas ainda não o suficiente para se sentir segura.

Em uma de minhas visitas a Mônaco, fui parar no hospital. Pensei que estivesse com pneumonia. Além do fato de que ninguém conseguia entender uma palavra do inglês, o que tornava quase impossível um simples procedimento como examinar uma paciente, o hospital não era bom. Assim que pude me levantar, tomei um avião para Londres, onde dois de meus ex-colegas, um médico e um guarda-costas, moravam, e tive de contar com a ajuda deles. A ironia foi que eu pensava estar morrendo, e as únicas pessoas que me ajudaram foram meus ex-colegas. Não havia nenhuma outra estrutura de apoio em minha vida, e eu compreendi que me tornara isolada em meu ambiente de trabalho.

Antes de viajar para Mônaco, Madiba e a Sra. Machel pararam em Londres para inaugurar uma estátua de Madiba na Parliament Square. Entre as tarefas de organização do evento em Mônaco, eu também tinha de me reunir regularmente com Wendy Woods, esposa do falecido Donald Woods, ambos ativistas contra o apartheid, para preparar a inauguração. Wendy dirigia o comitê de organização junto com Richard Attenborough. Eu o adorava, e achava ótimos os encontros com ele. Era um acontecimento histórico, e uma das poucas ocasiões em que Madiba foi convencido a inaugurar uma estátua sua. Ele jamais gostou de coisas com seu nome, estátuas, homenagens. Constantemente ele nos lembrava de que havia outros heróis da luta que também deveriam ser reconhecidos e homenageados. Mesmo que concordasse com uma estátua como essa, não gostaria de ele mesmo ir à inauguração, por receio de parecer presunçoso.

Tínhamos um relacionamento muito próximo com os Brown e sua equipe, e era sempre um prazer visitá-los. Embora Gordon Brown fosse estar presente na inauguração da estátua alguns dias mais tarde, era apropriado que lhe fizéssemos uma visita de cortesia antes da cerimônia. Em 28 de agosto de 2008, antes de entrar no número 10 da Downing Street, falei a Madiba sobre a imprensa, que esperava nossa chegada, e informei que tínhamos combinado com o pessoal do primeiro-ministro que haveria uma breve oportunidade para fotos quando ele encontrasse Madiba e a Sra. Machel. Madiba estava ficando muito desmemoriado, e ele mesmo admitia isso em público. Precisava de lembretes constantes do que se esperava dele, e avisos a cada minuto sobre o que teria de fazer a seguir. Mas também sempre havia momentos de clareza completa, quando ele surpreendia a todos com seu afiado senso de humor, com total consciência do que fazia e se colocando no mesmo nível.

Eu tinha avisado que não se esperava que ele respondesse a nenhuma pergunta da imprensa quando chegasse a Downing Street, mas ele poderia simplesmente dizer que estava feliz por estar ali e

se encontrar com Gordon Brown. Quando entramos, os dois trocaram gentilezas, Madiba se virou para os jornalistas e, brincalhão, disse: “Minha esposa e eu estamos orgulhosos e felizes por estarmos aqui porque, como vocês sabem, este foi um dos nossos donos, mas nós os derrotamos. Agora estamos em bases iguais”. Todos começaram a rir. Isto é, todos, exceto eu. Fiquei chocada e não sabia como a mídia receberia tal declaração. Madiba tinha um ótimo senso de humor, e esse foi seu jeito de enfatizar que tínhamos nos afastado do colonialismo.

Tentávamos ser cuidadosos para evitar situações em que ele pudesse se sentir sobrecarregado, e isso aumentava o estresse e a tensão. Eu já não me sentia mais preocupada quando tinha de entregar o discurso dele no pódio. Minhas inseguranças agora giravam em torno dele. Ele vai ficar bem? Vai aguentar a pressão? Toda vez que ele subia num palco e se posicionava atrás do pódio, o velho Madiba voltava, e ele ficava tão firme como sempre. Era difícil para nós, mais jovens, testemunhar o processo de envelhecimento, e nem sempre sabíamos lidar com isso. Era preciso adaptar e ajustar coisas o tempo todo, pensar, planejar, trabalhar com todo cenário possível para ter certeza de que ele estaria bem e que toda eventualidade possível poderia ser enfrentada. No decorrer dos anos, marcar um simples encontro mudou de “sim, claro, está confirmado” para “vamos confirmar quando estiver mais próximo da data” a “é difícil prever qualquer data neste momento” a “simplesmente já não é possível”. Isso também tinha suas próprias metamorfoses e uma linha de envelhecimento.

Depois do sucesso do evento em Mônaco, também fomos a Paris. O Presidente Sarkozy veio ao aeroporto nos receber, e Madiba ficou comovido com sua gentileza; nos anos seguintes, repetia que fora extremamente cortês um chefe de Estado vir até o aeroporto encontrar um ex-presidente. Foi a primeira vez que ficamos no Ritz Hotel depois da morte da Princesa Diana. Sendo quem eu sou, secretamente pedi ao gerente que me mostrasse o caminho que ela percorreu e contasse os acontecimentos exatos e os passos daquela

noite. Eu não tentava investigar a questão, mas compreender como poderia ter sido aquela noite.

Eu sabia que muitas das pessoas que eu amava estavam envelhecendo. Madiba completou oitenta e nove anos em 2007. Eu fazia questão de nunca esquecer o aniversário de outras pessoas. Quando alguém ficava doente, mandávamos flores e, às vezes, ligávamos para saber se estava bem, sem querer nenhuma outra coisa em troca. Era minha maneira simples de investir em relacionamentos, e para mim não fazia sentido (e era indelicado) só telefonar para alguém quando você queria alguma coisa. Recentemente, eu li: "A vida leva pouco tempo e um punhado de relacionamentos", e isso diz tudo.

Penso que as pessoas se perguntam com o que eu me ocupava na fundação, já que era difícil medir os resultados, exceto por algumas iniciativas específicas de arrecadação de fundos que eu era incumbida de organizar. Eu mantinha relacionamentos. Comparecia a almoços, cafés da manhã, e tomava mais café do que o aconselhável para um ser humano, para mostrar genuinamente nosso agradecimento e interesse nas pessoas, quer elas nos dessem dinheiro ou não. Às vezes eu me sentia sobrecarregada, não sendo, geralmente, uma pessoa muito sociável. Mas, de qualquer maneira, eu mostrava interesse, e isso era sempre genuíno, e tinha melhores intenções. Fazia questão de que todos recebessem cartões de Natal ou felicitações pelo Ramadã ou pelas festividades judaicas. À medida que foi envelhecendo, Madiba já não podia fazer isso pessoalmente, e depois a fundação não podia mais bancar a impressão de milhares de cartões. Mesmo assim, eu tentava manter esses pequenos gestos. Madiba me ensinara que a coisa mais importante que qualquer pessoa pode dar é o seu tempo. Ele escreveu em uma carta para sua filha Zindzi, datada de 1º de março de 1981, enquanto estava na prisão, e a reproduziu em *Conversations with myself*.

Muitas vezes, enquanto caminho para lá e para cá na cela minúscula, ou fico deitado na cama, minha mente vagueia longe, relembrando esse episódio e aquele erro. Entre esses está o pensamento sobre se em meus melhores dias fora da prisão eu mostrei suficiente apreço pelo amor e pela gentileza de tantos daqueles que foram meus amigos e inclusive me ajudaram quando eu era pobre e lutava.

O que depreendo daí é que, para ele, era de vital importância ser cortês e grato em todas as horas, pois nunca sabemos se teremos a oportunidade de agradecer às pessoas ou mostrar nosso respeito pelo que fizeram por nós.

Naquele ano, era também o aniversário de setenta anos de meu pai; o da minha mãe seria no ano seguinte. Decidimos tirar férias em família. Meu irmão, seu companheiro e eu dividiríamos os custos. Eles não iam às Ilhas Maurício desde o final dos anos 1970, então partimos para o resort Sugar Beach. Enquanto estávamos lá, o companheiro de meu irmão, Rick, recebeu um telefonema de seus pais que estavam cuidando de todos os nossos cachorros. Acho que eram dez cachorros em sua pequena fazenda nos arredores de Pretória. Lembro que ele falava ao telefone e se levantou da mesa. Quando retornou, fui buscar comida no bufê. Quando voltei, as coisas estavam sombrias na mesa; perguntei sobre meus cachorros e eles disseram que tudo estava bem. No entanto, meu irmão é uma pessoa estranha. Ele parecia irritado comigo, e pude perceber que alguma coisa estava errada. Na noite em que voltamos para casa, me apressei até a pequena fazenda para buscar meus cachorros. Assim que estacionei, vi que meu pai já estava lá. Seguiu direto do aeroporto para chegar à fazendinha antes. Ele veio até mim, pegou minha mão e disse: "Zelda, Roxy morreu". Minha bebê. Minha bebezinha estava morta. Ela estava no cio quando viajamos, e as cachorras ficavam todas em uma pequena área onde uma briga começou. O resto dos cachorros formou um bando e matou a mais fraca.

Foi um dos dias mais tristes de minha vida. Lamentei cada minuto que não passei com ela e quis culpar meu trabalho por isso. Como eu poderia ter filhos se nem sequer encontrava tempo para passar com cachorros? Essa era minha filha ou o mais próximo de uma criança que eu jamais tive, e eu sentia que havia falhado.

Tive de me sentar por um longo tempo e decidir que essas eram escolhas que eu havia feito na vida. Não havia ninguém a culpar exceto eu mesma, mas não posso usar a palavra "culpa" quando tinha havido tantos privilégios e oportunidades. Chorei, guardei luto e não fui trabalhar por três dias depois da morte de Roxy. Isso foi cinco dias antes de a 46664 organizar um concerto em Joanesburgo. Eu não conseguia me controlar, e foi a pior coisa que me aconteceu até então. Levei pelo menos um ano para superar a morte dela, e até hoje ela tem seu lugar em minha casa.

Roxy tinha dado cria um ano antes, e eu tinha vendido seus filhotes (dois deles tinham morrido muito pequeninos). Eles todos ganharam nomes, bons nomes de políticos, antes de me deixar, inclusive Indira, por causa de Indira Gandhi, a terceira primeira-ministra da Índia, assassinada em 1984. No entanto, depois que Roxy morreu, as pessoas que haviam comprado Indira me telefonaram para dizer que teriam de desistir dela, já que ela não se adaptava bem e eles estavam preocupados com seu filho. Eles queriam me pedir que, se eu encontrasse outra casa para ela, eles a doariam; caso contrário, teriam de sacrificá-la. Mandei buscá-la no mesmo dia, e, além de seu pai, Winston, ela é agora o amor de minha vida. Ter boston terriers é terapêutico para mim. Eles me ajudaram nos tempos mais difíceis. São eles que me fazem falta quando eu viajo, e é neles que eu penso quando estou trabalhando. Gosto de brincar e dizer que pelo menos não tenho de pagar taxas escolares para minhas "crianças". Assim, o que eu gastaria em escolas com elas pode ser investido nos meus passeios de moto!

10 *A maior ação da minha vida para angariar fundos*

Madiba chegava aos noventa e eu contava trinta e oito anos. Jamais nos imaginei chegando juntos a essas idades. No entanto, eu sentia como se o tempo houvesse passado rapidamente. Começava a compreender a extensão do real valor de meus privilégios e experiências. Mais do que nunca, eu desejava contribuir com o que fosse necessário para assegurar que seu nonagésimo aniversário marcasse o maior levantamento de recursos de nossa história — em sua homenagem.

Madiba já não estava tão disposto a deixar o País em suas férias. Todos os anos, em janeiro, a casa de Houghton tinha de ser fechada por algumas semanas para as férias da equipe. Nós também servíamos Madiba em Qunu, o que significava que ir para lá não era uma opção. A Sra. Machel me pediu que procurasse algumas opções, então eu falei com um bom amigo, Jabu Mabuza, presidente da Tsogo Sun na África do Sul (cadeia de hotéis presente na África, Oriente Médio e Oceano Índico). Decidimos por Noetzie, onde alguns castelos foram construídos na costa, sem acesso fácil público. Os castelos são rodeados pela floresta de Knysna, e Madiba adorou se sentar no jardim, olhando para a floresta. Muito depois dessas férias ele às vezes me perguntava: “Aliás, Zeldina, você nos levou para a floresta de Knysna, certo?”. “Sim, Khulu”, eu respondia.

No começo do ano recebemos um telefonema do ex-ministro do Exterior da época do apartheid, Pik Botha, informando que Stephen Hawking estava com uma visita programada à África do Sul e queria encontrar Madiba. Eles mantinham contato por intermédio de uma universidade na África do Sul. Botha havia deixado o velho Partido Nacional, no ano 2000, e se filiado ao CNA. É claro que Madiba

recebeu bem essa mudança em favor do CNA, sejam quais tenham sido os motivos. No início dissemos não ao encontro, mas depois de muita conversa revertemos essa decisão, como ocorreu em muitas outras ocasiões.

Concordamos com Botha sobre uma pauta para a reunião. Madiba já não era capaz de lidar com surpresas. Estava envelhecendo rapidamente e precisava de uma direção clara. Botha estava acompanhado pelo Professor Block, um físico da Universidade de Joanesburgo, famoso por distribuir peças de "rochas da lua" — ele chegou a presentear Madiba com uma dessas anos atrás.

Era maravilhosa a experiência de conhecer Stephen Hawking, mas era preciso ter concentração para fazer alguém com noventa anos de idade e quase nenhuma experiência com tecnologia se comunicar com ele, pois tudo era feito através de um computador. Sem perceber a dificuldade de Madiba, Botha interferia a todo instante, e em algum momento senti minha face queimar quando lhe disse: "Sr. Botha, por favor, pare. Não podemos todos tentar dizer a Madiba como fazer isso. Deixemos que ele descubra por si mesmo, pois já lhe expliquei". Esse era muitas vezes o problema. Algumas pessoas pensavam que Madiba era desprovido de inteligência, ou vários na sala tentavam dizer a ele como fazer alguma coisa por conta de sua idade, o que não ajudava em nada. Os aparelhos de audição de Madiba logo cortavam todas as vozes, e ele ficava confuso.

Quando se tenta pedir que as pessoas não interfiram, elas se ofendem, mas poucos sabem lidar com alguém de noventa anos que tenta ter uma vida profissional. O encontro com Stephen Hawking, portanto, não rendeu uma boa conversa, e, para coroar tudo, a despeito de havermos concordado que não surpreenderiam Madiba durante a reunião, apareceram livros e mensagens que o Prof. Block e Botha queriam que Madiba autografasse. Fiquei furiosa. Era evidente que não tinham o menor respeito pela pauta que haviam assinado antes da reunião.

As surpresas em geral incomodavam Madiba, que me olhava, desamparado, e eu sempre tinha de argumentar com os demais. Mas agora Madiba já me conhecia bem, e eu não fingia ser alguém que não era. Instituímos algumas regras. Havia muitos casos de pessoas que se aproximavam de nós com um pedido em particular e então, quando se sentavam diante dele, apresentavam uma pauta totalmente diferente. Todos sabiam que ele tinha dificuldade para dizer "não". Então, quando as regras se tornaram conhecidas, alguns tentaram argumentar que havíamos instituído o método da Gestapo. O que se podia fazer? Não tínhamos outras opções. Mas alguns continuavam tentando a sorte.

Foi em junho de 2008 que soubemos da doença repentina de John Reinders, o chefe do cerimonial durante a presidência de Madiba. O Sr. Mandela gostava muito de John e era grato por seu trabalho. John já estava em coma em Bloemfontein quando o visitamos no hospital. Houve indignação dentro de nosso círculo pelo fato de Madiba viajar até Bloemfontein para visitar um branco que estava doente. Claro que ninguém ousou pressionar o Sr. Mandela pessoalmente, mas eu não fui poupada. Nunca tive coragem de mandar as pessoas direcionarem a ele essas queixas; eu as absorvia e seguia em frente. A essa altura eu já estava calejada, e, mesmo que doesse pensar que Madiba deveria ser privado de visitar as pessoas de quem gostava, para mim agora isso tudo não faz a menor diferença.

Eu fazia questão de responder a artigos de jornais que abordavam questões raciais para lembrar as pessoas do que Madiba repetia com tanta frequência: se continuássemos a julgar nossos semelhantes pela cor, haveria um longo caminho até construirmos a nação arco-íris com a qual todos sonhávamos. Eu mesma já estava farta de ser rotulada segundo a cor da minha pele. Sou sul-africana, e é só isso que importa.

A campanha 46664, encabeçada por Tim Massey, organizou um enorme concerto para celebrar o nonagésimo aniversário do Sr.

Mandela, no Hyde Park, em Londres. Mais uma vez contamos com o apoio dos amigos e começamos a preparar um orçamento para o evento. Tim e eu propusemos um jantar para captar doações na noite do concerto.

Apesar de não ser fácil preparar um evento em outro país, fiz questão de que o toque sul-africano estivesse presente, mesmo em relação ao cardápio. A lista de convidados foi um problema. Todo mundo queria estar lá, mas o espaço era limitado.

As mesas foram vendidas rapidamente, e logo preenchemos uma enorme tenda no Hyde Park. As pessoas sempre queriam ser convidadas para esse tipo de jantar, mas nem sempre queriam pagar. É preciso conviver com isso. Alguns não percebem que, quanto mais convites grátis são oferecidos, menores são as oportunidades de levantar doações. Ter cem convidados em vez de vinte aumenta os custos, aliás. Certos conhecidos, sem jamais ter feito nada para angariar fundos ou apoiar qualquer dos trabalhos de Madiba, sempre queriam estar na lista dos convidados boca-livre. Então, em algum momento é preciso pisar no freio, porque sua reputação profissional está em jogo, assim como o sucesso ou o fracasso do evento.

Juntamente com Sara Latham, uma amiga que eu conheci quando ela trabalhou na Casa Branca, e o Fundo Nelson Mandela para Crianças no Reino Unido, elaboramos uma lista de convidados que garantiu que o evento fosse lucrativo. Os convites logo esgotaram, e nós incluíamos alguns dos amigos de Madiba, familiares e veteranos companheiros de luta, para assegurar a representatividade. Nos dias anteriores à sua chegada, Londres fervilhava.

Foi quando preparávamos a logística para a viagem que nos vimos no meio de outra batalha pelo poder. Mbeki ainda era presidente da África do Sul, e era um tempo de incertezas políticas para muitos. Em 2005, Mbeki e o CNA "liberaram" o Vice-Presidente Jacob Zuma de todos os seus deveres, logo depois que uma

sentença da Corte Superior de Durban considerou corrupto o relacionamento entre ele e o empresário Schabir Shaik. Em 2006, uma amiga da família de Zuma apresentou uma queixa de estupro contra ele. Zuma argumentou que fizeram sexo consensual. Zuma foi absolvido das acusações, e foi amplamente especulado na época que o governo de Mbeki empreendia uma guerra política para evitar que Zuma o derrubasse na conferência quadrienal do CNA a ser realizada em 2007. De fato, em dezembro de 2007, o Presidente Mbeki foi deposto por Jacob Zuma, eleito presidente do CNA.

A luta pela liderança se manifestava em todos os níveis da sociedade. Você era obrigatoriamente partidário de Mbeki ou de Zuma. O fato de a Nação ter se unido durante a presidência de Madiba não eliminou as divisões profundamente arraigadas. Quando Zuma assumiu a presidência do CNA, este também “destituiu” Mbeki como presidente da África do Sul de modo muito humilhante, argumentando que ele não servia mais aos interesses do partido e do povo. O vice-presidente na época, Kgalema Motlanthe, foi nomeado presidente até as eleições nacionais, quando Jacob Zuma foi eleito presidente do País.

A Fundação Nelson Mandela era apolítica. E o próprio Madiba já havia se desligado da política. Depois da aposentadoria, ele deixou de ir às reuniões do CNA e anunciou que a direção do partido agora cabia à geração mais jovem — ele seria sempre um membro leal. Entretanto, as pessoas nos consideravam contrários a Mbeki e favoráveis a Zuma. Foi no meio dessa disputa pelo poder, preparando a visita de Madiba a Londres, que informamos o Alto-Comissariado sul-africano em Londres sobre nossa visita.

Três dias antes de nossa chegada para as celebrações do aniversário de Madiba em Londres, recebi uma ligação do escritório de logística do Alto-Comissariado, informando que não proporcionariam a Madiba a cortesia habitual de permitir que ele entrasse pela sala VIP do aeroporto de Heathrow; não arcaiam com o custo de algumas centenas de libras. Eu explodi: “O quê? Vocês

estão falando sério? Nos últimos nove anos vocês pagaram pelo uso da sala VIP porque ele é um ex-chefe de Estado da África do Sul, e agora querem o quê? Que ele passe pelo terminal de passageiros como um cidadão comum?”. Escrevi um e-mail no qual salientei, sarcasticamente, que se não fosse por Nelson Mandela, muitos de nós não teríamos trabalho. A coisa estava à beira do ridículo, e eu estava além da raiva.

Declarei guerra ao nosso executivo e ao presidente do Conselho, já que eu estava disposta a fazer o que fosse necessário para defender meus princípios. Jamais havia sobrecarregado Madiba com meus problemas e desafios, e nesse caso em particular eu sabia que ele ficaria sentido e preocupado se soubesse do caso. Eu jamais permitiria que a fundação pagasse por aquilo. A súbita decisão de retirar o apoio a nossa missão no exterior para desembarcar na sala VIP teria de ser modificada em âmbito de gabinete, pelo que eu sabia. Não era poder ser determinada por um chefe de gabinete. Eles simplesmente não cederam. Disseram que, como não se tratava de uma visita oficial a serviço do governo da África do Sul, eles não podiam pagar. No entanto, haviam custeado essas despesas em muitas outras ocasiões, quando também não havia nada de oficial na visita.

As pessoas assumiam que Madiba estava alinhado com Jacob Zuma na luta pelo poder dentro do CNA, e faziam coisas que poderiam parecer ter a aprovação do Presidente Mbeki. Mbeki jamais seria capaz de retirar, ele mesmo, um privilégio desses para o ex-presidente. Ficou evidente que o incidente era uma represália pela divisão entre os sul-africanos: partidário de Mbeki ou de Zuma. (No fim de tudo, telefonei para o gabinete do Primeiro-Ministro Gordon Brown e pedi que liberassem a sala VIP para o Sr. Mandela, no que fui prontamente atendida).

O evento foi um enorme sucesso. Levantamos cerca de 105 milhões de randes (por volta de 7,5 milhões de libras esterlinas, no câmbio atual), de lucro líquido, a arrecadação mais bem-sucedida de

todas as instituições patrocinadas pelo Sr. Mandela. O dinheiro foi dividido entre o Fundo Nelson Mandela para Crianças, a Fundação Mandela Rhodes e a Fundação Nelson Mandela. O item de que mais gostei no leilão foi uma escultura da mão de Madiba em ferro fundido, adquirida por Sol Kerzner ao preço de 2,9 milhões de libras esterlinas. Com esse lance, ele se tornaria o maior doador de qualquer dessas instituições.

Madiba sempre ficava intrigado com a riqueza e fama de algumas pessoas. No entanto, isso jamais era considerado no modo como ele lidava com elas. Ele apenas achava fascinante que alguém pudesse ser tão rico como Bill Gates ou Sol Kerzner. Muitas vezes ele gabava a riqueza de seus amigos na África do Sul — Patrice Motsepe, Tokyo Sexwale, Douw Steyn, os Ruperts e os Oppenheimers, para citar alguns. Todos eram bons para com ele, e sempre que eram chamados para apoiar instituições de caridade, construir uma escola ou um posto de saúde ou apoiar uma causa, eles o faziam com boa vontade. No entanto, era fundamental para Madiba que, mesmo quando não fossem convocados, fossem tratados com o maior respeito e cortesia. Ele escreveu em uma carta para Zenani Mandela, citada no livro *Conversations with myself*: “Mas o hábito de comparecer aos pequenos eventos e apreciar as pequenas cortesias é uma das marcas importantes de uma boa pessoa”. Assim, jamais esquecíamos um aniversário ou comemoração, e fazíamos questão de dedicar nosso tempo às pessoas, mesmo quando não havia nada a pedir delas. Era isso que era parte das “pequenas coisas”. Para honrar Madiba, era preciso honrar seus relacionamentos com as pessoas.

Madiba insistiu em ficar mais tempo no evento de Londres do que eu esperava. Quando finalmente quis se recolher, eu o escoltei até o hotel, para permitir que a Sra. Machel permanecesse um pouco mais e não ficasse claro que os dois haviam deixado juntos a mesa principal. Depois regressei ao salão. Aquele certamente foi um dos pontos altos da minha carreira. Eu não queria honras nem prêmios, mas esperava muito que Madiba se sentisse homenageado

adequadamente, e enquanto ainda podia desfrutar disso; naquela noite, senti que havíamos conseguido. Enquanto voltava do hotel para o evento, meu coração estava cheio de orgulho e felicidade pelo fato de ele ser capaz de testemunhar o quanto as pessoas o reverenciavam. As celebridades amigas de Madiba nos ajudaram a atrair grandes doadores. Eram pessoas que custearam sua própria viagem, cederam seu tempo sem hesitar para honrar Madiba e ajudar a chamar a atenção para suas causas. Sim, eles também se beneficiaram pela associação. Mas uma mão lava a outra.

O concerto da noite seguinte também foi um sucesso, apesar de a viagem começar a pesar para Madiba. Ele estava cansado. Foi cercado pela aglomeração de sempre, com as pessoas se levantando para cumprimentá-lo. Eu observava a distância e pude ver que havia briga para ver quem conseguia cumprimentá-lo. Senti uma pena imensa por ele, pois ele realmente queria desfrutar da música e das apresentações de artistas sul-africanos e de outros países. Lembrei-me de quando assistimos à apresentação da banda sul-africana Mafikizolo, em Tromsø, na Noruega. Ele adorou vê-los tocando em sua homenagem em um palco internacional. E desta vez era o aniversário.

Antes de Madiba subir ao palco, fui procurada por uma mulher minúscula que não reconheci de imediato. Era Emma Bunton, ex-integrante das Spice Girls. Emma foi uma das celebridades que fizeram declarações durante o show. Ela disse a um dos diretores de palco que queria entregar um presente a Madiba, uma caixa enorme. Imaginei se ela aceitaria uma caixa enorme de presente, tendo de carregá-la a noite inteira. Além disso, eu ainda estava chateada com as Spice Girls depois que soube que elas haviam se gabado de roubar papel higiênico da residência oficial de Madiba, quando o visitaram no tempo em que ele era presidente. De modo que já eu tinha uma opinião preconcebida sobre ela. Não permiti que Emma entregasse seu presente, pois o Sr. Mandela precisaria manter as mãos livres o tempo todo.

Quando ela entrou no palco, percebi claramente que estava perturbada e pedi à nossa segurança que ficasse de olho. Ela estava tentando chegar até Madiba, enquanto muitos outros artistas africanos eram empurrados para o fundo. Talvez ela estivesse sendo inocente, mas nessas circunstâncias é preciso ter pulso firme. Parte de meu dever era ser proativa e tentar resolver as situações antes que elas de fato acontecessem. Eu sabia que Madiba gostaria que os artistas africanos presentes no show tivessem um papel de destaque enquanto ele estivesse no palco, e eu queria ter certeza de que ele não teria nenhum tipo de preocupação quanto a isso. Quando Madiba apareceu a multidão explodiu. Algumas pessoas choravam, o barulho era ensurdecedor. Eu estava radiante.

A pressão da imprensa e da opinião pública sobre Madiba aumentava os graves problemas de direitos humanos no Zimbábue sob o governo do Presidente Mugabe. Nós resistíamos às cobranças para que Madiba fizesse algum tipo de pronunciamento para que ele não fosse criticado por agir independentemente do governo, nem de interferir nos processos diplomáticos. No entanto, no fim, suas palavras foram simplesmente: "Mais perto de casa temos visto a irrupção de violência contra outros africanos em nosso próprio país e a trágica falha da liderança em nosso vizinho Zimbábue". Dizer menos significa mais, e não dizer certas coisas significa dizer outras. A imprensa ao redor do mundo reverberou essas palavras por dois dias.

No dia seguinte, Madiba se encontrou com alguns antigos colegas, pessoas que participaram do Julgamento de Rivonia, nos anos 1960. Mais de quarenta anos haviam se passado desde a sentença que mandara Madiba para a prisão perpétua, e ele não encontrava amigos deles desde aquela época. Ele se lembrava vivamente de todos eles, e gostou de estar com eles. E lá estavam todos tomando chá no hotel Dorchester, em Londres. Da última vez que se viram estavam em celas, aguardando o julgamento. De volta para casa, na fundação, organizei outra comemoração particular para ele com antigos colegas políticos do Julgamento de Rivonia e ex-prisioneiros.

Era comovente observar essas pessoas interagindo. Desejei ter conversado com alguns deles durante horas, fazer muitas perguntas. As conversas sempre giravam em torno de “você tem visto fulano recentemente?” e “o que aconteceu com sicrano?”.

As celebrações do nonagésimo aniversário em Londres foram o encerramento perfeito para as viagens internacionais do Sr. Mandela. Vinte anos antes, seu aniversário foi comemorado no estádio de Wembley, na Inglaterra, e a festa foi acompanhada por mais de 600 milhões de pessoas mundo afora. O concerto foi denominado de “Free Mandela”, e dois anos depois ele era um homem livre. Ainda que as celebrações de agora fossem menores, eram uma maneira conveniente de terminarmos nossas viagens, e ele estava presente quando celebravam sua vida. Depois disso, nunca mais viajamos para o exterior.

Madiba às vezes me telefonava de casa para dizer que ia pegar o elevador para descer para o térreo. Ele ficava apavorado com a possibilidade de ficar preso, e eu tinha de ligar de volta dez minutos depois para ter certeza de que tudo correria bem. Na época eu achava engraçado, mas agora fico triste quando me lembro. Estar lá para atender aqueles telefonemas fazia que eu amasse ainda mais aquele homem, talvez pelo fato de ele depender de mim, e no entanto foi exatamente essa admiração e amor que causaram tanta raiva.

Os telefonemas me faziam lembrar do quanto ele havia envelhecido. Apenas alguns anos antes, se ficasse preso em um elevador, Madiba é que faria as outras pessoas se sentirem seguras. Uma vez isso de fato aconteceu em Kampala, com o vice-presidente de Uganda. É claro que, além das pessoas que precisavam acompanhá-lo, todo mundo queria estar no elevador com o Sr. Mandela. Isso me deixava aflita, então eu descii pelas escadas. E, como o demônio tenta, nesse dia ele ficou preso. Ficamos mais de vinte minutos, no térreo, esperando os técnicos chegarem para o resgate. Ao sair do elevador, o vice-presidente de Uganda estava em

pânico e um tanto embaraçado, mas Madiba havia mantido todos entretidos com o seu bom humor.

A Sra. Machel me ensinou que eu devia ser fiel a mim mesma e me lembrar sempre de que a única coisa que importava era meu relacionamento com Madiba, que eu não podia ser responsável pelas relações que outras pessoas tivessem com ele, e que, quando fizesse alguma coisa, devia ouvir minha voz interior, que me dizia o que era certo e o que era errado. Se eu estivesse preocupada, ou se algo me perturbasse, provavelmente havia uma razão para eu me sentir dessa forma e eu deveria aceitar o que me fizesse mais segura. A Sra. Machel e eu não tivemos um relacionamento fácil no decorrer dos anos. Não era fácil ser uma jovem que passava tanto tempo com o marido dela, uma mulher branca que lhes dizia quando levantar e quando relaxar, e não deve ter sido fácil ter sempre alguém por perto. Mas, a despeito disso, ela sempre mostrou respeito e admiração por mim e me tratava com dignidade. Eu a agradeço imensamente por ter mantido a calma e me ensinado o que me ensinou.

Por volta de seu nonagésimo aniversário, também deixamos que Madiba participasse de almoços e jantares com muitos de seus antigos colegas, equipe e amigos, sempre em grupos pequenos. Ele foi presenteado na época com um conjunto de selos do correio nacional, uma série limitada, celebrando seu aniversário. Os selos traziam duas de minhas fotos favoritas de Madiba.

Ele almoçou com as antigas senhoras do CNA, Barbara Masekela, Jessie Duarte e Frene Ginwala, depois com artistas de sua geração —Dorothy Masuka, Miriam Makeba, Abigail Kubeka e Thandi Klaasen—, e assistiu a um comício do CNA em sua homenagem, no dia 2 de agosto. O governo também quis organizar um show, mas, devido à publicidade tardia, o concerto não teve muita audiência. A Fundação 16 de Junho recebeu permissão para entregar uma estátua a Madiba (16 de junho é o Dia da Juventude na África do Sul, comemorando o início da rebelião do Soweto, em 1976). Era uma bela obra de

Hector Pieterse, e fiquei tocada quando Madiba a recebeu. Um dos membros da diretoria fez alguns comentários sobre mim, agradecendo por eu haver tomado conta do Sr. Mandela. A homenagem me sensibilizou muito, ainda mais vindo de uma entidade tão importante. Havíamos percorrido um longo caminho em nosso país. Eu era uma africâner, e ali estavam eles me agradecendo.

Foi por volta dessa época que Madiba sonhou que eu havia pedido demissão porque arranjava um novo emprego. Muito cerimoniosamente, ele me contou que havia sonhado que eu o abandonara. Eu? Zelda la Grange? Garanti que jamais, nunca faria isso. Superara todas as minhas inseguranças e estava determinada a servi-lo até o dia em que um de nós morresse.

QUARTA PARTE

O que vem depois?

2009-2013

11 *Permanecendo até o fim*

Era novamente janeiro, e a casa de Houghton precisava ser fechada para as férias da equipe. Mais uma vez, não tínhamos ideia do lugar para onde levaríamos Madiba. Era difícil ficar com ele em um hotel. Tínhamos de encontrar um quarto grande o bastante para que ele ficasse dentro dele o tempo todo ou um lugar privado onde ele pudesse se movimentar ao ar livre. Desafiador! E então tivemos a ideia de levá-lo a Sun City. Ficava a apenas trinta minutos de avião de Joanesburgo, e ele não queria ir para muito longe.

Primeiro recebi um telefonema de uma das filhas dele: “Como pode você levar Madiba para lá?”. Como se a decisão tivesse sido minha. Passei o assunto para a Sra. Machel. Quando sua filha compreendeu que a suíte presidencial estava sendo oferecida gratuitamente, e que era grande o suficiente, com seus três quartos, para que ele não se sentisse isolado, além do fato de ele ser capaz de sentar do lado de fora, longe dos olhares do público, ela aceitou.

Em Sun City, em uma certa manhã, a Sra. Machel e eu combinamos fazer uma caminhada para nos exercitarmos. Meu celular tocou às sete horas, e eu pensei que ela adiaria nosso exercício. Achei estranho ela não interfonar para meu quarto, mas sorri quando atendi o celular, preparada para ouvi-la dizer que preferiria continuar dormindo. Não foi isso. Ela disse: “Zelda, venha rápido e traga o médico”. Voei pelo corredor e bati na porta do quarto do médico, gritando: “Harold, venha comigo”. Ele estava vestido, e, sem que eu explicasse nada, pegou a maleta e corremos para a suíte, levando conosco um dos guarda-costas. Madiba havia escorregado e caído no chão do banheiro, batendo a cabeça contra alguma coisa. Não era nada sério, mas o ferimento na cabeça sangrava muito. Nós o ajudamos a se levantar, e o médico fez

alguns exames, limpou o ferimento e enviou um relatório ao Dr. Plit, o médico que estava em Joanesburgo. Quando Madiba finalmente estava na cama, sendo cuidado, me viu correndo de um lado para o outro do quarto e seu rosto se iluminou: "Oh, Zeldina, você está aí". Se em algum momento eu havia pensado em sair, esse foi o dia em que decidi ficar até o fim.

Inconscientemente, meu corpo entrou em choque. Eu jamais havia levado um susto tão grande em toda a minha vida, e sofri um espasmo no ombro e no pescoço. Precisei de três semanas de tratamentos diversos para me livrar daquilo — massagens, acupuntura, medicação, nada ajudava. A Sra. Machel também estava com problemas. A família estava furiosa e a culpava por ter levado Madiba para Sun City. Ele poderia ter escorregado em qualquer lugar, e assim eram as coisas. É normal os idosos caírem. Ponto final.

Madiba já não andava tão falante no dia a dia; ele estava cada vez mais reservado. Sempre que estava no escritório — ocasiões cada vez mais espaçadas —, ele ficava em silêncio, pensando, e só conversava nos dias em que se sentia mais animado. Eu sempre cuidava para que alguém se sentasse com ele, seja para ler os jornais em voz alta ou para simplesmente lhe fazer companhia. Ele adorava interagir com todos os colegas da fundação, e, sempre que alguém novo chegava à equipe, eu fazia questão de apresentar a ele. Também exigia que todos o cumprimentassem quando ele visitava o escritório, de modo que ele pudesse ter uma sensação de pertencimento. Ele sempre tinha piadas para alguns da equipe. Quando Maretha estava grávida de seu primeiro filho, Madiba perguntava: "Quantos bebês você espera?". Ela era baixinha e carregava um barrigão. Para Vimla, a assistente da Sra. Machel, ele dizia: "Parece que você ficou mais alta", porque Vimla também era baixinha.

Em algumas ocasiões ele me pegava de surpresa: "Oh, Zeldina, estamos juntos há tanto tempo, não é?". E eu sorria. Se você

trabalha com alguém há muitos anos, não precisa de muitas explicações e conhece as intenções. Eu respondia: "Sim, Khulu, faz tempo. Já faz quinze ou dezesseis anos que estamos juntos". Minha resposta era recebida com um "puxa vida". Nunca perguntei por que ele ficava tão surpreso: será que ele esperava que eu já houvesse saído? Ou se admirava de o tempo ter passado tão rápido?

No decorrer dos anos, construímos uma estreita relação com Morgan Freeman e sua sócia, Lori McCreary. Ocasionalmente nós os víamos durante as viagens ou quando eles visitavam a África do Sul. Em Mônaco, eles compareceram ao nosso evento para angariar fundos e nos contaram que Clint Eastwood concordara em dirigir o filme que planejavam fazer sobre a Copa do Mundo de Rúgbi de 1995, na África do Sul. Iria se chamar *Invictus*, por causa de um poema que Madiba escrevera na prisão:

Sou o mestre de meu destino:

Sou o capitão de minha alma.

Equipes vindas de Hollywood visitaram a África do Sul para cuidar da produção do filme, e muitas vezes estive com eles para encaminhá-los a pessoas que podiam lhes dar assistência ou colaborar com a logística. Quando perguntaram se eu podia ajudar Morgan a compor a interpretação de Madiba, li o roteiro e concordei. Eu queria, tanto quanto eles, que o filme fosse um sucesso.

Depois de pedir autorização à Presidência nos Union Buildings, a equipe de pré-produção recebeu permissão para fazer uma inspeção no local. A fundação também os apoiava com pesquisas, e eu entreguei a eles exemplos autênticos de papéis timbrados e cartões de acesso, e desenhei plantas do gabinete. Eu sabia que fariam tudo certo, mas não sabia que, quando Hollywood recria, trabalha com perfeição. Quando cheguei ao set, no primeiro dia de filmagem, entrei em uma réplica da primeira casa de Madiba, em Houghton. Fiquei atrás de uma porta entreaberta até me darem luz verde para

entrar. Então, sem anúncio prévio, ouvi Madiba falando na sala ao lado. Meu pensamento instintivo foi: o que ele está fazendo aqui? Depois percebi que era Morgan representando uma cena de Madiba sentado no saguão de sua casa. Era assustador. Ele falava *exatamente* como Madiba. No decorrer dos anos, todos comentávamos que, quanto mais velho Morgan ficava, mais se parecia com o Sr. Mandela.

Passsei apenas um dia no set, ajudando com objetos que havia pegado na casa ou dando dicas para Morgan. Ele era o Madiba perfeito, e, para alguém que o conhecia bem, foi o mais próximo que já vi retratado em um filme. Eu tentava ajudar Morgan com os pequenos maneirismos, que ele rapidamente incorporou. Madiba tinha mania de cruzar as pernas e gesticulava muito com as mãos.

Foi excitante, mas logo o dia terminou e eu precisei voltar para Joanesburgo. Só pude tirar um dia de folga, mas, à medida que mais cenas ao redor sobre Madiba ou os guarda-costas eram rodadas, comecei a passar mais tempo com a equipe, tentando cooperar e apontando detalhes que poderiam aparecer de modo mais autêntico.

Durante as celebrações do nonagésimo aniversário de Madiba, havíamos solicitado a amigos e pessoas do povo que enviassem mensagens de congratulações. Queríamos colocá-las em um livro que ele pudesse guardar, juntamente com as fotos, para se lembrar da data. Uma das cartas era de Bono Vox. Ele escreveu: "Feliz aniversário, Madiba. Estou trabalhando para fazer do dia 18 de julho um feriado em todos os países que reconhecem que a luta de Nelson Mandela não termina até que cada um dos indivíduos que almeje a liberdade tenha oportunidade de compreendê-la. Acredito que seu aniversário deve ser uma ocasião para que, ao redor do globo, sejam homenageados aqueles que ainda lutam". Tim Massey sorriu ao ler a mensagem. Havia muito mais ali do que parecia. Como conseguir isso? Pensamos um pouco e, depois de consultar Fink Haysom, o assessor jurídico de Madiba durante a presidência, e que agora trabalhava nas Nações Unidas, a fundação e a 46664

decidiram pedir ao embaixador sul-africano nas Nações Unidas que elaborasse uma proposta para que a ONU declarasse o dia 18 de julho o Dia Internacional Nelson Mandela.

A ONU aceitou a proposta unanimemente, e a resolução foi aprovada. Nosso embaixador na ONU, Baso Sangqu, foi incrível na articulação com seus colegas. Ficamos extremamente orgulhosos quando nos informaram que a resolução havia sido aprovada, e, apesar de 18 de julho não ser um feriado, foi declarado um dia de homenagem às pessoas que faziam a diferença, no mundo inteiro. Mesmo que Bono Vox houvesse recusado o crédito, eu sempre lembrava a ele que as ideias malucas às vezes fazem do mundo um lugar melhor. Esse foi um exemplo perfeito.

Organizamos outro evento do 46664, em Nova York, para angariar recursos para a fundação, mas foi difícil. Tentávamos conseguir doações no meio de uma recessão econômica mundial, e era nossa primeira tentativa sem a presença de Madiba. Ninguém estava muito entusiasmado para mostrar ostentação no meio da crise financeira, nem mesmo para caridade, e mais uma vez as pessoas que compareceram foram aquelas das quais nós sempre dependíamos. O evento não foi um grande sucesso, mas já estávamos preparados. A parte boa foi que meu namorado na época me acompanhou pela primeira vez ao exterior — à nossa própria custa, é claro. Pela primeira vez em dezesseis anos eu tinha alguém para quem voltar à noite quando o trabalho terminava.

Passar as noites sozinha nos hotéis pelo mundo afora era uma das partes mais desanimadoras do meu trabalho. Eu tive namorados ocasionais no decorrer dos anos, mas ninguém realmente compreendia o meu mundo. Havia também a preocupação constante com as pessoas que se aproximavam de mim pelas razões erradas, seja para conseguir um livro autografado, para se beneficiar de meus contatos ou para conhecer alguém importante. Depois de algumas decepções, comecei a agir como uma reclusa. Estava sempre sozinha. Quando isso acontece, você tende a se fixar no

trabalho e a ficar quase emocionalmente dependente do que a sua profissão lhe oferece para compensar a solidão. Acho que em algum momento se tornou menos complicado compartilhar minha vida com alguém. Não era preciso procurar desculpas para trabalhar ou para ser tão dedicada, e, apesar de a liberdade permitir que eu crescesse como pessoa, eu havia perdido a chance de ter um companheiro de verdade. Daquela vez foi diferente.

Para finalizar o ano, o plano era fazer Madiba passar alguns dias em Shambala, com a Sra. Machel, permitindo à equipe da casa de Houghton que tirasse uma folga. Tornava-se cada vez mais claro que Madiba envelhecia rapidamente, e que sua força se deteriorava.

Madiba já não conseguia se movimentar sozinho. Alguma coisa o incomodava. Perto do fim da viagem a Shambala, em uma manhã ele despertou de mau humor. Recusou-se a comer e queria deixar imediatamente a fazenda. "Mum", disse à Sra. Machel, "temos uma crise". Mum e eu perguntávamos qual seria a crise, mas ele não quis nos contar. Então ele começava novamente: "Mum, você não consegue ver a crise?". Madiba insistia em voltar imediatamente. Ele geralmente viajava a Shambala em um helicóptero militar. Ir de carro até Joanesburgo era demais para ele. Era época de férias, e era difícil achar pilotos disponíveis. Douw Steyn, o proprietário da Shambala, estava na fazenda, e Mum pediu-lhe que ajudasse a conseguir um helicóptero.

Enquanto isso, alguém da segurança ligou para Makaziwe, a filha mais velha de Madiba, em Joanesburgo, para relatar que seu pai insistia em partir imediatamente. Makaziwe telefonou para Mum e a instruiu: "Libere meu pai agora... libere meu pai". Ouvi tudo pelo telefone, ao lado da Sra. Machel, e tremi. Tentávamos saber a que crise Madiba se referia, e esperávamos Douw conseguir um helicóptero. No minuto seguinte, a segurança apareceu com seu comboio, colocou Madiba no carro e se preparou para partir com ele. O pânico tomou conta de mim. A segurança nunca havia deixado a Sra. Machel para trás. A ex-primeira-dama da África do Sul e esposa

de Madiba ficou detida em Shambala sem nenhuma segurança ou transporte. Josina (sua filha) e eu tivemos de conseguir um meio de fazê-la chegar em casa.

Nesse ínterim, Douw alugou um helicóptero e tentou localizar o comboio. Sem saber como a polícia sul-africana operava, instruiu o helicóptero a aterrissar na rodovia — sem perceber que o helicóptero provavelmente seria alcançado pelos disparos dos guarda-costas. O gerente da fazenda, Tinus Nel, perseguiu o comboio, tentando comunicar os planos de Douw, e só conseguiu alcançá-lo quando ele parou em um KFC em uma cidade próxima, aparentemente para comprar frango para o almoço de Madiba. O helicóptero foi desviado e Douw foi orientado a voar para Joanesburgo e encontrar Madiba lá.

O Sr. Mandela estava furioso quando deixou Shambala, e nenhum de nós entendia por que ele estava assim. Ele repetia o tempo todo que havia uma crise. Mal sabíamos que Madiba teve uma visão sobre os anos que tinha à frente. Sobre a saúde ruim e o sofrimento. Ele sabia que seu corpo mudava, mas não conseguia nos dizer o que sentia.

Eu havia ficado zangada em muitas ocasiões ao longo dos dezesseis anos de trabalho, mas em certos momentos os risos e a ironia assumem o lugar da raiva. Alguns de nós haviam passado anos assegurando que Madiba se alimentasse adequadamente na hora certa, que fosse tratado com dignidade e que as coisas acontecessem segundo suas vontades. Mas de repente a situação muda, e você fica de fora observando tudo. Jamais imaginei que alguém levaria Madiba a um drive-thru do KFC.

Ele chegou em casa quando ainda arrumávamos as bagagens em Shambala, e despachávamos a Sra. Machel para Joanesburgo. Logo depois chegou Douw, e em seguida Makaziwe. O Sr. Mandela estava profundamente perturbado, e ainda era incapaz de verbalizar sua frustração. Em pouco tempo, começou a mandar todo mundo

embora, com exceção de Douw. “Vão embora!”, ele dizia. “Vão embora!” Madiba declarou que não queria ninguém se metendo em seus assuntos.

Em momentos como esse, quando o Sr. Mandela se zangava, eu honestamente temia por sua saúde. Houve momentos em que eu pensei que ele estivesse à beira de um ataque. Enfim, em dois dias, Madiba se acalmou. E logo o casal seguiu para Qunu, onde pretendia passar o Natal.

No começo de 2010, fomos procurados pelos organizadores do espetáculo *Top Gear* na África do Sul, que desejavam se associar à fundação levantando fundos para nós. A solicitação passou, como todas as demais, pela análise do nosso comitê, integrado pelo executivo, pelo presidente do conselho e por alguns membros veteranos da equipe. Por fim, perguntamos a Madiba se ele estava interessado em conhecê-los. Depois de examinar as credenciais, ele concordou. Os organizadores, ao contrário do que mais tarde foi relatado pela imprensa, indagaram se Jeremy Clarkson e sua equipe poderiam fazer uma visita de cortesia ao Sr. Mandela. Sabendo que *Top Gear* era o programa de TV mais visto da Terra, nós concordamos, com a condição de que a fundação aparecesse de alguma maneira. Nós havíamos montado uma plataforma para apresentar o Centro de Memória, esperando mostrar ao mundo o legado de Madiba. Todas as partes concordaram. Na noite da exibição do programa foram arrecadados cerca de 800.000 randes. Apesar das promessas de que Clarkson e James May assistiriam ao evento, eles não foram vistos por lá. Eu tinha esperança de encontrá-los para avaliá-los, já que visitariam Madiba no dia seguinte. Eu, pessoalmente, sempre fora fã do *Top Gear*.

No dia do evento, Neil Armstrong, o primeiro homem a pisar na Lua, visitou Madiba. Em 1969, o Sr. Mandela estava preso, mas ele se lembrava do que os carcereiros lhes contaram sobre isso. Na época ele não tinha acesso a jornais e rádios, muito menos a uma televisão. Ao contrário de muitos outros que o visitaram quando

estava preso, Madiba achou muito curiosa e cativante a conversa com Armstrong. O astronauta ficaria recluso na maior parte de sua vida, e não sabíamos muito sobre ele. Eu estava muito curiosa sobre a sua vida depois de uma experiência tão extraordinária, e ele estava ansioso por compartilhar suas experiências conosco. Fascinada, fiz as perguntas mais estranhas depois que Madiba não tinha mais o que perguntar. O Sr. Mandela o achou muito intrigante. Neil Armstrong era uma alma gentil, e tinha uma compreensão diferente da vida. Ele também já era idoso, e foi fácil para Madiba relacionar-se com ele. Aquele deve ter sido um de meus dez melhores momentos com Madiba: os dois conversando, trocando experiências.

Eu sabia que Jeremy Clarkson era bem-humorado, mas pensei que ele fosse mais sutil. Quando ele entrou no escritório de Madiba, no dia seguinte, perguntou se alguma mulher já havia dançado no colo dele. Achei inapropriado alguém fazer uma pergunta como essa a um estadista idoso, e o Sr. Mandela me olhou como se esperasse que eu respondesse. Voltei-me para Madiba e disse: "Você não precisa responder a isso, Khulu". Olhei para Jeremy e fiquei na defensiva. Ele percebeu o que eu estava pensando.

Eles se sentaram e eu lembrei a Madiba quem eram, obviamente explicando que tinham um programa de TV espetacular, falei sobre o número de espectadores no mundo inteiro e discursi um pouco sobre isso. Ele ouviu e gostou de conhecê-los, recebeu seus livros e os folheou, mas não parecia muito disposto para conversar. Parecia recolhido.

O primeiro problema, do qual eu não estava ciente no momento, era que Clarkson pensava que Madiba havia pedido para vê-los, e Madiba pensava que eles é que haviam pedido para vê-lo. Jeremy perguntou a Madiba se ele vinha ao escritório com frequência, e Madiba respondeu que não; aquela era a primeira vez no ano. No entanto, eu sabia que os jornais haviam reportado que ele se encontrara com Eddie Izzard e Armstrong no dia anterior. Eu o

corrigi, como geralmente fazia: “Não, Khulu, lembra-se de que esteve aqui ontem? Encontrou-se com Neil Armstrong. Lembra-se de que ele ficou muito interessado e nos contou sobre sua viagem à Lua?”. Madiba respondeu: “Oh, sim, correto, agora eu me lembro”. Olhando para Clarkson e May, tinha pouco mais a dizer a eles, e perguntou, brincando: “Alguma vez você esteve na lua?”. Ele tentou fazer uma piada. Se Jeremy fazia piadas de improviso, certamente Madiba também podia.

No entanto, mais tarde Clarkson escreveu um artigo, no qual, de modo muito inadequado, afirmou que Madiba o havia confundido com Neil Armstrong, o que definitivamente não aconteceu. Ele podia não saber quem era Clarkson, mas não o confundiu com ninguém. Subestimar a inteligência de Madiba pelo fato de ele ser velho foi, na minha visão, uma falta de respeito.

Além disso, os organizadores se encontraram conosco alguns dias depois e informaram que a quantia perto de 800.000 randes que pensávamos ter sido levantada durante o evento, e que foi relatada como tendo sido arrecadada para a Fundação Nelson Mandela, não era totalmente nossa. Eles ainda tinham de cobrir os custos do jantar e do evento, então ficaríamos com aproximadamente metade do dinheiro. Fiquei furiosa. Isso criou dificuldades para nós em termos de governança. O caso foi divulgado pelo *Mail* e pelo *Guardian*, jornais na África do Sul, e eu fui vista como uma megera, mas não me importei nem um pouco. Eu estava cansada de ver pessoas tirando vantagens de Madiba e de nós, de ver pessoas usando subterfúgios em vez de dizer de uma vez o que pensavam. A fundação aceitou o dinheiro, mas a situação causou incômodos e estava longe de ser o arranjo que acreditávamos ter sido feito. Senti um profundo desrespeito para com a fundação. Mais tarde as pessoas perguntaram como pudemos permitir que Clarkson se encontrasse com Madiba, mas nós seguimos o protocolo, e o assunto foi discutido com todos os assessores de Madiba. A autorização foi dada por escrito, e a oportunidade de divulgar o trabalho da fundação internacionalmente nos pareceu vantajosa.

Não se tratava apenas do dinheiro, e sim da promessa de proporcionar uma exposição muito necessária ao trabalho de tentar preservar o legado de Nelson Mandela. Mas é assim que se aprende...

Em 2010 a África do Sul sediou a Copa do Mundo. O Sr. Mandela visitava o escritório apenas ocasionalmente, devido ao cansaço natural de sua idade. Nós não estávamos surpresos, mas o público se assustou. Ele andava esquecido e às vezes não queria falar com as pessoas nem se levantar. Outras vezes não queria ficar isolado e pedia para ver as pessoas. Na maior parte dos dias queria ficar em casa, descansando. Logo fomos inundados com pedidos de artistas, turistas e chefes de Estado que foram à África do Sul para a Copa, e queriam fazer uma visita de cortesia a Madiba. Era impossível que ele aceitasse tantos compromissos, e decidimos bloquear sua agenda, temerosos que ele estivesse exausto no momento da cerimônia de abertura, à qual deveria assistir.

E também havia a FIFA. Dizíamos, brincando, que a FIFA não era uma organização mundial de futebol, e sim um país. Mas eles foram particularmente flexíveis quanto ao planejamento da presença de Madiba na cerimônia de abertura. De modo geral, o povo sentia que a Copa do Mundo havia custado muito caro para o País, pois tivemos de investir bastante em infraestrutura. A maioria da população ainda vivia na pobreza na África do Sul, mesmo dezesseis anos depois que o CNA chegou ao poder. Os serviços básicos eram precários, devido aos desafios enfrentados por um país em desenvolvimento. Mesmo que tivéssemos a promessa de um bom retorno em termos de projetos de responsabilidade social da FIFA por hospedarmos a Copa do Mundo, na época havia poucas garantias sobre isso.

Eu desfrutava de um bom relacionamento com a FIFA, apesar dos atritos eventuais quando eles tentavam sobrecarregar Madiba. Fui a muitas reuniões sobre a preparação da cerimônia de abertura. Eu apresentava à executiva as necessidades de Madiba, eles mudavam e adaptavam os planos para trabalhar por ele. É claro que estavam

desesperados para que ele aparecesse e “apoiasse” a abertura da Copa, mas eu também queria acreditar que a honestidade deles era o suficiente para atender as necessidades de uma pessoa idosa. Eu era extremamente franca com Danny Jordaan, o diretor executivo do Comitê Organizador na África do Sul, e com os executivos da FIFA, sobre a necessidade de evitar a exploração de Madiba e sobre a dificuldade de levá-lo para um evento desses no meio do inverno.

Todos os presidentes e vice-presidentes da África do Sul contam com uma equipe médica permanentemente à sua disposição. O privilégio era estendido a Madiba sempre que viajávamos para o exterior, mesmo depois de sua aposentadoria da vida pública. Na medida em que sua idade progredia, essa equipe se tornou mais presente e, quando ele chegou aos noventa e dois anos, ela nos acompanhava a todos os eventos locais. Depois de uma das reuniões de preparação da cerimônia de abertura, Jérôme Valcke, secretário-geral da FIFA, chamou-me de lado e disse que havia recebido uma ligação do médico, responsável pela saúde de Madiba. No entanto, não havia sido ele que ligara, e sim o General Zola Dabula, o segundo no comando depois do cirurgião-geral e a pessoa que supervisionava os cuidados médicos de todos os ex-presidentes. Até aquele momento, nós só encontrávamos o General Dabula quando um visitante importante chegava para visitar o Sr. Mandela.

Jérôme me contou que havia recebido instruções do General Dabula no sentido de que ele, Dabula, seria o único a decidir qualquer coisa sobre os movimentos de Madiba. E sua decisão era a de que, quando Madiba chegasse, seria levado à SAFA House, o edifício de escritórios próximo ao estádio que abrigava a Associação Sul-Africana de Futebol. Madiba seria levado para uma sala de espera no escritório do presidente, Irvin Khoza, e então, quando chegasse o momento de ele entrar no estádio, seria levado em um carrinho de golfe, em um percurso de cerca de um quilômetro até a entrada.

Para mim aquilo não fazia sentido em termos práticos. Por que se conduziria uma pessoa idosa — e no meio do inverno — por um percurso tão longo em um carrinho de golfe? Essa conversa aconteceu dois dias antes da cerimônia de abertura. Eu trabalhava com ele havia dois anos, bem antes da Copa do Mundo, e agora ele recebia uma ligação de alguém com quem jamais havia falado, e apenas a dois dias de tudo começar. Por sorte, o chefe da Unidade de Proteção Presidencial, Brigadeiro Dladla, também estava presente na reunião. Eu o chamei e pedi a Jérôme que repetisse a história. O Brigadeiro Dladla não quis saber de nada disso. A segurança sempre havia decidido sobre os meios de transporte e sobre a movimentação de Madiba, segundo o programa que havíamos desenvolvido.

Fiquei atordoada com essa interferência e com a estranha logística daquelas escolhas. Felizmente o assunto foi esquecido depois que o Brigadeiro Dladla telefonou para o General Dabula. Mas era evidente que havia uma batalha por autoridade. A equipe médica, comandada por Dabula, sentia, agora, que era a autoridade superior, enquanto a equipe de segurança, comandada pelo Brigadeiro Dladla, se via do mesmo modo. O escritório de Madiba já tinha uma longa história de trabalho conjunto com as equipes de segurança. Senti como se houvesse uma tentativa de minar a autoridade da fundação e do escritório do Sr. Mandela: quanto mais velho ele ficava e menos capaz de expressar seus próprios desejos, mais as pessoas se movimentavam para levá-lo a fazer o que elas queriam, servindo aos seus interesses em vez dos dele, embora pudessem ver esses como os interesses do País. E eu me via no meio de tudo isso.

Na noite do show de abertura da Copa do Mundo, antes do dia da abertura oficial do campeonato, a adorada bisneta de Madiba, Zenani, morreu em um acidente de carro. Na manhã seguinte, acordei com uma mensagem da Presidência perguntando se os rumores eram verdadeiros. Chequei e comprovei que eram. Fiquei tonta com o choque. Zenani era a criança mais doce e adorável que se pode imaginar.

Sabendo da morte de Zenani, imediatamente assumi que Madiba não seria capaz de ir à cerimônia de abertura. No entanto, eu recebia informações confusas. A Sra. Machel havia saído de casa para ir dar apoio à família, e eu não consegui contato com ela imediatamente. Quando telefonou, ela disse que os familiares haviam se reunido e decidido que Madiba não deveria ir ao evento. Mal haviam transcorrido trinta minutos e eu recebi um telefonema da casa me dizendo que Madiba definitivamente iria. Quando perguntei o que aconteceu, me disseram que algumas pessoas da equipe da casa convenceram Madiba a fazer uma aparição curta. Liguei novamente para verificar quem estava com ele, e me pareceu que alguém da equipe médica ou da segurança havia convencido Madiba de que o mundo esperava para vê-lo. Realmente o mundo esperava, e eles jogaram com a culpa, mas queriam eles mesmos ir à cerimônia. Ao convencer Madiba a comparecer, certamente entrariam à custa dele e de sua família em um momento tão difícil para todos. Eu estava furiosa. Relatei isso à Sra. Machel, e, quando ela chegou em casa, resolveu o assunto. Até minutos antes da cerimônia de abertura as pessoas tentavam mudar o planos para que Madiba estivesse presente.

Tornava-se cada vez mais evidente que a luta pelo poder sobre o que Madiba tinha de fazer ou não seria uma batalha difícil. O Sr. Mandela não assistiu ao show, e participou da vigília com sua família. A batalha era exaustiva. A equipe médica claramente tinha o desejo de assegurar sua autoridade sobre Madiba. Aqueles que o serviram durante anos eram notoriamente colocados de lado. Eu nem imaginava o que viria pela frente. Na época eu lamentava por Madiba. Imaginei que ele se sentia com um antílope atropelado, confuso, sendo empurrado de um lado para o outro por pessoas e já impossibilitado de ter ele mesmo um raciocínio claro.

A despeito desse dia triste para todos nós, o País explodiu de animação quando foi dado o chute inicial da primeira partida no Soccer City. Mais uma vez a África do Sul era uma nação unida. O

esporte reuniu todos nós, e, depois do sucesso do primeiro jogo, as pessoas perderam o medo do fracasso. Havia turistas por todo lado, e os negócios iam muito bem. As pessoas enfeitavam seus carros e casas com as bandeiras dos países que apoiavam.

O funeral de Zenani aconteceu uma semana depois da partida inicial. Duas semanas mais tarde, quando eu assistia a um jogo com os Clintons, minha avó também faleceu. Eu presenciei dois tristes funerais durante a Copa do Mundo, e isso confundiu minhas emoções. Achava difícil me empolgar com as celebrações nacionais. A Sra. Machel e Josina foram ao funeral de minha avó em Pretória. Minha família ficou extremamente tocada e agradecida. Jamais pensei que as duas pudessem viajar tanto tempo para dar apoio à minha família. Era a última dos meus avós, e, apesar do fato de eu me sentir um tanto amargurada por ela ter feito minha mãe passar pelo trauma de ir para um orfanato, estava muito, muito triste com seu falecimento. Minha maravilhosa mãe não guardava ressentimentos, e era muito próxima de minha avó. E permaneceu ao lado dela até o fim.

A Sra. Machel aparece nos momentos mais surpreendentes, e tem um instinto materno aguçado. Ela sabe quando alguém precisa de seu apoio. Isso me fez pensar no apoio também para ela. Madiba estava cada vez mais velho, e se tornava difícil para ela ver o marido envelhecendo. Ela não era uma máquina, e também precisava de apoio. A Sra. Machel esteve ao meu lado quando eu sofria com o término de meus relacionamentos, ou quando a vida simplesmente ficava muito pesada. Mais do que qualquer outra pessoa.

A integridade de Madiba se baseava no respeito. Respeito pelos amigos, respeito pelos inimigos, pelos que são mais pobres que você, os que se vestem pior e são menos educados, até mesmo para com aqueles que lhe prejudicam ou cometem erros. Mas também para com os mais poderosos, os mais ricos e os mais espertos que você. Não houve nenhum dia em que eu sentisse que Madiba me desrespeitava por eu ser uma pessoa inferior a ele, saber menos,

ganhar menos, saber tão pouco sobre a vida e às vezes, bem, ser tão estúpida. Nem um dia. Nem *uma* ocasião. A Sra. Machel era a pessoa que fazia Madiba realmente feliz, e só por isso merecia respeito. Nunca tive dúvida se ela precisava ou demandava isso. Ela simplesmente merecia.

Em maio resolvi que tinha de fazer alguma coisa para o Dia de Mandela. Depois de discutir a ideia com um colega, Sello Hatang, decidi organizar uma caravana com um grupo de motociclistas. A ideia era que um grupo representativo viajasse entre Joanesburgo e a Cidade do Cabo (aproximadamente 1.400 quilômetros) para celebrar a data. No caminho pararíamos nos lugares que abrigavam projetos beneficentes, onde poderíamos oferecer sessenta e sete minutos de apoio ao projeto. Todos nós podemos aderir ao Dia de Mandela para homenagear Madiba. É um dia para servir, e Madiba, tendo passado sessenta e sete anos lutando contra a injustiça social, pedia apenas sessenta e sete minutos de seu tempo. A ideia também era demonstrar às pessoas que, se todos nós fizermos um pouco, podemos mudar o mundo para melhor.

Entre as pressões da Copa do Mundo, eu também procurava executivos que visitavam a África do Sul para assistir ao torneio enquanto organizava a viagem. Eu havia iniciado um negócio no ano anterior, que especificamente cuidava dos problemas logísticos para VIPs que visitassem a África do Sul. Meu papel no escritório diminuía gradativamente, e eu tinha de me manter ocupada, o que me fez decidir começar a empresa. Durante a Copa do Mundo consegui alguns desses clientes de alto perfil, e meu tempo e energia se dividiam agora entre todas as minhas responsabilidades.

Nossa viagem de motocicleta começou no dia seguinte ao encerramento da Copa, partindo da sede da fundação, no meio do frio invernal. Foi agradável e um grande sucesso. Morgan Freeman e sua sócia, Lori McCreary, estavam na África do Sul para a Copa, e nos acompanharam na viagem de motocicleta. O projeto foi um sucesso. O Dia de Mandela foi noticiado por todo o País e pelas

redes do mundo inteiro. E, o mais importante, tocamos milhares de vidas. É algo que tenho esperança que continue no futuro. Todo o grupo estava realizado no fim do passeio. Sentimos que realmente fizemos diferença na vida das pessoas.

Na quinta-feira antes do encerramento da Copa, Madiba sinalizou que gostaria de assistir à final, ou pelo menos aparecer no estádio, já que não pudera assistir ao jogo de abertura por causa da morte da jovem Zenani. Informei a todos os interessados sobre seu desejo. Tivemos de acionar novamente todos os mecanismos para esse comparecimento.

No domingo do último jogo, tínhamos finalmente feito todos os arranjos para que Madiba entrasse em campo na cerimônia para ao menos acenar para a multidão. Ele estava excitado, mas era inverno, e sabíamos que sua presença precisaria ser a mais curta possível. Quando chegamos ao estádio, o General Dabula e todo o comando da Força de Defesa esperavam por Madiba. Eu não sabia a razão de estarem ali, já que eram apenas administradores e não lidariam com nenhuma situação se algo acontecesse. Enquanto a equipe de segurança preparava um carrinho de golfe especial para Madiba, a equipe médica preparou outro. A luta pelo poder começou. O General Dabula insistia em acompanhar Madiba no carro de golfe no trajeto de 50 metros até o centro do campo. A segurança não concordava, mas ficou quieta. Esse arranjo também significava que não haveria espaço no carro de golfe para a Sra. Machel. Eu não concordei e uma enorme discussão começou. Toda a equipe era jovem e preparada para caminhar ao lado do carro de golfe, se houvesse necessidade. De qualquer maneira, se algo acontecesse a um VIP em público, ninguém cuidaria do assunto ali, e simplesmente o levaria (ele ou ela) para um lugar seguro. Qual seria a razão para comprometer o lugar da Sra. Machel por conta da equipe médica? Eles teriam de atirar em mim para que eu desistisse. Simplesmente não havia bom senso nessa proposta. Quando Madiba chegou, o assunto ainda não havia sido resolvido.

A segurança e eu insistimos, e eu percebi o ressentimento do General Dabula. Ele queria ter a palavra final, mas não tornaríamos a vida de Madiba difícil para que ele fizesse o que queria. Quando o nome de Nelson Mandela foi anunciado, o carro de golfe entrou no estádio. É claro que ele estava rodeado pela segurança e pela equipe médica. E pelo alto escalão da Força de Defesa. Eu fiquei no túnel e testemunhei o circo a distância. O barulho da multidão se tornou ensurdecedor quando Madiba foi visto. Ele sorria e acenava. Estava com seu chapéu russo de pele e vestia seu casaco quente favorito, xale e luvas. Mum estava sentada ao seu lado, e ambos acenavam para a multidão. Era o final adequado para sua carreira em público. E realmente foi a última vez em que ele apareceu formalmente em um evento público.

No fim de 2010, Madiba regressou a Shambala para permitir que a equipe de sua casa tivesse férias. Uma vez que Madiba não viajava mais e raramente ia a algum lugar, a equipe de casa trabalhava o tempo todo. Todos estavam no limite, e realmente precisavam de descanso. De Shambala foram para Qunu para o Natal, e eu passei o Natal com minha família.

Quando cheguei à Cidade do Cabo, nos últimos dias de dezembro, para ficar com Madiba e Mum no Ano-Novo, me preocupei muito ao revê-lo. Ele havia perdido peso nas últimas duas semanas, e estava agitado e nervoso. Quando saí para os feriados, ele estava com muita dificuldade para caminhar. Como sempre, expressei minha preocupação para a equipe médica, e eles simplesmente me responderam: "Madiba está bem". Evidentemente eles achavam que a saúde do meu chefe não era da minha conta.

A Sra. Machel também estava apreensiva, mas se tornava cada vez mais claro que a equipe médica agora obedecia a instruções de certos membros da família, e isso trouxe prioridades diferentes. Mais tarde a Sky News noticiou que Madiba tinha escaras. Os enfermeiros da Cidade do Cabo, que atuavam de modo independente, estavam preocupados e estressados.

Rodney, um paramédico da Cidade do Cabo, e eu decidimos comprar alguns equipamentos médicos para deixá-lo mais confortável. As enfermeiras e a equipe médica que o acompanharam desde Pretória pareciam desinteressadas em relação a sua condição e a seu desconforto. A secretária, tantas vezes acusada de ineficiência, estava agora mancomunada com os médicos da Cidade do Cabo para investigar todos os modos possíveis de atender às necessidades médicas de Madiba. O fato de eu não estar agora internada em um hospício é um mistério para mim. Situações como aquela me faziam sentir à beira da insanidade.

Minha primeira pergunta era: se o cuidado dele estava nas mãos do governo, por que razão não providenciavam certas coisas básicas? Quando uma pessoa envelhece, suas necessidades mudam, e é de bom senso a necessidade de continuamente se adaptar a tal situação; é preciso deixá-la o mais confortável possível. No *Conversations with myself*, Madiba relata uma conversa com o editor Richard Stengel: “Eu me movimentava em círculos onde o bom senso e a experiência eram importantes, e neles as altas qualificações acadêmicas não eram necessariamente decisivas”. Eu havia chegado precisamente a essa compreensão. Havia certas instâncias nas quais o bom senso que meu pai havia me ensinado se tornava mais decisivo que minha falta de diploma e de formação acadêmica.

As coisas se deterioravam rapidamente. A situação foi relatada para os responsáveis pelo cuidado de Madiba em Pretória, o General Dabula e o cirurgião-geral Vejay Ramlakan. Era evidente que o Sr. Mandela precisava de um especialista para examinar seu joelho.

Nesse ínterim, percebemos que Madiba não seria capaz de voltar para Joanesburgo em 11 de janeiro, como originalmente se previa. Ele tinha grande dificuldade para caminhar, então compramos uma cadeira de rodas. A cadeira não caberia no atual elevador da residência em Joanesburgo, e foi necessário substituí-lo por um

modelo maior. Isso significava que a companhia que o instalou teria de alargar o poço. Meme Kgagare, a governanta, e eu acionamos a empresa responsável pela instalação do elevador original e solicitamos que começassem a trabalhar o mais rápido possível. Meme nos manteria informados diariamente sobre o progresso na reconstrução do poço. Isso levaria tempo, portanto, teríamos de permanecer na Cidade do Cabo um pouco mais do que esperávamos. Raros visitantes apareciam para ver Madiba, mas, no resto do tempo, um silêncio desconfortável se instalava na casa.

Em 13 de janeiro de 2011, uma quarta-feira, um especialista em cirurgia ortopédica do Hospital Militar 2 recebeu ordens para examinar Madiba. Ele entrou na sala de estar quando eu e o Prof. Gerwel estávamos com o Sr. Mandela. Examinou o joelho de Madiba, que protestou de dor. O médico pediu aos enfermeiros que o levassem ao quarto para um exame adequado. Quando regressou à sala, parecia chocado. Ele nos informou que manteria contato, mas que estava preocupado, pois problemas subjacentes poderiam ser a causa do enfraquecimento das últimas semanas.

Nesse dia em particular, a Sra. Machel estava em Moçambique, pois tinha de preparar sua família para seu filho pagar o *lobola* (o valor a ser pago para se casar com uma mulher, na tradição africana). A família da Sra. Machel dificilmente dependia de seu tempo e de sua atenção, mas aquela foi uma das poucas ocasiões em que seus filhos precisavam de sua presença em Moçambique. Àquela altura, o General Dabula também estava na Cidade do Cabo. O médico o havia informado. O general apelou para que internássemos Madiba no Hospital Militar da Cidade do Cabo imediatamente. Expliquei que a Sra. Machel regressaria naquela noite e que eu não poderia decidir sozinha. Esperaríamos por ela, a menos que insistissem que se tratava de uma emergência.

O General Dabula disse que estava mais preocupado pelo fato de Madiba estar com saudades de casa. E sugeriu que fizéssemos vir alguém da equipe doméstica de Joanesburgo, de avião. Eu afirmei

que os assuntos domésticos e as escalas da equipe não diziam respeito a mim nem aos médicos, e que, na minha opinião, Madiba estava com saudades de casa havia quase dois anos. Qualquer um que passasse algum tempo com ele sabia que, se ele estivesse em Joanesburgo, queria estar em Qunu, e que, se estivesse em Qunu, queria estar em Joanesburgo. Se estivesse na Cidade do Cabo, queria estar em Joanesburgo ou em Qunu. As pessoas idosas são assim. Recomendei que deixássemos os assuntos domésticos por conta da Sra. Machel e que ele se concentrasse nas questões médicas. Senti que ele ficou chateado comigo, mas eu via em suas ações outro sintoma de desrespeito para com a Sra. Machel. Havia sempre política na casa, tal como há em qualquer ambiente de trabalho.

A Sra. Machel chegou em 14 de janeiro, mas eu havia enviado uma mensagem de texto a ela explicando que o General Dabula e o especialista que examinou Madiba queriam vê-la na manhã seguinte. Ela concordou em se encontrar com eles às onze da manhã. Mas então soube que o General Dabula decidiu não incluir o especialista que havia examinado Madiba. Em vez disso, ele levaria uma terceira médica, clínica-geral. Ela nem sequer havia examinado Madiba, no entanto foi solicitado que orientasse a Sra. Machel.

Depois de nossa sessão de ginástica na manhã de sexta-feira, levei a Sra. Machel até seu carro e lhe disse que o especialista que havia examinado Madiba suspeitava de algum problema subjacente, que poderia estar influenciando na rápida deterioração de Madiba, e que eles iriam sugerir que o Sr. Mandela fosse internado no hospital naquela mesma tarde. Eu ficava cada vez mais preocupada com ela também. O estresse constante de lidar com a política da família a sobrecarregava, e temi que, se fosse surpreendida com o anúncio de que seu marido tinha de ser hospitalizado, ela pudesse ter um ataque. Não podíamos viver sem ela. Os médicos chegaram à casa às 10h30, e depois da discussão as preparações foram realizadas para que Madiba fosse levado ao Hospital Militar 2, onde seria

internado para uma bateria de exames, inclusive raios-X e ressonâncias magnéticas.

Eu frequentemente era advertida por alguns membros da família Mandela para me manter fora da vida pessoal de Madiba, mas estava extremamente frustrada. Qualquer leigo podia ver que as coisas não eram tratadas da melhor maneira possível, e era clara a necessidade da equipe médica de levar em consideração a política interna da família — acima dos interesses do paciente. Os médicos eram instruídos por alguns membros da família para não discutir nada comigo. Era evidente que o fato de eu salientar determinados problemas começava a irritá-los.

No hospital as coisas caminhavam bem, mas Madiba estava inquieto. Ele jamais gostara de hospitais. Não queria ficar lá e protestou. No sábado de manhã, por volta das seis horas, recebi um telefonema do leal Mike Maponya, motorista de Madiba desde que ele saíra da prisão. Meu coração parou. Mike não me ligava com frequência, e era cedo demais para receber um telefonema que não fosse importante. Você sempre espera o pior. Madiba queria que eu fosse imediatamente ao hospital. Eu precisei me vestir e me tornar um pouco apresentável, e só cheguei um pouco mais tarde. Madiba estava furioso comigo. “Zeldina, você, você entre todas as pessoas, me abandonou e me deixou aqui.” Havia anos que ele não passava uma noite em um hospital, e detestava isso. Mike tentou amenizar a situação dizendo a Madiba que Mum estava para chegar, e estava mesmo. Expliquei que as pessoas estavam ali para cuidar dele e examiná-lo para ter certeza de que tudo estava bem, mas ele não aceitava. Por sorte, a Sra. Machel logo chegou e o acalmou. Para mim era difícil vê-lo assim inquieto, e eu desapareci do quarto logo que consegui uma oportunidade. Eu não podia aguentar vê-lo tão frustrado. Os médicos estavam ocupados o tempo todo com ele, e fizeram várias reuniões a portas fechadas. Fiquei aliviada, porque percebi que agora lhe davam toda a atenção. Ele estava nas mãos de especialistas, e isso era tudo o que realmente importava para mim.

O General Dabula não era visto em lugar algum, e a médica clínica-geral de plantão que cuidava de Madiba fora afastada, com amigdalite. Era motivo de grande preocupação para mim que dois dos personagens-chave na questão da saúde de Madiba estivessem ausentes. A Sra. Machel informou às três filhas de Madiba sobre a sua internação, e eu informei ao Prof. Gerwel. Eu disse ao Prof. que não alertara ninguém na fundação, pois era crucial manter toda a situação em sigilo. Caso contrário, sofreríamos um enorme assédio no hospital, por parte da imprensa e do público.

A ministra da Defesa na época, Lindiwe Sisulu, visitou Madiba no hospital na noite de sábado. Ela é filha de antigos amigos de Madiba, Walter e Albertina Sisulu, já falecidos, prima de Makaziwe Mandela. Na África do Sul, é o Ministério da Defesa o responsável pelos cuidados com a saúde dos chefes e ex-chefes de Estado. Eu não estava lá, mas a Sra. Machel estava, e a ministra se mostrou preocupada com o bem-estar do Sr. Mandela. Mais tarde, na noite de sábado, começaram a circular boatos de que Madiba havia falecido. O governo queria emitir uma declaração dizendo que ele fora internado no Hospital Militar na Cidade do Cabo para exames, mas eu argumentei que seria arriscado revelar sua localização. Eles queriam deter os rumores de que ele havia falecido.

Nesse ínterim, a fundação entrou em contato comigo para perguntar se havia fundamento nos boatos sobre o falecimento de Madiba. Eu disse: "Madiba está vivo, mas por favor, falem com o Prof. para ter outras informações". Não queria ser eu a dar a informação, já que sabia o que poderia acontecer. Muitas vezes fui acusada de vazar notícias para a mídia. Tínhamos a suspeita de que os telefones estavam sendo monitorados, já que conversas confidenciais vazavam por razões inexplicáveis. Nessas circunstâncias, é melhor que os altos funcionários discutam o processo. Mais tarde foi emitida uma declaração comunicando que Madiba estava em férias com a esposa e que não havia fundamento

nos rumores sobre seu falecimento. Avisei à Presidência que essa declaração já havia sido feita e eles decidiram não publicar nada.

No domingo, Madiba recebeu alta, depois de ser examinado por todos os especialistas pela última vez. Chegamos a sua casa na Cidade do Cabo por volta de uma da tarde, e lá estava a clínica-geral que estava afastada por causa da amigdalite. Eu me perguntei: será que ela não poderia ter ido ao hospital pela manhã para receber as instruções de alta dos especialistas, se agora estava suficientemente bem para ir para a casa de Madiba? Se estivesse doente, com certeza não era recomendável estar perto de Madiba. As pessoas idosas — especialmente quando estão com a saúde vulnerável — não são mais suscetíveis a infecções?

Na segunda e na terça-feira Madiba apresentou progressos. A medicação obviamente começava a fazer efeito. Na quinta-feira pela manhã, cheguei ansiosa para ouvir da médica de plantão como estava o Sr. Mandela, mas o pessoal médico e de segurança me informou que a médica não estava trabalhando. Quando perguntei onde ela estava, me disseram que havia ido fazer compras. Para mim, isso era um absurdo. Como fazer compras podia ser uma prioridade para uma médica três dias depois que Nelson Mandela havia recebido alta? Eu sairia muito da linha ao pensar que podia questionar a médica por não estar trabalhando, e isso logo foi relatado à família.

A Sra. Machel viajou para Maputo a fim de participar do casamento tradicional de seu filho, Malenga. Disseram a ela que Madiba estava bem e que era seguro que ela viajasse, mas concordamos que estaríamos em permanente contato uma com a outra.

Zenani, a filha de Madiba, chegaria no sábado à Cidade do Cabo. A Sra. Machel havia pedido que ela viesse para ficar com seu pai enquanto ela assistia ao casamento em Moçambique. Ela chegou a casa por volta das dez da manhã, e o Sr. Mandela ainda não havia

acordado. Os especialistas deveriam ver Madiba às onze horas. Zenani, eu e Shirley, a empregada, nos sentamos na cozinha para conversar, e eu perdi a noção do tempo. Em algum momento depois das onze, perguntei sobre os especialistas e me disseram que não podiam vir por conta própria até a casa. Eles aguardavam ordens, como qualquer burocracia militar, para serem apanhados no hospital e levados até lá. Quando telefonei e perguntei por que eles mesmos não podiam dirigir, me disseram que não tinham permissão. Pensei comigo mesma: e se houvesse uma emergência? Teríamos de esperar que Pretória emitisse uma ordem para os especialistas na Cidade do Cabo serem buscados no hospital porque não tinham permissão para dirigir por conta própria?

Além de tensa, eu estava ansiosa em relação à saúde de Madiba, e fui ver o Prof. Gerwel em seu escritório na Cidade do Cabo. Eu queria lhe contar que a situação piorava e que precisávamos de uma intervenção. Por conta de toda a politicagem entre a equipe médica e a família, não havia como alguém fazer todas as partes concordarem. O Prof. era minha referência sobre tudo e qualquer coisa. Madiba dificilmente tomava decisões sem o consultar. De certo modo, o Prof. era o ponto de equilíbrio de Madiba. Ele sabia exatamente como achar o terreno mutuamente aceitável entre o que Madiba queria que fosse feito e o que era possível fazer. Eu era uma das poucas pessoas que podiam sempre contatar o Prof. Gerwel, a qualquer hora do dia ou da noite. Ele estava envolvido em muitas frentes, mas sabia que dependíamos dele. Eu sabia também que, havendo qualquer emergência, ele seria minha primeira referência. Ele se ofereceu para falar com a ministra da Defesa, foi marcada uma reunião na segunda-feira, depois que a Sra. Machel houvesse retornado de Maputo.

No domingo, quando a Sra. Machel voltou, a situação de Madiba havia se agravado. O Sr. Mandela não queria perder nenhum de nós de vista, e insistia para que alguém ficasse o tempo todo com ele. Estava pálido e fraco. Estava seriamente doente. Eu estava preparada para dar meu adeus, mas não sem dar um último tiro

nessa luta, para assegurar que tudo fora feito para garantir que ele estivesse nas melhores mãos possíveis.

Na manhã de segunda-feira, um dos especialistas foi dispensado por divergências sobre as ações com o cuidado de Madiba. Outro especialista do Hospital Militar 1 veio de avião de Pretória para se unir à equipe. Ele examinou o Sr. Mandela e manifestou preocupações sérias. Não havia como voar para casa com Madiba no estado em que ele se encontrava. O médico recomendou que Madiba fosse levado ao Hospital Militar 2 novamente, para fazer raios-X do tórax. Suspeitei de que Madiba estivesse com pneumonia. A maioria das mortes de pessoas idosas é resultado de septicemia ou pneumonia. Nessa ocasião houve a reunião entre a Sra. Machel, a Ministra Sisulu e o Prof. Gerwel; a Sra. Machel forneceu detalhes sobre as semanas anteriores. O Prof. estava tão preocupado quanto ela e eu com a saúde de Madiba e seus cuidados. A Sra. Machel estava sem esperanças. Como fui eu quem levantou as preocupações, e porque os especialistas eram todos brancos, senti que o assunto havia se tornado uma questão racial. Não havia solução, a menos que o Prof., a Sra. Machel e a ministra intervissem.

A ministra averiguou a possibilidade de substituir toda a equipe, mas a Sra. Machel sentia que eles a crucificariam se ousasse interferir nas indicações da família. Para todos nós era claro que, não importa quem indicasse quem, Nelson Mandela supostamente deveria ter a atenção de especialistas. A ministra ofereceu-se para trazer uma equipe internacional, mas a Sra. Machel advertiu que isso poderia ser visto como um voto de desconfiança para com os médicos e a medicina da África do Sul. Ela estava certa. Nós temos alguns dos melhores especialistas do mundo.

Na terça-feira, o especialista do Hospital Militar 1 nos informou que voltaríamos para casa na quarta. Um avião-ambulância foi encarregado por Pretória para remover Madiba, com equipamentos médicos de emergência, e levá-lo para casa. Fui informada por

Maretha, minha colega, que agora lidava com a logística, que o avião podia acomodar apenas quatro ou cinco passageiros, devido ao equipamento extra a bordo, mas que um segundo avião fora contratado para transportar o restante da equipe médica e de segurança de volta para Pretória.

Na manhã de terça-feira, eu estava à mesa do café com a Sra. Machel e Ndaba, neto de Madiba, que havia chegado no dia anterior, quando os informei sobre o espaço no avião. Eu desejava determinar, junto com eles, quem voltaria para casa em qual avião. Ndaba insistiu em voar com Madiba, pois um membro da família tinha de estar com ele. A Sra. Machel disse que decidiriam sobre os espaços de manhã, mas que os médicos tinham prioridade. Eu me senti profundamente ferida pelo fato de Ndaba dizer que ela não era da família. Não são as grandes coisas que me ferem, mas sim esses assuntos mundanos. E é claro que isso feriria Madiba caso ele tivesse ouvido como sua esposa estava sendo tratada. Eu já tinha planejado voar em um avião comercial, pois sabia muito bem que não podia me intrometer nisso. A Sra. Machel perguntou se eu não queria reconsiderar e voltar no avião de reforço, mas eu declinei, explicando que era melhor que houvesse espaço extra para quem quisesse ir e que eu também não precisava ficar no caminho.

Em algum momento me sentei ao lado de Madiba com as pernas cruzadas e ele tocou minha perna, quase como para sentir que eu estava realmente ali. As lágrimas rolaram dos meus olhos, e eu me levantei para não deixar que ele visse o quanto eu estava preocupada. Ele não conversava mais, e se podia ver que estava terrivelmente fraco. Eu não sabia qual a razão para ele não estar hospitalizado, mas me disseram que voaríamos para Joanesburgo no dia seguinte, onde haveria uma equipe completa de especialistas para cuidar dele.

Na manhã de quarta-feira, cheguei cedo à casa. Madiba estava à mesa do café. Eu comi alguma coisa e decidi ir para o aeroporto pegar meu voo de volta para casa. Cumprimentei a todos,

começando pela Sra. Machel, e, depois de cumprimentar Madiba rapidamente, dei a volta e saí para que ninguém visse que eu estava chorando. Pensei que houvesse feito minha despedida final. Ele tossia sem parar.

Eu estava ansiosa no aeroporto, e liguei pedindo à segurança que me avisasse quando o avião de Madiba estivesse no ar. O acordo entre os médicos era que Madiba seria levado para casa quando chegasse a Pretória, e lá o Dr. Mike Plit, médico particular de Madiba havia mais de vinte anos, iria examiná-lo. Madiba literalmente confiava sua vida ao Dr. Plit. Sempre que não queria comer, nós dizíamos que o Dr. Plit insistia para que ele fizesse três refeições ao dia. E o Dr. Plit exigia isso mesmo. E então ele obedecia. A ideia de que o Dr. Plit estava em Joanesburgo, esperando para cuidar dele, era, portanto, um consolo, se é que era possível haver algum naquelas circunstâncias.

Meu avião atrasou, e Madiba levantou voo antes que eu embarcasse no meu voo comercial. Eu estava cansada e emocionada, e mantive os óculos escuros, tal como uma pretensa celebridade, para disfarçar os olhos vermelhos de tanto chorar. Os boatos sobre a saúde de Madiba haviam se acalmado, e eu não queria alimentar especulações se encontrasse algum conhecido.

Eu havia me isolado completamente de meus amigos, e não queria ver ninguém. Não queria que sentissem o quanto eu estava preocupada, porque intuiriam a razão disso. Todos sabiam muito bem que meu mundo girava em torno de Madiba, e vê-lo assim não se comparava nem com o pior rompimento amoroso que eu já havia sofrido. Não respondi às mensagens de texto, não atendi as ligações. Eu estava sozinha, e não podia compartilhar meu estresse e minha dor com ninguém. Entrava em contato diariamente com o Prof. Gerwel e o mantinha informado, mas, fora isso, não queria falar com ninguém. Ninguém me disse, mas eu sabia que era melhor para mim e para a situação.

Geralmente tenho muita facilidade para dormir em aviões ou dentro de qualquer coisa que se movimenta. Eu havia dominado a arte do cochilo restaurador. No entanto, no voo de volta para Joanesburgo, não consegui fechar os olhos. Estava completamente desperta e consciente de tudo o que acontecia ao meu redor, mesmo estando exausta. Depois de aterrissar em Joanesburgo, no início nem liguei o meu celular. Pulei para o Gautrain, o trem expresso para Sandton, onde meu irmão me pegaria e me levaria para casa. Eu não queria falar em público pelo telefone, já que esperava ouvir o pior.

A primeira ligação que recebi quando cheguei a Sandton foi de nosso diretor executivo, Achmat. Ele perguntou se eu sabia onde Madiba estava, e eu respondi que esperava que já estivesse em casa, pois haviam saído da Cidade do Cabo antes de mim. Ele então me disse que recebeu ligações dizendo que Madiba havia sido levado para o Milpark, um hospital particular nos subúrbios de Joanesburgo. Liguei para a segurança e confirmei a informação. Liguei de volta para Achmat e repeti o que a segurança havia me dito. Quando falamos, uma nota já havia sido emitida pela fundação, com a autorização da família, informando que Madiba havia sido levado ao Milpark para exames de rotina. relatei isso ao Prof. Gerwel e comentei sobre minha preocupação com a nota emitida. Fiquei incomodada com a referência a exames de rotina.

Fui para casa e fiquei feliz ao ver meus cães e estar com meu irmão e minha colega de longa data, meu porto seguro, Maretha. Saí um pouco mais tarde para ir ao hospital. Quando cheguei, os médicos estavam ocupados, e só pude ver Madiba por uma porta de correr. Acenei para ele e ele acenou de volta, e isso me fez sentir que ele estava bem, mesmo que ainda parecesse muito fraco. Ele tinha pneumonia, ou infecção respiratória, como disseram. Além das escaras e da inflamação no joelho.

Outros dois dias transcorreram entrando e saindo do hospital. No segundo dia descobrimos uma rota secreta, de modo que a mídia

não poderia me usar como “barômetro”, como dizia a família, acerca da condição de Madiba. Os jornalistas começaram a seguir todos os meus movimentos, e eu apareci nos jornais ao lado de Josina, rindo sobre alguma coisa estúpida entre nós, e isso foi interpretado como “Madiba estava bem”. Na tarde de sexta-feira ele iria receber alta e já estava apresentando melhoras. Enquanto isso, eu apoiava a equipe de casa para ter tudo pronto para o seu regresso. Uma grande entrevista coletiva foi convocada para o hospital, durante a qual Madiba foi levado para casa. A segurança espertamente criou essa distração, e, quando a imprensa pensou que Madiba estivesse prestes a sair, ele já estava seguro em casa.

No sábado depois da alta, a imprensa preparava uma história para os jornais de domingo, dizendo que havia tensão entre a fundação e a família, e que o governo teve de intervir, e que isso era, segundo a especulação, a razão pela qual ninguém ter emitido nenhuma declaração em seguida à hospitalização de Madiba, depois do primeiro comunicado da fundação. Não era o caso. Sempre houve tensão entre a equipe de Madiba e certas facções da família, mas isso não piorou com a situação. Nem seria correto dizer “a família”, implicando todo o conjunto.

Na medida em que Madiba enfraquecia no decorrer dos anos, certos membros da família viram a oportunidade de dizer à sua fundação e equipe o que achavam que devíamos fazer e como devíamos fazer. Se Madiba estivesse suficientemente forte, não permitiria isso. Ele dirigia sua equipe e nos protegeu de muitas coisas no decorrer dos anos. Sua fraqueza era a oportunidade para que alguns membros da família avançassem e comesçassem a controlar as coisas a seu favor.

Logo Madiba estava muito melhor, mas a recuperação era lenta. Durante essa enfermidade prolongada, enfrentávamos problemas para cobrir as despesas e manter as residências funcionando. Como ninguém podia assinar em nenhuma das contas de Madiba, um

arranjo alternativo tinha de ser feito. E seguiu-se uma disputa dentro da família enquanto tentávamos resolver a situação.

A luta pelo controle dos recursos de Mandela continuou e se complicou à medida que o tempo passava.

No decorrer dos anos, o banco sempre me chamava para verificar as transações na conta de Madiba. Como ele era uma pessoa de alto perfil e não podiam falar diretamente com ele, me telefonavam sempre que havia um depósito, retirada ou transferência, simplesmente para verificar o movimento da conta e se foi ele que efetivamente solicitou essa movimentação. O banco exigiu, com a nova procuração que agora colocava a Sra. Machel e duas das filhas de Madiba no controle, uma carta assinada por Madiba autorizando-os a ainda me ligarem para verificar tais transações. Preparei todos os documentos e os entreguei à Sra. Machel antes de viajar para Nova York, onde eu falaria na Fundação Clinton sobre outro evento de levantamento de recursos para a Fundação Nelson Mandela, e em Tribeca sobre um possível trabalho conjunto no Dia de Mandela. Eu jamais fui autorizada a assinar em nenhuma das contas de Madiba, e era simplesmente responsável pela administração. A Sra. Machel não queria assumir o controle. Eu odiava as ligações do banco para verificar qualquer movimento nas contas dele. A fundação nomeou um contador anos antes para me isolar desse tipo de assunto. Eu preferia assim. Talvez, subconscientemente, nós soubéssemos o que todos nós teríamos pela frente.

Quando eu estava em Nova York, Makaziwe foi ao escritório na manhã de segunda-feira, procurando por mim. Não conseguiu me encontrar e perguntou a Achmat onde eu estava. Ele contou a ela que eu estava nos Estados Unidos, e ela perguntou quem havia me dado permissão para viajar. Achmat disse que, na condição de diretor executivo, havia feito isso e que eu estava lá para cuidar de assuntos oficiais da fundação. Ela então perguntou por que era necessário que uma secretária viajasse para Nova York, e eu não sei o que ele respondeu. Ela o questionou sobre a razão de uma

secretária ter de verificar as transações, quando eles, os Mandelas, assinavam os documentos das contas de Madiba. Eu aprendi que às vezes é melhor não manifestar sua opinião sobre algo, quando a situação fala por si mesma.

Àquela altura, a Sra. Machel havia perdido toda a privacidade em sua própria casa. Era certo que Madiba necessitava de cuidados médicos o tempo todo, mas a privacidade dela jamais foi considerada. Imagine viver em sua própria casa e não poder sair do quarto para ir à cozinha usando um robe. Jamais sair do quarto sem estar adequadamente vestida, já que sempre havia estranhos na casa. Jamais poder baixar a guarda, já que havia olhos e ouvidos registrando todos os seus movimentos.

Outra das grandes lições que aprendi, tanto do Sr. Mandela quanto do Prof. Gerwel, é que às vezes é necessário deixar as coisas acontecerem, e ser um simples espectador. A amargura nos deixa doentes. Durante o tempo de encarceramento, eles eram forçados a trabalhar nas minas de cal, cortando pedaços sem nenhuma razão. A amargura é a mesma coisa. Você reduz seu próprio caráter com esse exercício insensato de cultivar a amargura. É preciso deixar que as coisas aconteçam do modo como têm de acontecer. Nem todas as situações podem ser modificadas por nós. Muitas vezes, durante minha carreira, eu quis responder de imediato às situações, mas, com o passar do tempo e com a idade, aprendi que é preciso simplesmente deixar as coisas seguirem o seu curso. Observando Madiba no decorrer dos anos escondendo sua descrença nas pessoas, ele às vezes, na minha opinião, fazia que elas criassem sua própria fortuna ou infelicidade. Paciência é tudo.

12 *Dizendo adeus*

Alguns meses depois de sua primeira longa internação, decidiu-se transferir Madiba para Qunu. Ele sempre perguntava sobre as pessoas com quem crescera, ou sobre membros falecidos da família. Qunu é uma área remota no Cabo Oriental, e, considerando que foi onde Madiba adoeceu em dezembro, recebemos as instruções com ceticismo. Em casa, em Joanesburgo, ele tinha atendimento médico rápido, amigos íntimos apareciam de vez em quando e alguns familiares o visitavam ocasionalmente. Podia-se contar com pessoas como Ahmed Kathrada e George Bizos para aparecer e visitá-lo, o que em Qunu se tornaria difícil. Não sabíamos o que podia se esperar em Qunu. A família insistiu, e não houve como a Sra. Machel impedir. Madiba estaria tranquilo onde quer que ela estivesse, fosse em Qunu ou em Joanesburgo.

Comecei a viajar para Qunu semanalmente, ou pelo menos a cada duas semanas, com o apoio da fundação. Madiba não queria conversar, mas queria companhia. Dificilmente alguém o visitava, e a Sra. Machel era a única, além da equipe médica e dos empregados da casa, que ele tinha ao redor. Qunu é um local distante, de difícil acesso. Era necessário reservar um dia inteiro para ir e voltar, o que significava acordar às três da madrugada e estar de volta às oito da noite, se fosse o caso de retornar no mesmo dia.

Anunciou-se na fundação que a organização passaria por uma reestruturação para se concentrar mais em sua atividade central. Eu compreendi e apoiei o fato de que a fundação tinha se tornado um centro de preservação da memória, similar a uma biblioteca presidencial, para preservar o legado de Madiba. Este apoiou o estabelecimento do centro de preservação da memória, e a conversão da fundação em ONG especializada na memória e em

ações de diálogo. Ele lançara o projeto em 2004, e durante os anos seguintes doou documentos particulares, presentes e prêmios para a coleção permanente da Fundação Nelson Mandela. Entretanto, eu não concordava que o escritório de Madiba fosse fechado. Enquanto ele estivesse vivo, as pessoas queriam permanecer conectadas com ele, mesmo que não fosse mais possível que ele mesmo respondesse. Seus amigos e associados, as pessoas que tinham um relacionamento com ele, queriam se sentir reconhecidas. Se o escritório de Madiba fosse fechado, isso se tornaria impossível. Mas era esperado que fechássemos seu escritório e transferíssemos os relacionamentos para entidades que não tinham a memória institucional que tínhamos. Seus amigos seriam tratados como parte do processo, e eu senti que eles não teriam mais o reconhecimento de seus relacionamentos individuais.

O Prof. Gerwel e a Sra. Machel protestaram, afirmando que Madiba merecia ter um escritório e uma assistente pessoal até o dia em que morresse. O Prof., que era presidente do conselho da fundação, disse que Madiba havia me escolhido pessoalmente para estar a seu lado, e que ele se recusava a me dispensar. O escritório, enfim, foi fechado, e nós todos nos tornamos disponíveis, apesar de eu ter sido recontratada em tempo parcial. Mas eu estava tão arrasada e fora marginalizada de tal maneira que minha posição na verdade se transformou em uma função cerimonial. Maretha e Thoko, depois de anos de serviços prestados a Madiba, foram dispensadas. Felizmente eu nunca havia feito nada por causa do dinheiro, e fui recompensada de um modo que o dinheiro jamais poderia comprar. Decidi que continuaria dedicada a Madiba e à Sra. Machel mesmo que não me pagassem nada. Eu havia prometido a mim mesma e a ele que jamais o abandonaria até o último dia.

No início de 2012, Madiba vivia permanentemente em Qunu. Eu viajava para lá e passava um ou dois dias com ele toda semana. No dia 28 de fevereiro trabalhei pela última vez como funcionária em tempo integral da Fundação Nelson Mandela. Eu não esperava que o dia seguinte fosse diferente, mas foi. Subitamente me senti vazia e

sem objetivo. Sei que Madiba não teria permitido isso, mas ele já não tomava decisões nem era capaz de verbalizar seus desejos. De fato, ele parecia estar se distanciando lentamente de nós. Estava velho, precisava de cuidados permanentes e não era mais a pessoa alegre que conhecíamos.

Fui informada pelo diretor executivo da fundação que meu cargo tinha de ser mudado de assistente pessoal executivo para assistente pessoal. Em dezoito anos eu passara de datilógrafa a secretária particular assistente, daí a secretária particular, depois a gerente e porta-voz do escritório, e agora voltava a ser assistente pessoal. Na verdade era risível que amor, cuidado, lealdade e confiança pudessem levar alguém a essa montanha-russa.

Jamais tive outras aspirações a não ser atender os interesses dele, e não fiquei perturbada com essas últimas tentativas de marginalização. Veja bem: se Nelson Mandela acredita em você, se ele o escolhe e o defende até não poder mais fazer isso, enfrentando até mesmo críticas do partido que o moldou, pouca coisa pode tirar você de seu rumo na vida. Jamais usei esses fatos para me defender. Apenas permitia que as coisas acontecessem como supostamente deveriam acontecer. Nunca me referi ao fato de ter sido escolhida, pois isso poderia ser interpretado como presunção de minha parte. De qualquer forma, sempre acreditei que chegaria o momento em teria de me defender, e nesse dia eu talvez pensasse de modo diferente.

Essa é, acredito, uma das características dos africanos: somos educados acreditando que não merecemos nada, que não somos nada e que não conseguiremos nada. Bem, os que atingem o sucesso o fazem de modo excepcional, e conseguem superar essa limitação mental. Eu realmente tive de trabalhar muito para aceitar que fui escolhida por Madiba para ser alguma coisa. O lado bom disso é que em geral nós não nos tornamos obcecados com a nossa própria importância. Sou a primeira a admitir que não sou nada, não

seria nada, sem que Madiba tivesse me agraciado e abençoado minha vida.

O rancor da família vazava por todos os lados. Muitos de seus familiares jamais me quiseram por perto, e agora tinham a sua oportunidade. Mas eu ainda me recusava a abandoná-lo. Eles não queriam que eu voasse para Qunu todas as semanas para vê-lo; cheguei a ouvi-los perguntar ao nosso executivo: "O que ela vai fazer lá?". Mesmo que eu tivesse de conseguir um patrocinador para me permitir viajar até Qunu, eu ainda faria isso. Lá estavam apenas a Sra. Machel e as equipes doméstica e médica. Ele estava sozinho. O Presidente Zuma passava por lá de vez em quando, assim como alguns dos amigos mais próximos de Madiba, que se davam ao trabalho de fazer a tediosa viagem até Qunu. Cada vez mais ele ia ficando isolado do resto do mundo. Sempre que havia alguma visita importante, entretanto, havia um súbito fluxo de interessados. Eventualmente convidávamos pessoas como Ahmed Kathrada e outros velhos amigos para passar o dia com ele, e podíamos ver que isso alegrava seu espírito.

Madiba sempre parecia muito feliz em me ver. Havia pouca conversa, mas, sempre que a Sra. Machel estava por perto, ele gostava de nos ver conversando e lembrando histórias do passado. Ele precisava de vida ao seu redor. Precisava de pessoas que tocassem nele, cuidassem dele e criassem uma sensação de normalidade em seu mundo, de modo que ele não se sentisse deixado para trás. Algumas vezes a totalidade de nossa conversa era: "Oh, Zeldina, você está aqui. Como estão seus pais?". Eu respondia brincando: "Não vai perguntar como eu estou, Khulu?", e seus ombros balançavam com o riso. Ele cochilava, despertava e segurava minha mão. Era assim com a maioria dos visitantes.

A casa de Qunu precisava de reformas, e então Madiba regressou por algum tempo a Joanesburgo. As semanas se passaram rapidamente, e ficou mais fácil visitá-lo. Em uma sexta-feira específica, à tarde, a Sra. Machel e eu conversamos sobre o filho da

Rainha Beatrix, da Holanda, que havia se ferido seriamente em um acidente enquanto esquiava. A Sra. Machel tentou se comunicar com a família real holandesa para transmitir o nosso apoio. Éramos muito ligados a eles, e ficamos tristes com a notícia.

Naquela noite de sexta-feira, fui dormir pensando no sofrimento da Rainha Beatrix. Às vezes coloco meu celular no modo silencioso antes de ir para a cama e, no dia seguinte, acordo um pouco mais tarde. Quando acordei e peguei o celular, vi que havia alguma coisa errada. Havia sete ligações perdidas e dezesseis mensagens de texto. Nós não trabalhávamos mais, e não havia razão para aquela quantidade de chamadas, em circunstâncias normais. A primeira mensagem que abri era de Robyn Curnow, uma amiga jornalista: "Madiba está no hospital". Eu respondi: "Está falando sério? Como você soube disso?". Ela então me contou que estava em todos os noticiários. Rastreei o assunto e descobri que era verdade. Eu não soubera de nada. Ninguém havia me contado. Procurei por Josina, e ela confirmou, mas não tinha mais detalhes. Então mandei uma mensagem de texto para a Sra. Machel. Pedia a ela que não me desse nenhum detalhe sobre onde ou quando, mas simplesmente me dissesse se estava tudo bem. Eu não queria que me culpassem se o assunto vazasse. Ela me fez um breve relato do que acontecera.

Não conheço ninguém que tenha sido tratado com a falta de respeito que as pessoas tiveram para com a Sra. Machel. A politicagem dentro da família sobre os preparativos para o funeral de Madiba aconteceu anos antes de sua morte. Em abril de 2005 a revista *Newsweek* publicou uma matéria sobre esses arranjos e um comitê especial que cuidava de tudo. A Sra. Machel e alguns dos filhos se recusavam a falar sobre isso. Ele ainda tinha uma saúde razoável. Era impensável planejar o funeral de alguém enquanto a pessoa estivesse viva e feliz, ainda sendo cuidado por sua esposa. Só muito mais tarde, em 2013, quando o Ministro da Defesa, Nosiviwe Nqakula, enfaticamente envolveu a Sra. Machel, é que ela foi consultada sobre certas providências e informada sobre o que fora planejado. Eu soube que a Sra. Machel teve de armar uma briga

para que o meu nome fosse colocado na lista de convidados para o funeral. Mas eu havia feito uma promessa a *e/e*. Eu estaria com ele até o fim, mesmo que isso significasse ficar atrás do muro de sua fazenda em Qunu quando o enterrassem. Mal sabia eu que isso estaria bem perto da verdade.

É verdade o que Madiba às vezes dizia: "Para testar o caráter de um homem, dê poder a ele". Quando as pessoas têm poder, sempre se revelam.

Prendíamos a respiração a cada vez que Madiba era internado. Àquela altura eu já sabia que, quando ele estava hospitalizado, eu tinha de virar uma eremita, sem falar com ninguém, sem atender o telefone ou mesmo conversar com meus pais. Eu não falava com mais ninguém, salvo o Prof. Gerwel, a Sra. Machel e Josina. Eles compreendiam que, se alguma vez fosse pensado que eu quebrara a confiança ou vazasse informações, eu nunca mais teria acesso a Madiba, porque nesse caso a família teria razões para desejar se livrar de mim. Eu não daria esse prazer a eles, e mantinha distância, dependendo unicamente das informações da Sra. Machel. Também começava a me preocupar com ela, que tinha de lidar com uma carga enorme. A família estava mais dividida do que nunca, enquanto ela estava doente de preocupação com o bem-estar de seu marido.

No trabalho, finalmente a pressão do público começou a ceder. Exceto por algumas pessoas que não compreendiam que Madiba em algum momento pararia de se envolver ativamente, a correspondência e os pedidos diminuíram. Sempre havia alguma proposta que alguém pensava ser a exceção à regra, alguns encontravam razões para considerar que Nelson Mandela apoiaria suas iniciativas, ou pelo menos emprestasse sua associação ou endossasse seus esforços. No decorrer dos anos, compreendi que, se você continuamente faz coisas negativas em seu trabalho, como dizer às pessoas, isso inevitavelmente produz um efeito negativo em sua psique. Você tende a se tornar cético por natureza, e é

necessário um esforço constante para forçar você a sair dessa negatividade. Com menos pedidos e a negatividade que os acompanhavam, era mais fácil encontrar o equilíbrio na vida. Eu começava a me abrir para a fase seguinte.

As pessoas sempre me perguntam se eu lamento não ter me casado nem ter filhos. Seria egoísta e ingrato lamentar qualquer coisa quando descrevo minha vida. Ganhei muito estando ao lado de Madiba, mas suponho que o tenha presenteado com minha juventude, e talvez tenha lhe dado também o meu futuro. Mas jamais o culparei por isso — eu escolhi assim. Foi um sacrifício? Ou não? Não me sinto aflita ou triste por ter perdido oportunidades. Ganhei tanto. Ganhei a mim mesma. Estou realizada com a vida que tive.

O fato de trabalhar em tempo parcial e a perda de rendimentos significava que eu tinha de conseguir um salário e encontrar alguma coisa que novamente me desafiasse. Eu ainda tinha certas responsabilidades para com Madiba, e estava decidida a não ter outro emprego em tempo integral a menos que fosse financeiramente forçada a isso. Eu estava determinada a permanecer disponível para o Sr. Mandela e a Sra. Machel sempre que necessitassem de mim, e precisava me tornar útil, mas era impossível e ilógico pensar que arranjaría outro emprego em tempo parcial e continuaria disponível para eles.

É a experiência mais estranha possível. Deixar de ter uma incessante injeção de adrenalina por cerca de dezoito anos e ter uma parada total da noite para o dia não era brincadeira. É preciso sempre ter um objetivo. Foi difícil. Certas facções da família ainda queriam me ver longe. No primeiro dia do “resto da minha vida”, 1.º de março de 2012, mandei tatuar no meu pulso esquerdo o que havia descoberto sobre mim mesma no decorrer dessa jornada: “Persiga sua paixão”. Enquanto eu fizesse isso, sabia que seria feliz pelo resto da vida. Minha paixão é servir; fico satisfeita quando cuido das pessoas. Mandei fazer a tatuagem em francês porque

também queria lembrar a mim mesma, pelo resto da vida, do que Madiba havia dito: “Descubra suas raízes”.

Os primeiros meses da minha nova vida foram difíceis. Eu ainda tinha de ir de vez em quando ao escritório para cuidar de questões administrativas e ocasionalmente visitava Madiba. Foi anunciado que ele voltaria para Qunu quando terminasse a reforma da casa. De modo que logo eu estava novamente na rotina de viajar para Qunu a cada uma ou duas semanas. Às vezes Madiba estava com vontade de conversar, às vezes não. Às vezes a Sra. Machel e eu debatíamos o dia inteiro sobre o que estava acontecendo no mundo e na África do Sul, a política interna do CNA e acontecimentos mundiais, como a Primavera Árabe e o desenvolvimento de outros países africanos. Ocasionalmente Madiba simplesmente sorria aprovando a vivacidade ao seu redor. Nós nos sentávamos na sala de estar para conversar, e de repente Madiba apontava para minha bolsa, que estava no chão e me pedia para pegá-la. Ele sempre estava totalmente consciente das coisas que aconteciam por perto. Às vezes eu ligava para o Prof. Gerwel para que Madiba simplesmente lhe dissesse alô. O rosto do Sr. Mandela sempre se iluminava quando ouvia a voz do Prof. “Oh, Jakes”, ele dizia. “Estou feliz por falar com você”. Enquanto estávamos com ele, Madiba sempre tirava uma soneca em sua poltrona favorita, mas acordava de repente para checar se ainda estávamos lá. Quando pensamos que nossos privilégios terminaram, às vezes há ainda mais. Passei horas preciosas ali com eles.

Quando Mum não estava lá, ele perguntava: “Onde está Mum? Quando ela volta?”, e então era preciso dizer o dia da semana exato em que ela regressaria. Às vezes eu e a Sra. Machel nos cruzávamos em pleno ar — ela ia passar o dia em Joanesburgo e eu visitava Qunu —, e no fim do dia parecia que Madiba havia perguntado duzentas vezes: “Onde está Mum?”. Ele era totalmente dependente da presença dela, e ficava desconcertado quando a esposa não estava por perto.

As pessoas são ocupadas, e raramente alguém o visitava. Ir até lá era uma jornada cansativa, e além disso Madiba nem sempre queria ver pessoas todos os dias, de modo que não era fácil convidar nem mesmo seus amigos mais próximos para visitas sociais. Paramos de agendar visitas de pessoas com as quais ele não tinha muita familiaridade, mas é claro que mais tarde percebemos que, sempre que não estávamos lá, às vezes alguns membros da família se aproveitavam disso e levavam estranhos para ver Madiba. A fundação tinha então de defendê-lo novamente quando fotos ou relatos dessas visitas apareciam na mídia. As pessoas diziam: “Se fulano e beltrano puderam vê-lo, por que não eu?”, e as batalhas começavam novamente, com a fundação tentando diplomaticamente dizer que não aprovávamos as visitas, já que havíamos sido instruídos no sentido de que visitantes não seriam mais permitidos. Em algumas ocasiões, a fundação declinava pedidos para que Madiba endossasse ou assinasse alguma coisa, e depois ficávamos sabendo que alguém da família havia concordado com a solicitação e que havia permitido seja lá o que fosse quando nem a Sra. Machel nem eu estávamos lá. Algumas pessoas começaram a tirar vantagem disso quando perceberam que ele já não tinha mais condições de argumentar ou sustentar seus princípios. Empresários nos telefonavam para perguntar sobre estranhos pedidos pessoais de Madiba que haviam recebido.

Madiba realmente já não falava muito, de modo que era constrangedor levar pessoas que não o conheciam para vê-lo. Sempre havia silêncios desconfortáveis durante as visitas.

Àquela altura eu já havia mudado do bairro que sempre amei em Joanesburgo, simplesmente porque não tinha mais condições financeiras de viver ali. Passei a morar em um subúrbio, o que fazia minhas viagens de ida e volta até a cidade se tornarem um desafio. Eu não estava amarrada a horários no escritório, mas tinha de cuidar de minhas finanças. Também comecei a sentir falta dos amigos e vizinhos, e tive de cuidar para não entrar em depressão. Eu me sentia negligenciada pela fundação e estava afastada dos amigos, e

percebi que não havia construído uma estrutura de suporte estável para mim mesma no decorrer dos anos. As pessoas continuavam a levar suas vidas, e eu tinha de batalhar para me reencontrar e ter coragem. Também me faltava coragem para compartilhar meus temores com muitos de meus amigos, provavelmente porque as pessoas me viam como alguém forte, e eu desejava manter as aparências. Também sentia falta da política e de ter informações de bastidores sobre tudo o que acontecia no País.

Havia muito tempo o Prof. Gerwel não passava algum tempo com Madiba, de modo que programamos fazer uma viagem especial para que ele fosse visitá-lo. Eu e o Prof. combinamos uma data em agosto de 2012, e nos encontramos em East London, de onde dirigi os 260 quilômetros até Qunu para que ele visse Madiba. Tivemos um dia muito especial. Tanto Madiba quanto o Prof. ficaram felizes. Os dois deram boas risadas, e, quando saí para levar o Prof. de volta para East London naquela tarde, me senti realizada por ter proporcionado um dia agradável para o Sr. Mandela.

Eu amava o Prof., mas Madiba o amava ainda mais. A Sra. Machel também dificilmente via o Prof. Gerwel, e gostou de revê-lo. Combinamos que o Prof. começaria a escrever sobre os tempos da presidência de Madiba. Na volta para East London, nós dois rimos muito conversando sobre os anos no governo, as muitas coisas que aconteceram, os momentos de tensão, e ambos concordamos que, se soubéssemos o que teríamos pela frente, provavelmente teríamos feito outras escolhas. A viagem de três horas para East London nos levou em uma jornada pelas lembranças de dezoito anos. Quando nos despedimos no aeroporto, eu sabia que o Prof. estava feliz e satisfeito com o dia que havia passado. À noite, quando chegou em casa, ele me mandou uma mensagem de texto agradecendo por eu tê-lo obrigado a abrir espaço em sua ocupada agenda para estar com Madiba. Ele estava envolvido em muitas frentes, servindo em inúmeros conselhos, e cuidava de tantas coisas, mas eu estava feliz por tê-lo forçado a tirar um dia de folga.

Alguns meses depois, quando recebi a notícia de que o Prof. Gerwel havia morrido, eu estava dormindo no Holiday Inn, em Umtata, a cerca de 40 quilômetros de Qunu. Quando Mum deu a notícia a Madiba, a tristeza e o sentimento de perda ficaram visíveis no seu olhar. Ele ficou completamente em silêncio durante horas. É difícil dizer como uma pessoa dessa idade reage às perdas, e a Sra. Machel teve de achar o momento certo para falar com ele. Ela tinha programado uma viagem a Joanesburgo naquele dia, mas cancelou tudo para ficar com Madiba.

É difícil tentar avaliar o papel do Prof. Gerwel nos dezoito anos em que convivemos. Pense em uma pessoa que significa algo para você e multiplique por cem. É mais ou menos isso. O Prof. tinha um modo pouco convencional de lidar com as coisas. Enquanto todos nós tendíamos a lidar com as particularidades de qualquer assunto, ele chegava com a solução mais equilibrada, que fazia todos se sentirem vencedores, mesmo que todos estivessem de certa maneira cedendo. Foi o que Koos Bekker, o diretor executivo da Naspers, disse em seu funeral. Ele era um homem muito sereno, e as pessoas o respeitavam facilmente. O Prof. observava tudo em silêncio e a distância, e depois fazia um pronunciamento que colocava a questão em uma perspectiva completamente nova, ajudando todos a descobrir suas próprias soluções. Ele ouvia cada uma das palavras que eu dizia, não importava quão banais elas fossem, ou as queixas que eu fazia. Se eu estivesse errada, o Prof. era a pessoa que honesta, aberta e respeitosamente apontava meu erro.

Durante a presidência de Madiba, o Prof. costumava viajar conosco e se envolvia muito em nosso cotidiano. Depois de se aposentar do governo, o envolvimento diminuiu, mas ele estava sempre a apenas um telefonema de distância. Eu podia ligar para ele de qualquer parte do mundo para pedir conselhos sobre qualquer assunto. E ele era meu primeiro ponto de contato caso houvesse algum grande incidente, se algo realmente estúpido ou engraçado acontecesse. Nós fofocávamos e contávamos piadas, mas, quando tratávamos de coisas sérias, ele era uma figura

paternal para mim. Ele adorava falar africâner, e muitas vezes usava ditados africâneres muito expressivos que nos faziam gargalhar. Era uma pessoa que se relacionava bem com qualquer um em qualquer situação. Podia conduzir uma conversa com um chefe de Estado estrangeiro e no minuto seguinte se dirigir ao membro menos graduado da equipe e fazê-lo sentir que a interação entre os dois era mais agradável que a que tinha com pessoas mais importantes.

No dia da cerimônia em memória do Prof., o presidente da Suprema Corte, Arthur Chaskalson, também faleceu. Ele havia sido nomeado por Madiba chefe da Corte Constitucional da África do Sul, a mais importante posição no Judiciário do País. Minutos antes de começarmos a sessão em memória do Prof., recebi uma mensagem do filho do juiz comunicando a morte do pai. Um de nossos ministros favoritos, Trevor Manuel, presidia a programação, e contei a ele sobre o falecimento do juiz. Assim, antes de a cerimônia começar, fizemos um minuto de silêncio pelo Juiz Chaskalson. Duas figuras-chave de nossas vidas faleceram na mesma semana. Era muito para aguentarmos. Fiquei com o coração partido: a pessoa que eu esperava que fosse nosso guia até o final era o Prof. Também fiquei zangada, de certa maneira, porque ele não estaria presente no dia em que enterraríamos Madiba. Mas assim é a vida. Sempre que Madiba falava sobre a morte, ou quando as pessoas começam a discutir sobre a longevidade dele, eu percebia que qualquer um de nós podia partir antes do Sr. Mandela. O falecimento do Prof. era prova disso.

Alguns meses antes, o pessoal da equipe de segurança de Madiba, a Sra. Machel e alguns empregados da casa viram que mais duas pessoas haviam se unido à equipe médica. Mum, a segurança e a equipe doméstica especularam sobre a possibilidade de serem agentes da inteligência. A equipe médica permanente também não os conhecia. Mandei uma mensagem ao gabinete do Presidente Zuma perguntando se estavam cientes dessa mudança. Responderam que examinariam o assunto e voltariam a entrar em contato comigo. Nunca responderam, então eu enviei outra

mensagem, dessa vez acrescentando que “essa situação tem o potencial de provocar um enorme embaraço ao governo, já que claramente infringe a privacidade e a dignidade de Madiba e sua família”.

Imediatamente responderam que o assunto fora encaminhado ao ministro da Inteligência, e que em breve eu teria informações dele. Assim eu fiz. O Ministro Siyabonga Cwele me telefonou minutos depois para falar sobre a situação, depois ligou novamente, uma hora depois; para informar que aquelas duas pessoas não faziam parte da Inteligência Nacional, mas que ele ainda assim discutiria o assunto com o cirurgião-geral para avaliar se os militares aprovavam as novas designações. Repeti ao ministro o que havia enviado por escrito à Presidência. Nunca mais ouvi falar do ministro, e três semanas depois os dois personagens desapareceram, depois voltaram, algumas semanas mais tarde, apesar dos nossos questionamentos. Jamais compreendemos qual era a missão deles. Eu estava enojada com a maneira como os recursos do Estado eram usados; havia pouca coisa que me provocasse mais raiva. Havia influências em jogo que permitiam que alguns abusassem dos recursos do Estado em benefício próprio. Tínhamos um problema terrível de corrupção dentro do governo — provavelmente a maior ameaça à nossa democracia —, e aquele era um exemplo claro de um governo corrupto que permite esse tipo de interferência em seus assuntos.

Kgalema Motlanthe era nosso vice-presidente na época. Seu relacionamento com Madiba datava de muitos anos antes, no CNA. Madiba tinha grande estima por Kgalema e não o via fazia algum tempo. Uma visita a Qunu foi marcada para a sexta-feira, 7 de dezembro. Na quinta eu soube do propósito de Kgalema fazer a visita. Fiquei feliz por saber disso, mas eu mesma não tinha a menor intenção de entrar em outro avião naquela semana. Então, de repente, o gabinete de Kgalema ligou para informar que a visita havia sido cancelada por nós. Meme, a governanta da casa, me informou que Madiba não estava tendo um bom dia, e que para

controlar especulações infundadas ela havia solicitado ao gabinete do vice-presidente que cancelasse a visita. Mas agora o vice-presidente queria saber de mim a razão do cancelamento. A conferência nacional do CNA começaria dentro de uma semana. Nós suspeitávamos de alguma interferência política nesse cancelamento. Liguei de volta para dizer que Madiba simplesmente não estava tendo um bom dia. A situação foi embaraçosa. No entanto, já estávamos acostumados com o fato de Madiba simplesmente não querer ver ninguém em alguns dias, preferindo ficar na cama. Assumimos que aquele era um desses dias.

No sábado, 8 de dezembro, eu estava em um estúdio de rádio quando Achmat Dangor me telefonou. Na ocasião eu havia concordado em ser coapresentadora de um programa ao vivo em uma estação local. Não pude atender a ligação, e liguei de volta assim que o programa terminou. Dangor disse que havia especulações sobre a saúde de Madiba, e que os jornais de domingo tentavam eleger esse boato como a razão do cancelamento da visita de Kgalema. Liguei para Meme, e ela me assegurou que Madiba estava bem. Pude até ouvi-lo falando durante o telefonema, e telefonei para Achmat para lhe contar isso. O telefone não parou de tocar.

Duas horas mais tarde estava no noticiário. Madiba havia sido internado em um hospital em Pretória para exames de rotina. Mais uma vez minha resposta foi: "O quê?". Enviei uma mensagem de texto para a Sra. Machel: "Mum, está tudo OK? Ouvi dizer que Madiba está no hospital". Ela não leu imediatamente a mensagem. Nós suspeitávamos de que nossos telefonemas eram monitorados. Na África do Sul, se você representa alguma ameaça à estabilidade do País ou planeja algum ato de terrorismo, seu telefone pode ser grampeado. Não preenchíamos nenhum desses requisitos, mas imaginávamos que funcionários do governo, incluindo os médicos, poderiam estar obedecendo a instruções de membros da família para relatar todos os movimentos da Sra. Machel. Mais tarde recebi um telefonema de Meme explicando que a equipe médica havia

pedido para não contar a ninguém sobre o que acontecia, e que Madiba realmente havia sido levado para um hospital em Pretória. Fiquei sem entender. Qual a razão de ele ter sido internado em segredo?

Mais uma vez, prendi a respiração. Era inacreditável. Não sou supersticiosa, mas não podia evitar pensar que o Prof. podia ter partido antes somente para preparar a viagem de Madiba, e esses pensamentos me assustaram. Logo a Sra. Machel me contou o que estava acontecendo, e eu percebi que ela estava sob uma tremenda pressão. Estava estressada, preocupada e ansiosa. Ficou claro que eu tinha de esperar a tempestade passar antes de tentar ir vê-lo. Alguns dias mais tarde, finalmente Josina e eu fomos visitá-lo. Eu estava nervosa e não queria cometer o mesmo erro que cometera com o Prof. — quando consegui vê-lo no hospital, na Cidade do Cabo, antes de ele falecer, ele já estava inconsciente. Madiba me reconheceu e teve uma breve interação comigo, o que me acalmou. Eu só precisava que ele dissesse “Oh, Zeldina”, e eu ficaria bem. Eu acreditei, como todo mundo, que ele estivesse melhor. Passamos algum tempo com Mum e fomos embora.

O público estava ansioso, pois o governo falhou na emissão de boletins regulares sobre estado de saúde do Sr. Mandela. Eu havia sido informada de que o governo cuidaria da comunicação sobre o caso, e eu não tinha disposição para interferir nessa tarefa. Eu sabia muito bem como era difícil lidar com esse tipo de coisa — algo pelo que quase nunca tive crédito —, e agora era a vez deles.

Eu estava profundamente perturbada com a doença de Madiba. Como qualquer pessoa de noventa e quatro anos, sua condição variava todos os dias. Em um dia estava bem, no outro nem tanto assim. Decidi viajar para a praia com meus pais nos feriados de Natal. Eu não aguentava mais, e não podia visitá-lo.

Durante os feriados, a Sra. Machel me enviou uma mensagem dizendo que Madiba estava melhor e começara a chamar uma das

enfermeiras brancas de “Zeldina”. Ela achava que ele estava sentindo a minha falta. Não havia nada que eu pudesse fazer. Por mais que desejasse estar lá, havia prometido ficar com meus pais no Natal. Torci para ele não pensar que eu o estava negligenciando. Meus pais também estavam envelhecendo, e comecei a compreender que eles não ficariam comigo para sempre. Eu os havia deixado de lado por anos, por conta do meu trabalho, mais de sete anos sem passar o Natal com eles, enquanto organizava a festa para crianças em Qunu. Era o momento de corrigir tudo isso.

Quando voltei de viagem, Madiba teve alta e foi para casa. Reassumi minhas reduzidas obrigações na fundação e tentei me manter ocupada o quanto pude. Em alguns dias eu realmente ficava deprimida, permanecendo na cama o dia inteiro. Não era saudável. Por mais que eu desejasse ver Madiba, sempre tinha em mente que alguns membros da equipe doméstica enviavam mensagens de texto ou ligavam para Makaziwe contando sobre minhas visitas. Eu esperava a qualquer momento que me dissessem que eu não era bem-vinda.

Aconteceu então a estreia do documentário *Miracle Rising*, em Londres. Era a história da transição democrática na África do Sul, entre 1990 e 1994. Apesar de os entrevistados falarem sobre o papel de Madiba naquele período, o foco estava em Cyril Ramaphosa e Roelf Meyer, que encabeçaram as negociações para um acordo pacífico entre o CNA e o Partido Nacional durante a Convenção por uma África do Sul Democrática (Codesa). A produtora me convidou para ir a Londres no fim de janeiro. Fazia algum tempo que eu não viajava para o exterior, então fiquei entusiasmada. O filme foi bem recebido, e eu tive orgulho de meu envolvimento quando o vi. Gostei de ver pessoas com as quais havia perdido o contato. Não fiquei muito impressionada com todas as celebridades entrevistadas no documentário. Eu compreendia que, para o filme ter o interesse do grande público, elas eram um fator importante. Gostei de ter contribuído para a história de alguma forma, já que compreendia as dificuldades pelas quais passamos durante aqueles anos. O

documentário também foi transmitido na África do Sul, e fez muito sucesso.

No dia 14 de fevereiro de 2013, o atleta paralímpico Oscar Pistorius matou a tiros sua namorada, a modelo Reeva Steenkamp, alegando tê-la confundido com um ladrão. O País ficou em choque. Um de nossos heróis havia caído, e com ele a nossa esperança e tudo aquilo em que a nova África do Sul acreditava. Não sei por que isso importava tanto, mas todos tivemos uma sensação de perda no Dia dos Namorados. As pessoas, especialmente as sul-africanas, sempre desejam ter um herói. Madiba era o herói de todos, e assim era Pistorius, por ter superado sua deficiência e ter colocado a África do Sul no mapa. Ele era idolatrado. Madiba sempre foi contra a idolatria, inclusive em relação a ele. Colocamos Pistorius em um pedestal tão alto que a queda foi maior do que podíamos prever.

Em *Conversations with myself*, Madiba reproduziu uma carta para sua Winnie Mandela, escrita em 9 de dezembro de 1979:

Dizem que um santo é um pecador que continua a tentar ficar limpo. Alguém pode ser um vilão por $\frac{3}{4}$ de sua vida e ser canonizado porque viveu em santidade o $\frac{1}{4}$ restante. Na vida real, lidamos não com deuses, e sim com homens comuns, como nós mesmos: homens e mulheres que são cheios de contradições, que são estáveis e volúveis, fortes e fracos, famosos e infames, pessoas em cuja corrente sanguínea os vermes batalham diariamente contra pesticidas potentes.

Ele acreditava que havia o bom e o mau em todos os seres humanos, e mudou meu modo de ver o mundo. Compreendi mais uma vez o quanto Madiba havia transformado minha percepção sobre as coisas que consideramos simples.

Em 9 de março de 2013, Madiba voltou para o hospital. A Sra. Machel me informou que não era nada sério, apenas alguns procedimentos. Mais uma vez era uma lembrança do quanto ele

estava vulnerável. Sempre que ele era internado, eu me lembrava de que meu tempo com ele se tornava limitado.

No dia 22 de março, depois que ele recebeu alta, tentei três vezes visitar Madiba. Da primeira vez que cheguei à casa, Makaziwe estava lá. Ela havia deixado claro, em uma discussão prévia, que eu não era bem-vinda para ver seu pai. Eu não tinha mais nenhuma obrigação profissional naquela casa. Fui enfática ao dizer que não era ela quem determinaria isso, e que eu tentaria evitar me encontrar com ela, mas que não me afastaria. Mum mais uma vez me defendeu, argumentando que, gostassem os demais ou não, ela desejava ver os desejos de Madiba atendidos até o dia de sua morte. Ela afirmou que minha presença trazia estabilidade emocional a ele. Quando eu soube que ela havia dito isso, pensei comigo mesma: sim, e a *minha* estabilidade emocional também, por mais egoísta que isso possa parecer. Eu me sentia mastigada e cuspidada, sem nenhuma utilidade. E sabia muito bem como Madiba se sentiria a respeito disso, mas não me cabia julgar como ele sentia naquele momento. Eu estava dividida entre lutar e deixar as coisas correrem, e esta última alternativa parece ter sido a lição que levarei comigo.

Na segunda vez que tentei visitá-lo, Makaziwe ainda estava lá. Àquela hora a Sra. Machel já havia saído para seu escritório. Decidi voltar para casa e combinei com a Sra. Machel voltar no início da noite. Fazia duas semanas que eu não via Madiba, e havia planejado passar os dias seguintes com minha família. Eu queria vê-lo antes de viajar. Quando voltei, às seis da tarde, Makaziwe já havia ido embora. A Sra. Machel estava atendendo alguém, e, como eu também tinha assuntos para tratar com ela, aguardei até que ela terminasse.

Tive a sensação de que, como geralmente acontecia, a equipe doméstica que ficava do lado de Makaziwe telefonou ou enviou mensagens para ela avisando que eu estava lá. Logo ela estava de volta a casa. Misteriosamente, a equipe desapareceu quando eu esperava na cozinha. Makaziwe entrou e fechou a porta. Ela disse:

“Eu queria falar com você faz algum tempo. Há um boato correndo segundo o qual você está trabalhando em um documentário do History Channel chamado *Mandela: Os Últimos Anos*. Na minha opinião, sendo você uma das pessoas em quem Tata mais confiava, seria antiético de sua parte fazer uma coisa dessas”.

O que mais me surpreendeu foi que, pela primeira vez na vida, ela admitia que eu tive um papel na vida de seu pai. Ela provavelmente tinha ouvido falar do documentário *Miracle Rising*, que mencionava Madiba, e confundiu os dois assuntos, mas nem me importei em corrigi-la. Meu compromisso era com seu pai, e a confiança era dele. Tenho o compromisso de defender a dignidade e a integridade dele e de sua esposa, nada além disso. As pessoas podem então argumentar: qual é a razão de eu estar tocando nesse assunto? Sinto que agora é diferente. Não estou ofendendo sua dignidade. Este não é um relato sobre sua condição médica ou sobre como a doença e o sofrimento o afetaram. Existem muitas coisas sobre as quais jamais vou falar ou escrever. Meu relacionamento era com Madiba, não com a família dele.

Quando a conversa começou a ficar acalorada, a Sra. Machel mandou me chamar. Salva pelo gongo, pensei, senão eu teria sido capaz de dizer coisas das quais me arrependeria depois. Falei rapidamente com ela e saí sem ver Madiba, já que Makaziwe havia subido para ficar com o pai e eu sabia que ela me expulsaria do quarto. Fiquei profundamente desapontada, mas sabia que não seria o melhor momento para insistir. Na semana seguinte, voltei e consegui visitá-lo. Seu rosto se iluminou quando me viu: “Oh, Zeldina, você está aqui”. “Sim, Khulu, estou. Como você está?”. Ele ergueu os polegares e disse: “Como estão seus pais?”. Fiquei emocionada. Ele já não falava muito, e essa foi toda a nossa conversa naquele dia, mas ele teve vontade de perguntar sobre meus pais. Como aquele homem havia mudado não apenas a minha vida, mas também o meu pensamento e, o que é mais importante, o meu coração! Me sentei com ele por algum tempo, segurando sua mão, e saí quando ele cochilou.

Alguns dias mais tarde, saiu a notícia de que Zenani e Makaziwe haviam contestado a nomeação do amigo de longa data de Madiba, George Bizos, de seu advogado, Bally Chuene, e do Ministro Tokyo Sexwale para o fideicomisso que gerenciava a venda de obras de arte do projeto "Mãos e Arte". Seria uma briga feia. Fiquei intrigada, pois tinha a impressão de que essa questão houvesse sido resolvida alguns meses antes. Como esses assuntos nunca foram da minha alçada, eu não me incomodava em me informar sobre eles. Insultos e contestações pipocaram na imprensa, cada lado clamando ter razão, e muitas vezes ofendendo do modo mais desrespeitoso um dos mais antigos amigos de Madiba, o advogado Bizos. Zenani e Makaziwe desafiavam uma decisão de seu pai. Sabiam muito bem que ele já não era capaz de sustentar suas decisões, e se aproveitavam das circunstâncias.

Eu não iria me envolver nos assuntos particulares agora, mas comuniquei o advogado dos fideicomissários de que, se e quando fosse convocada, eu apoiaria a sua causa. Meu raciocínio era fácil. Se Madiba desejasse nomear algum de seus filhos para cuidar de seus negócios, teria feito isso quando era capaz de fazê-lo. O mesmo se aplicava à equipe nomeada e às pessoas encarregadas de cuidar de seus interesses. Os advogados podiam testemunhar quanto a isso.

Mais tarde se noticiou que a petição do advogado de defesa alegava que Zenani Dlamini e Makaziwe Mandela agiam contra o desejo de seu pai. O advogado anexou as atas das reuniões em que Madiba expressara claramente sua vontade. O processo foi então suspenso.

Eu precisava lembrar a mim mesma que não tinha de entrar nessas batalhas. Eu só queria que a Sra. Machel tivesse o apoio de que precisava e que eu pudesse de vez em quando abraçar Madiba e segurar sua mão. Eu encontrava Zoleka, uma de suas netas, sempre que o visitava naquela época. Ela era a mãe de Zenani Jr., que

morreu no acidente de carro em 2010, pouco antes da abertura da Copa do Mundo. Zoleka não se sentia ameaçada pela minha presença. Ao contrário, ela gostava de me ver com seu avô. Ela se esforçava para passar algum tempo com ele quase todos os dias, e eu sabia que ele ficava feliz com isso.

No dia 27 de março de 2013, Madiba foi novamente internado. Mais uma vez, ele tinha pneumonia. Alguns dias antes eu o havia visitado em sua casa, e me lembro de que um dos empregados estava com uma gripe terrível. E lá estava ele de volta ao hospital. Naquela idade ele era muito mais suscetível a doenças, e no entanto havia pessoas trabalhando na casa sofrendo com uma gripe.

E mais uma vez o mundo prendeu a respiração. Aqueles foram os momentos mais difíceis da minha vida. É melhor não saber o que vem pela frente, porque em alguns casos seria mais fácil desistir. Eu estava desesperada por ir até o hospital, mas tinha de me afastar enquanto Makaziwe estivesse lá. Eu queria poupar Madiba de qualquer aborrecimento e simplesmente preferi seguir a orientação da Sra. Machel e de Josina sobre quando poderia visitá-lo. No dia que elas determinaram, Josina me levou em seu carro. Vimos os jornalistas acampados na porta do hospital e tememos que nos fotografassem. Se aparecêssemos juntas, eu temia que parte da família se sentisse ultrajada. Quando saímos, concordei em me esconder no banco de trás para evitar que me vissem. Por mais que estivéssemos estressadas e tensas com a situação de Madiba, acabamos rindo de tudo isso. Eu me sentia uma espiã na Guerra Fria sendo levada de Berlim Oriental para Berlim Ocidental. Madiba ficou hospitalizado durante onze dias, e depois foi levado de volta para Joanesburgo.

Quando ele se recuperou satisfatoriamente, a Sra. Machel e eu planejamos convidar alguns de seus amigos para visitá-lo ocasionalmente. Semanas antes, a executiva do CNA pedira para ver Madiba. No dia em que os chamei para fazer a visita, eles estavam enfrentando algum problema e pediram um adiamento. Respondi

pedindo que nos informassem quando estivessem prontos. Mas então Madiba novamente adoeceu, e passaram algumas semanas sem que nenhum dos interessados desse continuidade ao assunto.

No início de 2013, Mamphela Ramphele anunciou que estava formando um novo partido com o objetivo de concorrer às eleições que aconteceriam em 2014. A única oposição considerável ao governo do CNA era a Aliança Democrática, um partido dominado por brancos, mesmo sendo eles muito mais liberais que o antigo Partido Nacional. Mamphela Ramphele é uma acadêmica muito respeitada na África do Sul, antiga ativista contra o apartheid e líder no meio empresarial. Ela também fazia parte do conselho da Fundação Nelson Mandela desde sua concepção. O anúncio foi bem recebido por muitos, mas seu partido, o Agang, pareceu perder rapidamente o impulso. Mamphela havia sido a primeira pessoa a aconselhar Madiba sobre questões médicas depois de sua libertação, em 1990. Ela o apresentou ao cardiologista que tratou dele por muitos anos, até que a equipe médica da Força de Defesa assumiu seu cuidado, substituindo os especialistas particulares. Ela era, portanto, uma velha amiga de Madiba e da Sra. Machel. Mamphela visitou a Sra. Machel em um dia em que Madiba estava suficientemente bem para ficar sentado no térreo. Ela ficou impressionada com sua aparência, já que não se encontravam fazia muito tempo. A visita foi breve, mas ela cometeu o erro de anunciar, em uma entrevista na rádio, que o havia visto.

Uma semana antes, a Aliança Democrática havia anunciado sua campanha eleitoral, intitulada "Conheça sua AD". A campanha mostrava uma foto da fundadora do partido, a falecida Helen Suzman, na qual ela caminhava abraçada com Madiba. A campanha da AD, assim como a visita de Mamphela, deixou o CNA desnecessariamente nervoso. Ninguém jamais havia contestado o fato de que Madiba era membro e parte do CNA, e que esse era um compromisso da vida inteira, mas essas interações fizeram o CNA de alguma maneira se sentir desafiado em sua "propriedade" sobre Madiba.

O Reverendo Jesse Jackson estava na África do Sul para receber um prêmio das mãos do Presidente Zuma por sua contribuição à luta pela libertação em nosso país. O reverendo queria ver Madiba, e alguém da Presidência entrou em contato comigo perguntando sobre uma possível visita. O Sr. Mandela não estava muito bem, especialmente para receber pessoas com quem não estivesse familiarizado. Expliquei que a visita não seria possível, e o homem respondeu que compreendia e transmitiria a informação ao presidente e ao Reverendo Jackson.

Uma das pessoas que estavam em nossa lista para visitar Madiba logo que ele estivesse bem era o Vice-Presidente Kgalema Motlanthe, que havia um bom tempo esperava por uma oportunidade para vê-lo. Ele havia concorrido à presidência do CNA durante a conferência nacional, em dezembro, e perdera. Foi deixado de lado pelo partido, e era claro que seu desafio ao Presidente Zuma não fora bem recebido por todos. Madiba tinha muito carinho por Kgalema, por isso a Sra. Machel e eu nos esforçamos para trazê-lo. Na noite de sexta-feira, falei com o assistente de Kgalema. Tentaríamos agendar para a semana seguinte, se Madiba estivesse suficientemente bem. Pedi a ele que não comentasse sobre nossa conversa com ninguém.

Desde que meu contrato fora modificado pela fundação, e eu só trabalhava para eles em tempo parcial, em alguns dias eu não ia a Joanesburgo. Na segunda-feira eu estava ocupada com alguma outra coisa e andei de moto a maior parte do dia. Não li o Twitter e fiquei off-line por um bom tempo.

Enquanto eu estava fora, o CNA me telefonou. Estranhei a insistência deles para que a visita fosse filmada — uma espécie de “prova de vida” de que Madiba estava “bem”. O tiro saiu pela culatra, porque Madiba não parecia feliz com a visita.

Quando voltei para Joanesburgo à noite, entrei no Twitter e constatei o ultraje do público em relação a um vídeo de Madiba que aparecera no noticiário da noite. Eu não sabia de nada. Procurei a matéria no YouTube e fiquei enojada com o que vi. Madiba evidentemente não estava bem. O caos no saguão da casa era completo, e, já que se tratava da visita do presidente e de membros da direção do CNA, foram permitidas fotos com flash — algo que qualquer sul-africano sabia ser proibido, devido à fotossensibilidade dos olhos de Madiba. No vídeo, ele parecia alheio, sobrecarregado. Ficou claro que as coisas estavam fora do controle. Até mesmo os chefes da equipe médica, o General Dabula e o cirurgião-geral Ramlakan, posavam para fotos em vez de proteger os olhos de Madiba e cuidar de seu bem-estar. Fiquei furiosa. Como as coisas tinham chegado àquele ponto? Parecia um zoológico, e Madiba era o animal enjaulado que os turistas bajulavam. Ele estava tão desamparado. A Sra. Machel estava em reunião na fundação, literalmente a dois minutos da casa, e nem sequer foi informada sobre a visita.

Não haviam me avisado sobre a excursão à casa do Sr. Mandela, provavelmente porque sabiam que eu jamais toleraria tal exibição. As pessoas me detestavam por manter a ordem e por dizer a todos o que podiam e não podiam fazer ao redor de Madiba. Quando eu não estava lá, era isso o que faziam. Uma guerra irrompeu no Twitter, e jornalistas perguntaram onde eu estava. Eu literalmente tive de sentar sobre minhas mãos para não responder. No dia seguinte, quando cheguei à fundação, o então diretor executivo, Achmat Dangor, comentou com desgosto sobre a filmagem, e eu disse: “Bem, era isso o que eles queriam, não era?”. As pessoas não haviam argumentado tão ferozmente que Madiba não precisava mais de uma secretária? Se eu ainda estivesse lá, jamais permitiria que ele aparecesse diante da imprensa tão fraco e vulnerável. E eu não fui a única a ficar horrorizada. O público e a família ficaram indignados com o CNA.

Nas semanas que seguiram, ver Madiba ficou mais fácil para mim. A família diminuiu a “vigilância”, e eu podia visitá-lo com mais liberdade. A cada dia eu pensava se aquela seria a última vez que eu o veria.

No dia 8 de junho ele voltou para o hospital, e a Presidência anunciou que seu estado era grave, mas estável. Era uma infecção pulmonar resistente, e nós estávamos nervosos. Percebemos que, dessa vez, ele estava no fio da navalha. Dois dias depois de sua internação, fui ao hospital no banco traseiro do carro de Josina. Ele estava muito mal, mas abriu os olhos e conseguiu sorrir.

Só então me contaram sobre os acontecimentos na noite de sua internação. Alguém da equipe médica ou da segurança decidiu levá-lo para o hospital em um veículo militar para evitar suspeitas do público. Minha primeira questão: “Qual público o observaria às três da manhã?”. No meio do caminho para Pretória o veículo quebrou. A ajuda só chegou quarenta minutos depois. Primeiro pensei que aquilo fosse uma piada. Como era possível que Nelson Mandela, gravemente doente, ficasse preso em uma estrada, no meio do inverno, às três da manhã, por quarenta minutos? Ainda bem que não haviam me contado antes, pois acho que eu teria perdido a calma. Eu havia sido tolhida de todas as maneiras possíveis. Desarmada. Não tinha mais nenhuma influência ou poder para questionar esses assuntos. E sentia que havia negligenciado Madiba e a Sra. Machel. Meu coração sofria por eles. Como Madiba devia ter ficado assustado! Como a Sra. Machel deve ter ficado apavorada! Quando a vi, ela estava traumatizada. Como isso podia ter acontecido com Nelson Mandela, a pessoa viva mais reverenciada no mundo? O fato de ele ainda estar vivo era um milagre.

Logo a imprensa se postou diante do hospital. Jornalistas vieram de todos os cantos do mundo. Milhões de dólares foram gastos em vans para transmissões ao vivo. Lá dentro, entretanto, a briga era lentamente retomada. Algumas pessoas argumentavam que havia chegado o momento de “deixá-lo ir”. “Parem de rezar pela

recuperação dele”, diziam alguns. O que eles não percebiam é que aquele obstinado lutador pela liberdade decidiria por si mesmo quando achasse que já bastava. Eu trabalhava mais de doze horas por dia respondendo a pessoas do mundo inteiro se era verdade o que a Presidência anunciara — estado grave, mas estável. Eu simplesmente confirmava o que o presidente havia dito e era vaga nas respostas. Josina e eu tivemos longas conversas apoiando uma à outra. Eu tinha consciência de que, se alguém não ajudasse a diminuir a ansiedade, o descontrole logo tomaria conta da família, e até mesmo Madiba poderia sentir isso.

Em uma de suas visitas ao hospital, Zindzi, filha de Madiba, perguntou a Josina se eu estivera lá. Zindzi respondeu que achava que eu devia ter oportunidade de visitar seu pai, e Josina disse que eu havia comparecido alguns dias antes. Zindzi respondeu: “Então eu posso ficar tranquila”. Fiquei muito tocada quando soube disso. Outros, além dos Machel, se preocupavam comigo. No dia seguinte à minha visita, a segurança havia sido reforçada no hospital. Josina e eu rimos quando eu contei que havia pensado que a segurança extra era provavelmente em virtude do fato de eu ter entrado escondida em seu carro. Mas depois eu disse que sabia que nem tudo tinha a ver comigo. No meio da ansiedade, essas coisas pelo menos nos faziam rir. Mais tarde foi noticiado que a segurança foi reforçada para manter os jornalistas a distância.

A última vez em que vi Madiba vivo foi no dia 11 de julho de 2013, a noite anterior a minha viagem com os motociclistas pelo Dia de Mandela. Entrei no hospital pelos fundos, com Malenga Machel, filho da Sra. Machel. O Sr. Mandela ainda estava muito doente. Dei a Malenga a oportunidade de passar algum tempo a sós com ele e sua mãe, e os dois depois me chamaram. Madiba ainda conseguia abrir os olhos e mostrar emoção, mas rapidamente ficava desatento. Eu tremia ao lado de sua cama, chocada por ver seu estado. Não conseguia ver suas mãos. Eu queria tocá-las, mas não conseguia achá-las. Eu estava desamparada, paralisada. A Sra. Machel o avisou

que eu estava lá, mas seus olhos permaneceram fechados. Ela então sinalizou para mim que eu podia falar com ele.

Eu sabia que tinha de parecer alegre, então disse: "Olá, Khulu. É Zeldina, estou aqui para ver você...". Ele abriu os olhos, deu um grande e brilhante sorriso, e fixou o olhar em mim. "Como está, Khulu? Você parece bem". Eu menti. "Sinto sua falta, Khulu", eu disse, e ele continuou sorrindo. Mum e Malenga brincaram comigo, comentando que Madiba não sorrisse para mais ninguém além de mim. Então ele perdeu a atenção e fechou os olhos. Fiquei ali alguns minutos, parada. Mum e Malenga foram para o fundo da sala. Mum disse que eu podia falar com ele, se desejasse. Eu disse o que precisava ser dito, mais uma vez. Eu me recompos e lhe informei que sairia no dia seguinte em minha viagem de moto, e o lembrei de seu comentário sobre minha primeira viagem de moto, em 2010, quando ele perguntou: "Por que você faz isso?", e eu respondi: "Por você, Khulu". Eu pegaria a estrada mais uma vez por ele. Naquela noite eu estava muito triste, mas o sorriso dele era tudo de que eu precisava para seguir adiante. Eu não sabia que aquela seria a última vez que eu o veria.

Quando regresssei a Joanesburgo depois de viagem de moto, tentei visitá-lo em algumas ocasiões, mas, sempre que perguntava a Mum, havia algo que impedia. Voltei duas vezes para falar com a Sra. Machel sobre outros assuntos, mas não consegui vê-lo.

No dia 15 de junho, apareceu um artigo na primeira página do *Saturday Star*, no dia seguinte repetida no jornal africâner *Rapport*. Shaun van Heerden, guarda-costas de confiança e meu amigo havia mais de dez anos, havia perdido o controle. Ele havia sido suspenso pela segunda vez sob alegações do cirurgião-geral de que havia fornecido informações sobre a localização de Madiba quando ele estava hospitalizado. No artigo, ele se referia ao incidente na Copa do Mundo de Futebol em 2010, e o fato de a equipe médica da Força de Defesa governar o nosso mundo com punhos de ferro. Senti muita pena de Shaun. Era ele quem me ajudava a ver Madiba

sempre que eu ia até a casa e a Sra. Machel não estava para me poupar da burocracia instituída pela família para me manter distante. Não sei como eu teria vivido sem Shaun.

Alguns dias mais tarde, a história do veículo militar que quebrou quando Madiba era levado para o hospital apareceu nas manchetes. Os jornais descreviam a Sra. Machel como "histórica" durante esses eventos. No dia seguinte, Makaziwe entrou no hospital chamando a Sra. Machel de "Sra. Histórica". Mum estava magoada, e Josina e eu mantivemos nosso apoio. Josina ia sempre ficar com a mãe quando eu não podia. Eu sentia falta do Prof. Gerwel. Ele nos defenderia e nos guiaria. Sua morte deixou um vazio que é muito difícil explicar.

Na semana anterior à internação de Madiba, recebi um recado de um bom amigo que trabalhava na South African Breweries: haviam conseguido localizar a antiga empregada de minha família, Jogabeth. Ela estava em minhas lembranças havia anos, e de vez em quando eu tentava encontrá-la, mas abandonava a busca quando encontra um obstáculo qualquer. Seu marido estava aposentado pela SAB. Eu havia informado seu nome e dado informações sobre seu paradeiro nos anos 1980, e conseguiram localizar ambos. Imediatamente mandei uma mensagem de texto para minha mãe, e uma noite todos nós, juntos, ligamos para Jogabeth e Esau. Estávamos cheios de felicidade por retomar o contato. Planejamos um encontro, mas então Madiba adoeceu e tivemos de adiá-lo. Meu coração se encheu de alegria e meus olhos se encheram de lágrimas quando Jogabeth disse: "Todos esses anos eu via você na TV e pensava 'minha Zellie cresceu', mas como é que vou entrar de novo em contato com ela?". Fiquei tocada por esse sentimento de pertencimento. Tenho esperanças de logo encontrá-la, restabelecer a ligação e ver se há algo que eu possa fazer para ajudá-los em sua velhice. Houve um momento em que ela desistiu de sua vida por mim. É hora de eu devolver o favor.

O Sr. Mandela nunca deixava de nos surpreender. Mesmo durante o extenso período de sua doença ele deu a nós e ao mundo tempo

para nos prepararmos para uma vida sem ele. Isso teve o seu preço. As pessoas estavam emocionalmente esgotadas. Muitas vezes eu sonhava com ele. Às vezes os sonhos eram bons, às vezes eram pesadelos. Eu acordava todas as manhãs e me dava conta, chocada, de que ele ainda estava doente. Procurava, nervosa, o celular para verificar se havia notícias ou mensagens sobre ele. Durante breves momentos a vida continuava normal, mas de repente a realidade me empurrava de volta para o limbo em que todos nos encontrávamos. Comecei a me sentir inútil e desnecessária. Eu não trabalhava mais em tempo integral, e me sentia como um navio em uma tempestade em alto-mar. Subidas e descidas emocionais, frustração e mágoa pela impossibilidade de vê-lo e tocá-lo. Meus sonhos eram muito impressionantes, e pela manhã eu tinha de convencer a mim mesma de que não fora real. Os sorrisos se tornaram mais frequentes à medida que eu me preparava para dar os passos finais de nossa separação.

O que mais me preocupava era se durante sua prolongada doença havia algum momento em que ele estivesse suficientemente consciente para pensar: "Por que Zeldina não está aqui?". Eu me encolho quando penso no fato de que pode haver passado por sua mente que, no fim, eu o abandonei. Será que ele pensava que eu o negligenciei ou o abandonei? Agora, dezenove anos depois, eu sinto saudades de colocar minha mão branca sobre sua pele negra; de tocar a pele que fui educada a acreditar que não era tão boa quanto a minha. Foi aquela pele negra que deu significado à minha vida. Todo o meu ser, na idade de quarenta e três anos, ansiava tocar aquela mão mais uma vez, sentir as rugas ao redor de seus dedos, ver seu sorriso iluminando tudo quando eu dissesse: "Não se preocupe, Khulu, eu não o abandonei".

13 *Tot weersiens, Khulu!*

Há uma cena no filme *Mandela – O caminho para a liberdade* na qual Madiba sobe lentamente uma colina em Qunu. A câmera focaliza suas costas enquanto ele caminha. A luz é suave, e seus passos familiares seguem sinuosos pela encosta suave. Eu sabia que não era ele. Era Idris Elba, um ator britânico, mas a imagem era tão poderosa, tão evocativa, tão angustiante, que eu explodi em lágrimas no cinema. Chorei como nunca tinha chorado antes. As lágrimas rolavam incontrolavelmente e escorriam pelo meu rosto. Não consegui detê-las. Naquela noite, quando vi o filme pela primeira vez, em sua estreia na África do Sul, eu chorei até dormir, algo que eu nunca havia feito em quarenta e três anos. Foi como uma antecipação do luto. Eu sabia que Madiba estava para nos deixar. Que ele sofria. Mas a reencenação de sua vida intensificou tudo e me fez lembrar muito dele.

Madiba nunca viu o filme. O lançamento aconteceu em novembro de 2013, quando ele estava próximo do fim, mas o projeto tivera a sua bênção quase duas décadas antes. O produtor, Anant Singh, comprou os direitos da história da vida de Madiba e levou vinte anos para levar o filme às telas.

Além de nos lembrar dos sacrifícios de Madiba, o filme também me recordou o Nelson Mandela mais jovem, mais saudável. Seu corpo agora estava tão abatido, tão sofrido e debilitado, mas no filme ele era forte, robusto, vibrante. Ele amava dançar, não o arrastar de pés dos últimos anos, quando seus joelhos doíam, mas o ritmo jazzístico dos anos 1950. Madiba nos contava que ia dançar em Sophiatown, e no filme eu pude visualizar aquelas histórias. Sempre ficávamos conversando durante o almoço ou jantar, nas viagens ao exterior, muitas vezes só nós dois, e ele contava com

entusiasmo os detalhes do começo de sua vida. Eu era a ouvinte perfeita. Eu adorava ouvir suas histórias, e fazia perguntas sobre sua aparência, sua postura, as roupas que ele usava, se ele encantava as garotas e como era a dança. Ele se divertia com a minha curiosidade. Eu às vezes perguntava: "As mulheres ficavam loucas para dançar com você?". Ele ria de um jeito meio tímido e se gabava com um "sim, claro!", o que me fazia romper em gargalhadas.

Eu havia parado de ver Madiba alguns meses antes. A Sra. Machel me chamou até a casa um dia para um chá, depois que ele teve alta do hospital, embora seu estado ainda fosse considerado crítico. Ela disse que sabia o quanto eu amava Madiba e que não achava aconselhável que eu o visse definhando. No começo, suspeitei de que a família tivesse pedido para ela dizer que eu não poderia mais vê-lo, mas, depois de pensar a respeito, fiquei aliviada. Eu não queria vê-lo em estado de total impotência. Eu não queria perder o controle de minhas emoções em sua presença. Depois de sua morte eu compreendi, porém, que eu fora impedida de vê-lo.

Constantemente havia uma batalha em minha cabeça, tentando entender por que ele não se deixava ir e se ele estava capacitado para se deixar ir. Esse tipo de pensamento assusta, nos consome diariamente, pedaço por pedaço.

Às vezes eu me perguntava, como muitos sul-africanos, se ele era mantido vivo artificialmente. Mas a Sra. Machel e Josina me diziam que ainda havia uma centelha ali, que ele ocasionalmente segurava a mão de alguém ou conseguia abrir os olhos. Em novembro, nem isso acontecia mais. Ele estava indo embora, apesar do enorme esforço dos médicos para mantê-lo vivo.

Os médicos achavam impressionante ele ter tanta força, mesmo estando tão fraco. Muitas vezes eu me perguntava: ele estava ficando com medo de morrer? Ele sempre fora corajoso em relação à morte, dizendo coisas como "quando você se vai, seu corpo morre". As pessoas questionavam sobre o fato de seus ancestrais ainda não

o terem chamado, e eu me perguntava se ele sabia dessa curiosidade. Ele respeitava a tradição, mas não era obcecado por ela.

À medida que os dias passavam, eu estava permanentemente em alerta, ansiosa, esperando notícias sobre a saúde do Sr. Mandela. Você começa a viver em um limbo. Eu me comunicava com a Sra. Machel e Josina por SMS e e-mails. Eu não fazia muitas perguntas: "Ele está bem?", "Mum, você acha que ele está sem dor?", ou "Mum, você acha que ele está consciente?". Eu só queria dar o meu apoio. Afinal, quando a conheci, em Paris, em 1996, Madiba me disse que eu devia tomar conta dela e que não deveria perdê-la de vista em nenhum momento. Eu ainda estava fazendo isso.

E então recebi a mensagem que eu sabia ser inevitável. No dia 3 de dezembro, Mum e Josina me avisaram que o estado de saúde de Madiba havia se agravado. Parecia ser o começo do fim.

Encontrei Josina na quinta-feira, 5 de dezembro, na fundação. Ela parecia exausta.

Mais tarde, no início da noite, Josina me telefonou com instruções da Sra. Machel. Eu deveria informar a alguns amigos mais íntimos de Madiba que seu estado estava piorando. Era muito difícil. Tão brutalmente franco. Levei horas para conseguir falar com todos da minha lista, que incluía pessoas como o Arcebispo emérito Desmond Tutu, Ahmed Kathrada, Thabo Mbeki, George Bizos. Eu estava firme quando comecei a dar os telefonemas, mas a reação deles, a mistura de dor, choque e incredulidade, destruíram meu espírito decidido. Depois de cada ligação, eu me recompunha e repetia uma frase de Madiba: "Sempre parece impossível até que seja feito". E ligava para a próxima pessoa.

Naquela mesma noite, dois helicópteros voaram perigosamente baixo sobre a minha casa. Como eu morava no meio do caminho até Pretória, a base dos helicópteros militares, e Joanesburgo, onde

ficava a casa de Madiba, minha casa estava em sua rota. Os militares se preparavam para o pior? Ou já havia acontecido? Se fossem os militares, isso significava que já havia ocorrido. Havia duas questões a considerar: primeiro, eles provavelmente tinham se envolvido em algum momento devido às questões de protocolo; segundo, pensei que eles talvez temessem o muito especulado *uhuru* ou “noite das facas longas”, quando, dizia-se, os negros matariam os brancos na noite depois que Madiba morresse. Só os extremistas participavam desse tipo de conversa; e eu sabia que agora a África do Sul estava mais forte e mais capaz de lidar com o que todos nós temíamos, negros e brancos: a morte de Nelson Mandela.

E então acabou. Eu simplesmente soube que ele havia ido embora. Não precisei perguntar. Fiquei muda por alguns minutos e depois pulei da cadeira junto onde eu estava. Fui para o lado de fora da casa e me sentei, quieta e sozinha na noite quente de verão, pensando, orando e tentando internalizar o que acabara de acontecer. Eu estava sozinha em casa, e meu primeiro instinto foi orar, acender velas e ir para cama tão logo possível. Eu sabia o que viria pela frente. Meu telefone começou a tocar. Não atendi ninguém, e sabia que os rumores corriam. Cerca de duas horas depois, comecei a receber mensagens de lugares tão distantes quanto Los Angeles: “Madiba está bem?”. Eu sabia que, se eu respondesse a uma mensagem sequer, ela se espalharia como um rastilho de pólvora. E eu não queria mentir.

Meu telefone não parava de tocar, então decidi colocá-lo no modo silencioso, tomei duas pílulas para dormir e fui para cama. Eu sabia que o presidente tinha de fazer um pronunciamento oficial, mas não tinha ideia de quando isso seria feito. Avisei o diretor executivo da Fundação Nelson Mandela, Sello Hatang, que eu precisava encontrá-lo no escritório às seis da manhã. Ele concordou e eu fui para cama.

Enviei uma mensagem para meu irmão e seu companheiro, Rick, pedindo-lhes para vir buscar meus cachorros na manhã seguinte. Eu

disse: "Por favor, não me façam perguntas. Só venham pegar Winston e Indira o mais cedo possível". Eles precisariam de cuidados, e eu sabia que não ficaria muito em casa nos próximos dias.

Em 6 de dezembro de 2013, acordei pouco depois das quatro da madrugada. Eu tinha vinte e oito chamadas perdidas e centenas de e-mails e mensagens de texto. Tomei uma ducha e, quando desci para tomar um café, me sentei para ler algumas das mensagens. O mundo tinha me acordado para meu pior pesadelo. Madiba se fora. O presidente fez o comunicado no meio da noite, e até hoje não vi esse vídeo.

Liguei para meus pais antes das seis da manhã. Os dois já sabiam. Eles dormem com o rádio no quarto, e, quando a música foi interrompida pelo comunicado do presidente, meu pai acordou minha mãe para lhe contar. Meu pai, o homem que havia me alertado contra a libertação dos terroristas em 1990, chorou como criança por Madiba e passou a noite toda vendo os acontecimentos se desenrolarem pela televisão. Quando ouvi a tristeza na voz deles pelo telefone, desmoronei pela primeira vez.

Eu me apressei até o escritório e lá encontrei alguns dos meus colegas. Todos estavam emocionados, mas logo nos recompusemos, como soldados entrando no modo operacional. Sabíamos que tínhamos de começar a trabalhar imediatamente, preparando os eventos dos próximos dias. Livros de condolências teriam de ser comprados, declarações precisaram ser preparadas, e tínhamos de criar um espaço para o público chorar por Madiba. A equipe foi brilhante, e, sob a liderança de Sello, criou imediatamente esse lugar. Eu havia chamado uma de minhas amigas, Minèe, e lhe pedi para supervisionar meus telefonemas e começar a responder às pessoas. Eu precisava de ajuda. A imprensa começou a me procurar para dar depoimentos, Minèe controlou a pressão enquanto eu tentava pensar no que fazer. Para neutralizar a pressão da mídia, decidi escrever uma declaração. Ao me sentar em frente ao

computador, palavras e lágrimas começaram a fluir ao mesmo tempo.

A Fundação Nelson Mandela concordou em divulgar minha declaração:

Enfrentei muitas vezes uma pressão implacável. Mas então eu olhava para ele, que se portava com tanta graça e energia. Eu jamais o deixei. Jamais consegui. Nelson Mandela não reclamava lealdade, mas inspirava uma lealdade profunda e inabalável em todos cujas vidas foram tocadas por ele. E agora, quando lamentamos a partida de Madiba, lentamente começo a entender o fato de que nunca mais vou vê-lo. Mas os heróis nunca morrem. Por mais triste que eu esteja porque nunca mais vou entrar em uma sala e ver seu sorriso generoso e contagiante, ou ouvi-lo dizer: "Oh, Zeldina, você está aqui", entendo que o legado de Madiba não depende da presença dele. Seu legado não continuará vivo apenas em tudo que recebeu seu nome, os livros, as imagens, os filmes. Continuará vivo na maneira como nos sentimos ao ouvir seu nome, o respeito e o amor, a unidade que ele inspirou em nós como país e particularmente na forma como nos relacionamos um com o outro... Recordarei com carinho cada sorriso, os tempos bons e também os tempos difíceis, e especialmente os momentos do cotidiano... *Tot weersiens, Khulu* [até nos encontrarmos outra vez, vovô]!! Vou amá-lo todos os dias, pelo resto da minha vida.

A realidade de tudo isso me pegou quando digitei a última sentença. Eu estava dizendo adeus. Isso estava mesmo acontecendo? Eu jamais imaginara que estaria sentada à minha mesa escrevendo essas palavras. Parecia que eu estava dizendo adeus de outro planeta. Minè atendia os telefonemas e respondia as mensagens por mim. Alguns me procuravam porque sabiam o quanto ele significava para mim, mas outros ligavam porque eu era a ponte entre eles e Madiba. Eles não sabiam como expressar sua

tristeza. Eu primeiro tinha de pensar no que era preciso fazer antes de dar atenção a meus próprios sentimentos.

Por algum tempo eu havia trabalhado com a Sra. Machel e Josina montando listas para essa circunstância. As listas incluíam nomes que tinham trabalhado com Madiba, pessoas que estiveram com ele durante o Rivonia e o Julgamento por Traição, amigos, os chefes e responsáveis de todas as suas obras assistenciais, apoiadores e aqueles que sempre chamávamos quando Madiba precisava de alguma coisa — não apenas para seus projetos beneficentes, mas para conseguir emprego para um de seus netos ou ajudar uma criança com algo específico. As listas tinham sido atualizadas várias vezes, e a última fora atualizada em junho de 2013, quando Madiba fora hospitalizado. Os nomes eram, então, submetidos a Makaziwe e Ndileka Mandela, neta mais velha de Madiba. Elas eram os únicos dois membros da família envolvidos nos preparativos do funeral, que já duravam oito anos.

O Estado originalmente tinha o plano de fazer o funeral nos Union Buildings, o centro do poder na África do Sul, o lugar onde todos os outros funerais oficiais tinham sido realizados. Embora Madiba quisesse ser enterrado em Qunu, ele não havia especificado se desejava um funeral oficial em Qunu. Era um homem simples, com necessidades modestas, que de alguma forma subestimava sua importância no mundo.

Essa cerimônia de certa forma determinaria o poder quanto ao legado de Mandela e os papéis na família Mandela.

Senti gratidão pelos que se lembraram de mim e do pequeno papel que desempenhei na vida de Madiba. O Arcebispo Desmond Tutu mencionou meu nome durante um sermão muito emocionante na Catedral St. George, na Cidade do Cabo. Mas, como um humilde lembrete de como somos todos esquecíveis, substituíveis, ele errou meu sobrenome e me chamou várias vezes de Zelda van Graan. Ele também estava ficando velho, e ficou muito triste com o falecimento

do amigo que tanto respeitava. No meio daquela tristeza, pessoas me enviaram mensagens de texto e tweets dizendo que eu deveria mudar meu sobrenome para Van Graan. Foi engraçado, mas não consegui rir naquele momento.

Também fiquei incrivelmente tocada pela declaração da Ministra da Defesa, Nqaluka, agradecendo pelos meus anos de serviço. Ela disse que achava que eu nem sequer tinha tempo para namorar. Embora eu não quisesse que as pessoas falassem sobre isso, ela estava certa — foi a primeira vez que alguém disse isso em público. Houve uma época que eu não podia ficar com um homem nem vinte minutos sem que Madiba me chamasse para fazer alguma coisa. Ele era meu número um. Quando, ocasionalmente, eu tinha um relacionamento, nunca podia me dedicar completamente. Meu trabalho era tudo, e eu não me importava. Foi a minha escolha. O agradecimento dela me deixou ainda mais emotiva. Nunca havia esperado que alguém me agradecesse. Madiba me agradecia. Para mim, isso era o suficiente, e a bênção que tive por ter sido escolhida por ele ficou muito além de qualquer expectativa que eu tivesse. Eu não cuidava sozinha de Madiba. Eu sabia que milhões de outras pessoas cuidavam dele também, e tentei servir da melhor maneira os seus interesses, garantindo que esses relacionamentos fossem respeitados.

Minhas contas do Twitter e do Facebook, mensagens de textos e e-mails começaram a transbordar com agradecimentos. Foi impossível responder a todos. Eu sou uma pessoa detalhista e penso com o lado esquerdo do cérebro. No começo pensei que agradeceria a cada um pessoalmente, mas, enquanto o tempo passava, meu celular constantemente travava devido ao acúmulo de ligações, e eu simplesmente não conseguia fazer o que precisava. Muitas das pessoas que me inundavam com seus agradecimentos também sofriam com a perda de Madiba. Todos tinham de lidar com suas próprias emoções e, mesmo assim, pensavam em mim. Fiquei profundamente tocada.

Agora nós tínhamos de averiguar de que maneira os nomes das “listas de amigos” de Madiba deveriam ser convidados e credenciados. Sello, o diretor executivo da FNM na época, também tentou conseguir informações, enquanto a equipe trabalhava a todo vapor apagando os incêndios da desorganização de pessoas que queriam a confirmação dos preparativos. Sello, como diretor executivo, não conseguia resolver nenhum detalhe, tampouco sua equipe. Me telefonavam perguntando sobre a cerimônia que seria realizada no Estádio FNB, no Soweto, no dia 10 de dezembro. Eu não podia dar nenhuma resposta, pois não tinha informações. Além da “lista de amigos” de Madiba, como a chamávamos, a família Machel foi subitamente informada de que receberia apenas cinco credenciais, sendo a Sra. Machel contada como a primeira. Então, a ela e mais quatro outros membros da família seria permitido comparecer ao funeral de seu próprio marido. Isso era ridículo, digno de gargalhadas.

Nos dias que se seguiram antes da cerimônia, muitos de nós quase não dormimos, tentando dar um sentido aos preparativos e conseguir informações. Dizer que tudo estava caótico era um eufemismo. Uma combinação de mau planejamento e segredo de Estado, uma situação surpreendentemente mal administrada para um evento que era esperado. Eu tinha viajado com Madiba pelo mundo, comparecendo a eventos onde às vezes estavam presentes centenas de chefes de Estado. O planejamento para eventos tão grandes sempre contava com um pouco de sorte, mas eu nunca havia presenciado tamanho caos. Ninguém tinha todas as informações relevantes, e os planos eram mudados a cada minuto. Nem mesmo os responsáveis tinham as respostas, ao que parecia.

No domingo à noite, depois de muita batalha e de uma troca de palavras duras entre mim, o pessoal do cerimonial do governo e a família, fomos salvos por uma funcionária antiga do CNA. Ela conseguiu as credenciais para a família e as entregou no Saxon Hotel, onde Josina e eu nos encontrávamos.

A situação era burlesca. Se mal podíamos conseguir que a viúva de Nelson Mandela e os filhos dela pudessem comparecer ao funeral, era de fato impossível conseguir que alguma outra pessoa fosse oficialmente credenciada.

Nesse ínterim, as equipes precursoras dos Presidentes Obama e Clinton haviam chegado e tentavam conseguir informações de todo mundo, inclusive de mim. Os humores estavam explodindo, pois todos sentiam a pressão e a frustração da desorganização. Eu me perguntava o que eles planejaram durante oito anos e se agora ninguém conseguia nos dar nenhuma resposta. Parecíamos amadores, pegos de surpresa. Deram-nos a garantia de que no dia seguinte conseguiríamos os convites para a "lista dos amigos" .

Na segunda-feira de manhã começamos a telefonar. Por volta das duas da tarde, um de nossos amigos, Basetsana Khumalo, foi à sede do CNA buscar credenciais para a "lista de amigos", e vimos então que apenas metade das pessoas da relação havia sido convidada. A cerimônia seria realizada no dia seguinte. De nenhuma maneira as pessoas do exterior correriam o risco de voar até a África do Sul para o memorial ou funeral se não tivessem certeza de serem credenciadas. Nenhum convite foi enviado, e se esperava que os amigos de Madiba fossem para o estádio na base do "quem chegar primeiro entra primeiro", para se sentar entre a multidão que compareceria ao memorial. Isso incluía nomes como o Arcebispo Tutu.

No meio de tudo isso, quando parecia que as coisas não poderiam piorar, eu me lembrei de um compromisso que havia agendado na semana anterior. Tratamento de canal. A dor em meu dente era encoberta pela dor em meu coração. Uma amiga, Marli, me levou ao dentista. Eu não conseguia dirigir e responder à torrente de chamadas telefônicas e perguntas ao mesmo tempo. Marli atendeu meu telefone durante a consulta, e então ela me fazia perguntas enquanto eu estava sentada, de boca aberta, na cadeira do dentista, prestes a ser amarrada por ele com esparadrapos, como nos

desenhos animados. Eu escrevia as respostas para Marli em um pedaço de papel, quase ilegível, e ela conseguiu dar as indicações durante a hora e meia em que fiquei na cadeira. O dentista logo compreendeu que não iria completar seu trabalho e me pediu para retornar na semana seguinte para fazer o que faltava. Ele compreendeu que eu estava sob pressão e foi excepcionalmente compreensivo. Ele conseguiu curar a dor, e lá fomos nós.

Com a boca cheia de algodão e analgésicos suficientes para amortecer tanto o meu cérebro como a minha boca (cheguei mesmo a pedir que o dentista me injetasse mais do que a quantidade permitida, para tentar acalmar meus nervos, mas ele recusou), tentei comunicar às pessoas que ainda não tinha notícias. Tentei permanecer otimista, mas, assim que eu conseguia responder a todos, a primeira pessoa da lista pedia uma atualização. Eu estava à beira de um ataque de nervos, não conseguia suportar mais a pressão.

Josina, Basetsana e eu às vezes gritávamos uns com os outros, depois chorávamos histericamente, e então recolhíamos os pedaços e tentávamos encontrar alguma ordem. Nós sabíamos que nossas explosões eram seguras, não importava a natureza. George Cohen, o gerente do Saxon Hotel, que se tornara um bom amigo, assim como os proprietários, a família Steyn, insistiram para que eu ficasse no hotel durante o tempo do funeral. George queria me dar apoio, e tentou fazer isso de todos os modos possíveis. Eu morava a certa distância de Joanesburgo, e, ao me oferecer essa gentileza, eles aliviavam um pouco da pressão.

Como alguns dos amigos de Madiba também estavam no Saxon Hotel, ficou mais fácil me comunicar com eles. Sempre que eu conseguia alguma informação, por mais prosaica que fosse, eu a compartilhava com George e ele a passava para os amigos que estavam no hotel e mesmo para seus contatos de fora. A equipe da fundação estava ocupada com os preparativos de criar um espaço público de luto, e George e a equipe do hotel me ajudavam com os

telefonemas e enviavam motoristas para tentar ajudar. Além disso, George me obrigava a me alimentar. Em mais de uma ocasião ele me encontrou soluçando, uma mistura de dor e frustração, então me acalmava e me ajudava a pensar na solução. Para mim, os amigos de Madiba sabiam que haviam sido importantes na vida dele, e seus pedidos de notícias eram legítimos. Minha incapacidade de ajudá-los parecia antiprofissional e pouco atenciosa.

Na noite da segunda-feira, a ministra da Defesa me chamou para dizer que eu deveria viajar até os Union Buildings, em Pretória, para separar as permissões para a "lista de amigos". Ela sugeriu que essa seria a única solução, considerando que o tempo se esgotava. Eu tinha enviado mensagens e telefonado para cada pessoa que poderia nos ajudar. Por volta das sete da noite de segunda, ainda não sabíamos a que horas os procedimentos começariam no dia seguinte.

E não apenas nós. A imprensa não tinha condições de se preparar. O governo trabalhava na base do "quem precisa saber", distribuindo informações a conta-gotas.

Nesse ínterim, Madiba era embalsamado no Hospital Militar 1, em Pretória. Pela minha amiga Robyn Curnow, que recebera informações da família durante anos, eu soube que ele estava sendo "escoltado" para depois da vida pelos anciãos da tribo Tembu. Eles falavam com ele, explicando o que acontecia dia a dia. Madiba detestava burocracia, e eu não poderia deixar de me perguntar qual teria sido sua reação se tivessem lhe falado de nossas trapalhadas.

A amiga que me levara ao dentista me levou até os Union Buildings, acompanhada de Sara Latham, da equipe precursora do Presidente Clinton e de outra velha amiga. Ela fora enviada à África do Sul por Clinton para também me dar todo o apoio possível. Na metade do caminho para os Union Buildings, Basetsana nos telefonou para dizer que eles não estavam imprimindo permissões nos Union Buildings, e que deveríamos voltar para Joanesburgo.

Disseram que receberíamos as credenciais que faltavam por volta das dez da noite. Às dez e meia telefonei outra vez, e Josina e eu fomos comunicadas de que receberíamos notícias à uma da manhã. À uma hora, nos disseram que seria às três. Portanto, não dormimos. Às três da manhã, nenhuma notícia ainda. Por volta das cinco horas, começamos a telefonar. Celebidades como o magnata Johann Rupert haviam vindo da Cidade do Cabo para comparecer ao funeral, mas sua credencial também não fora entregue. Às seis da manhã, entreguei duas credenciais no portão de sua casa, credenciais com nomes que não eram o dele e o de sua esposa. Não havia outra maneira de ajudá-los. Johann pegou seu avião e voltou para a Cidade do Cabo.

Johann era uma das pessoas a quem Madiba sempre recorria quando precisava de apoio financeiro para um projeto. O relacionamento de Madiba com a família datava de muito tempo, do começo dos anos 1990, depois que Madiba foi solto. E esse homem não pôde ir ao seu funeral, apesar de Madiba considerá-lo como um de seus filhos.

Além disso, nenhuma das obras assistenciais de Nelson Mandela, seus respectivos executivos ou responsáveis tinham sido credenciados. Seus nomes apareciam na lista que fora analisada em várias ocasiões nos dois anos anteriores. Membros da equipe que serviu Madiba por muito tempo, que desempenharam papéis decisivos em sua vida, foram impedidos de homenageá-lo.

Às oito da manhã, depois de dormir por apenas quarenta e cinco minutos, cheguei ao nosso escritório, de onde a família de Madiba sairia. Desculpei-me confusamente com o Prof. Ndbele, presidente de nossa fundação, e com Sello, nosso diretor executivo. Fiquei desapontada, ferida e constrangida porque ninguém havia servido nada para alimentá-los. Se meu nome não tivesse sido submetido pela Sra. Machel como parte de sua lista de família, eu mesma não teria sido credenciada. Parecia que partes importantes do passado de Madiba estavam sendo encobertas ou ignoradas. Aqueles que ele

havia pessoalmente assinalado, as instituições do legado que ele estabelecera, acabaram sendo marginalizados em um ato de mesquinaria.

O advogado George Bizos, um dos amigos mais antigos de Madiba, cujo relacionamento com ele datava do Julgamento de Rivonia, também chegou ao escritório. Seu nome fora anotado como "família". Eu o ajudei a entrar no ônibus e pedi a Lori, minha amiga de Los Angeles e sócia de Morgan Freeman, para ficar com ele o tempo todo. A chegada ao estádio foi um caos. Chovia muito; uma tempestade implacável passava sobre Joanesburgo. Alguns disseram que isso significava sorte, e que os deuses davam as boas-vindas a Madiba. Ele teria achado essa ideia um disparate. A chuva complicou ainda mais a situação, que já era caótica. Alguém comentou recentemente que Madiba não gostava de muito estardalhaço por causa dele, e que a chuva provavelmente foi a sua maneira de garantir que não haveria tanto exagero.

Fomos enviados de um lado para o outro entre as suítes. Caminhamos para cima e para baixo com o velho advogado Bizos. Em certo momento, tentei ajudar o Arcebispo Tutu, Kofi Annan e os demais idosos que eram maltratados por policiais em uma das suítes.

Quando Bono Vox, Sol Kerzner, Charlize Theron, a esposa e os filhos de Douw Steyn chegaram, também tiveram o acesso bloqueado a suas suítes. Um funcionário do cerimonial literalmente os enxotou e os direcionou para "qualquer suíte aberta" no corredor. Eu os acompanhei e simplesmente os levei para a suíte vazia mais próxima, onde não existia alimentos e havia apenas cadeiras de plástico laranja para eles se sentarem. Pelo menos ali teriam privacidade. O que piorava as coisas era que a suíte ficava bem atrás de uma tela no fundo do estádio, de onde dificilmente eles poderiam ver qualquer coisa. Eu lhes disse que retornaria para buscá-los assim que conseguisse um lugar digno para ficarem, mas que eles precisavam ficar na suíte por enquanto. As únicas palavras que se

repetiam em minha mente eram: “para honrar Madiba, você tem de honrar seus relacionamentos”. Se fosse a última coisa que eu faria por ele, eu tentaria honrar os relacionamentos que ele havia cultivado.

Depois que briguei, chorei, gritei e perdi o controle, Jessie Duarte, vice-presidente do CNA, veio em meu socorro. Eu havia lhe contado o que acontecera, e ela argumentou com o cerimonial e a polícia na porta da suíte ministerial para que os amigos de Madiba tivessem acesso a uma suíte decente. Ela compartilhava de minha frustração, e achava inaceitável que as pessoas fossem tratadas com tanto desprezo. Um funcionário do cerimonial e um de nossos amigos foram designados para buscá-los.

Madiba detestava eventos com discursos infundáveis. Detestava ouvir pessoas o elogiando por horas e horas. Ele argumentava que, uma vez que alguém tivesse dito alguma coisa boa sobre você, já bastava. Mas não tivemos a celebração de sua vida que esperávamos. Não foi feriado nacional, e o estádio com capacidade para 90.000 pessoas não estava cheio nem pela metade. Foi constrangedor. As pessoas tinham de sair do trabalho para ir ao memorial, e, como estávamos perto dos feriados de Natal, é provável que muitos tivessem tido problemas para conseguir uma folga.

Josina e Malenga, os dois filhos da Sra. Machel e enteados de Madiba, tampouco haviam sido servidos. Eles estavam conosco e o restante da família Machel na suíte ministerial. Mais ou menos no meio da programação, alguém veio avisar que havia comida para eles no estádio junto com a família, mas nós não os deixamos se humilhar e caminhar pelo campo como um “adendo de última hora”. Madiba tinha passado mais tempo com aqueles dois jovens do que com muitos de seu próprio sangue. Eles o faziam sorrir, e mesmo assim foram tratados com o que considerei o mais completo desrespeito.

Bill Clinton me chamou à suíte presidencial porque ele, a Secretária Hillary e Chelsea queriam me cumprimentar. JD, porta-voz do presidente, me chamou e, quando eu os vi, quase tive um colapso. Era como ver familiares. Passei muitas horas com eles nos dezenove anos anteriores, e eles valorizavam o quanto eu amava Madiba, eu também sabia o quanto eles o amavam. Eles sentiam a mesma dor que todos nós sentíamos. Eles o amaram profundamente, acima da admiração política. Estar com eles me fez compreender que a perda também era deles.

O Presidente Obama teve o que nós descrevemos como um momento Martin Luther King e fez um de seus melhores discursos. No entanto, foram horas e horas de discursos, com poucas canções e danças — algo de que Madiba teria gostado muito. Um erro desses apenas expôs que algumas pessoas o conheciam muito mal.

De maneira muito constrangedora, o Presidente Zuma foi vaiado por seus próprios compatriotas a cada vez que seu nome era mencionado ou que seu rosto aparecia em um dos telões do estádio. Não fiquei nem um pouco surpresa. Era o mesmo desrespeito em relação ao Presidente Thabo Mbeki, que Jacob Zuma não tinha condenado durante o julgamento por estupro, alguns anos antes, quando a juventude rebelde do CNA começou a queimar camisetas com o rosto do então presidente. Era como um relacionamento em que ocorre abuso. Uma vez que você permite que aconteça, nunca mais volta para o outro lado da linha que foi cruzada. Se havia sido permitido antes, por que não seria permitido agora? Fiquei constrangida não apenas pelo Presidente Zuma, mas pela África do Sul como um todo.

Na quinta-feira à noite, depois do memorial, fomos para a casa de Houghton para ver a Sra. Machel. O Presidente Clinton e sua família iriam partir da África do Sul logo depois disso. Sol Kerzner, que sempre provocava um sorriso no rosto de Madiba, também partiu, e o astuto homem de negócios tinha muita tristeza em seus olhos. Mesmo quando Sol ou os Clintons não telefonavam, eu às

vezes mentia que sim, que haviam ligado; eu sabia que seu estado de ânimo precisava de um estímulo, e isso sempre o fazia sorrir. Eles o visitavam sempre que podiam e sempre que seus negócios os traziam à África do Sul. O Presidente Clinton, sem falhar, sempre combinava suas outras visitas à África com uma visita ao nosso país na época do aniversário de Madiba.

Antes de dormir, tentei fazer os preparativos para que Bono Vox, Naomi Campbell e a família Steyn fossem prestar seus respeitos, na manhã seguinte, nos Union Buildings, onde o corpo de Madiba era velado oficialmente pelo Estado. Madiba gostava de Bono pelo fato de ele usar sua fama para apoiar boas causas. Nós sempre o chamávamos para se apresentar nos concertos e eventos em benefício das obras de Madiba. Ele nunca cobrava cachê ou despesas de viagem. Naomi foi a primeira celebridade a apoiar publicamente o Fundo para Crianças de Nelson Mandela, e batizou a primeira das netas honorárias de Madiba. Depois que Madiba deixou sua casa no Soweto, ao se separar de Winnie Madikizela Mandela, a família Steyn hospedou Madiba por seis meses. Ele terminou de escrever o livro *Long way to freedom* na casa deles, onde também a Constituição interina foi preparada pelo CNA. Eles recepcionavam os amigos e camaradas de Madiba, e ofereceram um espaço para passar um tempo com as crianças de seu filho Makgatho. Todas essas pessoas tinham um lugar na vida de Madiba, e agora nada era oferecido a eles quando foram prestar seus respeitos nos Union Buildings, onde o corpo do Sr. Mandela era velado.

Bridgette Radebe, esposa de Jeff Radebe, nosso ministro da Justiça, se ofereceu para vir até o Saxon Hotel a fim de nos ajudar a ir para os Union Buildings na manhã seguinte. As ruas estavam todas cercadas e, a menos que o carro tivesse uma autorização, era preciso ficar em uma fila durante horas para pegar o transporte público até os Union Buildings. Às seis da manhã da quarta-feira, Bridgette telefonou para avisar que Jeff estaria lá às oito. Esperei até as sete, e então pedi a George, gerente do Saxon, que acordasse Naomi, Bono e os Steyns. Às oito, Bridgette ligou para dizer que Jeff

fora chamado para outra cerimônia e que não poderia nos ajudar. O pânico me atacou de novo. Como eu levaria aquelas pessoas para os Union Buildings? Certamente o governo não poderia esperar que as celebridades ficassem por cinco ou seis horas com o público para prestar sua última homenagem a Madiba.

Eu me senti impotente. Sempre tinha conseguido arranjar as coisas, abrir portas, mas elas estavam se fechando uma a uma. Não ajudava nada considerar o quanto isso teria enfurecido Madiba. Você simplesmente se enquadra e procura soluções.

Enquanto eu falava ao telefone no Saxon, o ex-Presidente F. W. de Klerk, que estava hospedado no mesmo hotel, ouviu o que eu dizia. De Klerk era o presidente em 1990, quando Madiba saiu da prisão. Madiba falava dele com muito respeito, e eu compartilhava esse sentimento. Depois que terminei o telefonema, ele disse: "Zelda, fale com Norman, meu segurança, e veja se ele pode lhe ajudar". Às 9h15min, todos nós enfim partimos no comboio do ex-Presidente De Klerk e de sua esposa, Elita. A ironia foi demais para mim. O homem que representou o apartheid para tanta gente vinha, de certa maneira, ajudar Madiba outra vez. O Sr. Mandela, no entanto, não teria se surpreendido com De Klerk vindo em seu auxílio. Ele verdadeiramente acreditava que, apesar de suas diferenças políticas, De Klerk era um ser humano bom e sensato.

Ao chegar à casa de hóspedes presidencial, as celebridades puderam entrar, mas eu e os Steyns não fomos autorizados. Quando o Ministro Jeff Radebe e sua esposa, Bridgette, chegaram, tiveram de me escoltar para entrar, e eu precisei elaborar um plano para fazer os Steyns entrarem. No fim, conseguimos transportar todos os nossos convidados até os Union Buildings.

Enquanto descíamos os degraus dos Union Buildings, para o velório de Madiba, a tranquilidade me invadiu. Eu tinha de estar pronta para me despedir dele. Tinha de ter as palavras certas em minha cabeça. Eu não planejava dizer nada em voz alta, mas ele me

ouviria. Ele sempre sabia o que eu pensava antes que eu mesma dissesse. Algumas vezes ele dizia: "Sabe, Zeldina, é estranho você mencionar isso. Eu estava pensando a mesma coisa". Não seria diferente desta vez.

A poucos passos do caixão, compreendi que seria muito difícil. Eu não o via por alguns meses. Já sentia sua falta. Naomi estava atrás de mim, e ficou paralisada. Ela estava assustada, e outra vez as lágrimas correram de meus olhos. Eu estava descontrolada, e, por mais que quisesse ajudá-la, não conseguia me controlar. Eu segurava a mão de Bridgette Radebe, mas ela me soltou e pegou a mão de Naomi. Eu queria que ela a ajudasse também. No momento seguinte, Olivia, filha de Samora Machel e enteada da Sra. Machel, segurou minha mão esquerda e Bono Vox segurou minha mão direita com sua esposa, Ali, do outro lado. Era a nossa vez de nos aproximarmos do caixão.

Eu estava tão composta como podia estar até que meus olhos encontraram os de Mandla Mandela, neto de Madiba, ao lado do caixão de seu avô. Meu coração se despedaçou. Uma dor física que não consigo descrever para ninguém, mas tenho certeza de que foi sentida por muitas pessoas. Eu queria desesperadamente caminhar até Mandla e lhe dar um abraço, mas não podia. Mandla era como um irmão para mim.

Bono e Olivia me conduziram até o caixão, e ali estava Madiba. Sem vida. Morto. Frio. Khulu havia ido embora. A primeira coisa que notei foi a cicatriz na lateral de seu pescoço, onde eles obviamente haviam inserido um tubo de traqueostomia. Provavelmente um dos muitos tubos que tinham mantido sua vida nos últimos seis meses. Agora não havia mais nada a não ser a cicatriz. O buraco estava fechado, mas, quando você trabalha por muito tempo com alguém, vocês acabam conhecendo as cicatrizes um do outro. Eu conhecia cada pequena marca do rosto dele, e a do seu pescoço era recente. Então reparei que ele tinha uma coloração cinza-escura, depois notei que seu peito estava completamente achatado. Tão achatado como

o tampo de uma mesa. Fiquei perturbada por vê-lo assim, mas eu sabia que tinha apenas um minuto para dizer adeus. Bono tomou a frente e fez uma oração muito bonita. Ele agradeceu a Deus por nos abençoar com Madiba e pediu a Ele para ficar com Madiba e conosco enquanto dávamos um sentido à vida depois. Enquanto Bono nos conduzia para fora, eu queria me virar e voltar correndo. Eu queria dizer mais alguma coisa. Nós sempre temos algo mais a dizer, não temos? Mas a vida me ensinara que nos arrependemos com mais frequência das coisas que não dissemos do que daquelas que dissemos, e eu consegui, nos últimos anos, dizer a Madiba o quanto o amava e era grata a ele. Eu tinha medo de me arrepender de não ter feito isso, e, ao sair, sabia que isso era uma coisa que ele sabia sobre mim.

Bono e Olivia seguraram minhas mãos e eu não me lembro de ter subido as escadas dos Union Buildings, provavelmente pela última vez. Ao voltar para a casa de hóspedes presidencial, ninguém disse nada. Eu tinha desistido de controlar minhas lágrimas. Eu não conseguia respirar e desejava estar sozinha, comigo mesma, mas tinha de pensar nos outros.

De volta ao Saxon Hotel, onde almoçamos, fiquei muito triste ao ver Bono e sua esposa Ali partirem. Eu me tornara amiga da equipe deles nos últimos anos, eles eram uma espécie de pilar espiritual; e Bono tem um pouco de pregador. Tem uma compreensão muito profunda da vida. Durante toda a prolongada enfermidade de Madiba, ele enviava mensagens de encorajamento. Jamais pedia nada, nenhuma informação, mas sempre enviava lindas palavras. Uma vez ele disse: "Estamos todos apenas acompanhando a caminhada um do outro para casa", e isso me acalmou um pouco. Eu estava exausta da tensão e das emoções do dia. De certa maneira, eu sentia que os amigos de Madiba pertenciam a uma linhagem especial. Ele atraía um certo tipo de pessoa e sei que ficaria contente por eles estarem ali cuidando de mim. "Isso é bom, Zeldina", ele diria.

A falta de planejamento para a ocasião continuou, e eu tinha de decidir como sobreviveria nos próximos dias. Houve alguns breves momentos de descanso, mas não havia tempo para sentar e pensar, internalizar a realidade do falecimento de Madiba. Eu não tinha tempo para pensar em mim mesma nem para aceitar completamente o que acontecera. Não ter visto Madiba por alguns meses tornava quase inacreditável pensar que ele realmente se fora. Eu havia me acostumado com o fato de que ele estava em casa. Toda manhã, o primeiro pensamento que passava por minha cabeça era o de que ele estava muito mal. Você nunca sabe como o dia terminará, mas nunca jamais espera o fim.

Meu desafio agora era conseguir que Alfre Woodard, Oprah, Gayle King, Stedman Graham, Forest Whitaker e Richard Branson fossem credenciados para o funeral em Qunu. Iria acontecer na aldeia natal de Madiba em 15 de dezembro de 2013, um domingo. Todos eles tinham viajado dos Estados Unidos para estar lá, mas eu não tinha certeza se seríamos bem-sucedidos em obter a autorização. Eles estavam abaixo do *status* de chefes de Estado, mas acima do nível ministerial. Não havia uma categoria para eles. Tinham de ser tratados como o público, como a massa. Eu não aceitaria isso. As bizarras e desnecessárias dificuldades de um evento que havia sido planejado por oito anos continuavam.

Ao chegar à casa de Madiba para entregar algo para a Sra. Machel, fui informada pela policial de plantão que eu não poderia entrar, pois minha credencial de acesso havia expirado. Eu não a conhecia, e ela me bloqueou o acesso. No entanto, perto dela estava sentado um dos guarda-costas de Madiba. Ele não tentou me ajudar, ficou quieto. Entrei na guarita do vigia e tentei falar com a equipe da cozinha para pedir que confirmasse que eu era esperada na casa. Não pude telefonar. Perguntei ao guarda-costas quanto tempo ele havia trabalhado com Madiba, e ele respondeu oito anos. Eu lhe disse que havia sido chamada à casa por Mum e perguntei se ele não achava que seu comportamento estava sendo inaceitável. Ele explicou que não estava em serviço, mas apenas fazia companhia à

moça de uniforme. Minha última resposta a ele foi: “Como você acha que Madiba reagiria se o ouvisse agora? Tendo trabalhado com ele, você deveria saber. Eu não tenho nada a lhe dizer. Você deve estar orgulhoso de si mesmo”. Liguei para o celular de Mum, em lágrimas, e ela enviou seus guarda-costas para virem me pegar no portão.

Chegando à casa, fui informada de que precisava de uma credencial com foto. Dirigi-me à saleta no fundo do jardim, onde as autorizações eram concedidas pelos funcionários do cerimonial, e expliquei que a Sra. Machel, tinha me pedido para ir fazer a credencial. Eles disseram que meu nome não estava na lista e que Makaziwe e Ndileka eram as únicas que poderiam dar permissão para que eu fosse credenciada. Fui outra vez até a Sra. Machel para lhe contar que eu estava indo embora e não poderia ficar para as orações para as quais ela havia me convidado. Era enojante. A Sra. Machel instruiu o marido de Makaziwe, Isaac, a me acompanhar outra vez à saleta e tentar me credenciar. Apesar de ele dizer quem era e depois de afirmar que era “um pedido especial da Sra. Machel”, recusaram. Somente depois de uma longa argumentação eles concordaram. Achei um pouco estranho que Isaac tivesse dito que se tratava de um pedido especial da Sra. Machel.

Fui cumprimentar a viúva e depois saí. Ela queria que eu ficasse para as orações, mas eu estava muito chateada. Garanti que estaria sempre disponível se ela precisasse de alguma ajuda. Ela ainda contava comigo para algumas das questões administrativas que eu tinha executado enquanto Madiba estava vivo: pagar contas ou realizar transferências bancárias. A ironia de tudo isso intensificava minhas próprias emoções. A família era rápida para me ligar para saber se uma transferência havia sido feita, mas não me achava boa o suficiente para ser tratada como ser humano que merecesse um cumprimento.

Eu ainda tinha de enfrentar o obstáculo da autorização a Oprah, Branson e Whitaker.

Passei as horas seguintes fazendo exatamente isso. Enviei e-mails para muita gente, telefonei, enviei mensagens de texto pedindo que acomodassem os amigos de Madiba, e os funcionários do cerimonial disseram até mesmo ao diretor-geral da Presidência que não aceitavam instruções dele. Parecia que algumas seções do governo estavam em desacordo entre si. Eu sentia que não se tratava absolutamente de homenagear Madiba ou de tratá-lo com a dignidade que ele merecia, mas apenas de assegurar poder e ajuste de contas. Por outro lado, ninguém realmente sabia quem estava no comando. Só podíamos nos perguntar se foram oito anos de mau planejamento, desperdício de dinheiro em viagens ao exterior para consultas com outros países sobre eventos de tal magnitude, ou se era uma tentativa deliberada de excluir do funeral de Madiba as pessoas que não estivessem alinhadas com certos interesses. Certamente, quando você tem oito anos para planejar, consegue fazer direito. Era de lamentar ter de ouvir isso, e me causava profundo pesar que as pessoas que amavam tanto Madiba fossem tratadas daquela maneira. Insistiram que Oprah e os outros fossem até a sala de credenciamento na casa de Houghton para receber suas credenciais. Comuniquei isso a todos.

Com tristeza, eu soube que a autorização só foi feita depois que Oprah, Forest, Gayle e os outros tiveram de posar para inúmeras fotos com o pessoal do cerimonial. Era revoltante. Eu não podia imaginar Madiba concordando com esse tipo de tratamento a seus amigos. Eu jamais, nunca, permiti que ele Madiba passasse por esse tipo de situação, mas seus amigos eram convidados a posar para fotos com fãs para ajudá-los a conseguir o credenciamento. Em dezenove anos trabalhando com Madiba, eu jamais, nem mesmo uma vez, pedi para tirar fotos com algum de seus convidados. Eu nunca havia pedido a Madiba para tirar uma foto comigo. Fotos eram tiradas no decorrer do trabalho com ele, e eu algumas vezes me juntava a ele e seus convidados quando tiravam alguma foto, e só em poucas ocasiões alguns de seus amigos pediram que eu fosse incluída em uma foto. E essa foi precisamente uma das razões pelas quais fiquei com ele por tanto tempo. Eu nunca permitia que fotos

me distraíssem de minhas obrigações. Em certo momento ele me perguntou se eu não gostava de ser fotografada com ele. Eu ri e precisei garantir que não era esse o caso. O comportamento que eu acabava de testemunhar era totalmente inaceitável para mim.

Acabei chegando ao Cabo Oriental na sexta-feira, junto com Josina, alguns de seus familiares e amigos, viajando no avião fretado por Faizal e Malaika Motlekar. Quando aterrissamos em Umtata, notei que as montanhas estavam bem verdes. Tinha chovido muito e ainda chovia, o que teria agradado Madiba. Desejei tanto que ele pudesse estar ali. Ele ficava feliz quando sua terra era adequadamente molhada e se tornava fértil para a pastagem e o plantio. Em uma entrevista com Robyn Curnow, da CNN, Mbuso, um dos netos de Madiba, contou a história de quando ele e Madiba estavam sentados na sala de estar de sua casa em Qunu e Madiba insistiu para ele ir correr nu na chuva. Madiba fazia isso quando era jovem. Ele amava incondicionalmente a vida, apesar do que a vida lhe oferecia tantas e tantas vezes. Tente imaginar, oitenta anos atrás, um jovem Nelson Mandela brincando naquelas mesmas montanhas. Nu, livre do passado e desconhecendo o futuro. Talvez a chuva fosse a maneira certa de ele voltar para casa.

Saindo do aeroporto, me lembrei de que eu o fazia sorrir sempre que estávamos em Qunu e eu o cumprimentava com seu nome de circuncisão: "Ahhh Dalibhunga!". As garotas africâneres o cumprimentavam com seu nome xhosa; ele se divertia com isso, e geralmente abria o maior dos sorrisos.

Passamos por alguns rebanhos e eu me recordei de sua adoração pelo seu gado. Ele dirigia em sua fazenda, saindo para ver as vacas e os touros. Acho que teria adorado ser um grande pecuarista. Muitas vezes ele me disse que, em sua tradição, a riqueza de um homem era medida pelo número de cabeças de gado que possuía. Ele tinha entre 30 e 60 cabeças em determinado momento, e eu respondia: "Ah, Khulu, então você é muito rico!" — e ele ria.

Sua acessibilidade, sua afinidade natural com as pessoas era o que me encantava. Meu papel principal durante os anos que passei com ele era ser sua protetora, seu escudo, aquela que não o deixaria ser esmagado pelo amor das pessoas. Sua abertura em nada combinava com a natureza fechada dos arranjos de seu funeral. Isso me confundia, me entristecia e me deixava constrangida.

A imprensa mundial foi até Qunu. Lembrei-me de que Madiba admirava os jornalistas, e pensei que ele ficaria impressionado ao ver tantos deles em Qunu, e que se gabaria de sua pequena vila para eles. Ele costumava telefonar sempre que um jornalista escrevia um artigo crítico sobre ele. Convidava-o para uma refeição e, no começo, o jornalista supunha que estaria em apuros. Mas logo percebia, depois que chegava a sua casa, que ele queria meramente conversar para entender a crítica. Os jornalistas em geral saíam sem mudar de ideia, e Madiba não tentava mudar a opinião deles. Depois de ter conversado com o autor da crítica, ele ficava com uma opinião mais ampla, e, mesmo que ocasionalmente ele mudasse de opinião, ao oferecer informações corretas, os jornalistas nunca se sentiam hostilizados. Ver tantos rostos familiares em Qunu me fez pensar naquelas ocasiões e no charme cativante de Madiba. Ele amava compartilhar informações com a imprensa e entendia o fato de que era um trabalho. O cenário agora era diferente: a mídia sendo mantida afastada e as informações retidas como um espetáculo.

No domingo, acordamos às quatro da manhã para nos aprontarmos para o funeral. Tentei manobrar o plano de levar George Bizos para a casa, assim ele não teria de pegar o ônibus. Ele estava velho e caminhava com dificuldade. Estava frágil. Ironicamente, um dos ex-guarda-costas de Madiba, Piet Erwee, nos ajudou a levá-lo para lá, enfrentando os bloqueios das ruas e as barreiras da polícia. Ele mesmo não tinha nenhuma autorização, mas prestava seu último tributo a Madiba. Piet trabalhava na empresa de Rory Steyn, seu ex-comandante na polícia e um dos mais próximos e leais guarda-costas de Madiba em seus dias de presidente. Rory

agora tinha uma companhia de segurança de muito sucesso. Sua história é um exemplo de como você se torna uma pessoa bem-sucedida desde que sirva à sua paixão.

Ao chegar a Qunu, o mais apropriado era que George Bizos fosse à casa cumprimentar a família. Nós entramos pela porta da cozinha, já que haviam fechado a porta da frente e nos recusado o acesso. A filha de Makaziwe estava do lado de dentro gritando que a porta não seria aberta para ninguém. Conduzi o advogado Bizos e seu filho pelos fundos e atravessamos a sala de jantar. Makaziwe passou por nós e mal nos cumprimentou. À medida que Madiba enfraquecia, ficava evidente que elas não aprovavam suas escolhas. Nem na equipe e nem entre os amigos. E assim era com George Bizos. Mais cedo naquele ano, Makaziwe havia contestado sua indicação como curador de uma parte dos bens de Madiba, e uma troca pública de insultos se seguiu, na qual a filha de Makaziwe insultou e desqualificou o advogado Bizos. Nenhum de nós era bem-vindo naquela casa.

Nós a cumprimentamos civilizadamente e ela entrou na cozinha. Vi quando ela fez um giro decidido e voltou à sala de jantar: “Zelda, nós não queremos vocês aqui. Agora que o Tio George já veio, ele pode ficar, mas não queremos vocês aqui”. Eu respondi: “Ficaria feliz em atendê-la, Makaziwe, se alguém pudesse nos dizer o que fazer com pessoas como o Tio George”. Ela repetiu suas instruções: “Nós não queremos vocês aqui em casa”. Isaac observava, e eu me virei e saí. O Tio George e seu filho passaram por ela e entraram no saguão onde os outros estavam reunidos.

Logo depois de nós, Tokyo Sexwale, ex-colega de Madiba da ilha Robben, que trabalhou no seu governo, chegou e também não lhe abriram a porta. A indicação de Tokyo por Madiba como curador no mesmo fideicomisso em que George Bizos trabalhava também foi questionada por Makaziwe; ele também estava alinhado com o lado errado da família. Essas pessoas foram indicadas por Madiba para trabalhar em seus fideicomissos por uma razão muito boa. Quando

ele se tornou incapaz de falar por si mesmo, a família começou a questionar suas decisões, e ficou claro que, depois que ele se fosse, faria isso em todas as frentes. Também era claro que, se você fosse amigo ou aliado de alguém fora do campo de Makaziwe ou Ndileka, não era bem-vindo na casa. Eu não fui a única a ser enxotada.

Acho difícil e emocionalmente desgastante conciliar os últimos anos dele e o que tínhamos vivido por tantos anos com o que acontecia agora. Dizer que era um completo contraste seria o mínimo.

Qunu é uma comunidade em um tipo de vale entre as majestosas montanhas do Cabo Oriental. A fazenda de Madiba é pequena, mas, em comparação com as de seus vizinhos, bastante imponente. Embora a casa que ele e a Sra. Machel construíram no começo dos anos 2000 esteja em completo contraste com os padrões de vida da área ao redor, é modesta em comparação com as das pessoas de estatura similar ou próxima à deles. O enorme domo erguido para o funeral a princípio me chocou. Não era apenas uma grande tenda, mas um domo, provavelmente do tamanho de um pequeno hangar. Ouvei dizer que aquele domo tinha sido guardado durante anos para o "evento". Tinha sido comprado na Alemanha, fiquei sabendo, e imaginei que provavelmente apenas o funeral de Madiba poderia escapar impune de uma situação como essa. Os sindicatos argumentariam que teria sido a oportunidade perfeita para que fosse criado na África do Sul. Muitos anos atrás, compramos camisetas no atacado no Oriente para uma das campanhas de Madiba, e levamos uma surra da mídia e do público por não ter apoiado a indústria têxtil sul-africana. Suponho que o funeral fosse diferente. Da casa até o domo a distância era de cerca de um quilômetro e meio. A estrada era de cascalho. Seja pela estrada da frente ou pela estrada dos fundos em direção ao domo, tinha-se uma boa ideia do tamanho da propriedade, e era possível ver as vacas de que Madiba tanto se orgulhava.

Comecei a me dirigir ao domo onde o funeral seria realizado e simplesmente mantive Madiba em meus pensamentos e no coração. Ele não teria aprovado o fato de terem me pedido para deixar a casa. Ele não teria aprovado a ostentação em sua fazenda. Poucos anos antes, quando ainda era capaz de tomar decisões, ele insistiu para eu ficar na casa com eles para o fim da cerimônia quando Makgatho faleceu. Agora eu era excluída porque ele já não podia insistir em minha presença. Em uma ocasião, Madiba pôs pessoas para fora de sua casa. Foi em dezembro de 2009. De nada adiantou eu tentar convencê-lo a ser mais paciente; sua voz tinha sido silenciada.

Nesses tempos desafiadores, eu tinha de me lembrar de algumas das maiores lições de Madiba. Meu relacionamento era com ele, e ninguém jamais irá tirar isso de mim. As pessoas morrem, mas os relacionamentos, não.

Chegando ao domo — onde mais pessoas se reuniam, trazidas de ônibus de Umtata, quase uma hora de viagem —, ouvi que o ônibus de Oprah não havia sido autorizado a entrar no local. Tivemos muita dificuldade para obter o direito de estacionar seu avião em Umtata, já que apenas os aviões dos chefes de Estado estavam autorizados. Era compreensível — até eu saber que exceções já tinham sido abertas para outros aviões. O ônibus que ela tomou no aeroporto de Umtata não estava autorizado a entrar na fazenda, e ela teve de desembarcar na casa principal. Teve de caminhar até o domo pela estrada empoeirada, passando pelas vacas, Rory, o ex-guarda-costas, conseguiu um carro de ministro para transportá-la com sua delegação no resto do caminho até o domo. Ela havia visitado Qunu duas vezes antes, e, na última, fora a anfitriã da festa de Natal para mais de 25.000 crianças na aldeia e na área adjacente. Madiba também havia pedido, uma vez, que ela construísse uma escola, e hoje existe a Oprah Winfrey Academy, perto de Joanesburgo. Uma excelente escola entre as instituições particulares da África do Sul. Madiba tinha um grande apreço por ela e por seu apoio para as crianças desfavorecidas da África do Sul. Ele ficava intrigado com a

riqueza dela, e sempre contava para as pessoas sobre sua generosidade ao comprar carros para os frequentadores de seus espetáculos. E terminava a frase com: “Você consegue imaginar isso?”.

Enquanto Oprah, Stedman, Forest e Gayle se dirigiam para o domo, tentei encontrar assentos para o advogado Bizos, Richard Branson e outros. Sempre que algum conhecido chegava à porta, eu o conduzia para a área onde Bridgette Radebe e seu irmão Patrice guardavam cadeiras para os amigos de Madiba.

Mum ainda estava na casa principal, preparando-se para acompanhar Madiba no seu lugar de descanso final. No dia anterior, eu havia visto na TV o quanto ela estava exausta.

Depois que consegui acomodar todas as pessoas pelas quais me sentia responsável, não consegui achar um lugar para mim mesma, a menos que estivesse preparada para me sentar entre os militares que faziam parte dos procedimentos. Eu estava muito envergonhada por estar chorando tanto, então saí e procurei um lugar no gramado, do lado de fora, perto de Robyn Curnow, minha amiga, que estava cobrindo o evento para a CNN. De lá, eu podia ouvir a cerimônia através de um alto-falante da South African Broadcasting (SABC), rádio oficial sul-africana, e ver tudo por um telão, afixado na traseira de um caminhão. O carro fúnebre chegou trazendo o caixão de Madiba atrás em uma carreta de canhão, coberta com a bandeira da África do Sul. Uma nova ironia: eu estava do lado de fora, e, embora me sentisse excluída, havia poucas pessoas ali e, o que, estranhamente, me ofereceu uma nova oportunidade, quase pessoal, de dizer adeus. Quando o cortejo militar passou, eu não conseguia respirar de tanto chorar. No começo, vi Mandla na frente do veículo militar, ainda muito perto de seu avô. Depois que Madiba passou, o carro de Mum o seguiu e eu pude vê-la. Eu queria tanto abraçá-la e confortá-la, e também queria que ela me abraçasse. Madiba teve honras militares completas em seu funeral.

A imprensa havia alardeado a presença do Arcebispo Desmond Tutu no funeral, 48 horas antes do evento. Ele foi discreto, já que nenhum preparativo sobre isso lhe fora comunicado. Quando ele chegou ao domo com Trevor Manuel, pude ver sua dor e tristeza. Eu o abracei por tanto tempo quanto pude, queria consolá-lo, mas também queria ser consolada por ele. Madiba gostava muito do arcebispo.

Um estranho, um homem negro, me viu tremendo de dor e veio até mim, me abraçou e disse: “Zelda, não se preocupe, *sisi* (irmã), ficará bem”. Tive vontade de desmoronar em seus braços, mas sabia que devia me controlar e lhe agradei pelo abraço. Semanas mais tarde, tentei recordar o rosto do homem, tentei descobrir quem era e se eu poderia voltar a vê-lo. Eu queria agradecê-lo outra vez. Não foi apenas um abraço e uma tentativa de me consolar. Ele realmente se importava. Foi de tocar o coração um estranho, uma pessoa negra, se aproximar de mim daquela maneira. Como foi longo o caminho que percorremos!

O serviço começou, e o palco estava lindamente decorado com noventa e cinco velas, uma para cada ano de Madiba. Eu queria ter conseguido orar, mas estava preocupada com a logística outra vez — e particularmente sobre como levaríamos Oprah e sua delegação de volta à casa. Pessoas ricas e famosas, pessoas de quem eu nunca ouvira falar nem vira nos dezenove anos anteriores, tiveram autorização para ir ao local do enterro. Apenas 400 dos 4.000 convidados foram autorizados a ir até lá. Eu sabia como eram as credenciais, embora não tenha recebido uma.

Ahmed Kathrada, amigo de Madiba dos tempos da prisão, fez o discurso mais emocionante da cerimônia. Ele prestou sua homenagem dizendo que Madiba tinha se unido ao primeiro time do CNA no céu. Estava muito emocionado. Kathy, como carinhosamente o chamávamos, tinha sido amigo de Madiba antes mesmo do julgamento. Eles passaram dezoito anos juntos na ilha Robben, além do tempo em Pollsmoor depois de serem tirados da ilha.

A cerimônia se aproximava do fim, discurso atrás de discurso. Alguns foram tocantes, outros queriam apenas chamar a atenção para os próprios oradores. A única parte que realmente me recordou Madiba foi a canção que as crianças cantaram. "Rolihlahla Mandela" fora escrita para Madiba. A Sra. Machel pediu a Mbongeni Ngema, uma proeminente artista sul-africana, para gravá-la com as crianças na semana anterior ao funeral. O sorriso contagiante de Madiba apareceu em minha mente quando a ouvi. Eu podia imaginar tão bem sua alegria de viver ao som daquelas vozes. Mas tudo isso agora se foi. Isso e as noventa e cinco velas no domo representando a vida de Madiba foram os únicos pedidos da viúva que foram atendidos.

Enquanto esperava o término da cerimônia, li o obituário com todos os seus detalhes. Nenhuma das instituições do legado de Mandela, criadas pessoalmente por ele, foi mencionada. Era como se elas nunca tivessem existido.

As pessoas começaram a se dirigir ao local do enterro. Muitos passavam por mim, boa parte dos amigos de Madiba, e certamente toda a família. Alguns dos amigos de Madiba me perguntavam se eu não iria ao local, e eu dizia que eu não havia sido autorizada. Alguns dos amigos de Madiba queriam que eu forçasse meu acesso. Eu sabia que já havia dado meu adeus. Meu relacionamento com Madiba não se definia por ficar perto de seu túmulo ou não. Era muito, muito mais do que isso. Rory Steyn, que cuidava de Oprah durante o funeral, juntou-se a mim e Robyn do lado de fora. Robyn, Rory e eu, três sul-africanos brancos cujas vidas tinham sido transformadas pela liderança e amor pessoal do Sr. Mandela, ficamos juntos e vimos tudo pelo telão. Meu relacionamento com Madiba não tinha a ver com estar do seu lado nos momentos-chave de sua vida, e sim com os momentos cotidianos que passei com ele. Rory, Robyn e eu apoiamos um ao outro e sabíamos que aquele era um momento histórico. Dizer adeus pessoalmente a um grande homem, cada um a sua maneira, nosso Khulu, nosso Tata e nosso Madiba.

Assistíamos de pé ao telão, e, quando a salva de vinte e um tiros foi disparada, pareceram lágrimas em direção ao céu. Helicópteros com a bandeira sul-africana faziam rasantes sobre as montanhas de Qunu, seguidos pelos jatos de combate. O som daquelas máquinas estremeceu meu corpo. Finalmente, meu espírito acordou. Estava acabado. Explodi em um choro alto, soluçando no ombro de Robyn enquanto Rory consolava as duas. Outra vez, lágrimas rolaram pelo meu rosto. Robyn não estava no ar naquele momento, estava apenas sendo minha amiga, mas, sem que notássemos, seu microfone ainda estava ao vivo. Meus soluços foram ouvidos via CNN no mundo todo, enquanto fotos da cerimônia eram televisionadas. Robyn disse que o estúdio em Atlanta gritou em seu ouvido: "O microfone está aberto!". Ela soube que o meu descontrole havia sido irradiado para milhões de pessoas. Eu não. No mesmo momento ela sentiu o dilema de me soltar. Sabia que não podia fazer isso e me abraçou ainda mais apertado, me consolando. Alguns minutos depois, ela se voltou para a câmera e descreveu a cena em seu entorno, mencionando a sensação de tristeza, seus olhos claramente vermelhos de chorar conosco. Ela explicou que eu, assistente de Madiba por muito tempo, tinha explodido em lágrimas. Só duas semanas mais tarde ela me contou o que tinha acontecido e o que havia dito. Eu não me senti traída. Meus dois amigos, Rory e Robyn, impediram que meu coração se despedaçasse. Eu desejava dividir minha dor com o mundo, e, sem saber, isso tinha acontecido. No entanto, eu nunca me sentira tão sozinha. Eu estava assustada pela perda, e o vazio me abalou.

Ainda havia procedimentos no local do enterro quando comecei a voltar para a casa de Madiba. Eu tinha de voltar. Primeiro para o hotel, e depois para Joanesburgo. Eu não aguentava mais, e precisava ficar em casa, sozinha com meus cães. Já estava na metade do caminho até a casa quando um dos guarda-costas de Madiba, Sam, me deu uma carona em um carrinho de golfe. Não posso imaginar como eu estava, mas, enquanto passávamos por rostos familiares, pessoas que haviam trabalhado com Madiba em

diferentes postos me viam e nos paravam para dizer algumas palavras. Eu me sentia como um saco de batatas. Não restara energia em meu corpo, e eu não conseguia mais controlar minhas emoções. Velhos colegas de Madiba do CNA, que haviam sido deixados de lado ou impedidos de ir ao local do enterro, queriam conversar. Eu estava tentada a entrar na casa para dar uma última olhada na cadeira amarela vazia na sala de estar, mas estava com pressa de conseguir transporte e decidi que aquele não era um bom dia para me expor a mais tristeza. Eu sabia que voltaria logo.

Antes de ir embora, consegui arranjar transporte para Oprah e sua delegação de volta do domo para a casa, onde pegariam seu ônibus. Richard Branson foi trazido também, e deixei arranjado o transporte para o advogado Bizo. Não havia mais nada que eu precisasse resolver. Eu tinha me assegurado de que todos ficariam bem, e era hora de ir embora. Fui para o hotel e me deitei na cama ainda com minhas roupas do funeral. Eu estava esgotada de todas as maneiras possíveis. Dormi por duas horas, e quando acordei soube que meu querido colega Yase tinha conseguido mudar meu voo para que eu pudesse voltar para Joanesburgo naquela mesma noite. Ele entendeu que eu queria silêncio e solidão, e fez o que pôde para me ajudar. Então eu percorri de carro, na chuva, os 260 quilômetros até East London, onde tomei o avião para Joanesburgo. Cheguei em casa depois da uma da manhã, e levei algum tempo para conseguir dormir.

Os dias seguintes foram passados pagando contas. O funeral tinha acontecido a apenas dez dias do Natal, e os fornecedores tinham de pagar seus empregados antes das festas.

Fiz o que faltava do meu tratamento de canal, fui ao jantar de aniversário de sessenta e um anos de Douw Steyn, que foi um tanto sombrio, já que ele também estava doente na época, e enfrentou outros problemas físicos que se manifestaram como resultado do estresse da semana anterior. Meses antes, achei que tivesse me machucado durante uma sessão de ginástica por volta da mesma

época em que Madiba fora hospitalizado. Eu tinha uma dor constante nos quadris, e às vezes ela descia até o joelho. Não importava o quanto eu me alongasse ou quantos analgésicos tomasse, não conseguia me livrar da dor. Em 19 de dezembro, acordei de manhã pensando que estivesse paralisada. Minhas duas pernas estavam dormentes. Eu sentia a mesma dor de antes nos quadris, e estava com as coxas dormentes. Pedi a uma amiga fisioterapeuta que voltasse das férias para me ajudar; eu estava desesperada. Depois de muito tratamento, ela conseguiu me livrar de todos os espasmos que me acompanhavam desde junho. Como aconteceu em todos esses anos, sempre que Madiba sofria algum problema físico, o estresse e a preocupação se manifestavam em meu corpo.

Finalmente, na sexta-feira, 20 de dezembro, voltei a Umtata. Queria dar meu último adeus e prestar meus respeitos no túmulo de Madiba. Nos dias anteriores à viagem, refleti muito sobre o sentido da vida, a mortalidade, embora não tenhamos conversado muito sobre isso, pois Madiba considerava uma questão muito pessoal o que ele realmente acreditava em relação à vida e à morte. Tentamos proteger a Sra. Machel o quanto foi possível nas duas semanas anteriores, mas ela sabia que eu não estava lá quando ele foi enterrado. E eu não fui a única a quem não permitiram estar presente no enterro. Meme, a governanta, e Betty, uma das assistentes da casa, também haviam sido tiradas de uma fila e impedidas de ir até o túmulo, ou mesmo de estar no saguão da casa de Madiba quando o caixão chegou de Joanesburgo, mesmo tendo trabalhado lealmente para ele durante anos.

As montanhas de Qunu tinham voltado ao seu ritmo lento. O domo tinha sido removido, e o gramado havia sido regado recentemente. As vacas e cabras pastavam como antes, sem ter sido afetadas por nenhuma mudança. Fui direto para a fazenda cumprimentar a Sra. Machel. Seria a primeira vez que eu a veria desde a quinta-feira antes do enterro.

Eu queria saber detalhes. Ele foi vestido com uma de suas camisas favoritas? Ela disse que não. Não era uma de suas favoritas. Ele levou alguns de seus itens pessoais, algumas das poucas coisas que eram caras a ele. Perguntei sobre sua bengala. Uma bengala de marfim que ele ganhara de Douw Steyn, feita das presas de um elefante macho que morrera na fazenda Shambala, de Douw, onde ele tinha construído uma casa para Madiba escrever a continuação de *Long way to freedom*. Triste, mas não surpreendentemente, fiquei sabendo que a bengala tinha sumido. Conversei com Mum sobre isso, retrazando sua jornada até a casa em Qunu e depois para Houghton, onde a vimos pela última vez. Nenhuma de nós tinha energia ou força emocional para procurar por ela, e eu a tranquilizei dizendo que a bengala acabaria por aparecer um dia. Ou alguém vai ler isto e descobri-la, talvez. Ela tem a gravação: “Para Madiba, de Douw Steyn”, e é única. Uma sólida bengala branca de marfim. Madiba deveria ter ido com ela.

De volta, às dez da noite, dirigindo meu carro de Qunu a Umtata, a mais linda lua se levantou sobre as montanhas. A mais bela lua laranja que já vi. Ali me conscientizei de que aqui eu era uma mulher africâner sozinha na estrada de Qunu a Umtata. Madiba teria insistido para algum segurança me acompanhar, preocupado comigo. Pensar nisso me fez sorrir. Mas continuei olhando para a lua e compreendi que ele havia tirado todo o medo de mim. Finalmente eu tinha crescido. Cerca de vinte anos atrás, eu não teria sonhado em dirigir por esta estrada sozinha à noite. Mas o Transkei, como era antes conhecido, entra em sua pele. O lugar se torna parte de você. Vinte anos atrás, eu tinha medo de tanta coisa — da vida, das pessoas negras, do homem negro e do futuro da África do Sul —, mas agora eu não era mais persuadida ou influenciada pelo pensamento e pelos temores da maioria da população. Eu era eu mesma. Madiba tinha me dado paz e liberdade. Ele havia me libertado dos grilhões de meus próprios medos. Ele não libertou apenas o homem negro, mas o homem branco também. Eu me senti leve, livre e grata pelo fato de meu professor ter sido Nelson Mandela. Por mais que chorasse por ele, eu ganhara tanto.

Conversei com ele naquele momento mantendo meus olhos na lua brilhante.

Terminamos indo ao túmulo no domingo de manhã. Estávamos programados para sair por volta do meio-dia. Logo depois das oito de manhã, Mum, Josina, Meme, Betty e alguns outros trabalhadores, a segurança e eu, fomos de carro até o local do enterro. Tínhamos comprado flores no dia anterior, e começamos a limpar os túmulos de Madiba e de seus três filhos. Estávamos em silêncio, e a atmosfera era solene. O escudo da família estava em todas as lápides, e ele me era familiar, porque aparecia nos vinhos da House of Mandela. Retiramos as flores murchas, feixes de flores brancas que cobriram seu caixão e ficaram ao redor da lápide, orquídeas e rosas, espalhadas pelo vento e batidas pelo sol. Substituímos as flores, e depois Mum nos juntou e pediu para Meme rezar. Meme fez uma linda prece, e eu tremia quando nos demos as mãos. Meme orou em soto, enquanto meus pensamentos iam para os pregadores africanos e minha mente divagou, tentando enviar uma mensagem a Madiba. Eu o agradei outra vez e lhe disse, como em tantas outras vezes, o quanto o valorizava, mas que o mais importante era que se lembrasse do quanto eu o amava.

Logo depois do meio-dia, o avião decolou no aeroporto de Umtata. Foi o voo de cinquenta e cinco minutos mais longo de nossas vidas. Tudo acabara. Fim. E o capítulo seguinte seria ainda mais duro. Eu sabia que uma batalha era travada sobre o testamento e o patrimônio de Madiba, e sobre o controle de seu legado. Era um sinal dos tempos. Eu sabia que também era o momento de começar a me afastar. Meu dever estava cumprido. Os últimos dias e meses me lembravam a história de Tolstói. Ironicamente, havia várias semelhanças com a vida do grande escritor russo, cuja obra Madiba admirava muito. As multidões também se reuniram antes de sua morte, e também houve disputa pelo controle de seu legado e patrimônio.

Eu estava sentada perto da porta na pequena aeronave, de frente para o fundo do avião, que era muito melhor e mais conveniente do que um avião comercial, e todos nós nos sentimos de alguma forma expostos, nus, pois não havia como esconder nossas emoções. Eu senti a dor de Mum enquanto a via explodir em lágrimas quando nosso avião lentamente abriu caminho entre as nuvens densas. E no fim nós todos sucumbimos, chorando em nossas poltronas. Eu, Mum, Josina, Celina — cunhada da Sra. Machel —, Betty e Cordier, o guarda-costas. Ninguém falou durante o voo.

Mum normalmente é tão firme, tão forte. Mas, ao atravessar as nuvens, no voo que nos distanciava dele, deixando-o sozinho, todos nós compartilhamos a sensação de estar o abandonando. A única coisa que jamais queríamos que ele sentisse e a coisa que lhe prometi que nunca faria. Mas o que faremos agora? Ele está em casa, e os heróis nunca morrem. Ele estará presente naquelas lindas montanhas para sempre, e agora eu sabia que ele seria até mais poderoso na morte do que foi em vida.

Sua imagem, seu legado, deve ser protegido.

Eu não sei o que farei pelo resto da minha vida. Sua enfermidade prolongada me forçou a crescer. Ela me ensinou algumas das lições mais valiosas, e me mostrou o que não esperar das pessoas. Madiba não apenas unificou um país uma vez mais, mesmo na doença e na morte, mas nos ensinou mais do que jamais pensamos. Permitirei que a vida tome seu curso, e agora sei que sempre estarei no lugar onde supostamente devo estar, em qualquer momento. Não tenho outros planos além de homenageá-lo todos os anos com o "Motociclistas por Mandela". Talvez eu encontre outro emprego, e talvez encontre um homem com quem deseje dividir minha vida, alguém que saiba que uma parte do meu coração já foi levada... por um velho homem negro que já foi inimigo do meu povo e agora descansa, como um antigo rei, no fundo da terra das montanhas douradas da África do Sul, em Qunu.

Nós o veremos em cada pôr do sol e em cada amanhecer. Devemos continuar a segui-lo. Ele olhará por nós se recordarmos suas lições.

E lentamente escalaremos as nuvens, atingindo os raios de sol e a luz quente do sol africano que brilha através das janelas da aeronave, que acaba por esquentar nossos rostos e enxugar as lágrimas. O que quer que aconteça, sei que fizemos o nosso melhor.

Tot weersiens, Khulu! Até nos encontrarmos outra vez.

Agradecimentos

Eu precisaria escrever outro livro para agradecer a todas as pessoas que contribuíram ou tiveram um papel em minha vida nestes quarenta e três anos. Posso me esquecer de muitos nomes aqui, por isso, desde já, peço desculpas. Estranhamente, até mesmo pessoas que me feriram foram importantes para minha formação. Todos os que cruzaram meu caminho me abençoaram, seja qual tenha sido o papel que desempenham em minha vida.

Faço uma homenagem também aos que sofreram e se sacrificaram para construir o caminho que eu desfruto hoje em meu país.

“Estou aqui porque você está.” Agradeço a meus pais, Des e Yvonne la Grange. Vocês nunca saberão o quanto eu os amo. Não demonstro muito, sou uma pessoa reservada, mas espero que saibam o quanto estimo o amor incondicional e o apoio de vocês. Vocês estabeleceram os alicerces da disciplina, dos princípios, da moral e dos valores aos quais me apego até hoje. Dedicção, lealdade e determinação, tudo isso eu herdei de vocês. Sei o que é amar por causa de vocês. Para meu irmão, Anton, e seu companheiro, Rick Venter, meu segundo irmão, agradeço por estarem sempre presentes. Quando não havia ninguém mais em quem confiar, vocês estavam ali, firmes. Obrigada pelo encorajamento, pelo apoio inabalável e por tomarem conta de mim. Vocês são o meu porto seguro.

Para toda a minha família, os La Granges e os Strydoms, meu obrigada.

Para Maretha Slabbert, minha colega de tantos anos de trabalho e sofrimento, obrigada por se manter ao meu lado. Compartilhamos os melhores momentos, mas também os piores. Eu a amarei para sempre.

Para minha amiga de tanto tempo, Jennifer Preller, pelo apoio e pelos cuidados maternos. Fico agradecida por ter uma amiga que cuida de mim como você faz. Obrigada por me fazer avançar além do que eu pensava serem os meus limites, e por me tornar mais forte.

Para os padrinhos dos meus cachorros, Johnne e Alet van Huyssteen. Eu não poderia imaginar a vida sem vocês. Em alguns momentos vocês viveram em minha casa mais do que eu mesma. Obrigada por estarem sempre disponíveis para cuidar do meu lar, dos meus cães e às vezes de mim, juntando pedaços. Mal posso esperar para estarmos todos reunidos na varanda da nossa casa de repouso.

Para o amigo que manteve minha mente clara e sã, Ralf Brummerhof. Obrigada por me deixar contar com você dia e noite, e também pelos exercícios para manter os meus joelhos.

Para Robyn Curnow e Kim Norgaard e seus filhos, Freya e Hella, obrigada pela família instantânea e pelo enorme privilégio de compartilhar da sua amizade e confiança.

Para Douw e Carolyn Steyn, obrigada por me amarem e cuidarem de mim.

Pela orientação, proteção e enorme sabedoria, obrigada à minha turma: Minèe Hendricks, Marli Hoffman, Ann-Lee Murray, Lori McCreary, Anele Mdoda, Sara Latham, Dianne Broodryck.

Para alguns amigos muito especiais, colegas e um grupo especial de pessoas, obrigada por abençoar minha vida de uma ou outra maneira com sua gentileza, seu apoio ou mesmo com a sua simples

consideração: Constant e Hane Visser, Rian van Heerden, Gareth Cliff, Doug Band, Jon Davidson, Justin Cooper, Matt McKenna, Marius van Vuuren, Ian Douglas, Lucy Matthew, Catriona Garde, Rory Steyn, Elaine Saloner, Roddy Quinn, Kim Mari, Basetsana Khumalo, Johanna Mukoki, Rebs Mogoba, Mashadi Motlana, De Villiers Pienaar, Wayne Hendricks, Henk Opperman, Adriaan e Cecile Basson, George Ludeke, Waldimar Pelsler, Pauli Massyn, Geoge Cohen, Jonathan Butt, Matthew e Tracy Barnes, Dan Ntsala, Dot Field, Greg Coetzee, Rob e Amanda Fleming, Libby Moore, Jovita Machel, Patricia Machel, Lisa Halliday, Cora Forsmann, Tracy Davenport, Silvia Viljoen, Attie van Wyk, Artem e Sayora Gregorian, Huma Abedin, Sonja e Coetzee Zietsman, Hannah Richert, Deon Broodryk, Driki van Zyl, Hein e Helmien Bezuidenhout, Deon e Yzelle Stone, Angie Khumalo, Gretchen de Smit, Tinus e Chelyn Nel, Annie Loughton, Adrian Brink, Beverly Loxton, Jean Oelwang, Pieter de Waal e Janice Ferrante, Darren Scott, Donne Nicoll, John Carlin, Thato e Thabiso Sikwane, Niel e Andrea Viljoen, TJ, Louis, Tanya e Liz Steyn, Arpad Busson, Rina Broomberg, Ami Desai, Bryan e Jenine Habana, John e Roxy Smith, Schalk e Michelle Burger, Ryk Neethling, Tim e Clare Massey, Jerry e Prudence Inzerillo, Marilyn Karstaedt, Barbara Hogan, Jabu Mabuza, Graham Wood, Alan Knott-Craig, Mthobi Tyamzashe, Norman Adami, Don e Liz Gips, Rob e Lawri Brozin, Kevin Wilson, Dan Moyana, Karlheinz Koegel, Andrew Mlangeni, Olivia Machel, Frank Guistra, Susan Kriegler, Jogabeh e Esau Shilakule, Oprah, Gayle King, Richard Friedland, Rei Willem Alexander e Rainha Maxima, ex-Presidente Thabo e Sra. Zanele Mbeki, ex-Presidente F. W. de Klerk e Elita de Klerk, Vice-Presidente Kgalema Motlanthe, Juiz Themba Sangoni, Khanyi Dhlomo, Unathi Msengane, Shiela Sisulu, Faizal e Malaika Motlekar, Jonathan e Jennifer Oppenheimer, Nicky Oppenheimer, Gavin Koppel, Tommy Erasmus, Bongzi Mkhabela, Charles Priebatch, os irmãos Kunene, Cyril Ramaphosa, David Rockefeller, Leon Vermaak, Benny Gool, Roger Friedman, Mac Maharaj, Arcebispo Thabo Mokgoba, Anant e Vaneshree Singh, Bispo Malusi Mpulwana, Robyn Farrell, Dr. Mike Plit, Príncipe Bandar, Jolene Chait, Alfre Woodard, Roderick Spencer, Yusuf Surtee, Sharon Stone, Arki Busson, Charlize Theron, Thuli Madonsela, Zwelinzima Vavi,

Nigel Badminton, Mauro Governato, Ben King, Whitey Basson, Wendy Luhabe, Bernard Krige, Vincent Maphai, Koos Bekker, Fred Phaswana, Ton Vosloo, Chris Liebenberg, Jeff e Bridgette Radebe, Roshann Paris, Joel Johnson, Amy Weinblum, Esmare Weideman, Denese Palm, Ayanda Dlodlo, Ministra Nosiviwe Nqakula, Prefeito David Dinkins, Forest e Keisha Whitaker, Prof. Jonathan Jansen, Zindzi Mandela, Zoleka Mandela, Zwelivelile Mandela, Ngangomhlaba Matanzima, Bantu Holomisa, Patekile Holomisa, Zolani Mkiva, Phoebe Gerwel, Jessie Gerwel, Joseph Kruger, Zondwa Mandela, Mbuso Mandela, Andile Mandela, Zinhle Mandela, Luvuyo Mandela e Nandi Mandela.

Para o Arcebispo Desmond Tutu, Ahmed Kathrada, Presidente Clinton, Secretária Hillary Clinton, Chelsea Clinton, Bono Vox, Ali, Sol e Andrea Kerzser, Naomi Campbell, Richard Branson, Peter Gabriel, Morgan Freeman, Peggy Dulany e suas respectivas equipes, obrigada pelo carinho e apoio. Minha vida foi abençoada além de qualquer medida por ter tido o privilégio de conhecê-los.

Para Johann e Gaynor Rupert, obrigada pelo amor e pelos cuidados.

Frederick e Natasha Mostert, obrigada por acreditarem em mim, por me inspirarem e pelas muitas e muitas horas de conselhos jurídicos, pelo apoio, orientação e também pela amizade privilegiada.

Jeremy Gauntlett, obrigada pelos competentes conselhos, apoio e consultas.

Bally Chuene, Michael Katz e Wim Trengove, Tio George Bizos e família, obrigada pelo apoio no decorrer dos anos, sempre conseguindo tempo e se esforçando por mim.

Para Sacha e Christa Held, por terem permitido que eu escrevesse este livro em sua casa, nas Ilhas Maurício, obrigada.

Para todos os meus colegas da Presidência e da Fundação Nelson Mandela, alguns dos quais nunca mais vi, obrigada pela paciência e tolerância. Agradecimentos especiais para aqueles com quem trabalhei mais de perto ou por longos períodos: Lois Dippenaar, Virginia Engel, Alan Pillay, Vimla Naidoo, Elize Wessels, Morris Chabalala, Meshack Mochele, Joel Netshitenzhe, Tony Trew, Fink Haysom, Fabie Pretorius, William Smith, Gerrit Wissing, Marieta van Rensburg, Hayley Lyners, Pam Barron, Shaun Johnson, Heather Henriques, Lydia Baylis, Jackie Maggot, Meme Kgagare, Betty Dima, Xoliswa Ndoyiya, Gloria Nocanda, Yase Godlo, John Samuel, Achmat Dangor, Marianne Mudziwa, Denise Pillay, Shereen Petersen, Buyi Sishuba, Thoko Mavuso, Gloria Jafta, Maeline Engelbrecht, Ruth Rensburg, Lee Davies, Tania Arrison, Elaine McKay, Marie Vos, Dudu Buthelezi, Jo Ditabo, Makano Morojelo, Merlyn van Voore, Mothomang Diaho, Ethel Arendze, Sandy Pillay, Ella Govender, Shirley Naidoo. Espero não ter esquecido ninguém.

Agradeço ao Prof. Njabulo Ndebele, presidente da Fundação Nelson Mandela, e ao diretor executivo da fundação, Sello Hatang, pela liderança e sabedoria.

Meus agradecimentos especiais a Verne Harris, do Centro de Memória da Fundação Nelson Mandela, por me ajudar com a correção factual deste livro e por seu companheirismo.

A todos os membros da Unidade de Proteção Presidencial e da Força Aérea da África do Sul com quem trabalhei de perto, e que nos serviram com diligência, meu agradecimento.

À equipe apaixonada e profissional das Forças de Defesa da África do Sul e aos hospitais particulares que cuidaram de Madiba e de Mum, muito obrigada.

À equipe do 1st for Women Insurance Trust e ao Fundo Beeld Children.

In memoriam: Meus avós, dos dois lados da família, muito obrigada. Pessoas especiais que faleceram: Juiz Presidente Arthur Chaskalson, Oom Beyers Naude, Sean Chabalala, Mary Mxadana, John Reinders, Parks Mankahlana, Eric Molobi, Aggrey Klaaste, Dullah Omar, Marinus Daling, Miriam Makeba, Steve Tshwete, Tio Raymond Mhlaba, Kader Asmal, Tia Adelaide Tambo, Tio Walter e Tia Albertina Sisulu, Makgatho Mandela, Zenani Mandela Jr.

Muito obrigada, meu Prof. Jakes Gerwel. Ainda sinto sua falta todos os dias. Você enriqueceu minha vida, profissional e pessoalmente, de maneiras que superam a compreensão. Sou a pessoa mais afortunada e abençoada por haver trabalhado tão perto de você. Minha homenagem, com um profundo agradecimento pelo papel que você desempenhou na vida de Madiba, de Mum e na minha vida, pelo resto dos meus dias.

A meu agente, Jonny Geller, a Kirsten Foster, Anna Davis e à equipe da Curtis Brown, obrigada.

A Helen Conford, Penelope Vogler, Richard Duguid, Rebecca Lee, Casiana Ionita e à equipe da Penguin, um profundo agradecimento pelo entusiasmo e apoio. Também a Stephen Johnson, Frederik de Jager, Ellen van Schalkwyk e a todos da Penguin África do Sul. E para Clare Ferraro, Wendy Wolf e todos da Penguin EUA.

Para todos os meus amigos da imprensa, muitos nomes para mencionar, obrigada pela paciência e compreensão e até mesmo pelas nossas diferenças de opinião algumas vezes. Obrigada por me ensinarem a fortalecer minha espinha dorsal.

Para todos os que atenderam minhas ligações quando não tinham mais obrigação de fazer isso... OBRIGADA!

Ao rosto desconhecido do homem negro que me ofereceu conforto no funeral de Madiba. Se eu não conseguir agradecê-lo pessoalmente, faço-o aqui.

A todos os que sorriram, me abraçaram ou me deram uma palavra de encorajamento no decorrer desses dezenove anos, eu os saúdo com gratidão.

Para a Sra. Graça Machel, minha segunda Mum, e seus filhos, Josina, Malenga e Samora, obrigada por me aceitarem como sua família e por cuidarem de mim como se fosse um de vocês. Eu os amo com o mesmo amor incondicional que Madiba nos ensinou. Permanecerei para sempre em dívida com vocês pelo amor, cuidados e elogios, e mantereí a promessa que fiz a Madiba, e que adotei como minha missão: cuidar de todos vocês enquanto eu viver.

Finalmente, mas não menos importante, obrigada, Khulu!

Crédito das imagens

Agradeço pela permissão de reproduzir material protegido.

Todos os esforços foram feitos para entrar em contato com os detentores de direitos. A autora e o editor ficarão felizes em corrigir, em edições futuras, quaisquer erros ou omissões que sejam apontados. A menos que indicado posteriormente de outra maneira, as fotos são cortesia dos autores.

Imagem inserida 4 © *Sunday Times*, África do Sul

Imagem inserida 9 © The Clinton Foundation

Imagem inserida 11 © Reuters/Shipiwe Sibeko

Imagem inserida 12 © Halden Krog

Imagem inserida 14 © Halden Corbijn

Imagem inserida 15 © Alet van Huyssteen e Fundação Nelson Mandela

Imagem inserida 16 © Alet van Huyssteen e Fundação Nelson Mandela, *Sunday Times*

Fontes dos textos

5 – Viajando com um presidente

Hansard, 12 de fevereiro de 1997, debate depois do discurso do presidente sobre o Estado da Nação.

7 – Viagem e conflito

William Ernest Henley, "Invictus", *Book of Verses*, D. Nutt, Londres, 1888; citação deliberadamente modificada.

Nelson Mandela, *Conversations with Myself*, Macmillan, Londres, 2010.

8 – Trabalhando com líderes mundiais

Nelson Mandela, *Conversations with Myself*, Macmillan, Londres, 2010.

Mathatha Tsedu, editorial para o *Sunday Times*, fevereiro de 2003.

9 – Férias e amigos

"Civil War in Madibaland", *Noseweek*, 1.º de abril de 2005.

Nelson Mandela, *Conversations with Myself*, Macmillan, Londres, 2010

Bill Clinton, discurso em uma ação de arrecadação de fundos para a Fundação Nelson Mandela, julho de 2007.

10 – A maior ação da minha vida para angariar fundos

Nelson Mandela, *Conversations with Myself*, Macmillan, Londres, 2010.

11 – Permanecendo até o fim

Nelson Mandela, *Conversations with Myself*, Macmillan, Londres, 2010

William Ernest Henley, "Invictus", *Book of Verses*, D. Nutt, Londres, 1888.

12 – Dizendo adeus

Nelson Mandela, *Conversations with Myself*, Macmillan, Londres, 2010.

Fotos



1. Meu irmão Anton e eu.



2. A prova de que pilotar está no meu sangue: minha avó Betty la Grange (à direita) em sua motocicleta nos anos 1940.



3. Os primeiros anos de minha infância (início dos anos 1970),
sonhando ser atriz.



4. Cumprimentando Madiba no aeroporto militar quando ele voltava das férias na Arábia Saudita em 1994. À esquerda dele está Mary Mxadana, na época sua secretária particular.



5. Eu aprendi a me vestir (1): usando uma *abaya* nas escadas da casa de hóspedes do governo em Riade, Arábia Saudita, no fim dos anos 1990.



6. A silhueta de Madiba a bordo do avião presidencial, o Falcon 900, 1998/99.



7. Eu aprendi a me vestir (2): início dos anos 2000 no Irã com um dos guarda-costas de Madiba, Anton Calitz.



8. Última viagem oficial de Madiba como presidente ao exterior. Com minha colega Priscilla Naidoo no Teatro Bolshoi, em Moscou, 1999.



9. Acompanhando Madiba em uma reunião com (seu bom amigo) o Presidente Bill Clinton, no Hotel Waldorf Astoria, Nova York, meados dos anos 2000.



10. Conhecendo o Papa João Paulo II durante uma visita oficial ao Vaticano.



11. Ajustando os fones durante um evento.



12. Madiba deixando seu gabinete depois de um dia de trabalho.



13. Natal em Qunu, com Madiba e a Sra. Machel, no início dos anos 2000.



14. Lançamento da campanha 46664 na Cidade do Cabo em 2003. Bono Vox e The Edge visitaram a casa de Madiba nessa ocasião.



15. Conversando com Madiba enquanto esperamos secar o molde de sua mão. A escultura foi leiloadada na celebração do seu 90º aniversário em Londres.



16. Foto tirada em 2008, enquanto eu explicava a Madiba como seria feita a escultura de sua mão. A mão que mudaria toda a minha existência.

[1] Palavra pejorativa usada pelos africanos para se referir a todas as tonalidades de cor de pele que não fossem brancas. (N.T.)

[2] Jongintaba, regente da tribo Tembu, à qual pertencia Mandela, sucedeu o pai deste, como seu guardião, depois de sua morte. Nessa condição, ele podia determinar o casamento de Mandela, que se rebelou contra tal situação. (N. T.)

[3] Charles Taylor, presidente da Libéria entre 1997 e 2003, foi condenado pelo Tribunal Especial para Serra Leoa a cinquenta anos de prisão por crimes de guerra e crimes contra a humanidade. Uma das acusações que Taylor enfrentou em Haia foi o financiamento das atividades da violenta Frente Revolucionária Unida de Serra Leoa em troca de diamantes brutos, alguns dos quais foram dados de presente à modelo Naomi Campbell na África do Sul. (N.E.)

[4] Um dos grupos da tribo dos Xhosa. (N. T.)

N.T. **Congresso Nacional Africano**, cuja sigla em inglês é ANC — African National Congress.